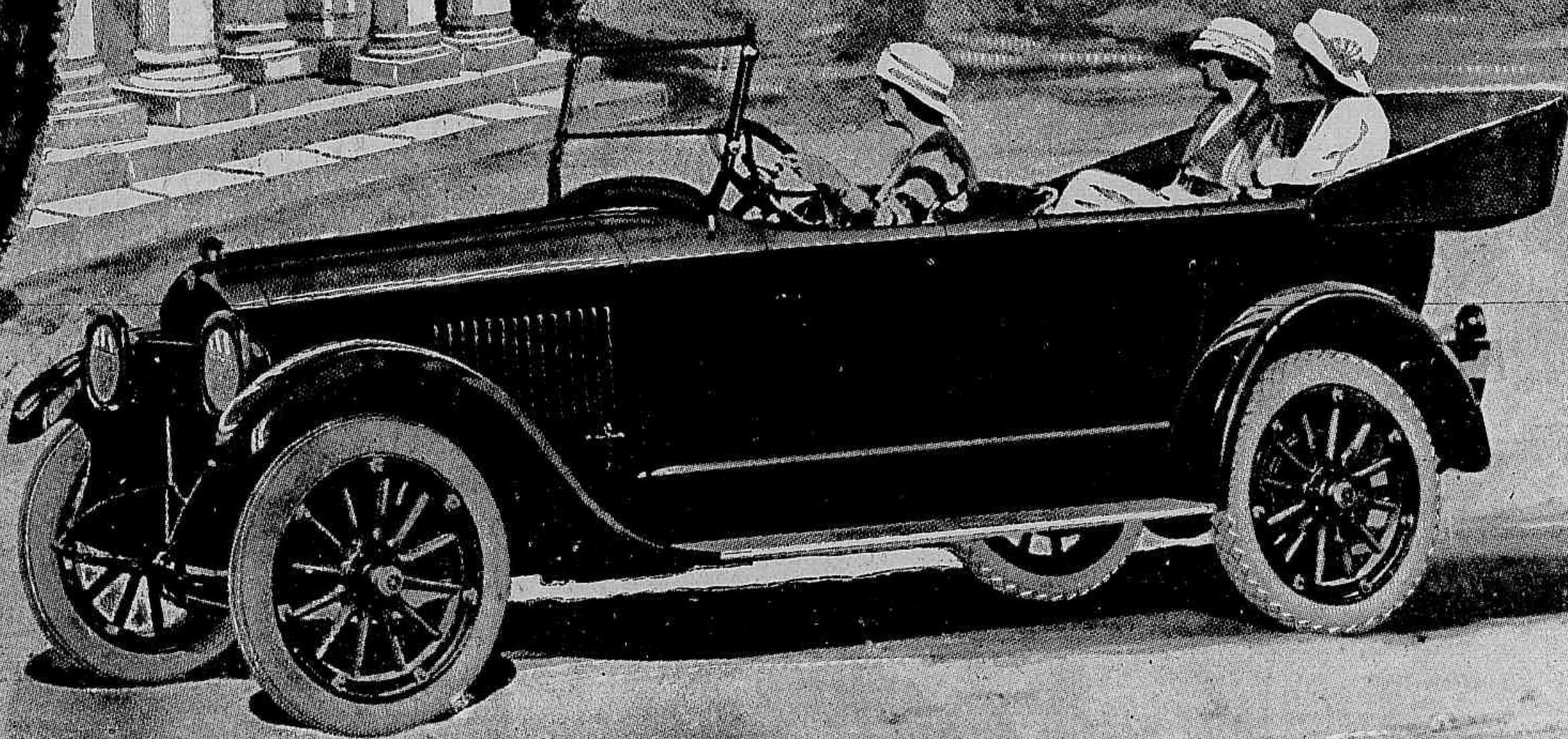
EU SEI TUDO

1919

1920

Fabian Rio

Studebaker
Por todos os conceitos, Studebaker é o carro ideal para familia
TEM ampla e confortavel acomodação para 5 ou 7 pessoas.
E' o carro chic por excellencia. E' de preço moderado e consumo reduzido. Guial-o é o mais completo prazer que um amador pode experimentar, pela notavel simplicidade de seu machinismo, pela elasticidade de sua força, pela confiança absoluta que n'elle pode depositar.
The Studebaker Corporation of America
A. MOSQUERA Representante
AV RIO BRANCO 180
Tel. C. 5497
RIO

O PENSA ENTO
QUE
DOMINA
AS
Joias e Preços
da
JOALHERIA
ADAMO.
Thelephone-2565,N.
98-Ouvidor

LEITE BOL ao Publico e especialmente aos medicos

A Companhia Salutar de Hygienisação de Lacticinios, hoje proprietaria das Leiterias BOL, logo que começou a funccionar contratou um chimico para examinar os seus productos antes de expol-os á venda ou distribuil-os. Hoje, todo o leite de sua propriedade é recebido em plataforma propria onde é examinado, diariamente, por tres chimicos, sendo um da municipalidade (nomeado após concurso).

O leite, depois de verificadas sua hygienisação e pureza, é em presença desses chimicos engarrafado em vidros esterilizados e em machinas automaticas, em relação áquelle que se destina ao consumo diario do publico.

De egual cuidado é cercado o leite **Bol** esterilizado, que soffre uma analyse anterior e posterior da homogenisação e esterilização.

Do interior o leite é exportado em baixa temperatura, em carros frigorificos, e em latas esterilizadas, sendo antes filtrado e pasteurizado.

A população desta Capital pode tomar, como a de todas as grandes cidades da America do Norte, leite sadio, saboroso e nutriente como é o leite Bol, que procede de vaccas robustas que vivem no camp.

Nos Estados Unidos, o leite que abastece as grandes cidades é exportado de 15 a 20 horas de distancia, sendo entretanto considerado, no geral, o melhor do mundo.

As distancias de onde procede o leite BOL variam de 4 a 10 horas no maximo.

Hoje, só não tomará leite bom, hygienisado e certificado quem não quizer receber em domicilio para consumo diario ou comprar em qualquer armazem, confeitaria, café, etc., o leite BOL esterilizado, homogeneisado e engarrafado no vacuo «BOL OU MONDIA» (melhorado).

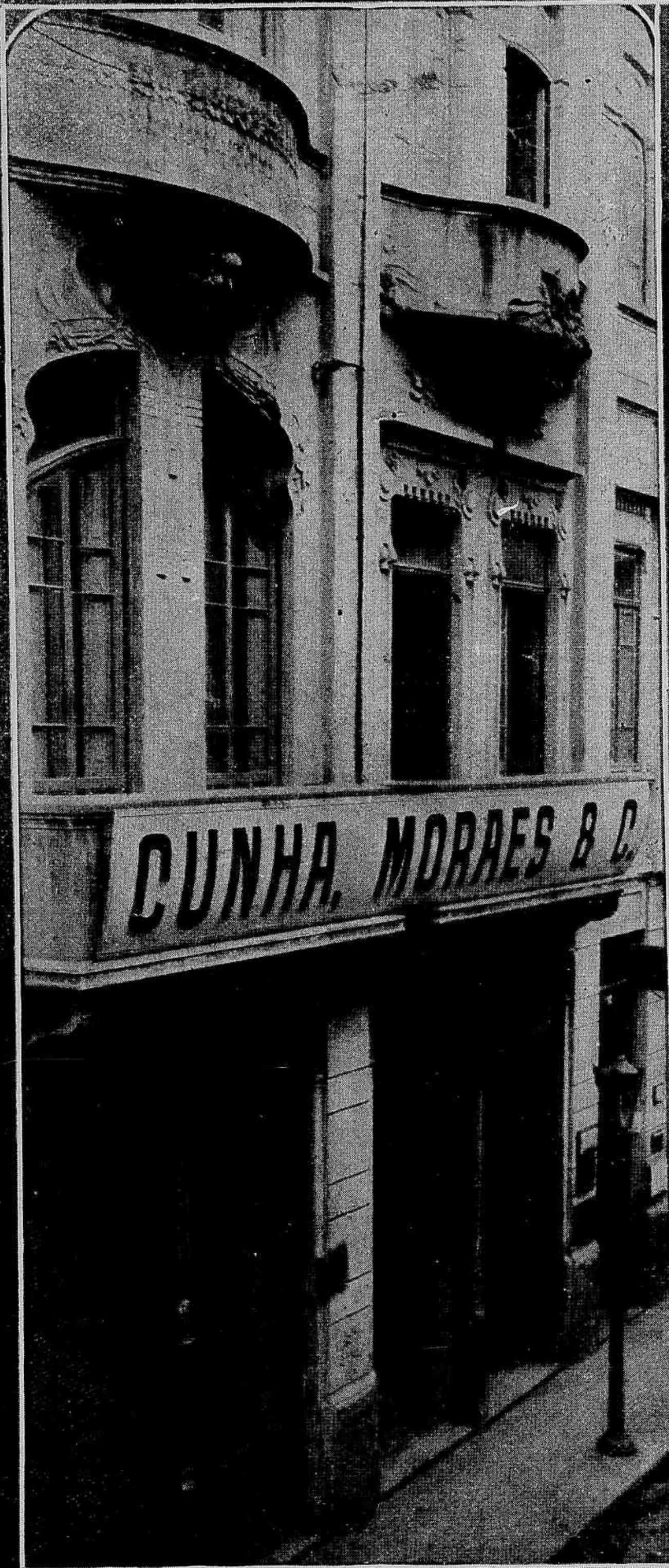
Todos os assignantes de leite Bol, que são alguns milhares, e mais todas as pessoas interessadas na questão de alimentação desta Capital, como deve ser toda a população e especialmente a classe medica, são convidados a visitar o Entreposto da Companhia Salutar de Hygienisação de Lacticinios cujas installações, comprehendendo terreno, construcção do Entreposto, machinas, privilegios, vasilhame, etc., custaram cerca de réis 1.200:000$000

O entreposto é cercado por grande plataforma (60m × 3m) sobre as Estradas de Ferro Auxiliar Leopoldina e Central, na rua Sotéro dos Reis ns. 31 a 49, proximo ás estações da Praia Formosa e Alfredo Maia, com entrada pela rua São Christovam, junto á cancella.

A visita poderá ser a qualquer hora do dia ou da noite, de preferencia ás 16 horas todos os dias.

Todas { o querem apanhar porque desejam ser brancas, macias, finas e perfumadas

GUITRY (Perfumista) RIO

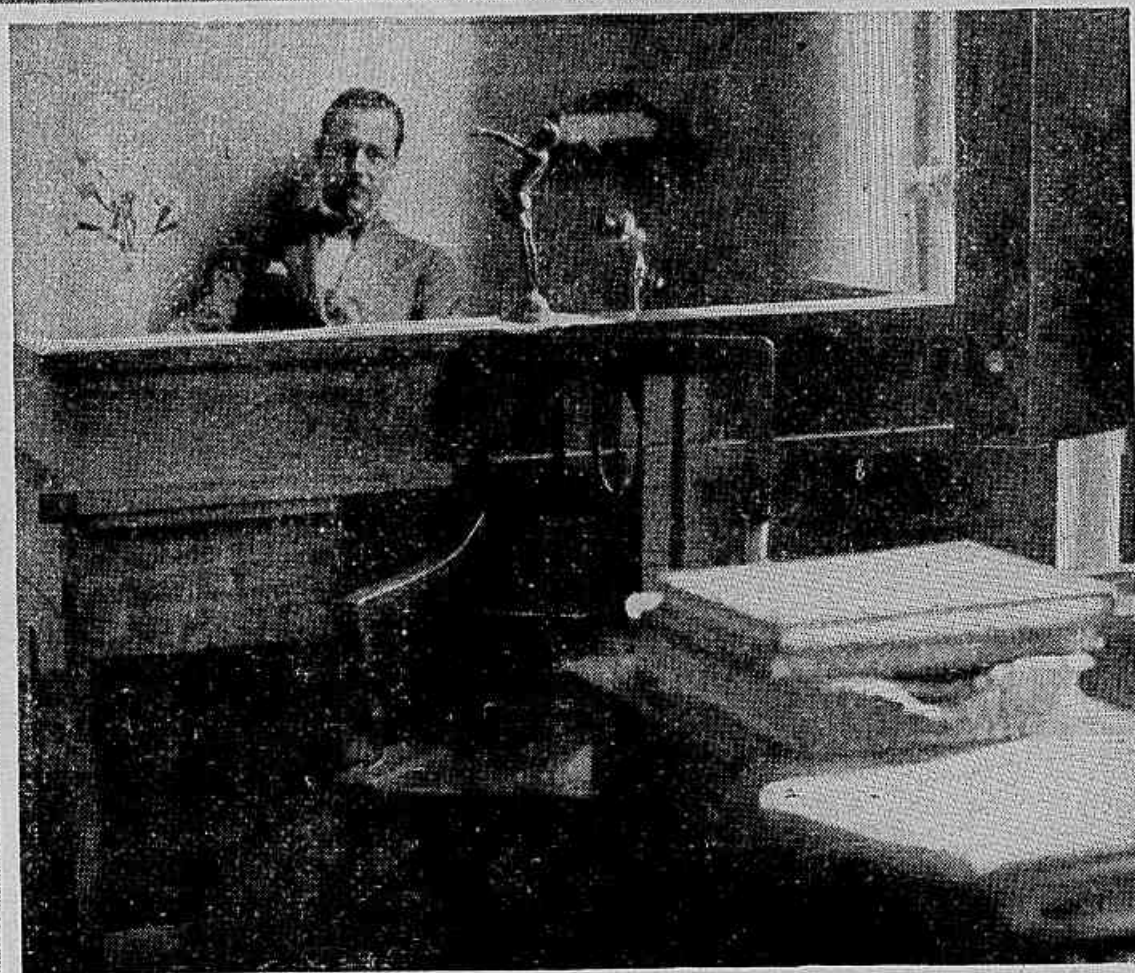
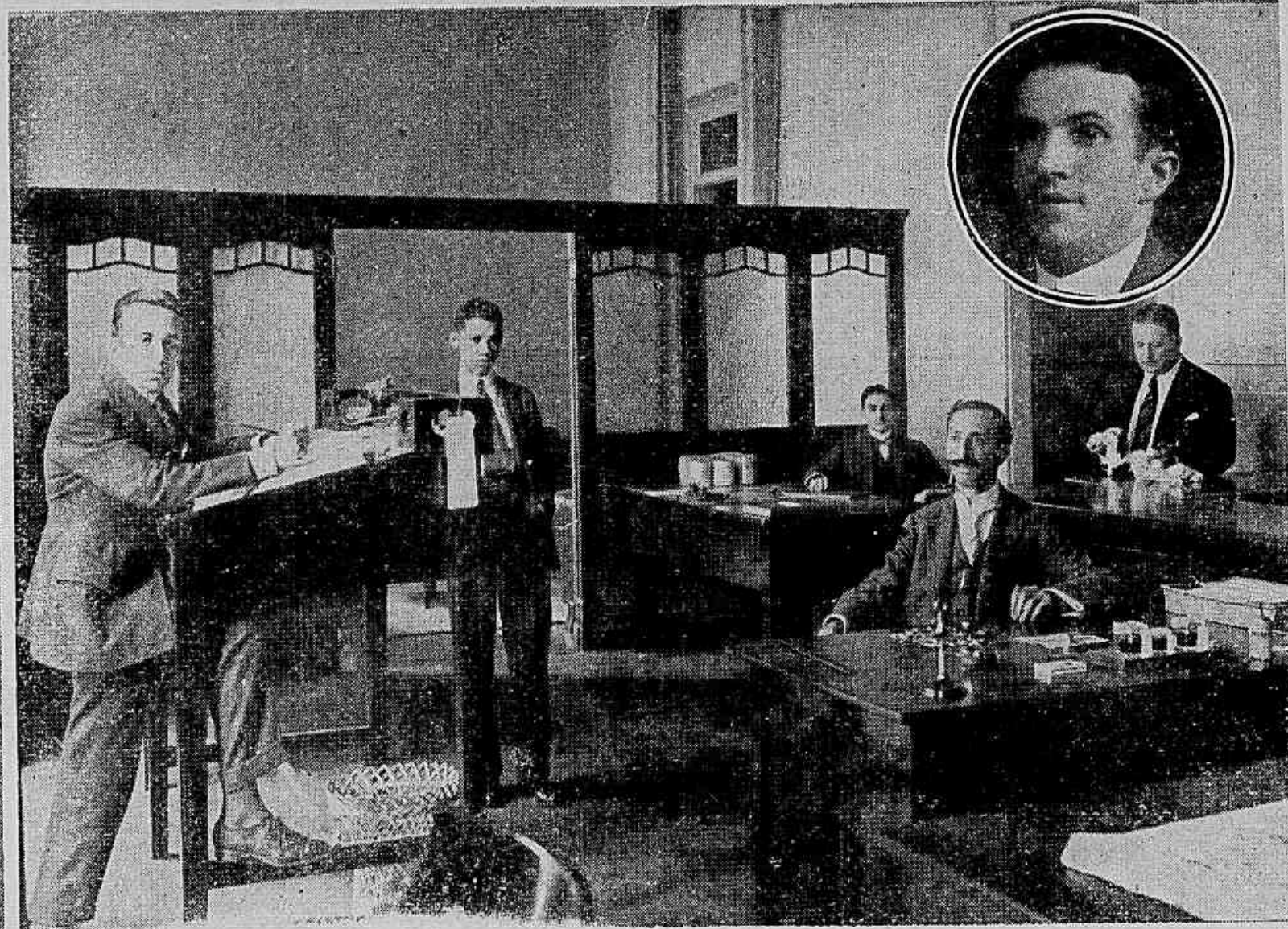
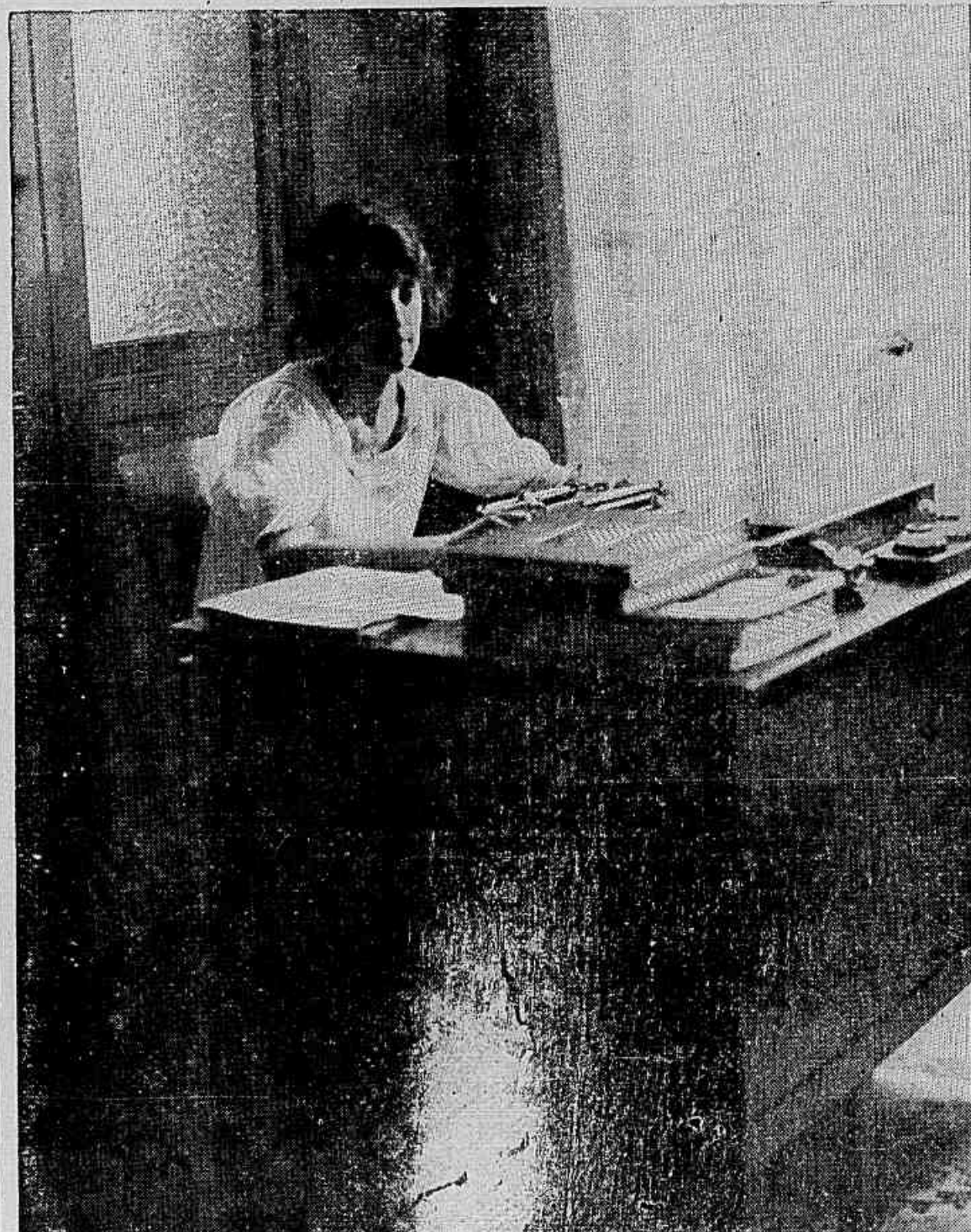
O Alto Commercio de S. Paulo
Cunha, Moraes & Companhia

Edificio em que funcciona o escriptorio central da firma Cunha, Moraes & C., á rua Alvares Penteado n. 32

Firma de fundação recente, pois iniciou os seus negocios em julho p. p., ella tem sabido crear em volta de si uma atmosphera de merecidas sympathias pela correcção com que tem conduzido os seus negocios, que diariamente se desenvolvem, ampliando a sua acção.

Organizada e dirigida por homens da nova escola commercial, que aconselha largueza de vistas e acção intensa, poude fazer-se, em um periodo de tempo assaz curto, uma das maiores exportadoras do producto que escolheu para principal elemento do seu trabalho. No mercado de algodão paulista, a firma Cunha, Moraes & C. é tida, e com toda a razão, como uma das preponderantes. Ao lado desse espirito de iniciativa, têm os seus socios, porém, a experiencia de longos annos de trabalho commercial em outras praças, experiencia que os faz manter sempre, dentro das possibilidades dos mercados, a coberto de surpresas tão communs em negocios de certa envergadura.

A media de suas expedições de algodão para fóra do Estado tem sido superior a mil tons. mensaes, o que nos permitte considerar a casa Cunha, Moraes & C. como um dos bons factores do desenvolvimento da cultura desse nosso producto, fazendo-o conhecido e procurado, portanto, nos centros consumidores.

Mantem, tambem, a firma Cunha, Moraes & C. valiosa secção de agencias e representações, na qual trata de negocios de varias firmas importantes do norte do paiz, que lhe têm confiado os seus interesses no Estado de São Paulo.

Aos Snrs. José Maria Carneiro da Cunha Junior e Virgilio I. Rodrigues de Moraes, socios a quem tivemos o prazer de conhecer pessoalmente, apresentamos os nossos cumprimentos, fazendo votos pela prosperidade merecida da sua casa commercial.

1 — O socio Sr. Virgilio I. Rodrigues de Moraes, na sua mesa de trabalho · 2 — O socio Sr. José Maria Carneiro da Cunha Junior, na sua mesa de trabalho; 3 — Expediente e contabilidade do escriptorio central, com os seus empregados, Srs. Antonio Moraes, Julio Paoletti, Raphael Dellia, vendo-se o caixa Sr. José Villas Boas Beltrão no medalhão e, perto do balcão, um corrector examinando uma excellente qualidade de algodão; 4 — senhorita dactylographa: 5 — os dois illustres socios posando para o «kodac» da *Revista da Semana* e de *Eu Sei Tudo.*

ROGANDO A DEUS E ENTREGANDO O EMBRULHO

As moças, em geral, são pouco consequentes, mesmo nas proprias coisas que lhe proporcionam prestigios e até triumphos.

Enthusiasmam-se com facilidade, porém com maior facilidade se cançam e até se esquecem.

E' a lei natural, inherente a toda a creatura, e sem a qual a existencia seria talvez um martyrio.

As senhoras já idosas, pelo contrario, mantêm o culto das coisas que lhe foram beneficas e as favoreceram.

Por exemplo :

A mamã sabe por experiencia que sem o *Sabonete de Reuter* ella não poderia ostentar o ar de juventude, que tanto prestigia a sua avançada idade, fazendo as outras pessoas dizerem :

— Parece irmã de sua filha !

E por esta razão, assim como para manter a fama da belleza em sua familia, que sempre a teve, tornando-se axiomatico na sociedade que a tez das pessoas dessa familia é uma maravilha de vigor e frescura, observa, como uma religião, fornecer-se durante um certo tempo de uma boa quantidade de *Sabonetes de Reuter*, elemento de hygiene e até de coquetterie naquella ditosa casa.

A moça tambem o usa, e usa-o com fé e carinho, porque ao tal sabonete deve um dos seus mais brilhantes exitos; porém, succeda o que succeder, emquanto que a senhora faz enthusiasticamente uma boa provisão do imponderavel *Sabonete de Reuter*, a moça, atraz da qual veio seguindo afanosamente um frango enamorado, deixa á mamã o cuidado da milagrosa compra, emquanto ella está espreitando á porta, por onde deve passar o seu adorado coió.

E pensando que, se não se lavasse com o *Sabonete de Reuter*, talvez nenhum galã a seguisse!...

N.º 32 — JANEIRO DE 1920 — 8.º DO ANNO III

SUMMARIO DAS PRINCIPAES MATERIAS CONTIDAS NESTE NUMERO:

ELEGANTISSIMAS
CREAÇÕES
PARISIENSES
em
VESTIDOS E CHAPÉOS
para THEATRO, VISITA,
PASSEIO, ETC.

Parc Royal

A Maior e a Melhor Casa
do Brasil

Num. 32 — ANNO III
JANEIRO — 1920
Numero avulso
2$000
ESTADOS — 2$200

MAGAZINE MENSAL ILLUSTRADO
Propriedade da Companhia Editora Americana
Escriptorios: PRAÇA OLAVO BILAC, 12 – RIO DE JANEIRO
Endereço telegraphico «REVISTA» — Telephone Norte 3660
Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO, Director-Gerente.

ASSIGNATURA ANNUAL REGISTRADA
12 numeros 30$000
PARA O ESTRANGEIRO
36$000

O elogio da preguiça

O da mentira, o do egoismo, o do odio já foram feitos em termos alevantados e magnificos por escriptores de merito: valerá a pena incluir a preguiça nesse rol de defeitos illustres e consagrados por grandes acções, ella que é a tendencia seductora e irresistivel para a inacção?

Devemos começar talvez por indagar com consciencia e lucidez se a preguiça é um defeito.

Os physiologos e hygienistas de certo affirmarão o contrario sob a fé de seu gráu

scientifico; e a nós, sob os muitos gráus do thermometro, fallece coragem para entrar com elles em controversia sobre assumpto tão pesado...

Com este calor! Porque — não sabemos as formas assumidas pela preguiça nas terras longiquas onde ha neve e outras cousas diametralmente oppostas ás incandescencias do nosso sol; mas aqui é impossivel afastar a ideia da preguiça da sensação do calor. Os clinicos poderão entrar em longas exposições relativas á influencia da evaporação demasiadamente rapida sobre as visceras, produzindo a modorra peculiar aos malnutridos, a dormencia nos musculos, sobrecarregando o sangue de saes e oxydos pouco propicios á actividade; outros fallarão, em termos latinos e extensos, do deslumbramento que a luz nos leva da retina ao cerebro, extendendo a medulla, influenciando o *plexus solar*, congestionando a rêde infinitamente delicada do systema venoso...

RETRATO FANTAZISTA
De miss Anita Elson, dansarina do *London Hippodrome*.

Mas a todos esses argumentos rigorosamente scientificos, que justificam a indolencia do Arabe, nos areaes da Mauritania; do Zulu, no barro tostado do Transwaal; do Australiano, sobre as rochas calcinadas do Tasman, e do Cearense nas varzeas do Crato — a todos esses esclarecimentos biologicos seria justo acrescentar os maleficios da imaginação. O sol, Supremo Creador, estimulante sem par de todas as sementes e germens, é tambem o pai das fantazias e dos sonhos. A lua preside os sonhos dos que dormem, como o sol faz sonhar em vigilia. A inactividade que se chama preguiça, nestes dias de calor monstruoso, é em grande parte nascida da imaginação que, excitada pela luz, conduz nossa alma para muito longe, em uma vida irreal e soberba, deixando o corpo abandonado. Quando os moralistas imaginam que não estamos fazendo cousa alguma é porque não podem ver nossa imaginação galopando desenfreada pelo mundo da fantazia, sonhando e vivendo no sonho tão intensamente que nenhuma força nos deixa para fazer seja o que fôr nesta vida real, tão mesquinha e pesada.

— O senhor devia dar para escriptor...
— Por que? Já me viu escrever alguma cousa?
— Não; mas noto que o senhor tem uma orelha explendida para segurar uma penna.

CONCERTO DE PITEIRAS DE AMBAR

Este objectos quebram-se com facilidade desesperadora. Esse accidente desgosta profundamente o fumante, e accrescenta despezas avultadas, visto o alto preço que attingem estes instrumentos de prazer, quando são feitos d'essa resina fossil chamada ambar.

Mas a salvação é possivel e damos aqui alguns dos processos mais faceis para concertar essas fracturas.

Dissolve-se n'agua potassa caustica, até obter a saturação, quer dizer, até que não se possa dissolver mais na porção de agua. Deve se recordar que não se póde tocar a potassa com os dedos, porque ella queima fortemente a pelle. Com um palito molham-se os lados da fractura, que em geral é nitida, e só para estes casos é possivel o concerto, quando as duas surrficies ajustam perfeitamente. Comprimem-se os dois pedaços durante algum tempo e desde que se sinta bem a adherencia deixa-se longamente seccar a piteira concertada.

Outro processo, que tambem dá bons resultados. Prepara-se uma composição liquida, aquecendo uma parte de resina copal e duas partes de alumen. Reunem-se por justaposição os dois pedaços de ambar, depois de ter molhado neste liquido as duas superficies da fractura e deixam-se seccar.

Ainda se usa outro meio, cuja utilidade se affirma, mas cuja pratica não experimentámos, e vem a ser empregar pelo mesmo processo o oleo de linhaça, que faz corpo com o ambar, quando secca.

O luxo e a elegancia de outrora

As photographias que damos nesta pagina resuscitam diante de nossos olhos o apparato soberbo de que as gerações passadas se cercavam. Embora a concepção da riqueza e do conforto fosse, nessas epochas já tão afastadas, muito diversa da de hoje, não podemos recordar sem admiração o tempo e a fortuna que os felizes de ha dous, trez e quatro seculos dedicavam á composição de seus aposentos.

No seculo XVII as casas não tinham sala: as visitas eram recebidas directamente no salão de refeições ou no quarto de dormir. Era até muito *chic* uma senhora receber suas amigas, e mesmo seus admiradores, conservando-se no leito. De resto, era no quarto de dormir que as damas do melhor tom passavam não só a noite como ainda a maior parte do dia.

Por isso, estudando o mobiliario e as decorações de um quarto d'esse tempo, não encontramos a seccura e a preoccupação de hygiene que regem as modas de hoje, tudo se sacrificando então ao conforto e ao apparato. Cortinas, baldaquins e docel ornam o vasto leito, geralmente quadrado, que occupa o meio do quarto, sobre um estrado de dous degráus, cobertos com tapete. Uma pequena balaustrada de madeira esculpida forma uma barreira entre o leito e o resto do aposento. E a etiqueta faz d'esse fragil obstaculo uma linha intransponivel.

E' do alto d'esse verdadeiro throno que a dama, vestida com seu melhor vestuario, dá recepção. nas circumstancias mais graves e mais importantes de sua existencia. E' alli que ouve os cumprimentos e felicitações, recebe os conselhos e homenagens.

Nesse tempo ninguem se atreveria a murmurar uma declaração de amor ou recitar versos na promiscuidade banal de uma casa de chá ou de uma confeitaria. A alcova, que hoje nos parece um santuario cuja reserva seria grosseiro vencer, era então o logar mais proprio para essas expansões.

Nas *Memorias* de Van der Linden, escriptas em 1657, encontra-se o seguinte, a proposito de sua viagem a Paris.

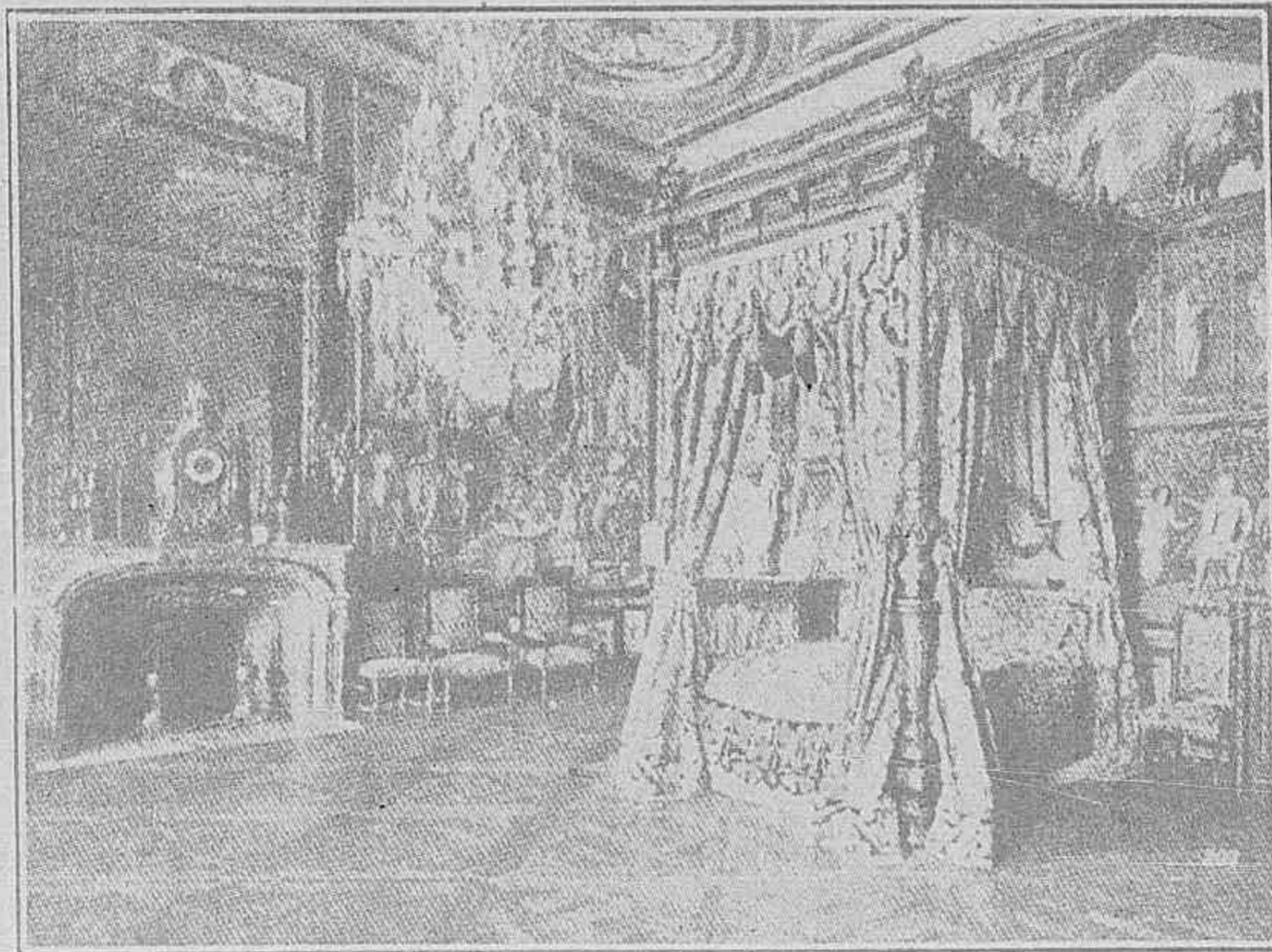
«Fui visitar Mme. l'Avocate, que é a esposa do ministro dos Cultos: tive a honra de vel-a em seu leito, onde se puzera para receber mais cortezmente minha visita».

No jornal de Saint-Simon lemos o seguinte:

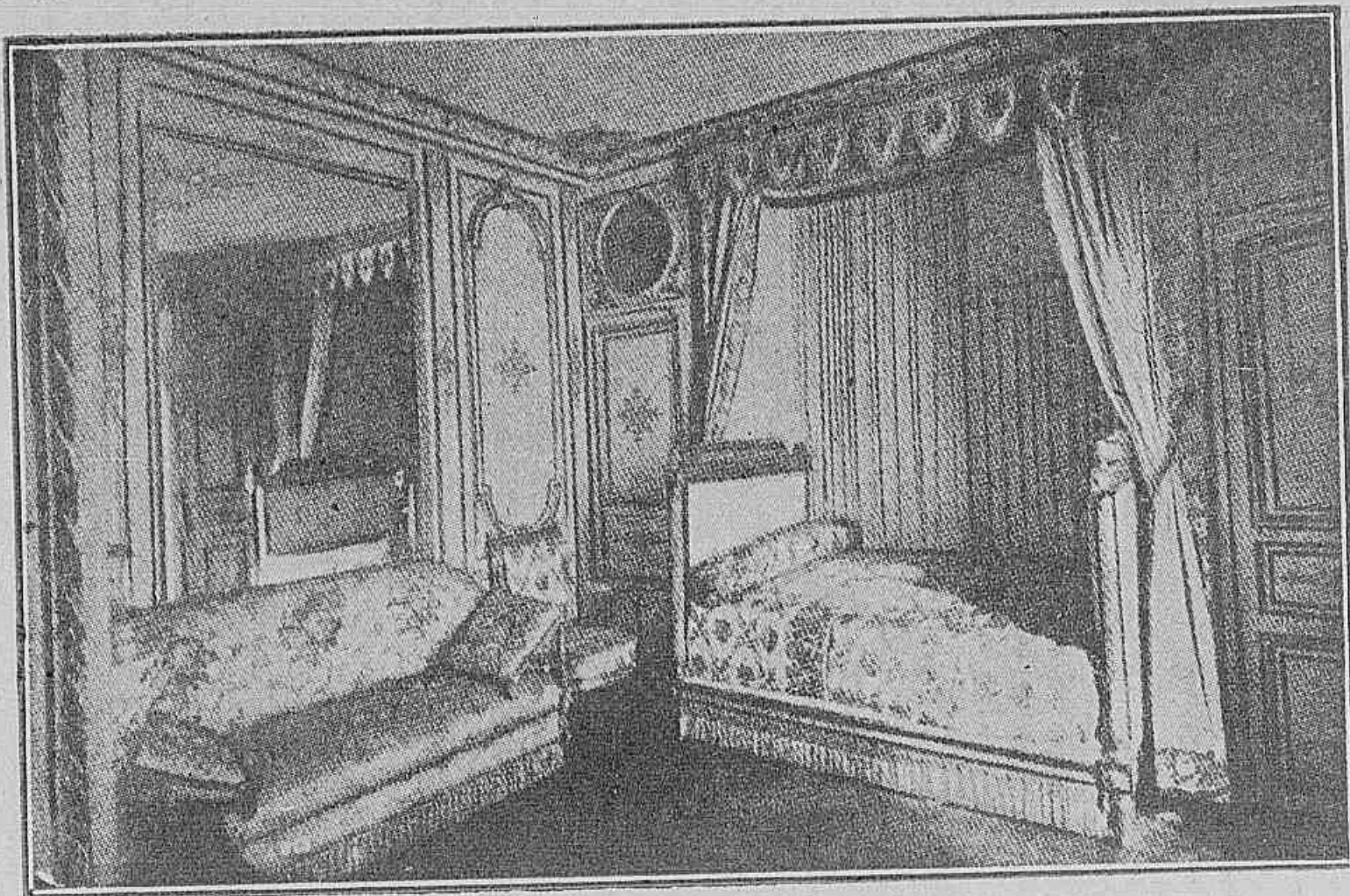
«Os embaixadores obtiveram audiencia da Sra. Delphina (a herdeira do throno), que os recebeu em seu leito».

A principio esse habito era apanagio das *damas de qualidade*, mas em pouco foi adoptado pela burguezia.

Isso explica sufficientemente o conjunto de maravilhas que era então um *quarto de cama* na alta sociedade européa.

O leito da rainha Maria Antonietta, no castello de Fontainebleau

O leito da rainha Anna de Austria, esposa de Luiz XIII, no mesmo castello

Throno episcopal de Durham

Entre os objectos notaveis da cathedral de Durham, o throno dos bispos merece ser mencionado não só como uma das mais ricas e elegantes obras de arte mas tambem como uma prova da exaltada opinião que o bispo por quem foi mandado construir tinha do poder e dignidade da sua mitra; porém, como se quizesse ao mesmo tempo inculcar uma lição de humildade e um testemunho da pouca conta em que tinha a sua propria pessoa, á vista da elevada situação a que havia chegado, este prelado mandou assentar o esplendido throno dos bispos seus successores sobre a abobada em que fizera preparar o jazigo de seus restos mortaes. Este bispo, que ficou celebre, chamava-se Hatfield, e morreu nos fins de 1381, tendo a obra sido feita pelo anno de 1370.

Quarto de Mme. de Maintenon, em Fontainebleau.

O pavimento do throno serve como de docel ao tumulo do bispo. Toda a frontaria d'este pavimento, posto que de um estilo solido, como dstinado a sustentar a pesada construcção que n'elle assenta, é todavia ornada de tão delicadas esculpturas pintadas e doiradas que faz um effeito mui nobre e elegante. Os fundos dos paineis são de bellissima obra em baixo-relevo e mosaico, a que antigamente chamavam «adamascado». Não é menos rico o docel do throno, e toda a frente da construcção, que lhe serve de respaldo: os primores da esculptura e do alto relevo ahi estão espalhados com profusão; os ultimos remates das pilastras, e os corucheos que cobrem os nichos superiores, são de obra tão delicada, tão ligeira e aerea que a custo se póde acreditar que sejam executados em pedra; e comtudo com tal arte o foram que apesar de tantos seculos a obra tem subsistido até hoje no mais perfeito estado de conservação.

A cadeira ou throno dos bispos é de um trabalho e riqueza admiraveis; assenta sobre um estrado de cinco degraus; porém esta peça só é collocada no seu logar nas rarissimas occasiões em que o bispo tem de officiar solemnemente.

A magnificencia d'essa construcção não está só na delicadissima mão d'obra, que em toda ella se admira, mas tambem nos finos marmores, porfiros e alabastros de que é formada.

Os socos ou peanhas que se notam em todos os nichos praticados, tanto na parte superior como na inferior, mostram que elles deviam ser ornados com outras tantas estatuas; porém a obra n esta parte ficou imperfeita.

O bispo Hatfield mandou tambem construir um palacio em Londres para habitação dos bispos seus successores, quando viessem assistir ás sessões do parlamento; e tão sumptuoso e vasto era este edificio que o rei Henrique VIII e a rainha Isabel d'elle fizeram residencia real, mediante uma renda annual de duzentas libras esterlinas concedida aos bispos de Durham.

Caricatura extrangeira

Como o presidente Wilson imaginava a Liga das Nações (Do *New York Sun*)

A PAZ — Como custa a despertar o dia!... (Do *New York World*)

OBJECTOS DE ALUMINIO

Para lhes dar o aspecto de prata mate, fosca, basta mergulhal-os durante quinze a vinte segundos num banho composto de uma solução de 10 partes de soda caustica e de 100 d'agua, á qual se junta, até saturação, sal de cozinha. Retiram-se do banho, lavam-se em agua pura, esfregam-se bem com escova, e torna-se a mergulhar no banho caustico durante meio minuto. Lavam-se novamente e enxugam-se em serradura de madeira

O aspecto obtido é confundivel absolutamente com a prata.

A cratera maior do Etna está a 609 metros de altura e tem 275 metros de profundidade. A montanha em conjuncto tem 3.500 metros de altura.

Modo de beber leite

Muitas pessoas dizem que não digerem o leite; ora, salvo raras excepções, toda a gente digere com facilidade esta excellente e bem natural bebida, porém com uma condição indispensavel — sabel-o beber. O leite é sempre alcalino, contém não somente assucar, manteiga e albumina, mas ainda uma substancia albuminoide especial que se denomina *caseina,* coagulavel pela acidificação ou em presença de determinados fermentos, como aquelle que serve para a preparação dos queijos. Ora, quando o leite chega ao estomago coagula-se em presença dos acidos e dos fermentos que aquelle contém normalmente. Estes coagulos são em seguida dissolvidos pela acção dos succos digestivos.

Comprehende-se, portanto, com facilidade que se houver uma rapida e avultada ingestão de leite, se fôr bebido em grandes goladas, se formará no estomago um coagulo volumoso, um grande bloco de queijo, que será sem duvida mais vagarosamente dissolvido e de uma digestão mais difficil e mais penosa do que, ao contrario, se houver a precaução de beber o leite em pequenos goles, interrompendo, lentamente ingeridos. Praticamente, deve gastar-se pelo menos cinco minutos para beber um copo de leite da grandeza ordinaria ,vulgar. Basta, portanto, saber beber bem leite para que este seja facilmente digerido. Da mesma causa provém a necessidade de cortar o leite com agua de Vichy ou de Vidago, para estomagos debeis e enfraquecidos. A agua mineral alcalinada e ainda a simples agua commum promovem a producção de coagulos menos compactos e por isso mais faceis de desaggregar. A regra experiementa e racionalmente justificada é beber o leite sempre a pequenos goles...

A aviação glorificada pela esculptura

Ao alto — O PASSADO E O FUTURO. Em baixo — OS CINCO CONTINENTES UNIDOS PELO AEROPLANO. (*Baixo-relevo de Mastroianni*).

O PROGRESSO

Já havia sido preciso mas não se imaginava que viria tão depressa. Por occasião da ultima eleição geral em França um candidato fez sua propaganda com o auxilio do cinematographo exhibindo films, que o mostravam visitando e soccorrendo os necessitados, abraçando operarios, interessando-se pelos trabalhos agricolas, etc... Nota final: a experiencia não deu bom resultado... ao candidato, que nao foi eleito.

Superstições bretãs

A INGENUIDADE tem encanto, sobretudo em materia de fé; mas força é confessar que essas crenças simples tomam por vezes formas bem extranhas. Já não fallamos da fé em aguas de fontes santas e em logares onde se deram apparições miraculosas; mas multidões innumeraveis acreditam seriamente no valor de certos gestos absolutamente arbitrarios e na elocução de determinadas palavras.

Em parte alguma taes crendices são tão communs como na Bretanha, onde se encontram, por todos os cantos, logares afamados por virtudes de feitiço, desde que se executem nelles uns tantos movimentos e alli se pronunciem umas tantas palavras. Algumas d'essas legendas têm mais de mil annos, e ha tanto attrahem a incansavel fé dos devotos.

Para preservar de "tentações" os maridos ausentes, as esposas bretãs acodem á fonte de Santa Helena.

Os mais famosos d'esses logares são os seguintes:

A pedra de Saint Renan, nos arredores de Douarnenez passa por ser propicia ás senhoras que não têm filhos e os desejam. Ao que diz a tradicção, uma senhora nestas condições não tem mais do que ir até alli, sentar-se sobre essa pedra e ficar algum tempo contemplando o panorama do mar — que, de resto, é soberbo — para em pouco ver satisfeitos seus votos. Embora não se conheça ao certo a legenda do santo que deu nome a essa pedra, a religião official empresta seu prestigio: o vigario de Douarnenez vem alli fazer sermões edificantes e — como justa consequencia — a natalidade naquella região é exuberante.

A fonte de Santa Veronica é propicia ás moças que desejam marido e, para conhecer desde logo a decisão da santa, as moças atiram um alfinete á fonte. Se a ponta cahe bem no centro, isso significa que ellas encontrarão noivo antes de terminar um anno.

As pedras da Trindade, de Bannalec, e de S. Mathurino, em Pleumeur, têm funcções mais prosaicas: curam rheumatismo.

O SANTO DOS CAVALLOS

A fonte de Santo Herberto na Bretanha passa por curar os cavallos de todos os males.

A pedra de Kergomet é chamada *das amas* porque tem fama de dar ás mulheres leite rico e abundante. Para isso é preciso deixal-a cahir por dentro da manga do casaco.

A fonte de Santa Helena reune em torno de suas pedras veneraveis as mulheres de marinheiros e pescadores, que fa-

zem longas viagens, pois sua agua tem a fama de preservar os maridos de toda a sorte de accidentes, inclusive as más tentações.

Os proprios animaes têm sua parte nessa distribuição de graças miraculosas. A fonte de Santo Herberto é propicia aos cavallos, dá-lhes saude e vigor. Seus donos os levam ahi para que em certos casos graves ouçam a missa rezada expressamente para esse fim pelo vigario da egreja proxima.

O bom inglez

Qual é, no Reino Unido, a região onde se falla inglez mais perfeito? Na opinião geral, a palma pertenceria aos paizes celticos; não se pode negar o encanto, a doçura captivante do inglez, tal como é fallado na Irlanda; pena é que ahi seja maculado por certos elementos dialectaes, que lhe alteram singularmente a pureza.

Durante seculos, os habitantes de Inverness, na Escocia, tiveram a reputação de fallar o inglez com mais perfeição do que em qualquer outra parte. Mas, se essa reputação era justificada no passado, já o não seria no presente; porque tambem ahi fez a sua apparição com fórma muito desagradavel de dialecto. Segundo a opinião do Sr. Morell Mackenzie, são os habitantes de Badenoch, no Invernesshire, os que mais musicalmente fallam o inglez. Mas, segundo o *Daily News*, é ainda mais acima, nos valles orientaes do Norte, no canal caledonio, que se deve ir buscar a perfeição. No soberbo valle Moriston, em particular, encontra-se o modo mais correcto de o fallar.

Ficam prevenidos os leitores que, por ventura, tencionem ir á Inglaterra para se aperfeiçoarem na lingua de Shakespeare... e de Rudyard Kipling.

A pedra santa que dá filhos aos estereis. Existe em Saint Renan, na Bretanha (França) e a crença popular cerca-a de culto infatigavel. Homens e mulheres ahi vão, todas as semanas, supplicar aos poderes mysteriosos filhos robustos e sadios.

Ninguem possúe tanto ouro e prata como o Papa. Diz-se que, se mandassem fundir todas as medalhas e objectos que se guardam no Vaticano, com a quantidade de ouro obtida poder-se-hia cunhar moeda em quantidade superior a toda a que circula na Europa

O CIFRÃO

A origem do signal usado pelos americanos para designar o dollar, pelos hispano-americanos para designar o peso e pelos brazileiros e portuguezes para designar os respectivos mil réis vem, segundo as investigações do «Historial Record», dos tempos de Tyro, onde era usado como marca em certa moeda.

As duas linhas verticaes representavam as columnas de Hercules (estreito de Gibraltar), insignia da colonia de Grades (hoje Cadiz), onde a moeda primeiro circulou.

Quando subsequentemente se fez a união da colonia á mãi patria, foi symbolisada pela ligação entrelaçando as duas columnas; e a moeda foi então adoptada como moeda tyria.

Carlos V restabeleceu o uso do cifrão e d'elle veiu até nós.

JA' é muito sabido que tudo augmentou com a guerra — tudo, especialmente os preços dos generos de primeira necessidade; mas ultimamente os grandes fabricantes de chapéus na Europa começaram a affirmar uma novidade por demais espantosa: que tambem o tamanho das cabeças humanas augmentou.

De facto as fabricas são agora obrigadas a fornecer ao mercado numeros muito mais altos do que antes da guerra.

Como explicar semelhante prodigio? Um medico inglez entrevistado por um reporter do *Daily-News* fez longa conferencia scientifica sobre a possibilidade do desenvolvimento da caixa craneana em consequencia das preoccupações.. Mas o Sr. Gelot, o famoso chapeleiro cuja marca se tornou tão conhecida pela preferencia que lhe dava o elegante rei Eduardo VII trouxe ao mysterio uma explicação simples e logica.

Com a guerra a maioria dos homens habituou-se ao gorro ou capacete militar, que se usa bem enterrado na cabeça. Voltando á vida civil todos usam agora o chapéo do mesmo modo e portanto preciso é que elle seja maior do que antigamente.

—◆◈◆—

Os grandes artistas formam o publico: os artistas vulgares são formados por elle.

ARTE PHOTOGRAPHICA — Estudo de reflexo com um espelho, pousado por Mlle. Gina Palerme, do Theatro *Vaudeville*, de Paris.

OS QUADROS CLASSICOS — **A volta do filho prodigo** — Quadro de GREUZE

Uma invenção diabolica

A imprensa norte-americana nos relata que o professor Lee Lewis inventou um veneno magico com effeitos fulminantes e colossaes.

Este super-toxico, delicadamente vaporisado ao norte de uma cidade, eliminará instantaneamente todos os traços de vida animal e vegetal nessa desgraçada cidade. Dez aviões portadores d'essa solução antiseptica seriam sufficientes para esterilisar Berlim de todos os microbios humanos, e a fabricação de um dia d'esse producto asseguraria a extincção completa de New-York.

Ao terminar a guerra, uma usina de Cleveland distillava diariamente, em grande segredo, trez barris d'esse formidavel veneno que ia, dizem, ser injectado na Allemanha.

Eis uma novidade que vai causar terror áquelles que sonhavam com o armisticio mais distante e com uma campanha de exterminio em territorio inimigo!

Mas eis entretanto uma licção de sabedoria para os organisadores da paz no mundo. Com a «*lewisite*» — é este o nome da loção miraculosa, — não haveria necessidade de precauções, defezas militares e diplomaticas, vigilancia na margem esquerda do Rheno, quarteis, militarismo, despezas de guerra, etc. Graças a esse maravilhoso elixir, uma esquadrilha de aviões, ao serviço da humanidade ameaçada, bastaria para fazer calar as cidades indisciplinadas; e a ordem reinaria eternamente em Varsovia!

Meditem esta pequena historia os diplomatas, que querem impôr para o futuro os regulamentos do passado. Suas sabias precauções serão vãs porque não poderão prever os progressos intellectuaes, scientificos e sociaes. Surgirá sempre uma «*Lewisite*» para fazer falhar sua sabedoria retardada!

A amadora de pintura — Eu não sei se o estou incommodando, installada no meio de suas plantações...

O camponez — Ora qual! Ao contrario. Eu estava mesmo precisando de um espantalho para afugentar os passarinhos.

As obras de arte, do mesmo modo que os organismos naturaes da "vida", têm um principio mysterioso e irreduzivel por meio de analyses.

Quem quer avançar não corre; anda certo.

COMO É FACIL SABER TUDO — PEQUENA ENCYCLOPEDIA POPULAR

GRAMMATICA LITTERARIA

CITAÇÕES USUAES E LOCUÇÕES SYMBOLICAS — SUA TRADUCÇÃO E EXPLICAÇÃO (Continuação)

LUCIDUS ORDO — *Uma clara disposição* — Expressão de Horacio (*Arte Poetica*, 41). Exemplo de citação: o *lucidus ordo* é a condicção essencial para ser um bom escriptor.

MACTE ANIMO — *Com coragem solida* — Fragmento de um verso de Stacio: — *Macte animo, generoso puer, sic itur ad astra* (Com uma solida coragem, generosa creança; é assim que se póde elevar até o céu).

MAGISTER DIXIT — *O mestre o disse* — Palavras sacramentaes pelas quaes os escolasticos da Edade Media pretendiam impor como argumento sem replica as opiniões de Aristoteles. Actualmente essa formula se applica a todo o chefe de uma escola, de uma doutrina ou de um partido.

MAGNÆ SPES ALTERA ROMÆ — *Maior esperança da Grande Roma* — Palavras de Virgilio referindo-se a Ascanio, o filho de Enéas, (*Eneida*, XII, 167). Póde-se applicar a qualquer alto personagem de que a patria muito espere.

MAGNI NOMINIS UMBRA — *A sombra de um grande nome* — Celebre hemistichio de Lucano (*Phanolia*, 2, 135). O poeta fez allusão a Pompeu, que perdeu sob a toga suas virtudes. A mesma expressão se encontra em Seneca, o Tragico. (*Octavia*, 71). Essa citação faz-se a proposito dos homens e das cousas, que tiveram uma hora de gloria mas de que só resta a lembrança.

ORIGEM DE PHRASES CELEBRES

O ASNO DE BURIDAN — João Buridan, um dos mais celebres e habeis propugnadores do nominalismo e que foi reitor da Universidade de Paris, no anno 1327, inclinava-se, em suas theorias philosophicas, ao fatalismo e, entre

Refugios para passaros

No Canadá crearam uma serie de refugios para os passaros. Assim poderão elles viver em segurança, sem ter que fugir á perseguição dos homens.

A ilha pittoresca de Percé-Roc, situada ao norte e a leste da ilha Bonaventure e ao norte das ilhas Magdeleine, está cheia de abrigos d'esse genero e particularmente para os que valorisam a belleza natural. Não é permittido a pessôa alguma tocar nos ninhos ou tirar os ovos; as armas, os engenhos de destruição não são tolerados nas vizinhanças d'esses asylos.

Nos Estados Unidos, esses asylos tambem se multiplicam rapidamente, não só sob a direcção do Estado, como por iniciativa dos particulares. O presidente Theodoro Roosevelt interessou-se vivamente por esta questão. Organizou trinta e oito refugios, que ficaram sob a fiscalisação federal.

Agora o movimento promette estender-se, caso a Sociedade Real para protecção dos passaros, na Inglaterra, proponha, como já se annuncia, estabelecer um tratado internacional nesse sentido.

Reminiscencia opportuna

A' esquerda, retrato do general Pershing, em 1886, quando era apenas 2º tenente e dirigia a expedição enviada ao Far-West norte-americano para dominar os indios Apaches, que, então, commettiam toda a sorte de atrocidades contra os brancos, atacando seus estabelecimentos e massacrando os colonos. A' direita, o famoso Jeronymo, chefe dos Apaches, que foi capturado pela expedição do tenente Pershing.

Sem virtudes politicas não ha homens de Estado, mas sómente aventureiros.

Ainda não terminaram as surprezas da guerra

Surgiu agora mais uma que interessa a parte mais importante do genero humano: as mulheres, e especialmente as mulheres elegantes. Ninguem ignora que a crise de tecidos nos paizes, que estiveram em guerra, é das mais serias, elevando o preço do vestuario a ponto de tornal-o quasi inattingivel. Ha entretanto um tecido do qual todos os governos possuem stocks tão grandes que não sabem em que empregal-os e, por isso mesmo, não encontram a quem vendel-os: — aniagem para sacco. Então, patrioticamente, algumas mulheres elegantes de Londres e Paris propõem-se a lançar a moda de vestuario de aniagem, que, enfeitado com graça, principalmente com a graça de quem o vestir — pode ser barato e evitar que os governos percam o enorme capital empatado nos stocks d'esses tecidos.

COMO É FACIL SABER TUDO — PEQUENA ENCYCLOPEDIA POPULAR

outros argumentos especiosos, que apresentava, em defeza da opinião antilibertista, primava este: Saber se o homem, collocado entre dous movimentos oppostos e de egual força, poderia decidir-se, indifferentemente, por um ou outro; se não podia, cessava o livre arbitrio; se se admittia que podia, a mesma acção da eleição tornava-se impossivel, carecendo de razão e objecto. Com effeito, como eleger entre dous partidos, a respeito dos quaes se prova uma egual differença? D'ahi, que o nome de Buridan alcançou, até o sophisma, que mostra um asno agonisante de fome, collocado entre duas rações egualmente distantes d'elle, ou, morrendo de fome e sêde, entre uma ração de aveia e um balde d'agua, emquanto o pobre animal estava atormentado em egual medida por uma e outra necessidade. Sem duvida, em vão procurar-se-ha esse sophisma nas obras do celebre nominalista; nem se pode saber que uso fez elle de tal hypothese, porque Buridan discutia o livre arbitrio do homem e não o dos animaes, que não pensava em defender. D'ahi, que pareça razoavel pensar com Tennemann ("Historia de Philosophia") que esse celebre sophisma foi imaginado pelos inimigos de Buridan para ridicularizar suas theorias. Assim mesmo, parece egualmente relegar a legenda a affirmação que mostra Buridan nas orgias da Torre de Nesle, entre os braços de João de Navarra e escapando milagrosamente da morte a que a impudica rainha Margarida de Borgonha condemnava, por excesso de prudencia, seus amantes de um dia, mandando arrojal-os ao Sena, fechados em um sacco.

Segundo essa legenda, Buridan havia alludido a si mesmo, vacillante entre os encantos da rainha e os de uma dama, companheira d'aquella na côrte e em seus excessos. Porém esta versão desautoriza-se facilmente, recordando que a citada rainha falleceu, havendo alcançado a edade madura, em 1305.

O Ladrão Fantasma

PEÇA POLICIAL EM 4 ACTOS SOBRE CONTOS E NOVELLAS DE MAURICIO LEBLANC (Continuação)

2º. acto — 1º. quadro — O MYSTERIO DE THINQUEVART

NO CASTELLO DE THINQUEVART, PROPRIEDADE DO CONDE DE SAINT MÉRAN. SCENA DIVIDIDA PELO 1º. TERÇO Á ESQUERDA. OS DOIS TERÇOS DA DIREITA FORMAM UM SALÃO LUXUOSO COM QUADROS, SENDO DOIS GRANDES, UMA ESTATUA GRANDE, DE TAMANHO NATURAL, UM ARMARIO COM VITRINE E BIBELOTS. O TERÇO DA ESQUERDA FORMA UMA ESPECIE DE CORREDOR COM PORTAS AO LADO E UMA, AO FUNDO, DANDO PARA UM TERRAÇO DO QUAL SE VÊ A BALAUSTRADA, QUE DÁ PARA O PARQUE. OS DOIS COMPARTIMENTOS NÃO DEVERÃO TER MUITO FUNDO PARA QUE DE TODA PLATEA SE VEJAM AMBOS ATÉ O FUNDO. NO FUNDO DA SALA, AO CENTRO, HA UMA ESTANTE, LARGA, APPARATOSA, TENDO NO ALTO UM BRAZÃO COM O NOME THINQUEVART EM LETRAS GRANDES, BEM VISIVEIS. E' NOITE. DOIS CRIADOS SERVEM LICORES

SCENA I

O CONDE DE SAINT MÉRAN — GERMANA — ANDRÉ VALMONT — O SR. RIVOLTA — DOIS OFFICIAES DO EXERCITO

O CONDE, *sentado a uma secretaria no 1º. plano á direita, abre cartas.*

DOIS CRIADOS *estão servindo os convidados.*

O CONDE — *a Rivolta* — Ah! Cá está o telegramma. O homem chega hoje.

GERMANA — Que homem?

O CONDE — Minha querida senhorita. Não sei se lhe deva dizer. E' um segredo.

VALMONT — Uma surpreza talvez?

RIVOLTA — Uma surpreza de que o Sr. conde de Saint Méran está talvez ameaçado e quer vêr se evita.

GERMANA — Ah! Então o senhor sabe do que se trata?

RIVOLTA — Sei, mas não digo *(Voltando-se para os officiaes e rindo)* — Não por causa dos senhores nem da senhorita Gournay Martin. Mas Valmont é suspeito. *(Bate-lhe no hombro cordialmente)* Cada vez o acho mais parecido com Arsenio Lupin. Não no rosto, mas no aspecto geral, no geito do corpo. Tem um ar de familia do famoso salteador idalgo.

VALMONT, *rindo* — Que honra para a familia! *(Todos riem).*

RIVOLTA — A d'elle ou a sua?

VALMONT — A nossa.

RIVOLTA — Mas fallando serio. Se eu não o conhecesse, se você não me tivesse sido apresentado em Londres, ha dois mezes, logo que cheguei de New York, se eu não soubesse perfeitamente que você é o pintor André Valmont, muito conhecido nas melhores rodas das capitaes de França e de Inglaterra, desconfiaria.

(O 1º criado vai á mesa, tira disfarçadamente o telegramma, que ahi ficou aberto, e mette-o no bolso).

O CONDE — Tambem eu, se o Sr. Valmont não me tivesse sido apresentado e trazido á nossa casa pelo senhor. Mesmo porque espero a visita de Arsenio Lupin.

O 1º. OFFICIAL — Deveras?

O CONDE — Isso é... espero e uma maneira de dizer. Mas têm se dado ultimamente aqui cousas tão mysteriosas e singu-

UM MOMENTO DE PAVOR

lares, que parecem os prenuncios de uma expedição de Arsenio Lupin.

GERMANA — Santo Deus! Se papai sabe d'isso não volta mais aqui.

O 2.º OFFICIAL — E são cousas tão graves que não nos possa contar? Està a aguçando nossa curiosidade.

RIVOLTA — Pode contar, Sr. conde. Agora com o auxiliar, que esperamos amanhã, pela madrugada, não ha que receiar. Se Arsenio Lupin, ou o nosso amigo Valmont, pretende saquear esta casa, terá que o fazer esta noite mesmo. Amanhã, o ladrão fantasma, o temivel salteador, que parece encantado, terá diante de si um adversario digno de sua habilidade.

O 1º. OFFICIAL — Quem?

O CONDE — Sherlock Holmes. Mandei-o chamar e recebi ha pouco seu telegramma, prevenindo-me de que chegaria amanhã muito cedo.

VALMONT — Oh! Então o caso deve ser muito grave. Para que o senhor appellasse para os serviços d'essa celebridade policial!...

O CONDE — Grave? Não sei. Mas são factos tão estranhos e ligando-se de tal modo que alarmam um pouco o homem mais tranquillo.

VALMONT — Recebeu algum aviso?

O CONDE — Não. Não tive a honra de receber cartas de Arsenio Lupin, como nosso amigo Gournay. Mas... Vou lhes contar. Este castello hoje rodeiado por uma aldeia florescente foi construido ha seis seculos. Era um pavilhão de caça dos condes de Thinquevart. Nesse tempo isso por aqui era campo deserto. Uma velha legenda, transcripta em varias memorias do seculos XVII e XVIII, conta que este pavilhão tinha um segredo, uma entrada secreta mandada fazer habilmente pelos condes de Thinquevart, que conspiravam contra o rei Henrique III. Ora, ha cerca de um mez desappareceu d'aqui um livro. Vejam! *(Vai á estante e mostra um logar vasio).* — Alguem entrou aqui e tirou-o d'esta estante.

O 2.º OFFICIAL — Somente um livro?

O CONDE — Sómente. Não dei por falta de outro qualquer objecto. Ha neste armario varios bibelots de valor. Nada desappareceu.

VALMONT — E era muito precioso esse livro?

O CONDE — Era um volume intitulado *Chronica de Thinquevart*, um memorial escripto em 1768, contando os altos feitos d'esses illustres fidalgos e a historia da construcção d'este pavilhão. Nesse livro, o mais interessante era a planta do edificio com a indicação de um subterraneo, que começava ou começa ainda, se existe, na linha das fortificações a meio kilometro d'aqui e termina nesta sala.

O 1.º OFFICIAL — Nesta sala?

O CONDE — Exactamente aqui. Mas não é tudo. Havia d'esse livro apenas dois exemplares. O que me roubaram e outro, na Bibliotheca Nacional. O desapparecimento do livro d'aqui já me causara impressão. Pois bem, ha oito dias foi roubado o outro exemplar ...

VALMONT — O da Bibliotheca Nacional?

O CONDE — E' o que lhe digo. O segundo exemplar d'essa preciosa chronica desappareceu de lá tambem mysteriosamente. A' vista d'isso parece-me evidente que alguem está reunindo elementos para assaltar esta casa; então escrevi a Sherlock Holmes, pedindo seu auxilio.

VALMONT — Está convencido de que é Arsenio Lupin quem...

O CONDE — Não estou convencido de cousa alguma. Mas em ultimo caso aproveitarei as luzes do maravilhoso *detective* inglez, para tirar a limpo de uma vez essa historia do subterraneo.

O 1.º OFFICIAL — Mas a planta da chronica não o esclarece?...

RIVOLTA — Não, senhor. Indica apenas que a galeria subterranea vem dar aqui, mas não determina o ponto exacto nem o modo como se abre a entrada.

O CONDE — Diz a legenda que esse segredo era transmittido de pais a filhos, no leito de morte, até o dia em que Godofredo de Thinquevart, ultimo do nome, foi guilhotinado, durante o dominio de Robespierre. Quando comprei o castello interessei-me por esse mysterio, fiz muitas pesquizas... Só encontrei duas indicações e muito vagas, digo mesmo incomprehensiveis, que, em vez de esclarecer, complicam o problema.

VALMONT — Ora essa!

O CONDE — A primeira indicação está nas memorias de Sully. O grande ministro conta que o rei Henrique IV foi, um dia, hospedado aqui, pelo conde Everardo de Thinquevart, que lhe confiou o segredo do subterraneo; e o rei galante annotou a formula d'esse segredo do seguinte modo: *«Ahi se vai, descendo de vagar o que está adiante e logo se vê o caminho de Deus»*.

GERMANA — Que?

O CONDE, *articulando com muita clareza* — Ahi se vai, descendo de vagar o que está adiante e logo se vê o caminho de Deus.

O 1.º OFFICIAL — Que quebra cabeças!

RIVOLTA — A segunda indicação ainda é mais vaga.

O CONDE — Sim. Outro rei de França, Luiz XVI, esteve em Thinquevart. em 1786 e, em seu famoso armario de ferro, nas Tulherias, encontráram um papel, com a seguinte nota, escripta por sua mão: Thinquevart, 2—4—8.

VALMONT, *rindo* — Victoria! Nada mais claro. Duas vezes quatro oito. *(Riso)*.

O CONDE — Tem graça, não ha duvida; mas o caso é que o segredo está contido nessas duas formulas e, mais dia menos dia, pode apparecer quem o descubra.

RIVOLTA — Sherlock Holmes, por exemplo. A menos que Arsenio Lupin não decifre a charada mais depressa. Que diz você, Valmont?

VALMONT, *estendendo-lhe a mão* — Eu digo que, desde que basta descer de vagar o que se encontra adiante e, dado que duas vezes quatro são oito. está tudo resolvido e só me resta agradecer os luminosos esclarecimentos, que me forneceram. *(Riso)*.

O CONDE — Vai sahir?

VALMONT — Andar um pouco para fazer a digestão e pôr umas cartas no correio.

O CONDE — Não volte muito tarde. Quero apresental-o a meu amigo Gournay-Martin, minha filha e minha sobrinha, que devem chegar de Paris, em automovel; até já deviam ter chegado. *(Tira o relogio. Os officiaes despedem-se tambem)*. Ah! é verdade... Os senhores, hoje, não podem dormir aqui. Têm as grandes manobras nocturnas. Façam-me o favor de lembrar ao coronel Belfort que o espero para almoçar, amanhã. *(Acompanha-os até a saleta. Quando vão chegar ao terraço, entra Gournay-Martin, esbaforido)*.

SCENA II

OS MESMOS E GOURNAY-MARTIN

O CONDE — Oh! Gournay!... E minha filha e Valentina?

GOURNAY — Foram lá para cima; eu vim para aqui directamente porque preciso de lhe fallar com urgencia. Imagine que aquelle canalha...

O CONDE — Espere, homem! Deixe-me apresentar-lhe o Sr. André Valmont, pintor notavel e nosso amigo, que veiu passar uns dias aqui, com Rivolta. O tenente Chabert, o tenente Henriot, do regimento que está em manobras, nos arredores do castello e que tenho a honra de alojar.

GOURNAY, *distrahidamente* — Muito prazer... muito prazer...

RIVOLTA — Eu vou para o terraço, esperar Valentina e a senhorita Nelly. *(Sahe com Valmont e os officiaes).*

SCENA III

O CONDE, GERMANA E GOURNAY

GERMANA — Mas que tem, papai? Está tão agitado!

GOURNAY — Ah! filha!... Eu ainda apanho uma molestia de coração por causa d'aquelle malditissimo Lupin!

O CONDE, *rindo* — Que mais lhe fez elle? E' ainda o caso do bilhete de loteria?

GOURNAY, *furioso* — Ainda! Um milhão de francos! Sahiu-me o premio ha mais de dous mezes e ainda não o pude receber. O patife escreve-me cartas sobre cartas, communica toda essa correspondencia aos jornaes, põe todo o publico ao par do caso... cobre-me de ridiculo, bem sei... mas não cedo!... Miseravel! Eu não recebo o premio, mas tambem elle ha de ficar roubado.

O CONDE — E que lhe adianta isso?

GOURNAY — Nada, bem sei e é nisso que o bandido se basêa para dizer que nós estamos associados pelas circumstancias. Associados!... Eu, socio de um gatuno! E os jornaes fazem troça com a firma social Lupin, Gournay & C. Dizem que a companhia é a policia.

GERMANA — Meu Deus! Tanto aborrecimento por causa d'esse bilhete. Antes elle não tivesse sido premiado!

GOURNAY — Não diga isso, menina. Um milhão de francos.

O CONDE — Mas se o senhor não o pode receber...

GOURNAY — Mas elle tambem não recebe. Agora propõe dividir ao meio, o facinora. Quer que eu lhe responda pelos jornaes que acceito para depois elle marcar um encontro para se ultimar o negocio. Chama a isso negocio!...

O CONDE — Mas de que modo se hade dividir o premio?

GOURNAY — Metade para mim, metade para elle. O atrevido diz que, se eu consentir, mandar-me-ha o bilhete para que eu o receba e vá levar-lhe metade do dinheiro, num logar combinado.

O CONDE — Como? Mas uma vez de posse do dinheiro o senhor não cahirá na tolice de lhe ir entregar...

GOURNAY — O senhor não conhece Arsenio Lupin. Elle diz que saberá obrigar-me a isso. O que exige é que eu, publicamente, acceite a partilha.

GERMANA — Mas, papai, seria uma bôa solução. O senhor fica com quinhentos mil francos e acaba-se com essa historia, que o está pondo doido.

GOURNAY — E eu hei de ceder, pelos jornaes! Hei de dar quinhentos mil francos áquelle pintalegrete?... Nunca! Prefiro perder tudo.

A RECEPÇÃO DE SHERLOK-HOLMES

O 1.º Criado, que entrou pouco antes, começa a fechar uma grande cortina, que fecha a sala, no 1.º plano, separando-a completamente do publico.

O CONDE — Não é preciso fechar a cortina. Feche sómente as portas.

(O 2.º Criado entra e entrega-lhe um cartão). Oh! Sherlock Holmes, já! Chega doze horas antes do que promettera. Que entre! que entre... *(Passa para a saleta).*

SCENA IV

OS MESMOS, SHERLOCK HOLMES, *depois* RIVOLTA

O CONDE — Meu caro senhor. Não sei como lhe agradecer sua solicitude.

SHERLOCK — Resolvi apressar a viagem porque, quanto mais reflicto, mais me convenço de que esse caso é obra de Arsenio Lupin e, ha muito tempo, desejo medir-me de perto com esse singular personagem. *(O 1.º Criado, tirando-lhe a maleta da mão, observa-o com odio).*

GOURNAY, *radiante* — E' o Sr. Sherlock Holmes, o grande, o extraordinario *detective*? Que felicidade! O senhor vai reduzir esse pantomimeiro de Lupin a estilhaços... a farrapos... emquanto o diabo esfrega um olho. Que bôa idéa a de mandar chamal-o! O senhor vai me salvar!

SHERLOCK, *friamente* — Eu vim aqui, a chamado do Sr. Conde de Saint Méran. Se o senhor tambem tem algum caso a esclarecer, fallaremos depois. Não trato de dois assumptos ao mesmo tempo.

GOURNAY — Mas meu caso é urgente... Eu te-

lares, que parecem os prenuncios de uma expedição de Arsenio Lupin.

GERMANA — Santo Deus! Se papai sabe d'isso não volta mais aqui.

O 2.º OFFICIAL — E são cousas tão graves que não nos possa contar? Está aguçando nossa curiosidade.

RIVOLTA — Pode contar, Sr. conde. Agora com o auxiliar, que esperamos amanhã, pela madrugada, não ha que receiar. Se Arsenio Lupin, ou o nosso amigo Valmont, pretende saquear esta casa, terá que o fazer esta noite mesmo. Amanhã, o ladrão fantasma, o temivel salteador, que parece encantado, terá diante de si um adversario digno de sua habilidade.

O 1º. OFFICIAL — Quem?

O CONDE — Sherlock Holmes. Mandei-o chamar e recebi ha pouco seu telegramma, prevenindo-me de que chegaria amanhã muito cedo.

VALMONT — Oh! Então o caso deve ser muito grave. Para que o senhor appellasse para os serviços d'essa celebridade policial!...

O CONDE — Grave? Não sei. Mas são factos tão estranhos e ligando-se de tal modo que alarmam um pouco o homem mais tranquillo.

VALMONT — Recebeu algum aviso?

O CONDE — Não. Não tive a honra de receber cartas de Arsenio Lupin, como nosso amigo Gournay. Mas... Vou lhes contar. Este castello hoje rodeiado por uma aldeia florescente foi construido ha seis seculos. Era um pavilhão de caça dos condes de Thinquevart. Nesse tempo isso por aqui era campo deserto. Uma velha legenda, transcripta em varias memorias do seculos XVII e XVIII, conta que este pavilhão tinha um segredo, uma entrada secreta mandada fazer habilmente pelos condes de Thinquevart, que conspiravam contra o rei Henrique III. Ora, ha cerca de um mez desappareceu d'aqui um livro. Vejam! *(Vai á estante e mostra um logar vasio).* — Alguem entrou aqui e tirou-o d'esta estante.

O 2.º OFFICIAL — Somente um livro?

O CONDE — Sómente. Não dei por falta de outro qualquer objecto. Ha neste armario varios bibelots de valor. Nada desappareceu.

VALMONT — E era muito precioso esse livro?

O CONDE — Era um volume intitulado *Chronica de Thinquevart*, um memorial escripto em 1768, contando os altos feitos d'esses illustres fidalgos e a historia da construcção d'este pavilhão. Nesse livro, o mais interessante era a planta do edificio com a indicação de um subterraneo, que começava ou começa ainda, se existe, na linha das fortificações a meio kilometro d'aqui e termina nesta sala.

O 1.º OFFICIAL — Nesta sala?

O CONDE — Exactamente aqui. Mas não é tudo. Havia d'esse livro apenas dois exemplares. O que me roubaram e outro, na Bibliotheca Nacional. O desapparecimento do livro d'aqui já me causara impressão. Pois bem, ha oito dias foi roubado o outro exemplar ...

VALMONT — O da Bibliotheca Nacional?

O CONDE — E' o que lhe digo. O segundo exemplar d'essa preciosa chronica desappareceu de lá tambem mysteriosamente. A' vista d'isso parece-me evidente que alguem está reunindo elementos para assaltar esta casa; então escrevi a Sherlock Holmes, pedindo seu auxilio.

VALMONT — Está convencido de que é Arsenio Lupin quem...

O CONDE — Não estou convencido de cousa alguma. Mas em ultimo caso aproveitarei as luzes do maravilhoso *detective* inglez, para tirar a limpo de uma vez essa historia do subterraneo.

O 1.º OFFICIAL — Mas a planta da chronica não o esclarece?...

RIVOLTA — Não, senhor. Indica apenas que a galeria subterranea vem dar aqui, mas não determina o ponto exacto nem o modo como se abre a entrada.

O CONDE — Diz a legenda que esse segredo era transmittido de pais a filhos, no leito de morte, até o dia em que Godofredo de Thinquevart, ultimo do nome, foi guilhotinado, durante o dominio de Robespierre. Quando comprei o castello interessei-me por esse mysterio, fiz muitas pesquizas... Só encontrei duas indicações e muito vagas, digo mesmo incomprehensiveis, que, em vez de esclarecer, complicam o problema.

VALMONT — Ora essa!

O CONDE — A primeira indicação está nas memorias de Sully. O grande ministro conta que o rei Henrique IV foi, um dia, hospedado aqui, pelo conde Everardo de Thinquevart, que lhe confiou o segredo do subterraneo; e o rei galante annotou a formula d'esse segredo do seguinte modo: *«Ahi se vai, descendo de vagar o que está adiante e logo se vê o caminho de Deus».*

GERMANA — Que?

O CONDE, *articulando com muita clareza* — Ahi se vai, descendo de vagar o que está adiante e logo se vê o caminho de Deus.

O 1.º OFFICIAL — Que quebra cabeças!

RIVOLTA — A segunda indicação ainda é mais vaga.

O CONDE — Sim. Outro rei de França, Luiz XVI, esteve em Thinquevart. em 1786 e, em seu famoso armario de ferro, nas Tulherias, encontráram um papel, com a seguinte nota, escripta por sua mão: Thinquevart, 2—4—8.

VALMONT, *rindo* — Victoria! Nada mais claro. Duas vezes quatro oito. *(Riso).*

O CONDE — Tem graça, não ha duvida; mas o caso é que o segredo está contido nessas duas formulas e, mais dia menos dia, póde apparecer quem o descubra.

RIVOLTA — Sherlock Holmes, por exemplo. A menos que Arsenio Lupin não decifre a charada mais depressa. Que diz você, Valmont?

VALMONT, *estendendo-lhe a mão* — Eu digo que, desde que basta descer de vagar o que se encontra adiante e, dado que duas vezes quatro são oito. está tudo resolvido e só me resta agradecer os luminosos esclarecimentos, que me forneceram. *(Riso).*

O CONDE — Vai sahir?

VALMONT — Andar um pouco para fazer a digestão e pôr umas cartas no correio.

O CONDE — Não volte muito tarde. Quero apresental-o a meu amigo Gournay-Martin, minha filha e minha sobrinha, que devem chegar de Paris, em automovel; até já deviam ter chegado. *(Tira o relogio. Os officiaes despedem-se tambem).* Ah! é verdade... Os senhores, hoje, não podem dormir aqui. Têm as grandes manobras nocturnas. Façam-me o favor de lembrar ao coronel Belfort que o espero para almoçar, amanhã. *(Acompanha-os até a saleta. Quando vão chegar ao terraço, entra Gournay-Martin, esbaforido).*

SCENA II

OS MESMOS E GOURNAY-MARTIN

O CONDE — Oh! Gournay!... E minha filha e Valentina?

GOURNAY — Foram lá para cima; eu vim para aqui directamente porque preciso de lhe fallar com urgencia. Imagine que aquelle canalha...

O CONDE — Espere, homem! Deixe-me apresentar-lhe o Sr. André Valmont, pintor notavel e nosso amigo, que veiu passar uns dias aqui, com Rivolta. O tenente Chabert, o tenente Henriot, do regimento que está em manobras, nos arredores do castello e que tenho a honra de alojar.

GOURNAY, *distrahidamente* — Muito prazer... muito prazer...

Rivolta — Eu vou para o terraço, esperar Valentina e a senhorita Nelly. *(Sahe com Valmont e os officiaes).*

SCENA III

O CONDE, GERMANA E GOURNAY

Germana — Mas que tem, papai? Está tão agitado!

Gournay — Ah! filha!... Eu ainda apanho uma molestia de coração por causa d'aquelle malditissimo Lupin!

O conde, *rindo* — Que mais lhe fez elle? E' ainda o caso do bilhete de loteria?

Gournay, *furioso* — Ainda! Um milhão de francos! Sahiu-me o premio ha mais de dous mezes e ainda não o pude receber. O patife escreve-me cartas sobre cartas, communica toda essa correspondencia aos jornaes, põe todo o publico ao par do caso... cobre-me de ridiculo, bem sei... mas não cedo!... Miseravel! Eu não recebo o premio, mas tambem elle ha de ficar roubado.

O conde — E que lhe adianta isso?

Gournay — Nada, bem sei e é nisso que o bandido se basêa para dizer que nós estamos associados pelas circumstancias. Associados!... Eu, socio de um gatuno! E os jornaes fazem troça com a firma social Lupin, Gournay & C. Dizem que a companhia é a policia.

Germana — Meu Deus! Tanto aborrecimento por causa d'esse bilhete. Antes elle não tivesse sido premiado!

Gournay — Não diga isso, menina. Um milhão de francos.

O conde — Mas se o senhor não o pode receber...

Gournay — Mas elle tambem não recebe. Agora propõe dividir ao meio, o facinora. Quer que eu lhe responda pelos jornaes que acceito para depois elle marcar um encontro para se ultimar o negocio. Chama a isso negocio!...

O conde — Mas de que modo se hade dividir o premio?

Gournay — Metade para mim, metade para elle. O atrevido diz que, se eu consentir, mandar-me-ha o bilhete para que eu o receba e vá levar-lhe metade do dinheiro, num logar combinado.

O conde — Como? Mas uma vez de posse do dinheiro o senhor não cahirá na tolice de lhe ir entregar...

Gournay — O senhor não conhece Arsenio Lupin. Elle diz que saberá obrigar-me a isso. O que exige é que eu, publicamente, acceite a partilha.

Germana — Mas, papai, seria uma bôa solução. O senhor fica com quinhentos mil francos e acaba-se com essa historia, que o está pondo doido.

Gournay — E eu hei de ceder, pelos jornaes! Hei de dar quinhentos mil francos áquelle pintalegrete?... Nunca! Prefiro perder tudo.

O 1.º Criado, que entrou pouco antes, começa a fechar uma grande cortina, que fecha a sala, no 1.º plano, separando-a completamente do publico.

O conde — Não é preciso fechar a cortina. Feche sómente as portas.

(O 2.º Criado entra e entrega-lhe um cartão). Oh! Sherlock Holmes, já! Chega doze horas antes do que promettera. Que entre! que entre... *(Passa para a saleta).*

A RECEPÇÃO DE SHERLOK-HOLMES

SCENA IV

OS MESMOS, SHERLOCK HOLMES, *depois* RIVOLTA

O conde — Meu caro senhor. Não sei como lhe agradecer sua solicitude.

Sherlock — Resolvi apressar a viagem porque, quanto mais reflicto, mais me convenço de que esse caso é obra de Arsenio Lupin e, ha muito tempo, desejo medir-me de perto com esse singular personagem. *(O 1.º Criado, tirando-lhe a maleta da mão, observa-o com odio).*

Gournay, *radiante* — E' o Sr. Sherlock Holmes, o grande, o extraordinario *detective*? Que felicidade! O senhor vai reduzir esse pantomimeiro de Lupin a estilhaços... a fazel-os... emquanto o diabo esfrega um olho. Que bôa idéia a de mandar chamal-o! O senhor vai me salvar!

Sherlock, *friamente* — Eu vim aqui, a chamado do Sr. Conde de Saint Méran. Se o senhor tambem tem algum caso a esclarecer, fallaremos depois. Não trato de dois assumptos ao mesmo tempo.

Gournay — Mas meu caso é urgente... Eu te-

nho sido uma victima!... Imagine que Lupin...

SHERLOCK, *com um gesto cortante* — Ah! *(Gournay recúa e afasta-se, desconsolado)*. Não ha tempo a perder. O senhor guardou absoluto segredo sobre minha chegada?

O CONDE — Absoluto segredo. *(Ouve-se um rufo de tambor, a distancia)*.

RIVOLTA *vem a correr pelo terraço e fica junto á balaustrada* — Venham ver que cousa curiosa!

GERMANA — Que é? *(Continua o ruido de tambor)*.

RIVOLTA — Uma porção de homens-sandwiches, com lanternas e tambores... Levam ás costas grandes cartazes, annunciando... E' espantoso! Como se pode explicar semelhante cousa?... Esperem!... Um dos homens passa mesmo perto do portão. *(Gritando)* Olá!... venha cá!... Sim, você mesmo! Suba até aqui.

SCENA V

OS MESMOS E UM HOMEM-SANDWICH

Chegam todos ao terraço e ha uma exclamação geral de surpreza. Entra um Homem-Sandwich, com um tambor e tendo acima dos hombros um grande cartaz encimado por uma lanterna veneziana. No cartaz vê-se logo o nome «Sherlock Holmes».

SHERLOCK, *furioso, ao conde* — Como!... Assim é que o senhor guardou segredo da minha chegada? *(Segura o homem pela golla e tral-o até o proscenio)*.

Pode-se, então, ler todo o cartaz, que diz

SHERLOCK HOLMES CONTRA ARSENIO LUPIN

Grande Match Policial Internacional

CHEGADA DO

CAMPEÃO INGLEZ

LEIAM AMANHÃ OS PORMENORES NOS JORNAES

O CONDE — Não sei como explicar semelhante cousa. Affirmo-lhe até que, só ha meia hora, contei a este meu amigo que o esperava, só a elle.

SHERLOCK, *ao Homem-Sandwich* — Quem é que o contractou para esse serviço?

O HOMEM — Nós viemos quinze, de Paris, mandados pela Empreza Geral de Annuncios.

O CONDE — De Paris?

O HOMEM — Sim, senhor. Hoje, ao meio dia.

SHERLOCK — Então esses cartazes já estavam promptos, ao meio dia?

O HOMEM — Estavam promptos desde hontem á noite.

SHERLOCK *reflecte, um pouco contrariado* — Está bem. Pode ir. *(O Homem-Sandwich sahe)*. Está muito bem. *(Raivosamente)*. Não ha um momento a perder. Queira communicar-me as duas indicações secretas que não me quiz mandar nem em carta...

O CONDE — A indicação de Henrique IV e a de Luiz XVI? Aqui as tem. *(Dá-lhe um papel)*.

SHERLOCK, *lê* — ... 2... 4... 8... *(Faz uma visagem)* Ahi se vai descendo de vagar o que está adiante e logo se vê o caminho de Deus. *(Pensativo)*. Ah!... Isso é mais interessante. Está muito bem. Evite toda e qualquer confidencia sobre minha chegada... mesmo aqui, em sua casa. A sala é esta?... *(Passa para a sala)*.

O CONDE — E' esta.

SHERLOCK — Muito bem. Mande-me servir uma pequena refeição. Café e biscoutos. *(O conde faz um signal ao primeiro criado, que está á porta e sahe)*. Passarei a noite aqui.

RIVOLTA — Toda a noite? Quer que um criado fique em sua companhia?

O criado volta e vai pôr a bandeja sobre a mesa á esquerda.

SHERLOCK — Não é preciso; não fico para vigiar. Não creio que o assalto se dê esta noite. E' melhor que eu fique só; preciso reflectir. *(Senta-se em uma poltrona, de costas para o publico, voltado para a estante e colloca um revolver sobre a mesa. O Conde e Rivolta sahem)*.

CAHE O PANNO

2.º QUADRO

SHERLOCK HOLMES CHEGA MUITO TARDE

Não ha intervallo; o panno ergue-se ao fim de um minuto. O mesmo scenario do quadro precedente. Noite. No terraço ha alguma luz de luar; a sala está completamente escura. Ouve-se um relogio bater 4 horas. Depois um estalido e apparece, no alto da estante, no logar do brazão, a luz de uma lanterna surda. Essa luz deve ser forte mas formando um feixe estreito, um circulo luminoso não muito grande, que percorre toda a sala, como um olhar investigador, pousando e detendo-se nas cadeiras e mesas, percorrendo o chão e as paredes. Depois, ouve-se um estalido mais forte e toda a estante, que se entrevê vagamente, gyra, desapparece, deixando aberta uma cavidade absolutamente escura de onde sahe um homem, com capa e mascara capuz, trazendo a lanterna. Esse homem adianta-se e assobia discretamente. Então na cavidade, que deve ser uma verdadeira camara-escura, apparecem quatro lanternas. Só se vêem as quatro lanternas, que parecem suspensas no ar e movem-se, sobem, descem... Depois sahem, seguras por quatro homens, com roupa e capuz de belbutina preta. Desde que esses homens passam para o palco a scena fica um pouco mais clara. O 1.º homem faz um signal, os outros quatro largam as lanternas e correm a cortina, que occulta toda a sala ao publico.

Começa então a se ouvir o rumor de moveis arrastados, martelladas, pancadas no chão. Tudo um pouco abafado. Depois um assobio e logo apparece acima da balaustrada do terraço a extremidade de uma escada de pedreiro. Em seguida sahe pela porta da sala, que dá para a saleta, um homem carregando um grande fardo. No momento em que elle galga a balaustrada para alcançar a escada de mão, abre-se uma porta do corredor, que dá para a esquerda, no 1.º plano, e apparecem Valentina e Nelly, em peignoir. As duas moças, vendo um segundo homem, que sahe da sala, tambem com um grande fardo, encostam-se á parede, immoveis de terror. O 2.º homem dirige-se tambem para o terraço, espera um pouco que o 1.º acabe de alcançar a escada e desce pelo mesmo caminho. Já o 3.º homem vem sahindo da sala, seguido de perto pelo 4.º homem, todos com grandes fardos.

Por fim sahe da sala o chefe, com a lanterna, investigando tudo, apagando as marcas dos pés de seus companheiros e apanhando papeis cahidos dos fardos. Vê as moças, dirige para elles o circulo luminoso da lanterna. Valentina cahe de joelhos; Nelly colla-se á parede e ficam immoveis, apavoradas, sob a luz crúa da lanterna. O homem abaixa-se ainda, apanha uns papeis e palhas, espana o chão com o lenço em certos logares, inclina-se profundamente diante das duas moças e sahe, descendo tambem pela escada de mão.

Depois d'elle, a escada desapparece tambem. Nelly quer adiantar-se. Valentina segura-se a ella. Ouve-se então o resfolegar de um automovel, que se afasta. Nelly repelle Valentina e corre ao terraço. O rumor do automovel accelera-se e perde-se ao longe.

SCENA I

NELLY, VALENTINA, *depois* O CONDE, RIVOLTA, O 2.º CRIADO, GOURNAY-MARTIN E GERMANA, *que vem por ultimo, arranjando os cabellos.*

NELLY, *gritando* — Soccorro! Ladrões!...

Valentina dá um grande grito e cahe desmaiada. Entram todos. Confusão, gritos, interrogações.

O CONDE — Que é? Minha filha!... Sr. Sherlock! Morta!... Não. Desmaiada apenas.

NELLY — Ladrões!... Eu ouvi rumor, levan-

tei-me, vim até aqui com Valentina. Vi sahir d'alli quatro homens, carregando fardos enormes... desceram pelo terraço com uma escada... fugiram num automovel. *(O segundo criado abre a luz electrica no corredor).*

O CONDE — Então roubaram tudo?... Os quadros, as tapeçarias... *(Levantam Valentina, que se reanima pouco a pouco).*

RIVOLTA — E o Sr. Sherlock?

GOURNAY — Naturalmente mataram-o — *(Correm á porta, que dá para a sala; entram. O publico não os vê, mas ouve-lhes as exclamações de espanto. Depois todos correm a cortina, descobrindo a sala. O conde abre a luz eletrica. Vê-se nitidamente a sala em perfeita ordem, como no quadro anterior. Apenas não se vê Sherlock, mas Rivolta volteia a poltrona, que é grande e massiça, e vê-se o detective, recostado, cahido para um lado, dormindo. Junto d'elle está a mesinha com um revolver, uma bandeja, cafeteira, chicara, um prato de biscoitos).*

RIVOLTA — Dorme?... *(Segura-o e sacóde-o com força)* Sr. Sherlock! Sr. Sherlock!

SHERLOCK, *com voz presa, difficil* — Heim... Preciso de reflectir... O caminho de Deus.

GOURNAY — Que diz elle? Sr. Sherlock! *(Sacode-o tambem).*

SHERLOCK, *fazendo um violento esforço para o despertar* — Heim! Eu esperava-o. Renda-se... senão! *(Apanha o revolver sobre a mesa, puxa o gatilho. Sahe do cano uma ventarola. Sherlock adormece de novo).*

RIVOLTA — Substituiram-lhe a arma por um brinquedo.

GOURNAY — Mas que grande patifaria!

RIVOLTA *examina a ventarola e ri* — Olhe, Sr. Gournay, isso é com o senhor. Veja o que está impresso na ventarola. Reclame da casa Lupin, Gournay & C.

O CONDE, *procurando levantar Sherlock* — Deram-lhe algum narcotico. Rivolta... depressa, esta cafeteira, esta chicara, em logar seguro para que a policia as examine. Telephonem para o commissario de policia.

NELLY — Vou telephonar. *(Sahe).*

Valentina vê no chão, junto ao proscenio, um bonnet de chauffeur, muito elegante, e mantem-o nas mãos como quem não sabe onde occultal-o.

O CONDE *vem a ella* — Estás melhor? *(Quer tomar-lhe as mãos)* Oh! Onde achaste este bonnet? Aqui?... E' um indicio precioso! *(Tira-lh'o das mãos).*

RIVOLTA, GOURNAY E GERMANA *levam Sherlock que cabeceia e não consegue abrir os olhos.*

SCENA II

VALENTINA, O CONDE, NELLY, *depois* VALMONT, RIVOLTA, GOURNAY E GERMANA

NELLY, *entrando* — O Sr. Galiére, commissario de policia, estará aqui dentro de cinco minutos. Vem em automovel.

O CONDE — Mas escuta, filha... Tu viste sahir d'esta sala varios homens carregando fardos?

NELLY — Volumes enormes!... Valentina tambem viu; vimos quatro homens carregados. Depois sahiu mais um que só levava uma lanterna, um sugeito robusto, corpulento, com uma mascara.

VALENTINA — Não... Tu estás enganada. Elle pareceu-me magro.

O CONDE, *impaciente* — Bem. Isso é o menos. O essencial é o primeiro ponto. Que fardos tão grandes podem vocês ter visto sahir desta sala, se aqui não falta cousa alguma?

NELLY — E' verdade!

VALMONT, *entrando* — Meu caro conde, só agora soube. Tenho o somno tão pesado que nada ouvi. Se Rivolta não me fosse accordar...

(Entram Rivolta e Gournay).

O CONDE — Como está o Sr. Sherlock?

RIVOLTA — Melhor. Já começa a raciocinar. Devem ter lhe dado uma dose de narcotico formidavel, mas com uns reactivos energicos vai recobrando a lucidez.

GOURNAY, *a Nelly* — Eu dei-lhe whisky. Para um inglez, não ha melhor remedio. O effeito é infallivel.

VALMONT — Mas como foi isso? Que lhe roubaram?

O CONDE, *preoccupado* — Não sei ainda. *(Ouve-se um rumor de automovel).*

VALMONT *approxima-se de Valentina* — Soube que teve uma syncope. *(Valentina afasta-se, sem responder. Valmont tem uma expressão de tristeza).*

GERMANA, *entrando* — Está ahi o Sr. commissario.

SCENA III

OS MESMOS, O COMMISSARIO, *depois* O 2.º CRIADO E SHERLOCK

O CONDE — Ainda bem. *(Passam todos, menos Valmont e Valentina, para a saleta, onde encontram o commissario, que entra. Ficam alli, um pouco, fallando animadamente.*

VALMONT, *com timidez* — Senhorita Valentina. *(Valentina não responde).* Senhorita...

Valentina mostra-lhe sobre a mesa o bonnet de chauffeur. Valmont mette-o no bolso rapidamente). Obrigado... *(Com emoção, curva-se, pega a ponta da tunica de Valentina e beija-a. Ella puxa a tunica com vivacidade).* Tem razão. Eu não sou digno... mas ouça... Tudo será restituido. Juro-lhe. Hoje mesmo. *(Sahe rapidamente. Mette-se no grupo, que vem entrando do terraço, faz-se ver, depois sahe. Valentina já sahiu pela porta da direita baixa).*

Já é quasi dia: o 2.º Criado fecha a luz na saleta. Nelly e Germana sahem. As trez moças só voltam á scena com outra roupa.

SHERLOCK HOLMES ESTUDA O PROBLEMA DE THINQUEVART

SCENA IV

O CONDE, GOURNAY, O COMMISSARIO, E O 2.º CRIADO; *depois* SHERLOCK

O CONDE, *passando com o commissario para a sala* — Venha, Sr. commissario. O que mais admiro é a rapidez com que attendeu a meu chamado.

O COMMISSARIO — Isso é devido a um acaso deveras feliz. Exactamente quando recebi seu recado pelo telephone, estava um automovel vasio, parado, diante do commissariado. *(Ouve-se o rumor de um automovel, que se afasta)* Como ! Elle retira-se ? Mas eu disse-lhe que esperasse.

O CONDE — Vou mandar ver como foi isso *(Falla baixo ao 2.º Criado, que sahe)*. Veja Sr. Commissario : foi nesta sala, que só tem uma sahida ; esta porta. Estas duas paredes *(indica o fundo e a esquerda)* são massiças.

O COMMISSARIO — D'ahi é que sua filha e sua sobrinha viram sahir quatro homens levando grandes fardos e aqui não falta cousa alguma ?

O CONDE — Nada. Ha até aqui uma cousa a mais. Este livro, que reappareceu na estante.

O COMMISSARIO. — E' allucinante. Ahi está o problema mais extraordinario, que tenho encontrado em toda a minha carreira. E' um mysterio intrincadissimo !

SHERLOCK, *que entrou um pouco antes e ouviu a phrase da saleta* — E' um caso muito simples.

O COMMISSARIO — Oh !

O CONDE, *apresentando* — O Sr. Galiére, commissario de policia ; o Sr. Sherlock Holmes.

GOURNAY — O grande, o portentoso detective !

O COMMISSARIO *levanta-se, com mostras de consideração, mas pergunta em tom um pouco ironico:* — O senhor acha muito simples comprehender um roubo em que nada foi roubado ?

SHERLOCK — Eu já o comprehendi.

O COMMISSARIO — Será talvez capaz de nos dizer o que foi roubado aqui ?

SHERLOCK — Tudo. *(Levanta a bengala em que veiu apoiado e bate na estatua, que cahe em pedaços)*. Veja !

GOURNAY — Nossa Senhora !

O CONDE, *curva-se e apanha pedaços da estatua* — De papelão !

SHERLOCK — De certo para ganhar tempo, o ladrão deixou objectos eguaes nos logares dos que levou.

O CONDE — Então esses quadros... essas tapeçarias...

O COMMISSARIO — Devem ser tambem falsos.

SHERLOCK, *cathegoricamente* — São falsos.

GOURNAY — Mas que bandido ! Estão vendo só ? Este Lupin, um bello dia, é até capaz de roubar o castello e deixar outro de papelão no logar... Papelão... Que papelão estamos nós fazendo diante d'elle!

O 2.º CRIADO, *voltando* — O chauffeur deixou dito que ia comprar cigarros e voltava já. *(Ouve-se o automovel)* Oh ! já está de volta ! *(O ruido do automovel, que se deteve um pouco, recomeça e afasta-se)*. Ora essa ! Então elle vai-se embora outra vez ? *(Sahe rapidamente)*.

O COMMISSARIO — Sr. Sherlock, confesso-me maravilhado. Estamos aqui e o senhor, de longe, noutro aposento sósinho, viu mais do que todos nós juntos. E mal sahia da influencia do narcotico. A proposito... como adormeceu ?

SHERLOCK — Não sei. Sentei-me nessa poltrona... e adormeci. O narcotico estava de certo no café ; foi a unica cousa que bebi... O café servido por um de seus criados, Sr. conde.

O 2.º CRIADO, *voltando* — Sr. conde, o chauffeur voltou apenas para prevenir que não podia esperar: recebeu um chamado de Paris.

O COMMISSARIO — E retirou-se sem receber o dinheiro da corrida até aqui ? E' singular.

SCENA V

OS MESMOS E VALMONT

VALMONT, *entra e vai-se encostar á mesa do fundo* — E', na verdade, exquisito. E partiu logo... parecia apressado.

O COMMISSARIO — O senhor viu-o ?

VALMONT — Foi commigo que elle fallou. Eu estava junto ao portão.

O CONDE, *ao 2.º criado* — Diga-me, Antonio, onde está o José, seu companheiro, o que hontem serviu café ao Sr. Sherlock Holmes ?

O CRIADO — Não sei, Sr. conde. Elle não dormiu aqui. Esta manhã, extranhando que elle não descesse, fui ao seu quarto e encontrei-o vasio. A cama nem foi descoberta.

GOURNAY — Era um cumplice !... O senhor tinha um cumplice de Arsenio Lupin em sua casa ! Sabe Deus se não ha outros ! *(Observa o 2.º Criado, com desconfiança)*.

O CONDE — Evidentemente era um cumplice. Bem, Sr. commissario ; um já conhecemos nós. Talvez seja possivel seguir-lhe a pista. E temos um indicio de outro, talvez o chefe da quadrilha. *(Procura sobre a mesa pequena, no 1.º plano)*. Ora essa ! Não acho o bonnet *(O Criado sahe)*.

VALMONT — Será este ? *(Mostra um bonnet, que apanha, sobre a mesa grande do fundo)*.

O CONDE — Exactamente. Onde estava ? Ahi ? Eu tinha ideia de o ter collocado aqui. Veja Sr. Sherlock, talvez isso lhe dê alguma ideia.

SHERLOCK *(apoz um instante)* — Que quer o senhor que eu encontre em um bonnet completamente novo, que nunca serviu... Isso parece uma brincadeira. Veja. Esse bonnet ainda tem enfiado na fita o cartão da machina registradora do pagamento ; o carimbo da machina tem a data de hoje... a tinta ainda está humida...

TODOS — Ah !

GOURNAY, *apertando a cabeça* — Eu fico maluco de todo. Isso é fantastico ! Como é que Lupin conseguiu deixar aqui, durante a noite, um bonnet que foi comprado hoje?...

SHERLOCK — Que foi comprado ha menos de meia hora... pelo chauffeur do Sr. commissario. São esses os cigarros que elle foi comprar.

O COMMISSARIO — Sim, deve ser isso. Mas quem trouxe o bonnet para aqui ? Quem o poz no logar do verdadeiro ?

GOURNAY — Só pode ter sido o Julio, o outro criado. Tambem é cumplice. E' o que eu digo. Estamos cercados de bandidos !

O COMMISSARIO — Vou mandar prendel-o.

SHERLOCK — Não. Deixe-o. Eu o observarei. Isso dará melhor resultado. Mas tratemos agora de outro ponto, que julgo urgente : o segredo de Thinquevart.

O CONDE — Ah ! vai agora tratar de resolver esse problema ?

SHERLOCK — Já está resolvido. *(Declama)* 2... 4... 6. Ahi se vai, descendo de vagar a que está adiante e logo se vê o caminho de Deus. Diga-me, Sr. conde, não ha uma capella, aqui perto ?

O CONDE — Sim. A menos de um kilometro ; uma capella, que é dependencia do castello.

SHERLOCK — Deve haver nessa capella um brazão egual áquelle...

O CONDE — Sim... um brazão perfeitamente egual, junto ao altar.

SHERLOCK — Então, está tudo muito bem. *(Dirigindo-se a Gournay, empurra a mesa do fundo para diante da estante)*. Faça-me o favor de subir para

aqui (*Gournay obedece e sobe para a mesa*). Alcança o brazão?... Muito bem. Toque na lettra I. O documento diz: — Vai se ahi...

GOURNAY — Olhem... a lettra some-se...

TODOS — Ah!

SHERLOCK — Ahi se vai, descendo de vagar a que está adiante... Sr. Gournay, veja se a lettra Q, mais adiante, não desce.

GOURNAY — Sim. Sim...

SHERLOCK — Então, agora, basta empurrar o V, que abre o caminho de Deus, isto é da capella.

GOURNAY *empurra o V. (O brazão abre-se como um postigo. Depois a estante gyra. Gournay salta rapidamente da mesa e afasta-a. Vê-se o compartimento, forrado de preto. No centro está uma poltrona perfeitamente egual áquella em que Sherlock adormeceu)* — Que é isso? Outra poltrona? *(Puxa-a para o palco)*.

SHERLOCK *(com um sobresalto violento)* — Heim! Será possivel? *(Examina a cadeira e declara se succumbido)*. Estou deshonrado! Esta é que é a verdadeira, a de hontem.

O CONDE — Então esta tambem é falsa? Pois tiveram a audacia de roubar a cadeira em que o senhor estava sentado?

GOURNAY — Arsenio Lupin é capaz de tudo. E' o que lhe digo. *(Começa a acompanhar Sherlock, que passeia de um lado para outro, frenetico, furioso)* Imagine que commigo elle... O meu bilhete de loteria...

O COMMISSARIO *(lendo um papel, que está pregado na cadeira)* — Espere, Sr. Sherlock, ha aqui um bilhete para o senhor *(Lê)* «Bravo, mestre. Decifrou o problema do brazão quasi tão depressa como eu. Minhas felicitações. Arsenio Lupin».

Sherlock faz um gesto furibundo e sahe, perseguido por Gournay, que continúa a contar-lhe o caso do bilhete. Sahem pela esquerda alta. Apparece no terraço um sargento.

SCENA VI

O CONDE, O COMMISSARIO, UM SARGENTO, VALMONT.

Bôa noite...

Fantazia photographica pousada por miss Violet Lorraine, do Alhambra de Londres.

Logo apoz o sargento entram NELLY, VALENTINA, GERMANA *e* RIVOLTA.

O SARGENTO, *entrando* — O Sr. conde de Saint Méran?

O CONDE, *passando com o commissario para a saleta* — Oh! E' o sargento Fleury: que quer você, Fleury?

O SARGENTO — Sr. conde, eu venho trazer os quadros, a estatua, as cortinas.

O CONDE — Que diz?

NELLY *(entrando rapidamente pelo terraço, com Valentina e Rivolta)* — Meu pai, está tudo ahi, num caminhão do regimento.

O SARGENTO — Ha uma hora recebi ordem de ir immediatamente com um caminhão buscar bagagens, na encruzilhada, e trazel-as ao Sr. conde. Fui e encontrei quatro fardos abandonados na estrada. Mas tinham escripto em cima o nome do Sr. conde. Então carreguei-os no caminhão e ahi estão.

O CONDE — Mas quem lhe deu essa ordem? *(Entra Rivolta)*.

O SARGENTO — Foi um creado aqui do castello, o Julio, que m'a foi levar ao acampamento. *(Movimento de surpreza de todos)*. Ordem escripta e assignada pelo coronel *(Entrega um papel ao conde)*.

O CONDE, *ao commissario, á parte* — Está muito bem imitada, mas não é a letra do coronel Belfort. Está bem. Nelly, manda dar uma garrafa de vinho a Fleury e seu ajudante.

O SARGENTO — Muito obrigado, Sr. conde. *(Sahe com Nelly)*.

RIVOLTA — O essencial é que está tudo ahi. São os verdadeiros quadros, a verdadeira estatua... Eu verifiquei. Agora estão descarregando o caminhão.

O COMMISSARIO — Sim, mas essa restituição ainda vem tornar o crime mais singular. *(Sobem todos á balaustrada)*.

VALMONT, *que ficou só com Valentina na sala* — Cumpri minha palavra *(Um silencio)*. Lembro-me tão bem da ultima vez em que conversámos a bordo. A senhora tinha, como hoje, uma rosa no cinto... Quando se afastou, deixou-a no banco... Guardei

essa rosa... conservo-a ainda... e quantas horas tenho passado a contemplal-a com emoção tão profunda... tão nova para mim... *(Valentina, lentamente, volta-lhe as costas)*. Ah! bem vejo que nunca me perdoará... Tem razão. Entretanto eu não sou máu, não sou nem ambicioso. Não sei mesmo porque levo esta vida. Faço essas cousas por sport, para mostrar que as posso fazer... que é bastante um pouco de intelligencia e de audacia para zombar da policia... Mas nunca prejudiquei um necessitado e tenho soccorrido muito infelizes. E é essa toda a minha alegria, porque tambem eu sou um infeliz. Sempre fui só no mundo. Foi talvez por isso... Ouça-me. Se eu lhe jurasse... bem sabe que cumpro minha palavra. Se eu lhe jurasse que nunca mais... *(Valentina, sem responder, sem se voltar, passa diante d'elle e sahe para a saleta. Valmont contempla-a dolorosamente, mas ao voltar-se vê sobre a mesa a rosa que ella, ha pouco, tinha no cinto)* Oh!... *(Apanha a rosa e beija-a)*.

Os demais personagens descem do terraço.

RIVOLTA, *passando diante da porta da sala, aponta para Valmont, que beija a rosa enlevado.* — Vejam... Aquelle é que não se incommoda com essas historias de roubos, subterraneos... Está muito longe de tudo isso!

O COMMISSARIO — Pode-se jurar que elle nem pensa em Arsenio Lupin.

SCENA VII

OS MESMOS E GUERCHARD

GUERCHAD *entra precipitadamente pelo terraço e dirige-se ao conde. Descem todos.* — Sr. conde, recebi uma denuncia anonyma mas perfeitamente segura e venho trazer-lhe uma noticia espantosa, uma novidade surprehendente!... uma cousa que o senhor nem pode imaginar!

TODOS — Que é? Diga!... Falle!...

GUERCHARD *detem-se um pouco para gozar a anciedade dos outros.* — Vou lhe causar uma d'essa surprezas!... Fique sabendo que tive denuncia de que sua casa vai ser assaltada por Lupin!

TODOS — Ora!... *(Riso)*.

GUERCHARD — Que é?

RIVOLTA — O assalto já se deu.

GUERCHARD — Oh!

O CONDE — O roubo já foi feito e até já foi restituido. *(Gesto de espanto de Guerchard)*. Sim; Lupin, depois de me ter roubado até estatuas, mandou-me trazer tudo outra vez e de modo tão singular que indica a existencia de cumplices aqui.

GOURNAY — Ah! meu caro Sr. Guerchard... nós dous bem podemos arranjar uma canga: Arsenio Lupin divertiu-se a sua custa. Fel-o perder seu tempo.

GUERCHARD — Não o perdi por completo. O Sr. conde está convencido da existencia de cumplices de Lupin em sua casa. Pois eu tenho informação de mais do que isso. O proprio Lupin está aqui. *Sensação: Valmont, que, ha pouco está ouvindo, dirige-se á estante, faz funccionar o mecanismo, rapidamente, passa para o outro lado, volteia de novo a estante e fica espiando pelo postigo do brazão)*. E eu tenho de seu disfarce, de sua nova transformação signaes e indicações tão completas que não me posso enganar. Desde que o veja reconhecel-o-hei immediatamente, sem hesitação.

SHERLOCK, *entrando, pelo terraço* — Sr. conde...

GUERCHARD, *ao vel-o* — Ah! Cá está elle! E' Lupin!

Atira-se a Sherlock, que se defende, atracam-se, rolam no chão. Os outros têm gestos de espanto. Gournay ajuda a dominar Sherlock. Lupin, no postigo da estante, ri.

CAHE O PANNO.

(No proximo numero daremos o .º acto)

Não ha nada melhor para simplificar a vida do que tomal-a simplesmente.

O PERIGOSO SPORT DOS INDIGENAS DAS ILHAS SALOMÃO

Caçada de tubarões á faca.

Um indigena atira-se ao mar para attrahir os tubarões sempre numerosos em torno dessas ilhas; outro fica á espreita e quando o monstro apparece, precipita-se contra elle e abre-lhe o ventre.

UM GUARDA QUE GUARDAVA DE MAIS

Ha já mais de um anno que morreu o opulento poeta Edmundo Rostand; mas as revistas litterarias ainda continuam cheias de anecdotas a seu respeito.

Uma das ultimas é assaz interessante. O creador de *Cyrano* tinha em sua sumptuosa propriedade de Cambo numerosos cães de raça que elle muito estimava; porém nas noites de luar esses nobres animaes, saudando a pallida Phebo com seus latidos, perturbavam o somno e os sonhos do poeta, que para ter tranquillidade contractou um guarda, encarregado de acalmar os cães.

Aconteceu porém que, ao fim de pouco tempo, os animaes habituados ao guarda, perderam o vicio de latir á noite. Grande susto para o guarda, que, receando perder o emprego, usou de um estratagema; imitava elle proprio os latidos.

E por isso é que, até seus ultimos dias, o bom poeta, antes de dormir, ouvia por duas ou trez vezes bulhentas saudações á Lua do lado do canil.

Um novo emulo do famoso "Consul": o Bibelot, *um macaco que está sendo exhibido com grande exito em Roma. Além de imitar as graças de uma dama elegante, fingir que lê e pinta,* Bibelot *fuma, patina e enfia linha em uma agulha.*

AFFONSO V, rei da Sicilia e de Aragão, estava um dia acampado, nas margens de um rio, em frente ao inimigo. A noite chegou e, como o exercito carecesse de viveres, nem o rei nem os soldados haviam comido, desde manhã. Um dos soldados offereceu-lhe um pedaço de pão e outro de queijo, jantar precioso naquellas circumstancias; porém o rei respondeu dignamente:

—Muito obrigado; comerei depois da batalha, como todos os meus soldados.

As rainhas do Cinematographo

MISS GLORIA SWANSON

Cousas do Mexico

Receava-se uma revolução. O chefe de policia expediu o seguinte telegramma a um de seus agentes:

«Proceda á prisão do caudilho João Fernandez, com o maior sigillo.»

Poucos dias depois recebia do agente a seguinte resposta:

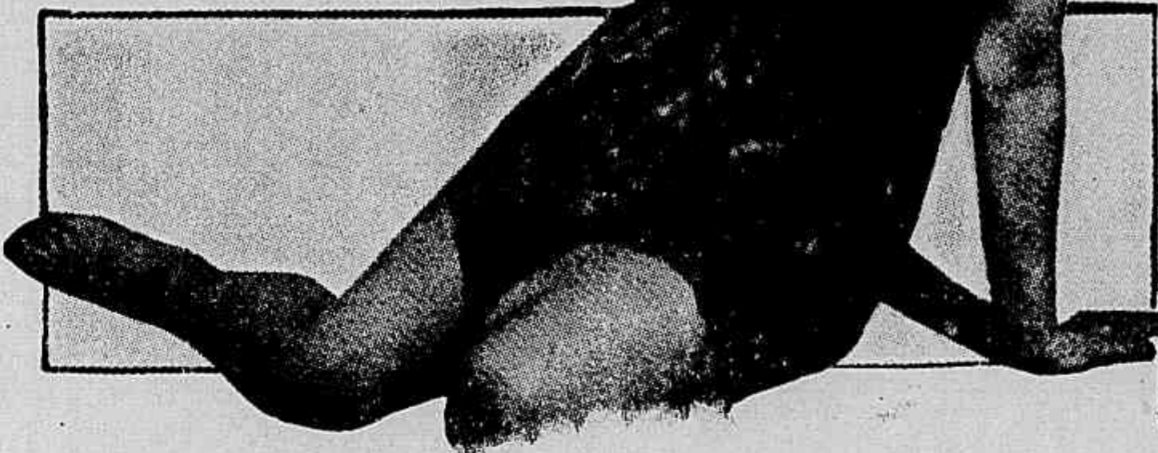
«Enviarei pelo primeiro trem o caudilho João Fernandez, que já se acha preso. Quanto ao major Sygillo não pude ainda encontral-o, porém continuo a sua procura».

Leonardo da Vinci

Conta-se que, quando Leonardo da Vinci estava pintando seu quadro «A Ceia», os monges do convento de Santa Maria das Graças iam molestal-o, constantemente, recordando que tinham de terminar o quadro dentro de determinado prazo.

Um d'elles, sobre tudo, se fazia notar de tal maneira por sua impertinencia que, por vingança, o artista reproduziu sua physionomia na figura de Judas.

Deve-se merecer os elogios e fugir d'elles.

«Estar triste é quasi sempre pensar em si mesmo». — ANATOLE FRANCE

MISS ALLA NAZIMOVA.

Que tempo vive um sapo sem comer ?

Com frequencia temos noticia de se terem encontrado sapos vivos em logares que se sabem fechados desde muito tempo.

O naturalista francez Margelidet publicou os resultados de uma experiencia que fez sobre esse caso.

Em uma cavidade feita dentro de uma grande pedra metteu um sapo, e fechou em seguida essa cavidade, com cimento impermeavel. Cinco annos depois, dia por dia, em presença de varios professores partiu a pedra, no Museu de Historia Natural de Paris, encontrando o sapo vivo e são, dormindo.

Depois de solto, ainda por muito tempo esse sapo não mostrou desejo algum de se alimentar.

A MEMORIA DOS ANIMAES

Os espiritos sentimentaes— que são quasi sempre os mais intelligentes — desde muito se preoccupam com o mysterio da alma dos animaes, com o obscuro trabalho que as sensações e sentimentos produzem em seu cerebro rudimentar

Nada se sabe ainda com segurança a esse respeito, mas os factos que se juntam para nosso estudo são cada vez mais impressionadores.

Uma revista ingleza conta-nos agora o singular exemplo de *Nigger*, um cavallo de tiro, pertencente a um agricultor, o Sr. William Flinn, dos arredores de Pontypool, districto de Cambridge.

Quando começou a guerra *Nigger* foi requisitado e seu dono alistou-o. Separaram-se, pois, e durante cinco annos nunca mais se encontraram. Em Novembro ultimo, desmobilisado afinal, o Sr. Flinn voltou a reorganisar sua propriedade e para isso precisava de comprar cavallos; é claro porém que encarregou d'esse trabalho seus empregados, sem se dar o incommodo de examinar um por um os animaes comprados, aqui e alli, ao acaso dos leilões promovidos pelas autoridades militares, que fazem a desmobilisação do exercito. Mas um bello dia seus empregados vieram lhe contar um caso extranho. Um dos cavallos novos, chegando a Pontypool, portára-se de modo singular: dirigira-se por si mesmo a um bebedouro; depois, com a segurança de quem conhecia a casa, galopara para a estrebaria e occupára determinada baia. O Sr. Flinn correu a vel-o. Era *Nigger*, envelhecido, muito mudado, mas com a memoria intacta e o mesmo coração por quanto, ao ver seu dono, relinchou de prazer.

Cataractas do Itapurá, no rio Tieté (S. Paulo)

PARA RECITAR

Edade Media

Na gothica janella impaciente,
A joven castellã de quando em quando
Mergulha o olhar na treva e murmurando
Agita o leve pé, lesta e fremente.

Do serpentino veio transparente
Ouve-se ao longe o murmurio brando,
As azas um falcão, talvez sonhando,
Sobre a alcandora move brandamente.

Um vulto a barbacan salta ligeiro,
Prende-se a escada e o joven cavalleiro
Penetra no aposento onde ella mora...

No castanheiro canta a cotovia,
E o mancebo fugindo a luz do dia,
Galopa em seu corcel estrada fóra.

SOARES DE SOUZA JUNIOR.

OS MONSTROS DAS NOSSAS FLORESTAS

O TAMANDUÁ BANDEIRA

E' um ser monstruoso, unico em sua especie, que se não parece com outro qualquer animal vivo e é peculiar ao valle do Amazonas. Sua singularidade é notavel até na estatura; nas mesmas regiões encontram-se individuos adultos com um metro de comprimento, ao passo que outros alcançam dous metros e meio.

Armado com garras é em geral inoffensivo, servindo-se dos terriveis dardos, que são suas unhas, apenas para escavar a terra em busca de formigas, que constituem quasi exclusivamente sua alimentação; mas se o atacam ergue-se de pé sobre as patas trazeiras e nessa attitude é um adversario terrivel.

Seu longo bico, formado por um osso de que nossos indios fazem uma flauta, prolonga-se ainda graças á lingua que tem quasi meio metro de comprimento, muito fina e sempre humida de um liquido viscoso. Quando encontra um formigueiro, o tamanduá enfia nelle o bico e estende a lingua á qual as formigas ficam presas.

Tamanduá bandeira adulto que vive no Jardim Zoologico de Quito (Equador)

A RUA DA CABEÇA

Tradição madrilena, por
ANTONIO PAREJA SERRADA

GOVERNAVA então em Hespanha a Sacra e Real Majestade do rei D. Philippe III, e a côrte de Madrid era constantemente visitada pelos mais diversos e galantes cavalleiros vindos das nevosas Flandres ou das longiquas Americas, para ostentar sua elegancia no Arenal e no Prado de S. Firmino, seduzindo as damas que acudiam á missa de S. Philippe e dos Jeronymos.

Entre os santuarios mais visitados então, entre orações e glatanios, estava o Calvario, capellinha modesta situada nos declives do Olivar; mas essa peregrinação só era intensa nos santos dias da Quaresma: durante o resto do anno só d'ella se aproximava um ou outro malandrim em busca de bolsas accessiveis ou algum labrego á volta do trabalho.

Ora, em uma certa manhã de Abril do anno 1605, a côrte de Hespanha estremeceu de horror á noticia de um crime sacrilego e medonho.

Sobre a minguada collina fronteira á capella erguia-se uma casinha de aspecto humilimo, habitada por um velho sacerdote, cuja missão era rezar o *Via Crucis* com os devotos d'aquelle templo. A vida modesta do clerigo, voluntariamente retirado áquelle deserto, dera porém azo á maledicencia e não faltava quem affirmasse que elle, passando quasi sem despezas e accumulando avaramente as esmolas de anno sobre anno, devia ter escondida uma regular fortuna. Havia até quem jurasse ter ouvido, á noite, o ouro contado e recontado por elle. Foi essa legenda que suscitou o crime.

Acharam o cadaver do clerigo, degollado, atraz de uma cerca e, por mais que buscassem nos arredores, sua veneravel cabeça não foi encontrada. Desapparecera tambem o menino de côro que servia de sachristão ao sacerdote e com elle vivia. Sómente sua botina, manchada de sangue, ficara suspensa a um cabide, junto da porta, e a voz do povo considerou-o desde logo o assassino.

Mas em vão os alcaides da côrte puzeram em jogo suas astucias e mobilisaram a cohorte de alguazis e meirinhos a suas ordens; em vão se revistaram os mattagaes dos arredores: não se achou nem a cabeça da victima nem o rastro do criminoso. Passaram-se dias, mezes, annos sem que surgisse uma pista, e pouco a pouco foi-se apagando na memoria do povo aquelle espantoso crime. Só por tradição se

O desconhecido comprou uma cabeça de carneiro, que estava exposta á porta de um açougueiro.

conservava sua lembrança e a casa do crime, abandonada, ia desmoronando sob o peso do tempo.

Passaram muitos, muitos annos. Havia já mais de vinte e quatro que o rei Philippe III fôra coroado quando, um bello dia, appareceu pelo Bairro Novo um esbelto cavalleiro com vestuario singularmente luxuoso e joias que attrahiam todos os olhares.

Toda a gente se interessou por esse tão imponente forasteiro; uns suppunham-o commerciante enriquecido em terras americanas; outros tinham-o como bizarro capitão das companhias francas que guerreavam nas Flandres, dominando e saqueando as mais opulentas cidades; outros ainda affirmavam ser elle um dos tantos nobres italianos que o fulgor de Madrid attrahira. Mas ao certo ninguem sabia quem elle era.

O homem andava por alli desembaraçado e altaneiro e, como pagava tudo bem e de prompto, ninguem se atrevia a lhe fazer perguntas. Um dia, passando pela rua de Toledo, que era a predilecta dos açougueiros do bairro, o cavalleiro desconhecido deteve-se diante de uma tenda e, apontando para uma cabeça de carneiro que estava exposta no portal, perguntou-lhe o preço.

— Não quereis que a mande levar a vossa casa?

— Não. Eu mesmo a levarei, se me dais um panno em que envolvel-a.

— Será como quereis. E podeis leval-a sem susto pois, como vêdes, o sangue está secco e não poderá manchar vosso gibão.

O cavalleiro pagou e seguiu, levando preso ao cinto o envolucro da compra.

Algumas pessôas que haviam presenciado a compra seguiram-o com a vista, extranhando que um cavalleiro de tão brilhante aspecto apreciasse manjares tão modestos e elle mesmo os levasse, como um servo.

Rua acima seguia o cavalleiro e, de subito, os curiosos que lhes iam no encalço notaram uma circumstancia prodigiosa. As pégádas do cavalleiro iam sendo assignaladas por gottas de sangue fresco e luzente.

Como poderia voltar a sangrar uma cabeça de carneiro secca e exposta ao sol desde a vespera?

Cada vez mais intrigados, chamaram a attenção de dous alguazis, que estavam a uma esquina. e ao ver o sangue detiveram o homem.

— Alto! Deixai-nos ver o que contém esse panno.

— Uma cabeça de carneiro: comprei-a ha pouco e...

Mas, baixando o olhar e vendo o liquido vermelho, que lhe manchava os pés, o cavalleiro deteve-se, livido e petrificado.

Um dos alguazis estendeu a mão, puxou o panno, e os circumstantes viram uma cabeça humana, descorada e lugubre, com cabellos brancos, entre os quaes havia a nuança rosea de uma tonsura. O proprio alguazil recuou de espanto, e a cabeça cahiu no solo, rolou e ficou afinal quieta, olhando para o céu.

Preso o cavalleiro, confessou ser o antigo sacristão que, apoz tantos annos passados, julgava poder voltar a sua terra, pois alli tinha adquirido bens terrenos.

O miseravel foi decapitado diante de innumeravel multidão, e desde então o ponto em que se dera o justiceiro milagre teve o nome de rua da Cabeça.

E do panno ensanguentado rolou uma cabeça, uma cabeça humana com cabellos brancos entre os quaes se via nitidamente uma tonsura ecclesiastica.

Fallava-se da dedicação dos cães de Terra-Nova.

—Tambem a mim — disse um estudante — já um cão d'esses me salvou, em um transe bem difficil.

—Como? — perguntaram.

—Muito simplesmente: Um dia em que eu não tinha um vintem no bolso, vendi-o por 20$000.

— Não me convences. Não posso crêr na transmigração das almas. E, para o que, me responde a esta pergunta: tens idéa de ter sido já outra coisa?

— Tenho, já fui burro.

— Burro! Quando?

— Quando me metti em politica.

O sonho de todas as moças — **O PRINCIPE ENCANTADOR**
(Desenho de CHARLES HEROUARD)

FOGO DE PALHA

Comedia em um acto
::: de J. JACQUIN :::

Marivaux, se tivesse vivido no seculo XX e conhecido os termos barbaros usados pela mocidade sportiva de hoje, teria escripto uma comedia assim, jovial, leve, com desenlace assim sentimental. Quanto aos personagens: uma viuvinha brilhante, uma ingenua meiga e espirituosa, um velho tio á moda antiga e um namorado encantador — são dignos de tentar os artistas amadores.

A scena representa uma sala simples mas confortavel, em casa de campo.

SCENA I

O CONDE *e* JENNY, *com vestuario de motocyclista*

O CONDE — Mas rapariga... Você chama a isso um passeio. No meu tempo chamava-se uma viagem. D'aqui até lá, ida e volta, são pelo menos sessenta kilometros.

JENNY — Grande cousa... Questão de duas horas e de dous litros de gazolina.

O CONDE — Porque não prefere um passeio a cavallo?

JENNY — Oh! meu tio... Positivamente o senhor não se convence de que estamos no seculo vinte. E' preciso ser moderno.

O CONDE — Pois então... a rigor eu admittiria um passeio em automovel.

JENNY — Em auto...

O CONDE — Que?

JENNY — Em auto Ninguem mais diz automovel.

O CONDE — Mas essa bicyclette a vapor...

JENNY — Que vapor, meu tio! A petroleo. Mas o senhor não comprehende. Em auto, passeiando só com o Sr. Mauricio, eu teria ares de uma recemcasada em lua de mel... ou de uma sentimental, que se faz raptar.

O CONDE — E que mal faria essa apparencia? Afinal, o Sr. Mauricio parece que com effeito é o teu namorado.

JENNY — Oh, meu tio! Não se diz mais namorado. Diz-se flirt. Para um flirt, provavelmente sem consequencias, o vehiculo ideal é a motocyclette, que permitte fazer quarenta kilometros por hora, e só fallar nas paradas.

O CONDE — E' assim tão desprovido de espirito, o pobre Mauricio, que seja preciso correr d'esse modo para evitar uma palestra com elle?

JENNY

JENNY — Ora... o senhor conhece-o ha mais tempo do que eu.

O CONDE — Sim, mas eu cá... desde que um homem seja companheiro para caçadas ao domingo e para o whist á noite, não indago mais.

JENNY — Pois eu acho que para uma estação de estio, no campo, o Sr. Mauricio é bem acceitavel. Tem a timidez de um homem educado, sem habitos de sociedade, mas compensa essa falha com uma amabilidade incansavel e uma submissão absoluta.

O CONDE — Eu creio que elle é mais do que você está dizendo. E' um homem de bem, em toda a extensão da palavra, com um coração de ouro.

JENNY — Não lhe neguei essas qualidades. Julguei-o como flirt de verão.

O CONDE — Então para o inverno has de querer outro?

JENNY — Naturalmente, meu tio. Essa é uma das vantagens de ser viuva aos vinte e dois annos.

O CONDE — Oh! menina... que horror! Não falle d'esse modo. Parece que está se regozijando de ter enviuvado.

MAURICIO

JENNY — Não é isso. Mas tambem o senhor não quer que eu passe o resto de minha vida a chorar um marido de mais de cincoenta annos, com quem me fizera n casar como o senhor sabe, de surpreza, mal eu tinha sahido do collegio, sem conhecer a vida... E que, de resto, deixou-me viuva ao fim de poucos mezes.

O CONDE, *com indulgencia* — Lá isso é verdade.

JENNY — Passaram-se dous annos e eu me vejo numa situação cujas vantagens são quasi inimaginaveis. Ter a edade de uma moça e a liberdade de uma senhora ; poder sahir sem ser acompanhada nem por mamãi nem por uma governante ingleza ; poder conversar com o Sr. X., sem corar, com o Sr. Y., sem baixar os olhos.

O CONDE — Maluquinha ! Emfim... *(olhando pela janella)* Ahi vem o teu flirt de verão. Vou te deixar em liberdade. Minha presença não é absolutamente necessaria nesses momentos.

JENNY — O senhor é um tio adoravel.

SCENA II

Os mesmos e MAURICIO

MAURICIO *beija a mão de Jenny e aperta a do Conde.*

O CONDE — Bom dia, meu jovem amigo.

MAURICIO — Estou atrazado ?

JENNY — Não. Ainda teremos tempo para dar uma grande volta antes do almoço.

MAURICIO — A volta do mundo, se o quizer.

JENNY — Já examinou minha machina ?

MAURICIO — Com o maior cuidado. A voltagem do carburador pareceu-me insufficiente.

JENNY — Então devia ter substituido o accumulador.

MAURICIO — Foi o que fiz. Passei tambem uma limpeza nas valvulas e substitui a vela, que tinha uma fissura.

JENNY — All right ! Então, a caminho. Até já, meu tio.

O CONDE — Até já. Na volta venha almoçar comnosco, meu caro Mauricio.

MAURICIO — Com muito prazer.

Sahem.

SCENA III

O CONDE, *só* — A voltagem, o accumulador, a vela com uma fissura... E parecem entender esse palavriado rebarbativo. Jogando commigo, Mauricio nunca emprega esses termos *(Senta-se e abre um jornal).*

SCENA IV

O CONDE *e* GABRIELLA

GABRIELLA *entra com uma pequena maleta*— Bom dia, meu tio.

O CONDE — Oh ! Você por aqui, sósinha... *(Vai a seu encontro e beija-a com muito carinho).* De onde vem?

GABRIELLA — Da estação.

GABRIELLA

O CONDE — E teu irmão? E Rosita?

GABRIELLA — Estão bem, obrigada.

O CONDE — Mas não vieram comtigo?

GABRIELLA — Elles? Nem sabem que eu estou aqui.

O CONDE, *tomando um ar severo* — Como! Pois então elles não sabem onde você anda?

GABRIELLA, *vivamente* — Não, não... eu enganei-me, meu tio: elles sabem. Agora elles já devem saber, porque eu da estação telegraphei-lhes.

O CONDE — Mas que complicação é essa? Largue essa maleta, tire o capote, sente-se ahi e conte-me essa historia direito.

GABRIELLA, *sentando-se* — Nada ha mais simples. Eu estava me aborrecendo muito em casa de Julio: então... disparei. Ora ahi está.

O CONDE — Ora ahi está! Então uma moça na sua edade dispara e acha isso muito simples?

GABRIELLA — Ah, meu tiosinho querido! Eu não podia continuar alli. Viver ao lado de um par recemcasado... O senhor não imagina como é irritante! Julio e Rosita são muito gentis, mas quem é obrigado a ser espectador constante de seu idyllio...

O CONDE, *procurando mudar de conversa* — Bem, bem... já comprehendi.

GABRIELLA, *imitando os apaixonados* Tu me amas como sempre, Julio? Mais do que nunca, meu adorado... E zaz! Um beijo... E' insupportavel.

O CONDE, *mal podendo conter o riso* — Menina!...

GABRIELLA — Pedi-lhes que acabassem com aquillo. Riram. Eu então observei-lhes que era muito feio beijarem-se assim diante de uma pessôa...

O CONDE — Uma pessôa que?

GABRIELLA — Que não tem a quem beijar *(O conde desata a rir)* Ahi está! Foi esse exactamente o effeito que minha observação produziu sobre elles.

MAURICIO — A's vezes ficavamos longos minutos em silencio...

O CONDE — Minha querida Gabriella, ha um remedio muito simples para essa situação. Vamos tratar de casal-a tambem.

GABRIELLA — Eu já tinha pensado nisso. Tenho até alguem em vista...

O CONDE — Ora até que afinal você começa a fallar claro!

GABRIELLA — Oh! meu tio... eu para o senhor não tenho segredos... o senhor é tão bom... Demais, é meu tutor...

O CONDE, *embevecido* — Ah! seductora!... Como você sabe *engambelar* quando quer... Vamos lá... Diga quem é o felizardo.

GABRIELLA, *com ar confidencial* — E' um amigo de Julio, um rapaz muito distincto. Foi visitar-nos quando Jenny estava passando uns dias comnosco.

O CONDE — Ah! a proposito... Jenny está aqui.

GABRIELLA — Ah! *(Aparte)* Eu bem desconfiava... *(Em voz natural)*. Estavam lá tambem a prima Mathilde, a prima Lucia, a prima Luiza. E nosso namoro ia muito bem. Um bello dia, porém, elle desappareceu... Felizmente, pouco depois, recebi sua carta e corri muito satisfeita para dar a bôa noticia a Rosita. Rosita! o tio de nós todas convidanos para passar uns dias com elle.

O CONDE, *muito satisfeito* — Exactamente; o tio de vocês todas sou eu!

GABRIELLA — Se visse a careta que Rosita fez! Parecia dizer lá comsigo: em casa do tio eu vou perder pelo menos nove duzias de beijos por dia. Eu, quando notei aquelle ar de pouco enthusiasmo, vi logo que ella não se resolveria a vir. Então, preparei aquella maleta e...

O CONDE — E disparou, como disse ha pouco. Você é encantadora, minha querida Gabriella. Nem imagina como é divertido ver uma creatura assim, ingenua e bonita, dizer uma porção de disparates... Mas está arriscada a se aborrecer tambem aqui, porque o pessoal que eu convidei só chegará para a semana,

e por emquanto só está aqui sua prima Jenny, que emprega todo o tempo em submetter a seus caprichos nosso amavel visinho Mauricio.

GABRIELLA — Ah !... *(Aparte)* Eu era capaz de jurar... *(Em voz natural)* Eu com o senhor nunca me aborreço. *(Ouve-se uma trompa de motocyclette).*

O CONDE — Oh ! parece que os audaciosos excursionistas já estão de volta.

GABRIELLA *(Aparte)* — Vou vel-os. Quero ver a impressão, que têm, encontrando-me aqui.

SCENA V

Os mesmos e JENNY

JENNY, *entrando* — Já estou de volta. *(Com surpreza)* Oh ! Gabriella ! *(Abraça-a e beija-a)* Que bôa surpreza...

GABRIELLA — Bom dia, Jenny; não contava encontrar-me aqui ?...

O CONDE — E Mauricio... onde o deixaste ?

JENNY — O Sr. Mauricio? Rebentou, coitado.

O CONDE *num sobresalto* — Que ! Rebentou?...

JENNY — Um pneumatico.

O CONDE — Irra ! Que susto me pregaste com essa espantosa maneira de fallar. E onde foi elle ?

JENNY — Mudar de roupa para o almoço.

O CONDE — Ah ! bem. Tambem eu vou fazer o mesmo. Vocês não estão positivamente precisando de minha presença.

JENNY — Pode ir, meu tio. Não faça ceremonia comnosco. Bem sabe que duas mulheres juntas nunca se aborrecem.

O CONDE — Até já.

GABRIELLA — Até já.

SCENA VI

JENNY *e* GABRIELLA

JENNY — Foi uma bôa ideia que tiveste a de vir para aqui.

GABRIELLA — Ha que tempo não tinhamos uma occasião de estar juntas, a sós !

JENNY — Ah ! sim... Em casa de Julio, com toda aquella gente não havia meio de conversar um instante, tranquillamente.

GABRIELLA — Sem contar que você, com todos os seus flirts, nunca estava só.

JENNY — Bravo ! Já fazes observações... Estás progredindo, pequena... Ora já viram ? Uma *gury* d'estas já se mette a notar que eu tenho flirts ! E por que não fazes o mesmo ?

GABRIELLA — Oh ! eu... Quer que falle com franqueza ? Estou convencida de que para isso é preciso um geito especial.. que não tenho.

JENNY — Oh ! Gabriella... não se faça de mais innocente do que é. Então eu posso lá acreditar que você ainda não teve e não tem uns flirtsinhos ? Comesses olhos ! Ora, põe um dedo aqui a ver se eu mordo.

GABRIELLA — Eu não me estou fazendo de innocente. Confesso que já tenho tido namorados... Mas não sei conserval-os.

JENNY, *desatando a rir* — E' natural. Você ainda não tem pratica... Mas é assim mesmo que se aprende. A'força de ser lograda, has de ir aprendendo a lidar com esse animal arisco, perigoso e trahiçoeiro que se chama homem, e então poderá divertir-se com elle a sua vontade ; brincar como um gato brinca com um camondongo.

GABRIELLA — Reconheço que não sei fazer disso. Apaixono-me logo e elles, mal começam a me namorar, desapparecem.

MAURICIO — Naquella noite nossas mãos se uniram e eu li meu destino em seus olhos.

JENY, *rindo* — Pudera ! Desde que um bonequinho d'esses percebe que é amado, aborrece-se... Fica sabendo, creança. O homem precisa de ser contrariado, irritado e maltratado.

Ainda, que gostes de algum, deves mostrar-te fria. Depois, quando elle já tiver ferrado o anzol, deves tomar um aspecto incoherente e fantastico, para intrigal-o e obrigal-o a ficar pensando em ti a todo o instante.

GABRIELLA, *assombrada* — Incoherente?... Mas como ?

JENNY — Ora ! Desatar a rir sem mais nem menos, quando elle estiver disposto a idyllio ; fingir que vais perder os sentidos ou ter um ataque por causa de um rato, que passa ao longe... E ciumes... Ah ! não esquecer os ciumes... são indispensaveis.

GABRIELLA — Eu devo ter ciumes ?

JENNY — Não ; ao contrario. Se te mostrares ciumenta, estarás perdida sem remissão. Deves fingir que não fazes caso d'elle e enciumal-o. Ainda que não haja razão para isso, fallar de modo que elle venha a pensar que ha. Experimenta.

GABRIELLA — Estou tentada. Mas aqui ha de ser difficil. Você, de certo, já tomou conta de todos os flirts disponiveis.

JENNY — Não. Aqui, agora, só tenho um : o Sr. Mauricio ; e faço empenho em conserval-o. Faze-me o favor de não experimentar as forças com elle.

GABRIELLA, *levemente zombeteira* — Oh ! será possivel que tenha medo de minha concorrencia ? Dir-se-hia que você tem mais confiança em suas theorias do que em seus recursos praticos.

JENNY, *rindo* — Pois seja. Experimenta com qualquer um. Com esse tambem. Quero ver que tal sahe a minha discipula. Podes iniciar o combate hoje mesmo, porque o Sr. Mauricio vem almoçar comnosco.

GABRIELLA, *num movimento de susto* — Oh ! mas eu não estou apresentavel. Se elle me vê despenteada d'esse modo, nem vale a pena iniciar a partida.

(*Sahe.*)

O CONDE

SCENA VII

JENNY, *só*

JENNY, *sorrindo* — E eu que acreditava na ingenuidade das meninas de dezoito annos, criadas na fazenda ! Pensava que ellas se contentavam com a contemplação do luar e as sortes de S. João. Qual ! Não ha mais creanças. (*Vendo Mauricio, que entra*) Ah ! ahi vem o pastor Páris.

SCENA VIII

JENNY *e* MAURICIO

MAURICIO — Por que razão me compara ao pastor que...—

JENNY — Porque o senhor tambem, mais dia menos dia, terá que escolher a que lhe parecer mais digna...

MAURICIO — Oh ! minha escolha não seria difficil.

JENNY — Quem sabe? Talvez até já esteja feita...

MAURICIO, *intimidado* — Não... quero dizer... eu... Talvez, emfim... Se a senhora fosse menos...

JENNY, *provocante* — Menos que ?

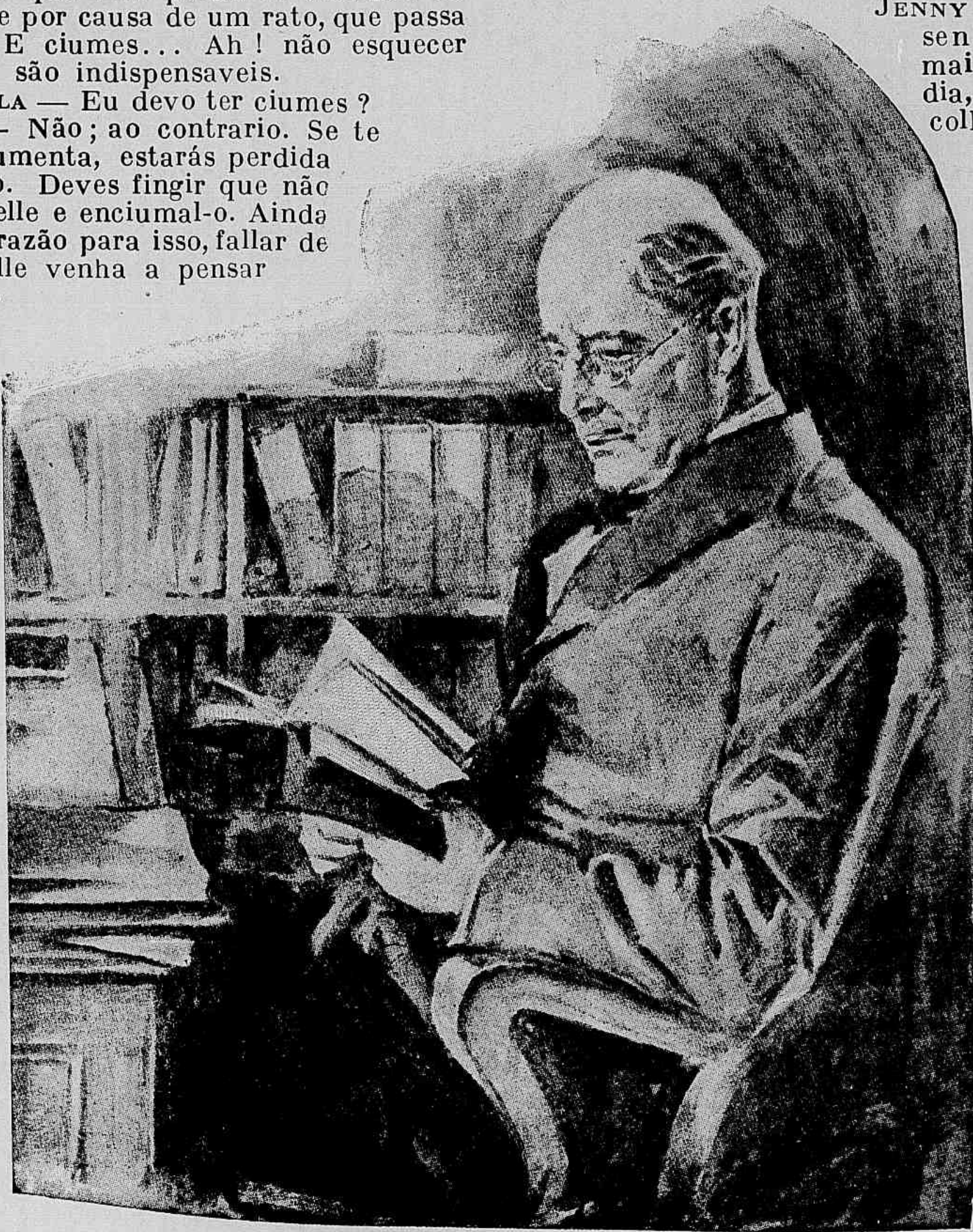
MAURICIO, *ainda mais timido* — Qual... eu nem sei dizer essas cousas... Principalmente diante da senhora.

JENNY, *zombeteira* — Pois então fallemos de outro assumpto. Está um lindo dia hoje, não acha ?

MAURICIO, *mais á vontade* — Lindissimo. Ainda ha pouco, durante nosso passeio, eu notei que toda a terra parecia vibrar de alegria, com a vegetação tão brilhante... por assim dizer, tão ardente...

JENNY, *continuando* — Os passarinhos sussurravam entre a folhagem... (*Desata a rir*).

MAURICIO — Tem razão. Eu sou ridiculo.

JENNY — Não. E' apenas divertido, e eu chego a invejal-o. (*Sahe rindo*)

SCENA IX

MAURICIO, *só* — E' pena. Eu agora estava decidido. *(Pensativo)*. D'ahi, quem sabe? Essa creatura é muito attrahente, mas um pouco assustadora. Eu creio que fiz mal em tel-a seguido para aqui, interrompendo aquelle idyllio tão suave, que se ia esboçando em casa de Julio. Jenny é muito brilhante, mas desde que ella não está presente eu me lembro da outra, que parecia mais destinada a ser meu par. E' como eu timida, sensivel...

SCENA X

MAURICIO *e* GABRIELLA

GABRIELLA, *entrando sem ver Mauricio* — Preparei minha attitude... diante do espelho. Vou apresentar-me a elle glacial, distante, ironica... *(Vê Mauricio e volta-se para elle num impeto irreflectido)* Mauricio!

MAURICIO, *mesmo movimento* — Gabriella!

GABRIELLA, *cahindo em si e recuando* — Sr. Mauricio.

MAURICIO, *attonito* — Senhorita Gabriella.

GABRIELLA *(aparte)* — O amor de minha terrivel rival não o transformou absolutamente. Mas o caso é que eu já falhei minha entrada.

MAURICIO — Como vão Julio e sua senhora?

GABRELLA, *friamente* — Bem, muito obrigada.

MAURICIO—Não contava ter o prazer de encontral-a hoje aqui.

GABRIELLA— Foi uma surpreza que fiz a meu tio. *(Um silencio)*

MAURICIO— Está difficil de animar a conversa.

GABRIELLA— O mais difficil agora é arranjar um pretexto para desmaiar ou para enciumal-o. Tambem não sei se deva desatar a rir. *(Suspira)*.

MAURICIO, *sorrindo* — Que tem, senhorita Gabriella? Parece-me que suspirou. Dir-se-hia que já está com saudades de Julio.

GABRIELLA, *muito perturbada* — Não, não. *(Aparte)*. Ora que idéa essa minha de suspirar agora!...

MAURICIO, *aparte, contemplando-a* — Mas é mesmo muito bonita! Que olhos! que cabellos...

GABRIELLA, *aparte* — Mas é preciso que eu faça alguma cousa. Vou tentar os ciumes... *(Alto)*. Pois é isso. Estes ultimos dias estiveram muito animados lá em casa. Estiveram lá, entre outras pessôas, meu primo André, o que é alumno da Escola militar...

GABRIELLA — Então eu... eu disparei.

MAURICIO — O André? Conheço-o muito.

GABRIELLA — Um rapaz encantador.

MAURICIO — Redondo como Sancho Pança, com um nariz enorme...

GABRIELLA, *desanimada* — Sim... é verdade. Elle tem um nariz!... Mas estivemos tam bem no baile dado por D. Honorina... *(Aparte)*. Qual! Eu cada vez me enterro mais. Se Jenny me visse, morreria de riso. *(Alto)* Rosita vestiu-me com muito gosto para esse baile. Imagine que eu fui com um vestido de mousseline de seda... e rendas.

MAURICIO, *distrahido, observando-lhe os gestos*—Devéras?

GABRIELLA, *um pouco intimidada por seu olhar*— Sim... e decotado... Oh! ligeiramente decotado... por aqui.

MAURICIO, *enlevado na contemplação* — Ella é adoravel.

GABRIELLA — O senhor está observando meu cabello. Não sei o que elle tem. Por mais que o penteie e o prenda, elle solta estas pontas, que me dão ares de um cãosinho d'agua... *(Elle segura-lhe a mão e continúa a fital-a)* De resto, eu bem sei que sou muito feia.

MAURICIO, *distrahido, repetindo machinalmente* — Sim, muito feia... *(Como se despertasse bruscamente)* Isso é... quero dizer... Eu não sei o que estou dizendo... Tinha-me distrahido pensando noutra cousa... *(Gabriella occulta o rosto entre as mãos e senta-se)* Gabriella minha querida Gabriella... Porque chora?

GABRIELLA, *repellindo-o* — Nada... Deixe-me.

MAURICIO, *ajoelhando-se junto d'ella* — Não tem mais confiança em mim?

GABRIELLA, *sacudindo a cabeça* — Não.

MAURICIO — Sim... E' preciso que a tenha. Esqueça esses dous mezes, que se passaram, desde que fiz a tolice de deixar a casa de Julio. Foi alli, a seu lado, que conheci os dias mais felizes de minha vida, sem rir do perfume do jardim nem dos passaros, que sussurravam entre a folhagem. Ficavamos ás vezes calados, quietos sob o olhar attento das estrellas; e esses momentos eram deliciosos. Depois, naquella noite...

GABRIELLA — Não, não me falle d'aquella noite.

MAURICIO — Naquella noite nossas mãos se uniram... Não permitte que eu falle?

GABRIELLA, *sorrindo e enxugando os olhos* — Sim... Já que começou...

MAURICIO — Naquella noite, eu li meu destino em seus olhos... Não acredita ? Não tem confiança em mim ? Então, diga-me : por que ficou tão triste ha pouco ?

GABRIELLA — Foi porque... porque você estava rindo de meu cabello arripiado.

MAURICIO — Eu ? Rindo de seus cabellos !... Estava os admirando. Não, Gabriella ; sejamos francos. Não devemos ter segredos um para o outro, nunca mais. Você estava triste com razão e era eu o culpado. Mas affirmo-lhe que só o susto de ter quasi perdido a verdadeira felicidade para seguir uma fantazia de momento é um castigo bastante... e um aviso para que nunca mais a esqueça. Não me acredita ?... Não tem certeza de que eu hei de ser sempre seu escravo fiel ?

GABRIELLA — Sim, sim. *(Estende-lhe as mãos).*

SCENA XI

Os mesmos, JENNY *e* O CONDE

Jenny e o Conde entram e delêm-se estupefactos, diante d'aquella scena. Os namorados erguem-se confusos.

JENNY, *adiantando-se vivamente para Gabriella, a meia voz* — Então estiveste te divertindo a minha custa, heim, sonsinha ?

GABRIELLA — Oh ! Jenny... Para você Mauricio era apenas um flirt ; e para mim...

JENNY *hesita um pouco, depois desata a rir.* — Tens razão : eu não supportaria por muito tempo esses enlevos sentimentaes, que são mais de teu gosto. *(Alto)* Meu tio : tem a palavra pela ordem.

O CONDE—Eu... mas... meu caro Mauricio... Eu tenho muito prazer...

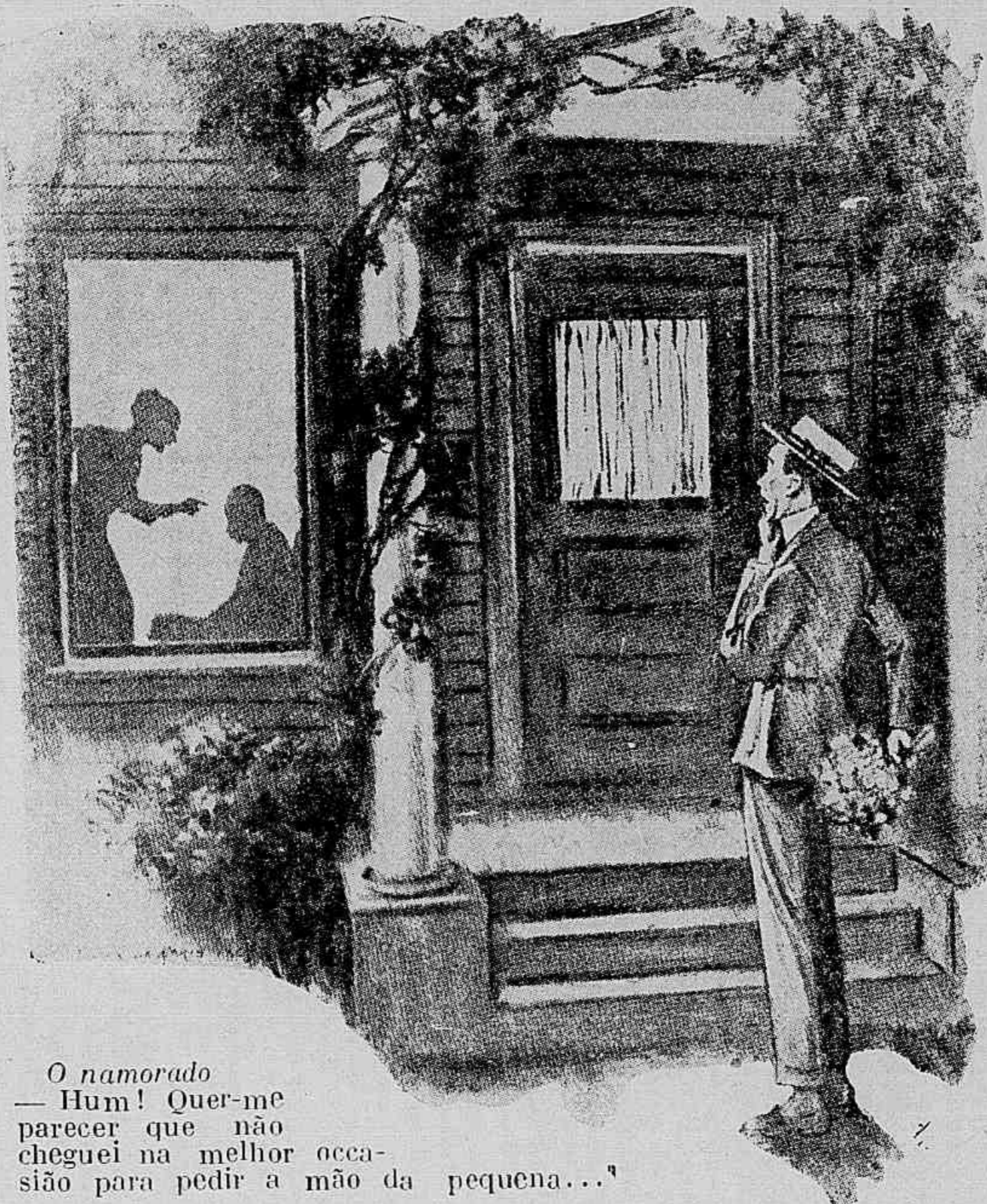
MAURICIO, *apertando-lhe a mão* — Muito obrigado, meu tio... Eu agora tambem posso chamal-o assim *(Abraçam-se).*

GABRIELLA, *a* *Jenny* — E, sinceramente, não me guarda rancor ?

JENNY — Sinceramente, não. Eu quando encontro a verdade não a renego. Para fallar com franqueza, eu tinha apenas provocado um fogo de palha naquelle coração. Tu, com teus processos timidos, é que despertaste o grande incendio.

CAHE O PANNO.

Os momentos inesqueciveis

O namorado
— Hum ! Quer-me parecer que não cheguei na melhor occasião para pedir a mão da pequena..."

Perolas japonezas

No Japão, na prefeitura de Miye, em um recanto, nas bordas do Oceano, reina a maior actividade.

Foi ahi que, depois de alguns annos, o Sr. Mikimoto, de Tokio, realisou suas experiencias de cultura de perolas; ou, melhor, o tempo das experiencias já passou Mikimoto conseguiu effectivamente a fabricação de perolas chatas e redondas. As redondas são mais difficeis de obter e é por isso que seu preço é mais elevado no mercado do mundo.

São necessarios á ostra quatro annos para produzir uma perola chata e sete para as redondas.

A escolha do logar é um ponto essencial para a creação de perolas nas ostras. E' preciso que seja um logar em que haja correnteza quente, a salvo de ataques de agua fria e que esteja ao abrigo do vento e das vagas.

Graças a uma observação paciente, Mikimoto revolucionou o mundo das joalherias. Seus trabalhos vêm do começo d'este seculo e só depois de dez annos de ensaios é que o exito veiu recompensar seus esforços. Foi durante a Grande Guerra que elle afinal teve a certeza de obter a perola redonda.

A esta hora, as preciosas joias que o Sr. Mikimoto cultiva são immensamente procuradas.

L'AÉRO-CLUB
DE FRANCE
PARIS
Certifie
que Mme de Laroche
Brevet n° 36
a été nommée
PILOTE-AVIATEUR
le 8 Mars 1910
LE PRÉSIDENT.

Os telegrammas communicaram-nos ha poucos dias a morte da baroneza de Laroche em um desastre de aviação. A esse proposito julgamos conveniente recordar que essa senhora foi a primeira mulher que obteve officialmente diploma de aviadora. Damos acima o fac-simile d'esse diploma, que tem a data de 8 de março de 1910.

PAGINAS ESQUECIDAS — A egreja de S. Domingos

Quem, atravessando hoje o largo de São Domingos, repara na velha egreja arruinada e feia, espelho de uma destas ermidas levantadas pela fé e abandonadas pela descrença, não saberá, talvez, quão vetusta é aquella casa de oração, erguida em épocas desconhecidas.

Como e quando se fundou aquelle templo, ignora-se. Sabe-se que é secular e pertenceu á irmandade organisada pelos devotos do padroeiro da celebre ordem inquisidora.

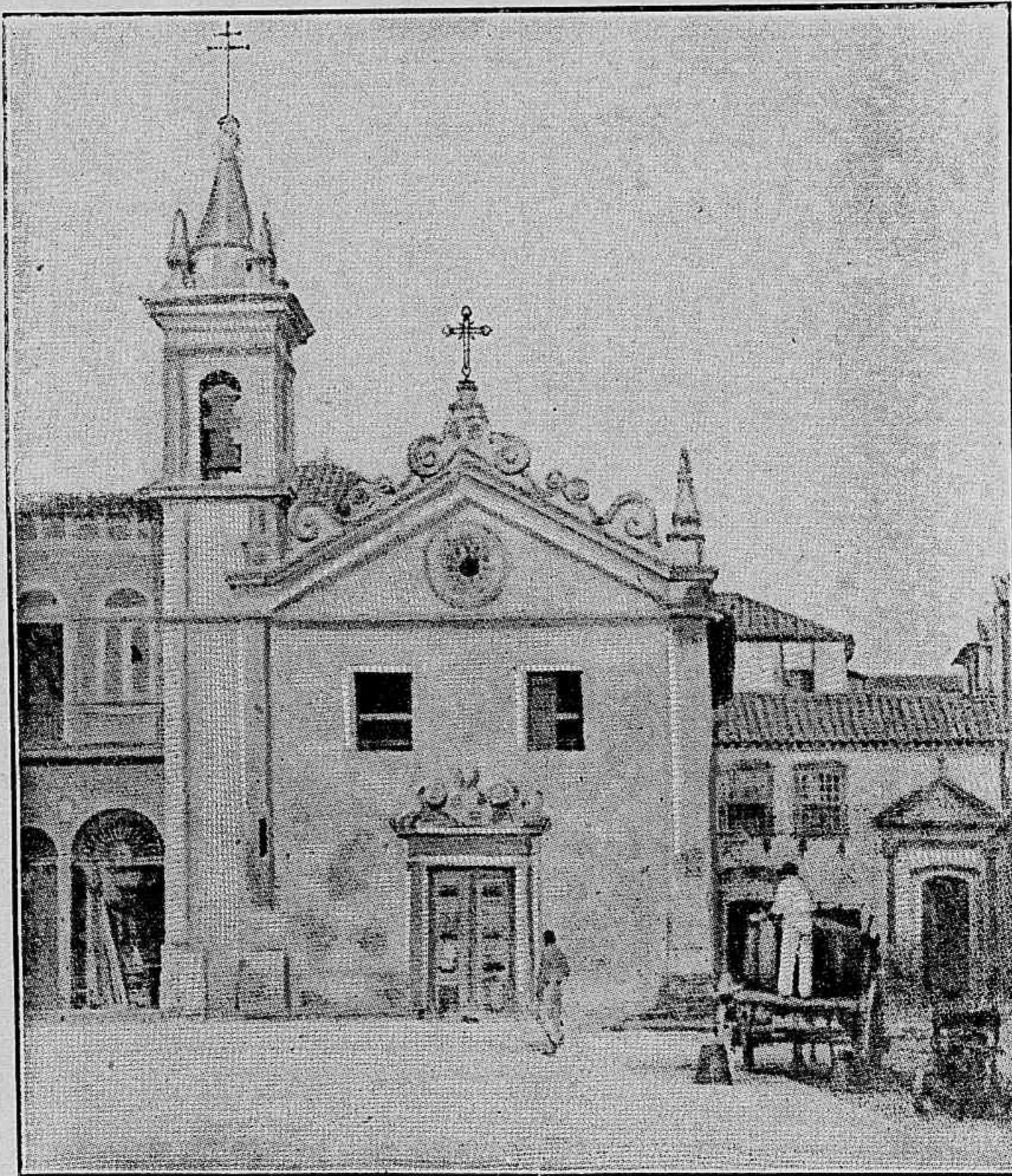
Construiu-se a egrejinha em era não sabida; a irmandade, porém, já se achava instituida e com séde na egreja de S. Januario (no morro do Castello) quando se iniciaram as obras da capella, cuja pedra fundamental, dizem as chronicas, se lançava « *em logar afastado da cidade, no silencioso retiro de uma área proxima á rua dos Escrivães*» (hoje General Camara).

A EGREJA DE S. DOMINGOS

Assim, pois, desconhecida quasi é a origem da egreja de S. Domingos; o documento mais esclarecedor do assumpto é o alvará de 1706, confirmado pela Carta Regia de 1791, que concedia terrenos para levantamento da egreja e isentava a Ordem do pagamento de fóros mas a obrigava ao onus do laudemio das braças, que vendesse.

Qualquer investigação a respeito dos primeiros fundamentos da egreja será, creio, em pura perda. O archivo da Ordem foi queimado por certa administração, em tempos, para occultar fraudes commettidas; e nesse destruir inclemente desappareceram, talvez, noticias de legados valiosos como o do padre Lomba e — o que é mais — perdeu-se, quem sabe, a explicação de se achar na sacristia da Ordem um antigo retrato de africano, cingindo os habitos da Ordem, representando, quiçá, a homenagem ao instituidor da egreja de S. Domingos.

A irmandade foi outrora florescente; conseguira regular patrimonio, compromissára-se como ordem terceira e até alojou em seu pequeno templo outras associações religiosas.

Notará, ainda hoje, o visitante d'aquelle pobre edificio, ao fundo da sacristia da capella,

CANEHNHO DE UMA GULOSA

SOPA DE TOMATES — Um litro de tomates, um terço de chicara de arroz cozido, trez litros de agua. Frita-se uma cebola grande picada fina, em trez colheres de azeite muito fino, acrescenta-se á sôpa, tempera-se a gosto, coze-se dez minutos.

Antes de servir accrescenta-se salsa picada muito fina.

SOPA DE ALFACE — Um litro de folhas novas de alface picadas fino. Cozem até ficar bem tenras, conservando sempre a agua acima das folhas. Accrescenta-se meia chicara de cebola picada e uma colher de salsa picada. Depois de cozida, engrossa-se a sopa mexendo duas colheres de farinha de trigo com duas colheres de azeite fino até formar uma massa, que se desmancha na sopa. Tempera-se antes de ir para a mesa.

OVOS RECHEIADOS — Cozidos os ovos, deitam-se em agua fria, descascam-se, cortam-se ao meio, tiram-selhe as gemmas e pisam-se em um gral com miolo de pão ensopado em leite, um bocado de manteiga fresca, queijo ralado, salsa, cebolinha picada, sal e pimenta.

Pisado tudo, liga-se depois com um pouco de presunto picado, enchendo com ellas as claras, que se unem como se estivessem inteiros os ovos. Servem-se com molho de tomates.

BEIGNETS DE FRUCTAS — Põem-se numa tigella trez colheres de farinha de trigo, duas gemmas, um ovo inteiro, uma pitada de sal, um pouco de assucar, uma colher de café de cognac, uma colher de café de manteiga.

Mistura-se tudo devagar, juntando um pouco de agua, o bastante para fazer uma massa muito molle da consistencia de molho. Descascam-se e cortam-se em fatias as fructas, maçãs, peras, laranjas e abacaxi. Põem-se de molho as fatias de fructas como um pouco de rhum e assucar.

Deixa-se fazer maceração durante algumas horas com o prato coberto. Depois passam-se as fatias de fructa pela massa, fritam-se em manteiga e passam-se em assucar.

CREME CROQUANTE -Duas gemmas de ovos, que se mexem numa caçarola com uma pitada de farinha de trigo e meio copo de leite, despejando muito devagar. Accrescenta-se limão-confeito picado muito fino e amendoas ou pistaches finamente socadas com uma colher de agua de flôr de laranja e muito assucar. Despeja-se o preparado num prato de metal; mexe-se tudo incessantemente até que o crême tenha tomado consistencia. Diminue-se então o calor do fogo e recomeça-se a mexer, dirigindo o créme para as bordas da vasilha, de modo que fique quasi no fundo. Faz-se rapidamente essa operação para não deixar queimar. Quando tudo estiver cozido, faz-se voltar ao meio do prato o crême, passa-se o ferro quente sobre esse crême, depois deixa-se seccar no forno, até que fique torrado.

SONHOS A' GENOVEZA Trez ovos (claras e gemmas), 3 colheres de farinha de trigo, uma meia colherinha de assucar. Mistura-se bem. Amassa-se sempre do mesmo lado; accrescentam-se trez quartos de um copo de agua e casca de limão. Despeja-se esse liquido num prato onde se derreteu um pouquinho de manteiga; coze no forno 10 a 12 minutos. Deixa-se esfriar. Fregem-se em azeite ou em manteiga pedacinos d'essa massa, que é muito bôa.

As pequenas invenções

Mola de metal que se applica ao interior dos chapeus de feltro para evitar que elles se quebrem ou deformem com o constante gesto, que cada qual é obrigado a fazer, dezenas de vezes por dia, descobrindo-se para cumprimentar as pessoas conhecidas.

As proporções gigantescas da ancora de um transatlantico moderno.

ANIMAL, VEGETAL OU MINERAL ?

Damos acima a photographia de curiosos corpos de apparencia petrea, que se encontram commummente nos littoraes da Sicilia e da Calabria, sómente nessas regiões, e sobre os quaes os sabios discutem infinitamente ha mais de um seculo, sem chegar á certeza de que se trate de um fossil animal, de um vegetal ou de um mineral. Alguns, como se vê na gravura acima, têm formas fantazistas, que parecem modeladas por mãos humanas.

velhissima imagem de Santa Anna, descurada em um altar, bastante carcomido. Era a padroeira dos creoulos libertos, que por largo espaço constituidos em irmandade a veneravam no interior d'aquella egreja, ao que parece, tambem de creoulos por algum tempo.

Desintelligencias, porém, trouxeram a scisão entre os hospedes e os donos da casa e, em 1735, nos terrenos do arcediago Antonio Pereira da Cunha, no Campo de S. Domingos (depois Campo de Santa Anna) edificou-se a egreja de Santa Anna, no sitio em que actualmente se vê a Estação Central da Estrada de Ferro. Os creoulos se retiraram, conservando, no emtanto, em S. Domingos a primitiva imagem.

De tão bons rendimentos gozou em certo tempo a Ordem que, fronteiros á egreja, em terrenos aforados a João Monteiro Cœli, construiu um vasto cemiterio, que abrangia a zona entre as ruas de S. Pedro e General Camara e a área em que está actualmente o Asylo da Egreja da Conceição, cuja capella foi assente nos terrenos do conego Antonio Lopes Xavier, um dos reitores do seminario de S. Joaquim.

A existencia d'essa necropole explica o encontro de ossadas humanas, apparecidas por occasião da construcção da Avenida Passos.

Sabe-se tambem que, depois da chegada da familia real portugueza ao Brazil, D. João VI doou á ordem de S. Domingos grande área proxima ao morro de S. Diogo, afim de ser transferido para aquelle sitio o cemiterio, prohibindo, em 1820, os enterramentos no primeiro construido. Os irmãos não acceitaram a offerta do principe regente e deixaram de dar sepultura aos seus congregados; destruidos foram, depois, jazigos e sepulchros, que encerravam os restos de devotos de S. Domingos, entre os quaes se conta o do africano mumificado, revolvido pela pá, que cavava os alicerces dos predios demolidos por motivo de ser prolongada a rua do Sacramento.

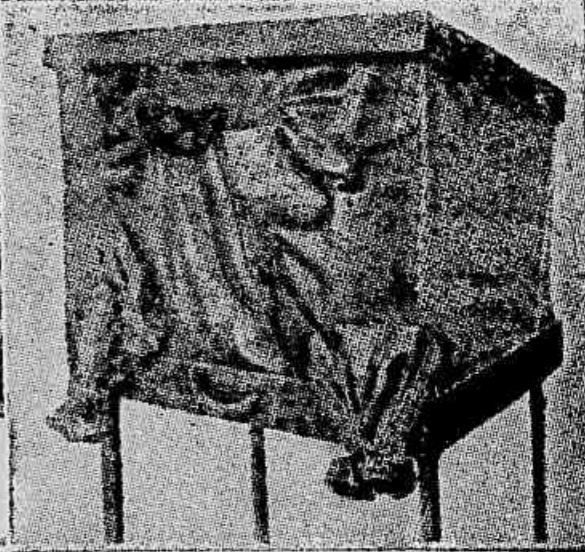
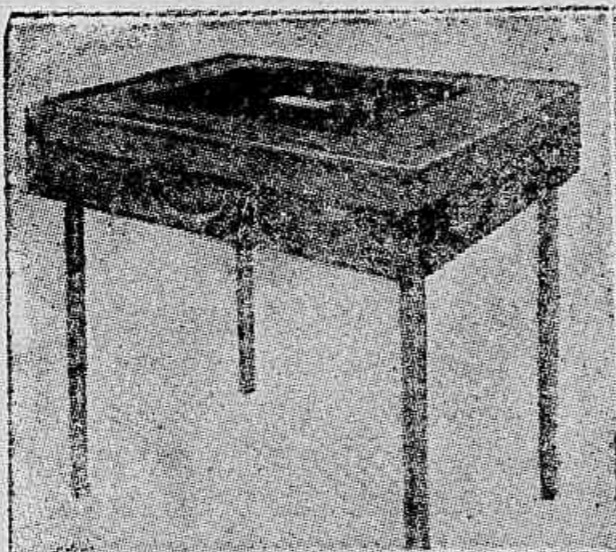
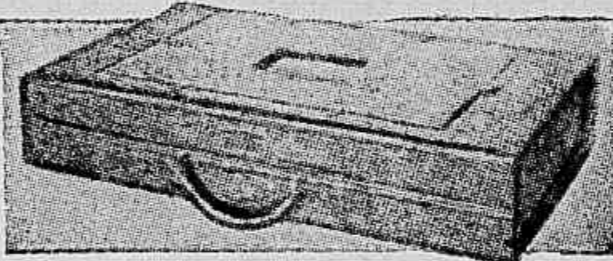
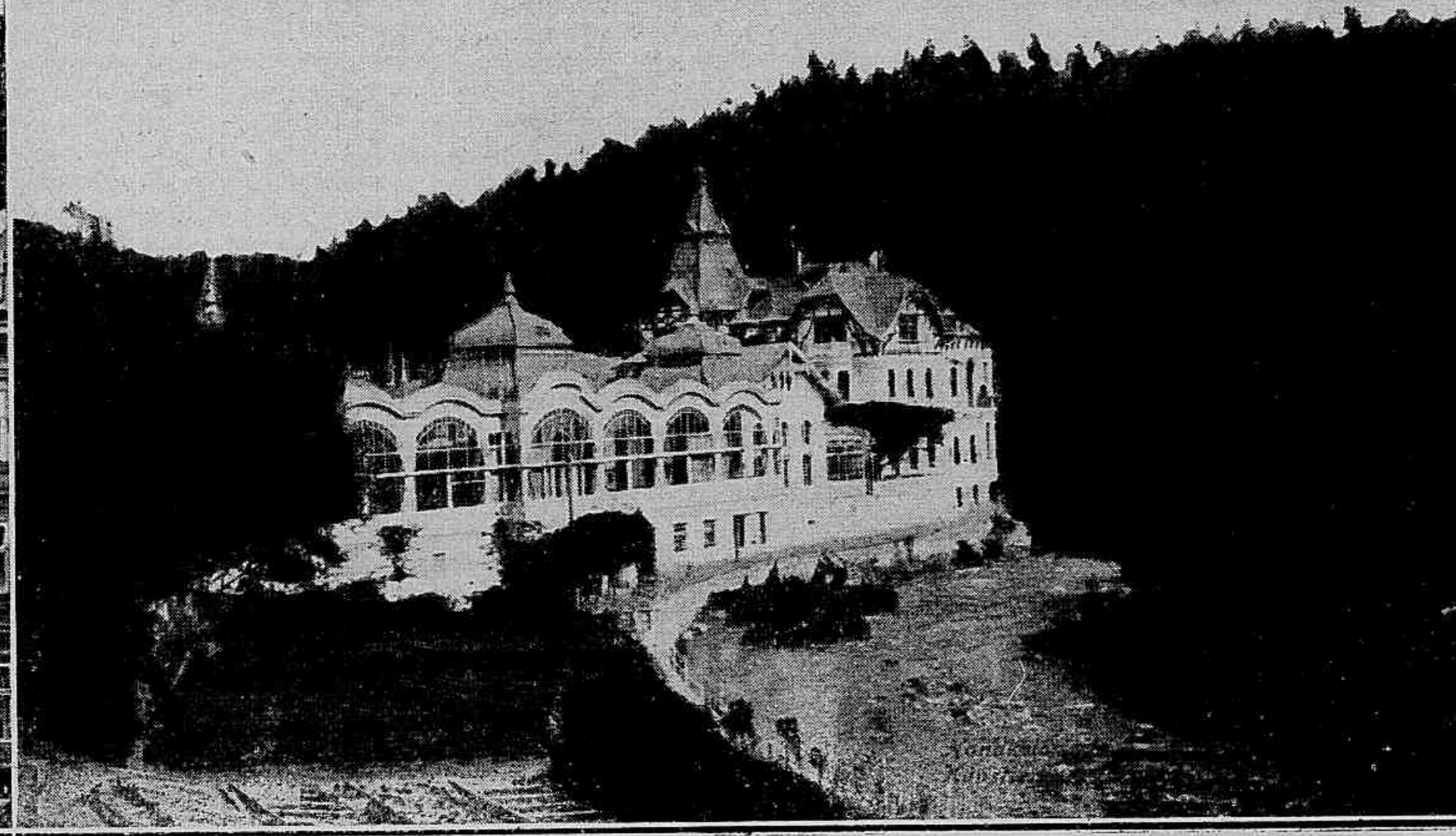
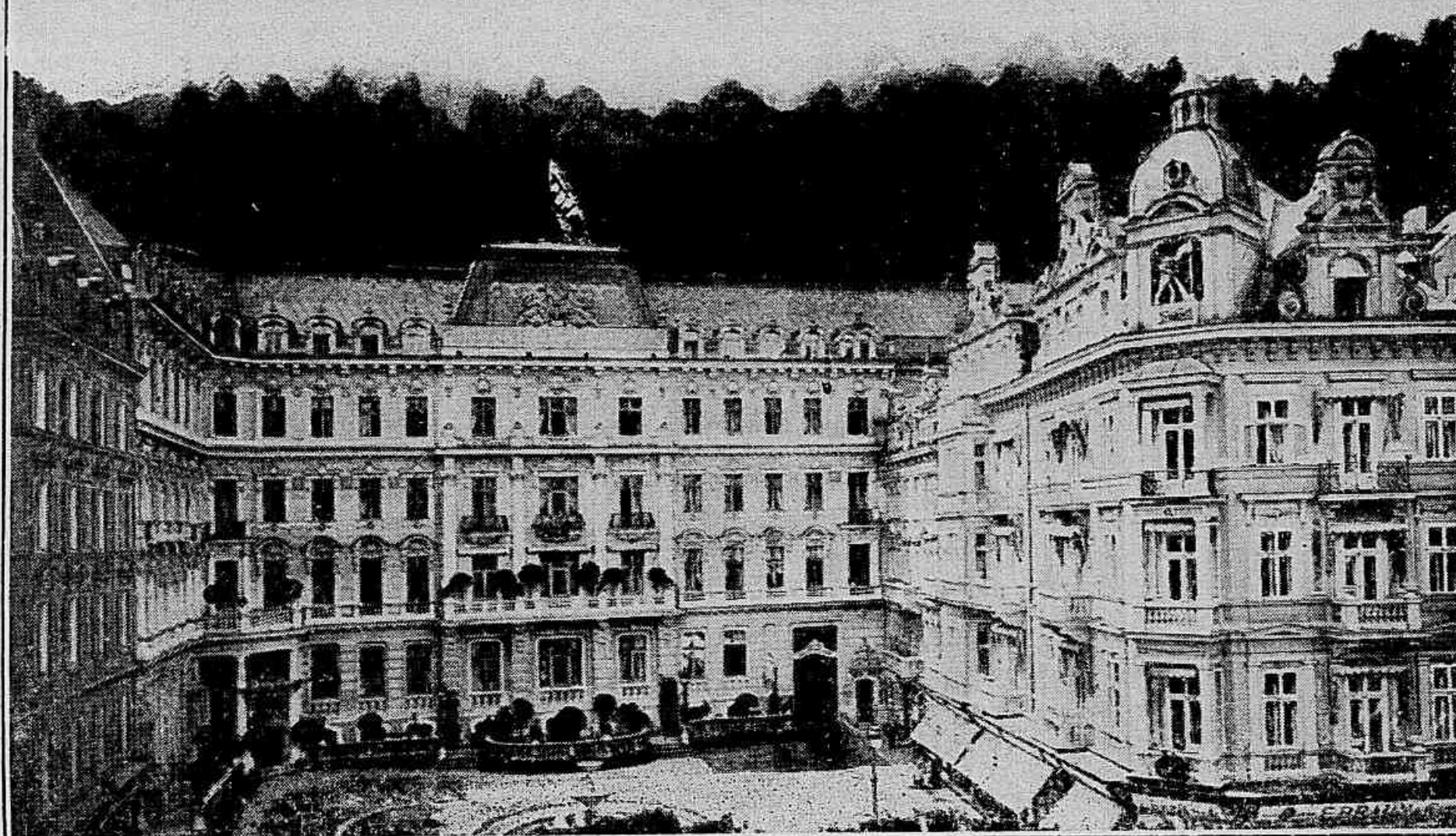
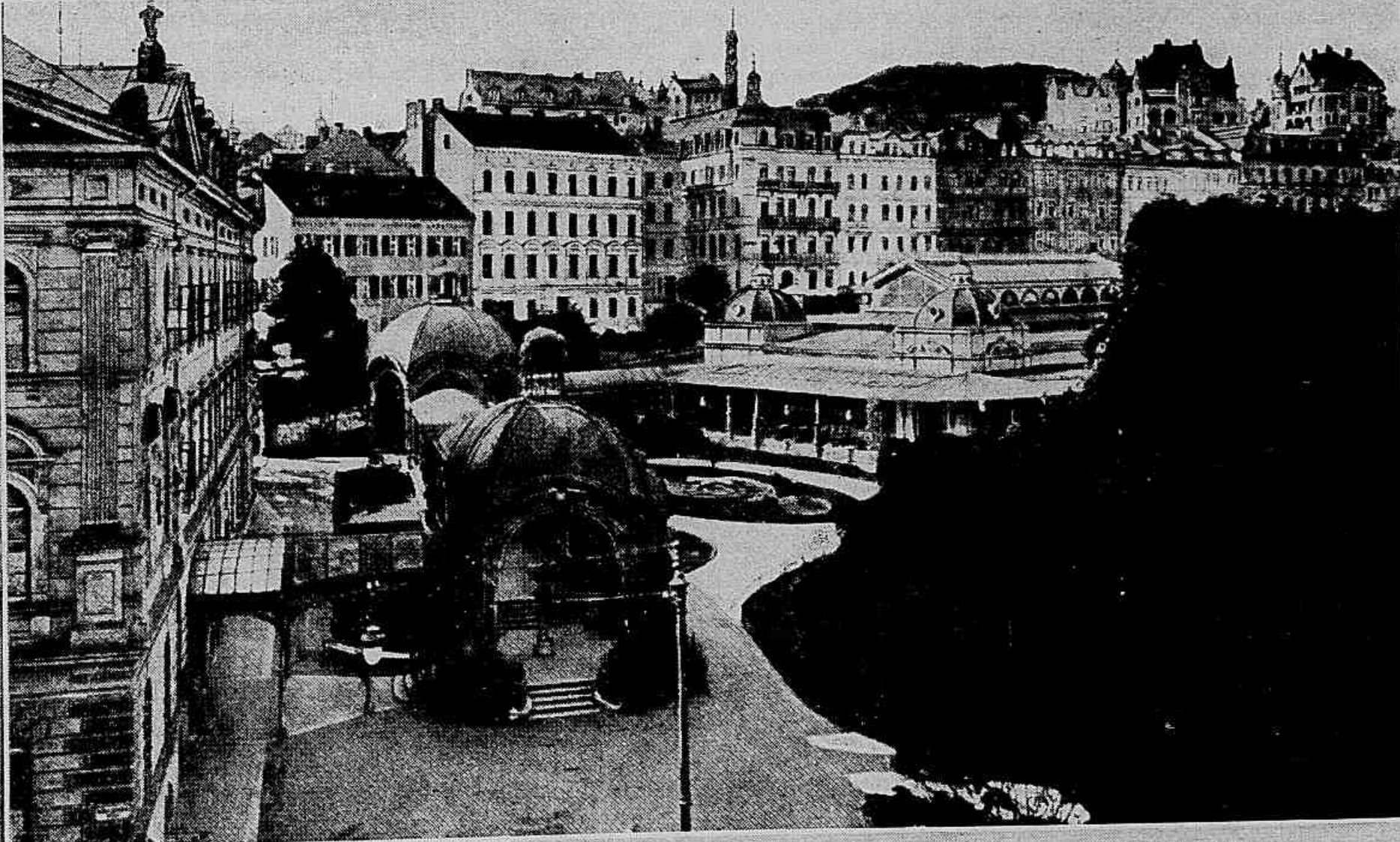
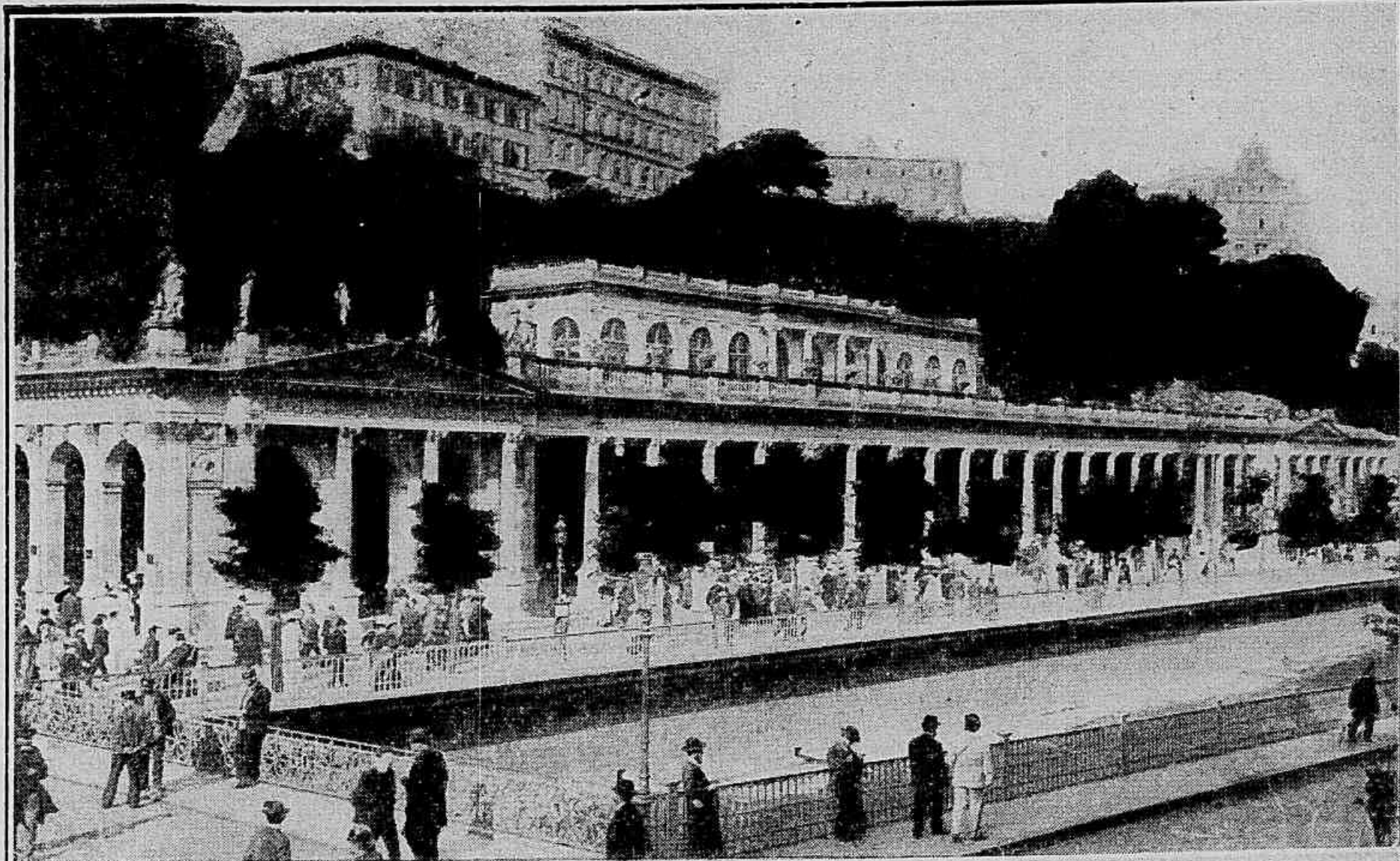
Desappareceu a necropole, como tambem se derrubou o pelouro, que avultava no centro do largo e onde muitos escravos foram açoutados, segundo reza a tradição.

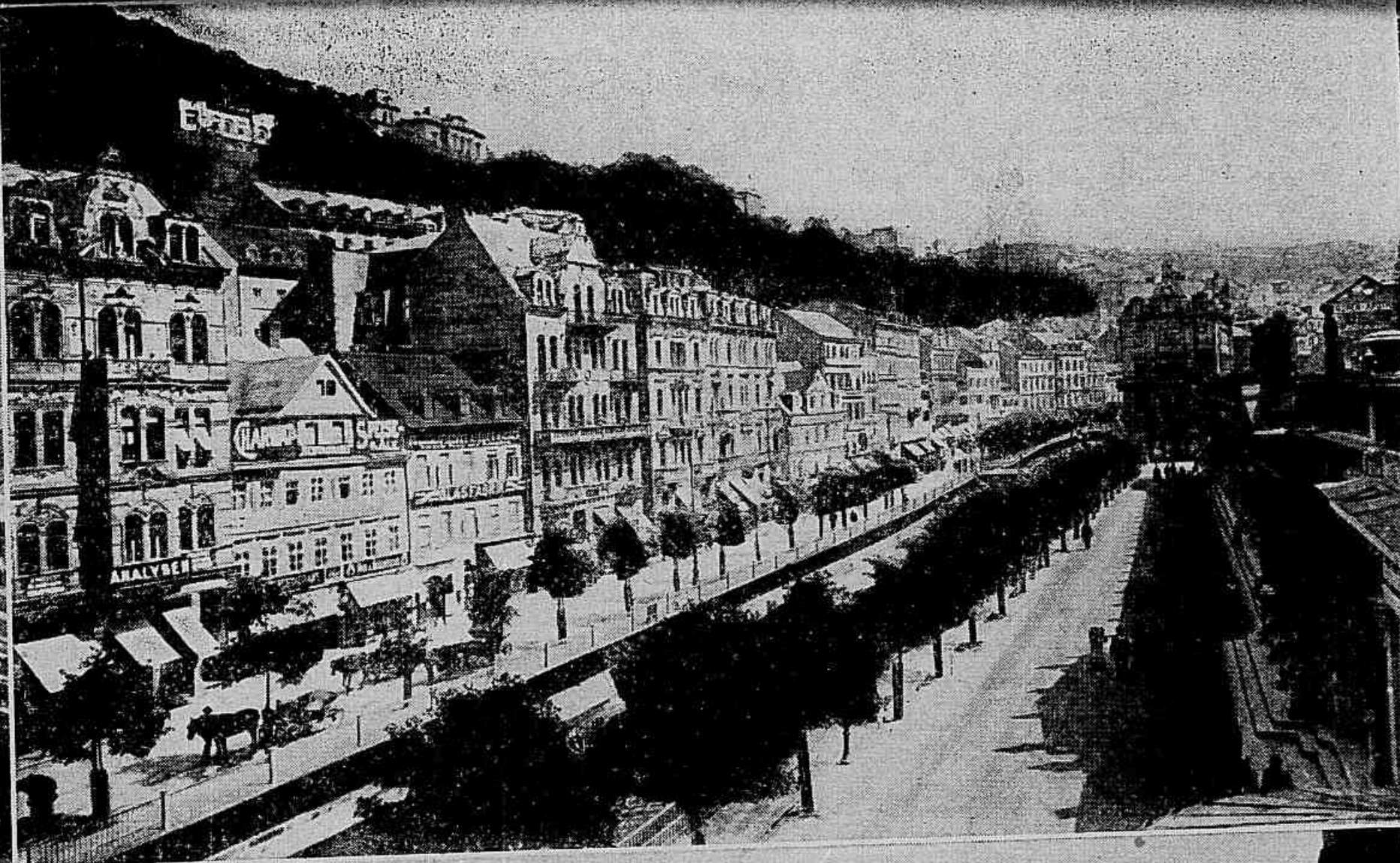
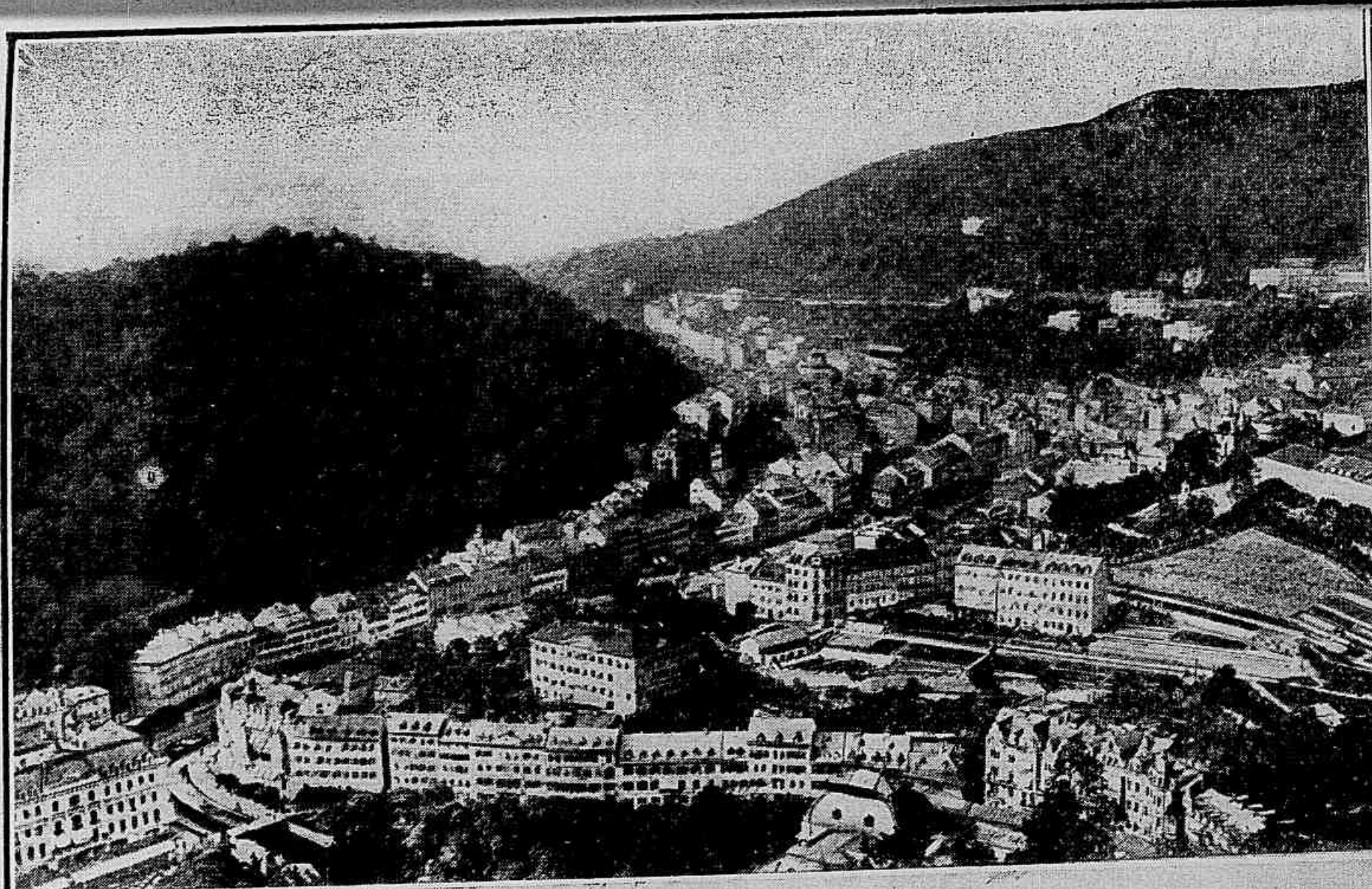
ESCAVADOR.

Proverbios philosophicos

Quando falares em teu inimigo não te esqueças de que elle pode um dia vir a ser teu amigo.

— *Não te incommodes com o que dizem de ti por que isso não depende de ti. Faça-se o que se fizer, haverá sempre quem nos critique.*

Camara photographica portatil

Como se vê pela gravura, é uma caixa, que se pode transportar commodamente, como as dos pintores de paizagens, munida de pés, que permittem utilizal-a como uma mesa. Abre-se para cima como um harmonium e contem tudo quanto é necessario para revelar uma chapa (inclusive uma lampada de luz vermelha); pode-se trabalhar com ella enfiando os braços nas mangas de que é munida na parte inferior e applicando ao rosto a mascara adaptada á parte superior do panno, que liga a lampa ao fundo da caixa.

As grandes cidades europeas — CARLSBAD

Ao alto — O passeio chamado do Poço do Moinho. Em baixo — Hotel Pupp (uma das alas do edificio).

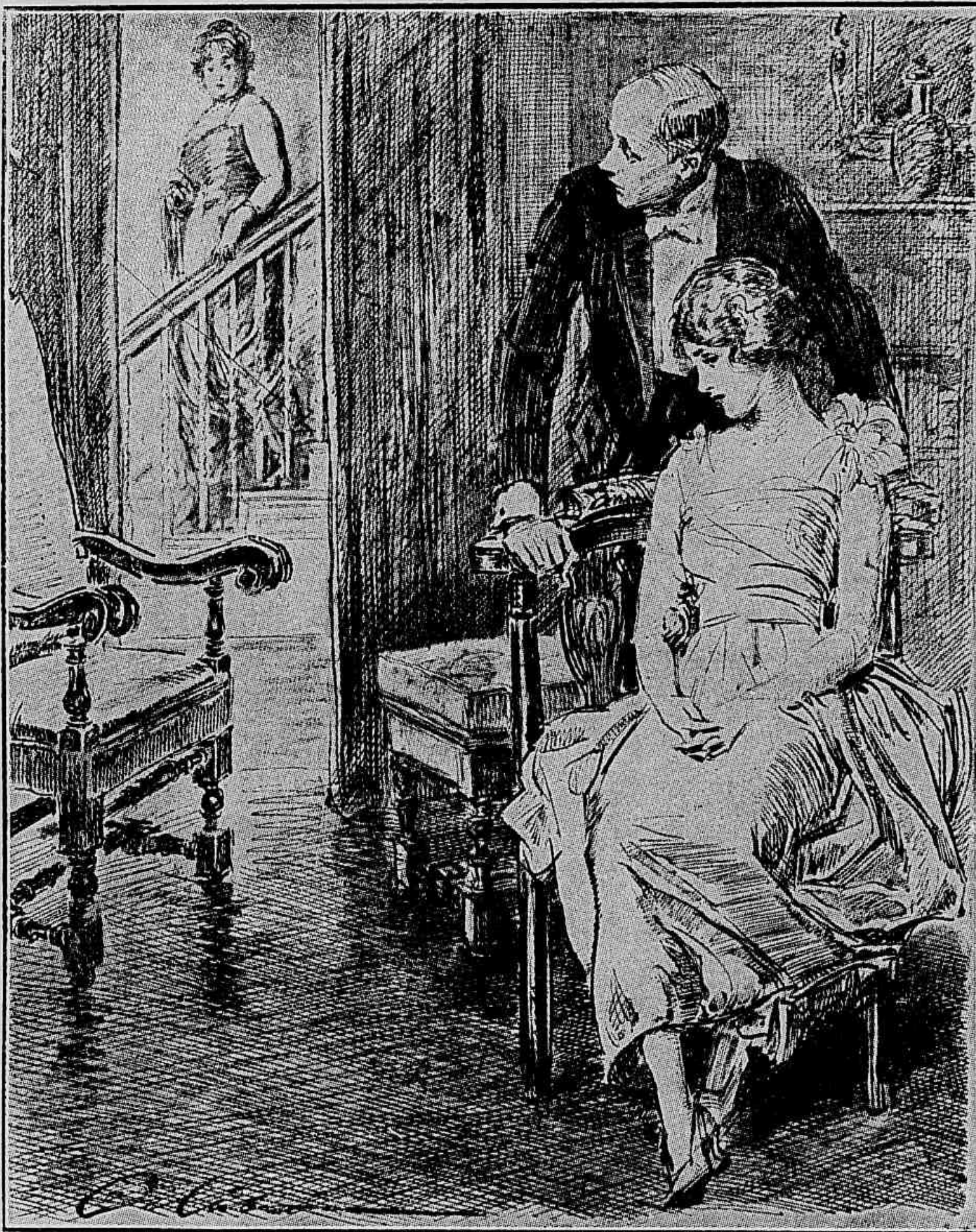
Ao alto — Praça do Sanatorio. Em baixo — Café Kaiser-Park.

Ao alto — Vista ger l do morro de Francisco José. Em baixo — Egreja Catholica.

Ao alto — Cáes do Poço do Moinho. Em baixo — Praça do Mercado.

AS DIFFERENTES MANEIRAS DE ADIVINHAR O FUTURO

Tentaremos apresental-as aqui aos nossos leitores,colligindo d'ellas o maior numero possivel e segundo sua ordem alphabetica. Não são todas as que o homem tem imaginado; mas são as mais notaveis e essenciaes. Não nos consta que jámais tenham sido assim enumeradas.

Aeromancia, pelo ar.
Aigomancia, por meio de uma cabra.
Alectryomancia, por meio de um gallo.
Aleuromancia, com farinha.
Alphitomancia, com farinha.
Anemoscopia, pela inspecção dos ventos.
Anthracomancia, com carvão.
Anthropomancia, pela inspecção das entranhas do homem.
Arithmomancia, pelos numeros.
Aruspicina, pela inspecção das entranhas das victimas.
Astragalomancia, por meio de ossinhos.
Astromancia, pela inspecção dos astros.
Bactromancia, com bastões.
Bibliomancia, por passagens da Biblia.
Bostrychomancia, pela inspecção dos cabellos.
Botanomancia, com plantas.
Brizomancia, pelos sonhos durante o somno depois das comidas.
Capnomancia, pela inspecção do fumo do incenso.
Catoptromancia, com espelhos.
Cartomancia, com cartas.
Chiromancia, pelo exame da palma da mão.
Cinethmoscopia, pela inspecção dos movimentos espontaneos do corpo.
Cléromancia, por meio de dados.
Cleroscopia, pela observação dos acontecimentos fortuitos.
Cranioscopia, pela inspecção do craneo.
Cyanomancia, com favas.
Dendromancia, pela inspecção das arvores.
Enoptromancia, com espelhos.
Geloscopia, pela inspecção do riso.
Geomancia, por pontos projectados na terra.
Goecia, pelos espiritos infernaes.
Gynecomancia, pelas mulheres.
Gyromancia, torneando ou descrevendo circulos.
Geromancia, adivinhação sobre os velhos.
Hemomancia, pela inspecção do sangue.
Hepatoscopia, pela inspecção do figado.
Horoscopia, pelo exame da natividade.
Hydratoscopia, pela agua ou pela inspecção da chuva.
Hydromancia, pela agua.
Keraunoscopia, pela observação do raio.
Lithomancia, com pedras.
Logarithmomancia, pelos numeros.
Meteoroscopia, pela observação dos meteoros.
Metoposcopia, pela inspecção da testa.
Myomancia, com ratos.
Necromancia, pela evocação dos mortos.
Nephelemancia, pela inspecção das nuvens.
Onomancia, com libações de vinho.
Oneirocrisia, interpretação dos sonhos.
Onomatomancia, pelo nome dos consultantes.
Ovomancia, com óvos.
Ophthalmoscopia, pela inspecção dos olhos.
Ornithoscopia, pelo vôo das aves.
Parthenomancia, adivinhação das virgens.
Pedomancia, por meio das creanças.
Pynacomancia, com taboinhas.
Prosopomancia, pela pessôa do consultante.
Ptarmoscopia, pela observação do espirro.
Pyromancia, com fogo.
Rabdomancia, com varinhas.
Rapsodomancia, pelos versos dos poetas.
Sciamancia, pelas sombras.
Spodomancia, pelas cinzas da lareira.
Stichomancia, pelos versos das sibyllas.
Stochomancia, pelos elementos dos antigos.
Tetrapodomancia, pelos quadrupedes.
Theolepsia, por extase ou illuminação
Tragomancia, por meio de um bode.
Tyromancia, por meio de um queijo.
Uranoscopia, pela inspecção do céu.
Uromancia, pela inspecção das urinas.
E tem havido gente para acreditar tudo isso.

ANTES DE TEMPO

E mamãi chega exactamente quando elle ia começar a declaração.

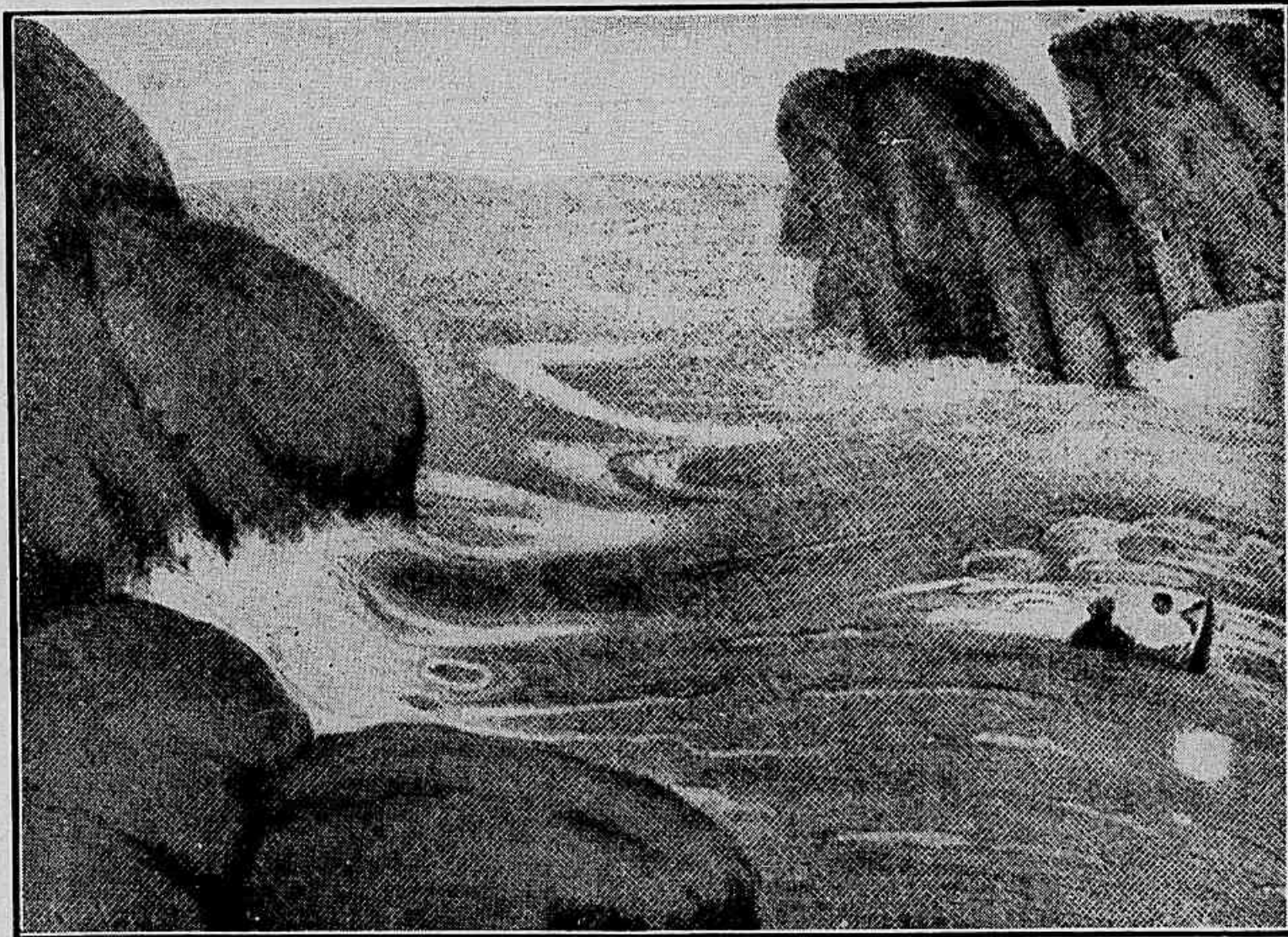
A ALMIRANTA AFUNDADA

COSTELLO ?

— Exacto, Costello — replicou o velho barbeiro de Tobermory.

— Mas esse appellido é irlandez e não escocez.

— Pois eu sou irlandez — mas o appellido é que o não é. Arranjaram-n'o á irlandeza, mas é nome antigo de Hespanha. Por parte dos meus avoengos, souhespanhol e meu verdadeiro appellido é Castillo.

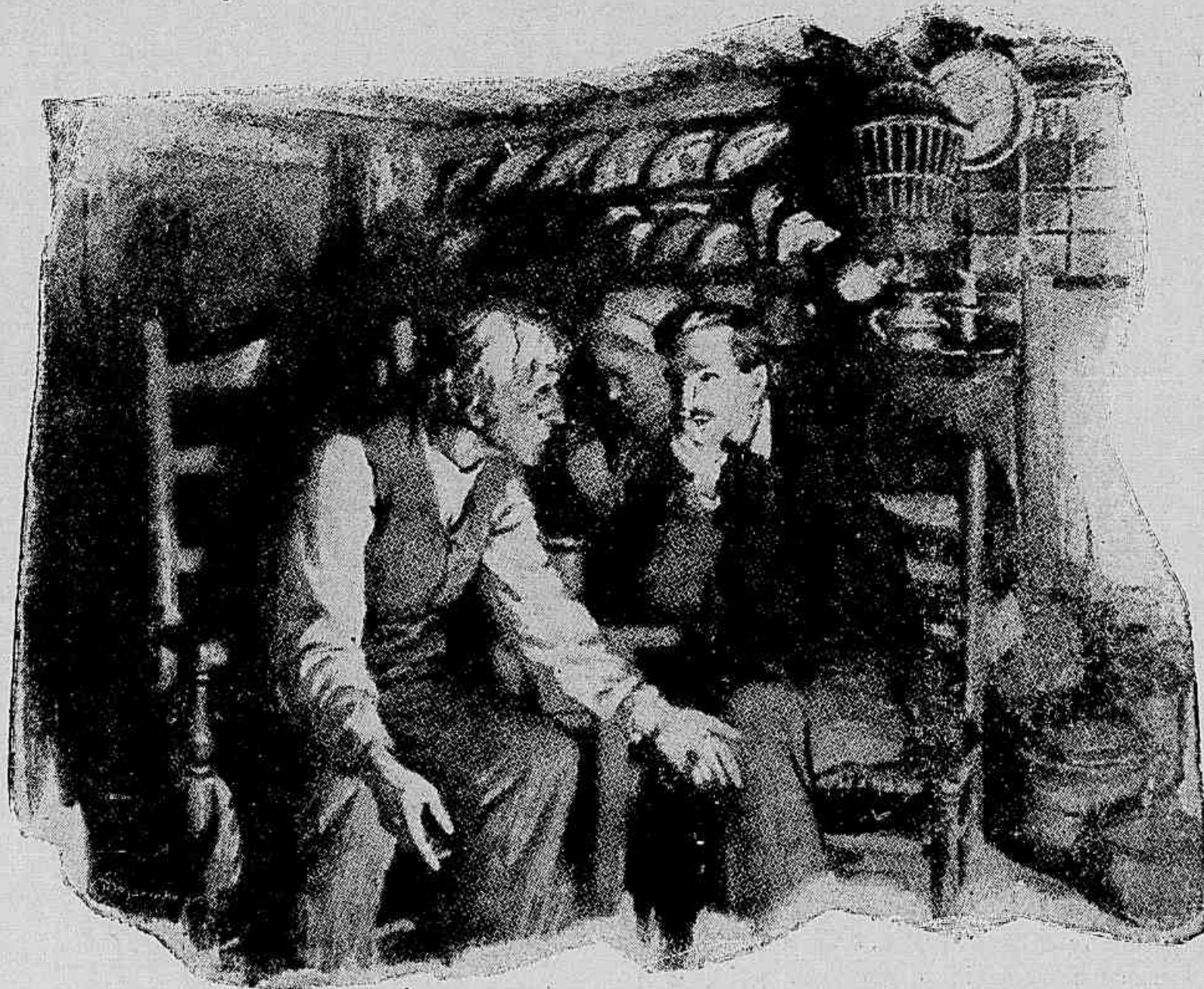
Foi assim que travei conversação com o velho Costello, barbeiro na aldeiola de Tobermory, na ilha de Mull, ao largo da costa oeste da Escocia. Era um homem baixo, de cabellos brancos e compridos, olhos pretos e brilhantes,rosto todo sulcado de rugas, passo vagaroso... voz quebrada, senil e as mãos tão tremulas, que me fez varios lanhos ao barbear-me. Havia cincoenta e dois annos que elle exercia o officio em Tobermory, nome dado a umas sessenta casinhotas de pedra solta, espalhadas a esmo num recanto da enseada pedregosa, que defronta com a entrada do estreito de Mull. Lá fóra cahia uma chuva pesada e o temporal açoutava o mar. Os caminhos estavam intransitaveis com lama e, por isso, tive de interromper naquelle logarejo minha pesquiza de sitios pittorescos para desenhar. Do aposento contiguo, escuro e de tectos baixos, vinham aromas picantes de cozinha. A mulher do barbeiro, matrona alentada de uns sessenta e oito annos, alli estava a preparar a ceia. A um canto da parede e do tecto pendia uma gaiola de vime, dentro da qual pulava de um para o outro lado um estorninho muito esperto. De quando em quando a ave gritava com um crescendo esganiçado no segundo verso terminando quasi num guincho e afrouxando de repente para o terceiro:

—P'ra dentro do mar, p'ra fóra do mar,
Tudo que é meu, que é meu, que é meu,
A's mãos me ha de voltar.

— Alli a patrôa é escoceza — replicou Costello — é d'aqui. Casei com ella tinha eu vinte e seis annos, quando vim para aqui.

— Mas como foi que Castillo, que é hespanhol desandou em Costello ? perguntei.

O barbeiro era homem lido. Tinha um canto da loja guarnecido de livros. Sua linguagem, embora maculada de gyria local, era de inglez vernaculo, com laivos de archaismo.

— Lá por essas suas terras distantes da America, ha de ter ouvido falar muita vez na Invencivel Armada?

— Se ouvi ! «Foram ventos do céu que a dispersaram !»

«Por isso é que o segrêdo da almiranta perdida ficou em nossa familia por mais de trez seculos»

— Os ventos dispersaram-n'a, porém Drake e Howard metteram-a a pique. Apraz aos inglezes dizer que tudo foi pelo vento do céu. Houve navios que se afundaram, outros que arderam, outros que foram despedaçar-se nas costas de Flandres, outros ainda que foram arrastados para as costas littoraes da Irlanda e da Escocia. De cento e trinta navios, só cincoenta e trez, entre galeões e galeaças, voltaram desasados e tristes á Hespanha e á presença do rei Filippe. Das náus, que deram á costa na Irlanda, salvaram-se muitos marcantes. Alguns foram chacinados pelos camponios ferozes ; outros escaparam, ficaram por alli e casaram com mulheres da terra. Muitos appellidavam-se de Castillo, por terem vindo de Castella. De Castillo fez-se Costello e hoje por aqui ha Costellos a rodo.

Realmente tudo isso era simples, mas singular. Pelos labios do velho, coava-se a voz do passado. Os olhos, naquelle rosto enrugado, tinham não sei que brilho magico, olhos como a noite, que, havia seculos, espreitára por debaixo de umas sobrancelhas de corsario. Em sua voz havia expressão de bardo e de propheta. O velho assemelhava-se a um elo entre dois povos e duas épocas muito afastadas. Era como um summo sacerdote descrepito dos ritos rigorosos do Tempo, um oraculo vocal perante o altar dos grandes feitos e dos mortos heroicos amortalhados na historia. Não se havendo tornado irlandez pelo nascimento nem escossez pelo ambiente, Costello ou Castillo estava alli de pé, lidimo hespanhol de Hespanha, como se houvesra emergido de qualquer painel de Velasquez ou Murillo. O espirito d'aquelle homem, tal como de subito se revelava, era todo iberico, sem cousa alguma de hibernio. Pairava sobre elle como que a obsessão do marinheiro de tempos idos. Um impulso intimo o moveu a contar a historia, a dar o seu recado. Assim, á medida que falavamos, o velho descendente dos mareantes da Invencivel ia-se abrindo commigo. Eu ganhára-lhe a confiança pelo interesse que por elle mostrára e pelo rapido esboço, que fizera a lapis de sua pittoresca cabeça, emquanto elle barbeava os aldeãos. Fôra-se embora o ultimo labrego, depois de tosqueado e escanhoado. A borrasca continuava bravia e lugubre. Resolvi-me portanto a acceder ao convite instante e a pernoitar em casa do barbeiro de Tobermory. Depois de saborearmos a succulenta e deliciosa ceia, sentámo-nos os trez, e o velho começou a narração:

—O grande navio de um dos almirantes, a náu almiranta *San Martin*, foi atirada pelo temporal para longe dos destroços da esquadra. Correu ás cegas para o norte, á matroca pelo mar de Irlanda. Por fim encalhou e foi a pique em Tobermory, a menos de milha e meia d'aqui. Algumas das náus suas companheiras desfizeram-se pela costa norte da Irlanda, mas a almiranta *San Martin* era a maior de todas, a que tinha o thesouro da Armada. Trazia os porões abarrotados de barras de ouro e dobrões e ducados de Hespanha. E foi esta que de noite se afundou em Tobermory.

Ninguem de tal soube; só trez mareantes escaparam e um d'elles veiu ter á Irlanda, a juntar-se com os camaradas salvos das outras. Um d'estes foi meu avoengo. Por isso é que o segredo da almiranta perdida ficou em nossa familia por mais de trez seculos. Mas nenhum de nós tinha posto nunca pés fóra da Irlanda.

Fui eu o primeiro a sahir de lá e vim a toda a pressa para Tobermory, para vêr se encontrava os destroços nos baixios — e talvez que o thesouro — meu e dos meus — nas entranhas da náu.

O ouro nunca apodrece, nunca apodrece o sobro hespanhol — e a almitante era feita do mais rijo. Fiz em segredo as pesquizas, porque, se constasse que se encontrára o thesouro, o governo havia de reputal-o achado regio, e reclamal-o do proprio mar.

— P'ra dentro do mar, p'ra fóra do mar.
Tudo que é meu, que é meu, que é meu,
A's mãos me ha-de voltar —

clamou o estorninho, espertando de repente.

— Este passaro desata logo aos berros, em ouvindo phrase que termine com a palavra «*mar*» — observou Costello — Dia a dia, anno a anno, milha a milha quando a maré estava baixa, andei a sondar essa costa. Palmo a palmo fui deitando o prumo, estudando a direcção das correntes, esquadrinhando o fundo com um oculo. Assim trabalhei vinte e cinco annos, sem encontrar vestigio da náu. Até que por fim... O senhor deve entender que muitas cousas vieram parar á praia. Um dia um pharoleiro achou um caixote de cobre com a firma do rei Philippe e d'ahi a pouco uns pescadores apanharam nas redes uma porção de bainhas de espadas, canos de arcabuzes e pregos de cobre. Comprei tudo — veja, ahi estão.

O caixote estava coberto de uma camada espessa de azebre; em relevo via-se o monogramma do rei de Hespanha. As bainhas das espadas e os canos dos arcabuzes eram barras de ferrugem compacta, onde aqui e além se percebia um lampejo de metal brilhante.

— Tudo isto — disse o barbeiro — vinha da almiranta. Mas onde parava ella?

— Ha companhias para descobrir naufragios, que dispõem de mergulhadores e escaphandros; por que não as procura? Uma d'essas poderia descobrir a náu — suggeri.

Uns pescadores apanharam nas redes uma porção de bainhas de espadas, canos de arcabuzes e pregos de cobre.

— Pois sim! e regalava-se com todo o ouro e mais com a gloria, depois de repartir com o governo. Nada d'isso! Se os Costellos não puderem descobrir e arrecadar o thesouro, o melhor então é deixal-o no fundo do mar.

O vento bramia em volta da casa e de muito longe vinha um como retumbo em vão, profundo e intermittente.

— Aquillo são os vagalhões do Estreito. Estão a bater na costa e a comel-a. Comem a terra aqui e amontoam-na mais adeante. Dão e tiram, é o que fazem as ondas. Hão de restituir-nos o ouro da nossa gente, o ouro, que era d'ella.

Era impressionante o modo por que fallava o barbeiro de Tobermory; em sua voz repercutia a voz dos seus tostados avoengos.

— Na costa léste da Inglaterra — continuou elle — segundo o que li, está o Oceano roendo leguas e leguas de terra. Em Lereness, a duas milhas da costa a esboroar-se, vê-se ao largo uma rocha, e sobre ella um poste que em tempos se aprumava defronte de uma estalagem. Estão a levantar pelas arribas fóra mura-

lhas de granito para supporte das terras, mas as ondas não cansam nunca, os homens sim. Ha sitios em que o mar derriba as terras, outros em que as vai amontoando do fundo para cima. Aqui mesmo em Tobermory, com as revessas de agua, derrue de uma banda e amontôa da outra.

— Mas a almiranta — insisti — que me diz d'ella ?

Calou-se então o barbeiro de Tobermory, herdeiro do thesouro da náu almirante. Respondeu por elle o Oceano. Seus bramidos, proclamavam sua guarda sobre o navio afundado e o ouro, que elle continha. Aquella noite, não disse o velho Costello mais uma palavra sobre o thesouro. Sua confiança em mim chegára a certo ponto, mas não ia além. Suspirava por que lhe falassem da America.

— Isso sim ! — dizia elle — Nessa terra diz-se que o ouro se acha a rôdo pelos montes e campos. Mas aqui só o mar o tem.

Demo-nos gravemente bôa noite e o barbeiro conduziu-me ao acanhado quarto, onde eu devia pernoitar.

Ao sol claro e alegre da manhã, aquella cabeça grisalha estava tão cheia de vivacidade como o palrador do estorninho. E com renovado vigor a ave estridulava sem descanço.

O velho parecia transbordar na ancia irreprimivel de me fazer alguma communicação: alongava a vista para uma faixa do Oceano, que scintillava como muralha argentea por entre a casaria e olhava repetidas vezes para o relogio. Por fim, quando se retiraram os raros freguezes da manhã, disse-me :

— Venha commigo. Antes que se vá embora, quero mostrar-lhe uma cousa maravilhosa... a mais maravilhosa que em sua vida terá visto. D'aqui a pouco, estará o senhor de volta para os Estados Unidos e dê-me a sua palavra de que guardará o segredo. Não ha ninguem que o saiba : ninguem, a não ser eu mais a minha patrôa.

Pegou num objecto de folha, pintado de preto, do feitio de uma trombeta comprida, e seguiamos ao lado um do outro pela tortuosa rua da aldeia até o exiguo caes, onde os pescadores amarravam os barcos. Costello saltou para um bote pequeno e empunhou os remos. Eu, por ser mais moço, tirei-lh'os das mãos.

Fui remando de voga arrancada, pelo mar, que se arqueava em ondulações baixas e lentas. O sol dardejava sobre ellas com intensidade pouco usual. Era este acaso o mesmo oceano, que, na noite da vespera, arrancára das furnas hiantes, como dos tubos de um orgão, um threno colossal e solemne ? Nesse momento era uma creatura indolente e voluptuosa, que se espreguiçava sob os beijos do sol.

Depois de andarmos uma milha, chegámos a uma grande curva da escarpada costa. Ao passarmos, a menos de quatro metros de distancia, despegou-se-lhe da crista uma massa de terra solta e calháus, que veiu despenhar-se no mar, enxarcando-nos de espuma e sacudindo com força o bote.

— Lá cahe ao mar mais um pedaço da Escossia — exclamou Costello — não passa um dia sem que o mar vá comendo a terra. Olhe ! esse penhasco já tem cara nova, desde a ultima vez que o vi, ha uma semana. O temporal da noite passada roeu-lhe toneladas.

Aproou o barco para os dois penedos, que se empinavam uns dez metros acima da agua. Ahi largámos um pesado bloco de granito, amarrado a um cabo para servir de ancora.

— O sol está em bôa altura, está mesmo a o pintar —, disse mysteriosamente.

Agarrou então no oculo de folha de Flandres, mergulhou-o na agua, curvou-se sobre a prôa, com vivacidade notavel no olhar, e ficou silencioso, a observar. Devorava-me uma violenta curiosidade. Muitos minutos durou aquelle silencio; depois elle levantou o rosto illuminado por um extranho arrebatamento nos olhos faiscantes.

Não tardou que da brilhante nevoa liquida emergisse um objecto sombrio, que se estendia sob a quilha do bote.

— Vai ver. Não tarda que o sol esteja na posição propria.

Deitei as mãos avidas ao oculo e debrucei-me sobre as ondas lampejantes, com o sol em cheio nas costas. Feria-me os olhos a tremolina offuscante das aguas esmeraldinas. As profundezas espelhadas palpitavam com a luz incerta e crepitante. Mas não tardou que da brilhante nevoa liquida emergisse um objecto som-

brio que se extendia sob a quilha do bote, inclinado sobre o fundo do mar, onde chispavam as areias fulvas. Seu tamanho, sua altura, eis o que não podia perceber logo; mas, pouco a pouco, á medida que meu olhar se adaptava ao meio movediço e perfurava as correntes, foi avultando uma minucia após outra, assombreadas realçada pelos raios transmittidos do sol. Incerto, nebuloso, fantasmagorico, como um monstro mysterioso de entre um nevoeiro verde ou fumaça sulphurosa, revelou-se o casco espectral. A meus ouvidos, proxima e clara, resoava a voz do velho Costello. Desvanecia-se o mundo exterior e o tempo presente; senti então que todos os sentidos se embotavam, á excepção da vista e do ouvido.

— Não a vê? — clamava aquella voz, vinda do turvo passado — Não a vê, por baixo de nós, a grande almiranta? Essas divisões amarelladas, que parecem prateleiras de uma estante, são as cobertas alastradas de areia. Não vê os trez mastros, partidos quasi rezvez? Um d'elles está inclinado sobre a tolda. Repare no cesto da gavea encostado á face da rocha. Essa massa esverdeada são cabos emmaranhados, cobertos de limos. Repare nos degráus do capite entalhados e dourados. Quando o sol lhes bate de chapa, como agora, vê-se perfeitamente. Não lobriga umas cousas verdes, e compridas, nos pontos das cobertas em que a areia está mais baixa, ao pé da mareagem despedaçada? São peças de bronze, que se soltaram e rebolaram pelo convez quando a náu foi a pique. Eu li as chronicas antigas hespanholas, e o rol do armamento em Calderon, e sei tudo isso! Não vê a pôpa altaneira, esculpida e ataviada que nem uma barraca na feira?

A mulher do barbeiro, matrona alentada, de touca, alli estava a preparar a ceia.

Não vê a enorme lanterna de bronze, e o canhão que se estira da prôa para fóra?

Essas fitas verdes, muito compridas, que esguicham do mastro quebrado, são algas. Chamo-lhes eu as bandeiras de guerra da minha almiranta. Afundou-se na noite tormentosa, com toda a valente equipagem, esses indomitos mareantes de Hespanha e só trez escaparam, só trez! Os outros alli estão de guarda ao opulento thesouro. Barras de ouro da Africa e de prata do Perú, perolas das Antilhas, pedrarias em cofres de carvalho forrados de cobre, e mais uma quantidade de joias da corôa. Tudo alli jaz, intacto, no ventre do galeão.

Olhe agora depressa, porque o sol está-lhe atirando para cima a sombra do penhasco. Não vê como a almiranta está mettida entre as duas rochas? Apenas se afundou, ahi ficou entalada. Descobri-a por acaso, ha cousa de vinte e sete annos. Nesse tempo a tolda ficava umas dezeseis braças abaixo do lume de agua. Agora está a seis apenas. Graças ao aterro produzido pelo esboroamento dos penhascos, o baixio de areia eleva-se cada vez mais de anno para anno. De anno para anno se levanta mais o casco da almiranta *San Martin*, subindo, hora a hora, dia a dia, para a luz, para o céu e para mim! E por isso eu espero com toda a paciencia que ella me chegue ao alcance. Levou-a o mar, o mar a restitúe. Aos velhos fidalgos a arrebatou; a mim cabe que sou Castillo, lançar mão do que é nosso. Vinte e sete annos, desde que primeiro a topei, tenho eu estado á espreita, a esperar sempre. E mais sete annos hão de correr até que a tolda tome ar. Está aqui em segurança; nenhum barco vem agora aqui, a não ser o meu, o do maluco do Costello, que anda á pesca de um navio. De anno para anno se levanta mais, mas ainda faltam sete pelo menos! Talvez dez, mais é que não, mais não deve ser, porque tem de me chegar ás mãos e eu cá não tenho um filho sequer. Terei a esse tempo setenta e nove annos, e não largarei o mundo sem haver ás mãos a minha almiranta. Todos os dias aqui venho espreitar e não passa semana sem que eu deite o prumo.

Pouco a pouco, á medida que os raios solares se iam retirando, annuviava-se o magico espectaculo revelado nas profundezas do pelago. A sombra projectada por um dos enormes colmilhos de pedra apagou a visão no seio do mar. Sobre o destroço colossal do naufragio passou o vulto de um grande peixe. Despreguei então do oculo os olhos doridos, e fitei, pestanejando, o velho, que sorria sob a radiação forte do sol. O rosto e a figura eram o do encanecido Costello, barbeiro em Tobermory, mas os olhos juvenis, com a luz que lhes vinha do passado, eram os olhos de Castillo, guerreiro flibusteiro da velha Hespanha.

O MUNDO A'S AVESSAS

A preocupação interesseira de agradar as massas populares para arranjar numerosos votos arrasta muitas vezes os politicos a disparates espantosos. Isso é de todos os tempos e de todos os paizes; mas o repertorio de incidentes d'esse genero augmenta a cada dia.

Os ultimos jornaes francezes contam-nos o que aconteceu a um duque authentico, que pregava em uma reunião eleitoral os mais adeantados principios socialistas.

Um dos assistentes, homem de aspecto grave, correctamente vestido, sentado na primeira fila, começou a contradictal-o. A cada argumento de exaggerado liberalismo do duque, elle oppunha principios de ordem, hierarchia e direitos de familia. O duque exaltou-se com o debate, e seu contradictor, sempre calmo, lançou-lhe em rosto a fraqueza de renegar os principios, que haviam feito a gloria de sua familia, pelo interesse mesquinho de ober uma cadeira de deputado. O fidalgo, não podendo mais conter a irritação, considerou-se offendido e bradou:

O senhor ha de dar-me satisfações pelas armas.

— Impossivel — respondeu o eleitor sempre calmo.

— Impossivel porque?

— Porque o senhor é um duque e eu sou o copeiro do marquez de X.

Cousas da epocha

A influencia da admiração pelos aeroplanos sobre a conformação do pescoço humano.

CARTAS ANTIGAS

Quadro de JOHN H. BACON

A Republica Imperial do Brasil

Marianno José Pereira da Fonseca, que havia de ser marquez de Maricá, nasceu no Rio de Janeiro, segundo os seus biographos, inclusive elle proprio, a 18 de Maio de 1773, sendo 11º vice-rei do Brazil e 3º no Rio D. Luiz de Almeida Portugal, marquez de Lavradio e conde de Avintes.

Era filho de portuguez (Domingos Pereira da Fonseca) e de brazileira carioca (Thereza Maria de Jesus).

Mandado para Portugal, estudou humanidades em Mafra, mathematica e philosophia em Coimbra, tencionando cursar medicina em Edimburgo quando se vio privado de pae.

Abrio casa de negocio no Rio de Janeiro, onde o vice-rei Conde de Rezende o fechou, incommunicavel, mais de dous annos n'um carcere, sem que nem para que.

Teve empregos na regencia luso-brasileira de D. João e ficou de herança administrativa a D. Pedro I. Figurou na primeira linha do primeiro reinado, ministro da Fazenda, conselheiro de Estado, senador do Imperio, na creação do Senado, redactor da Constituição, operario de uma das melhores obras do genero.

Autobiographando-se, na *Guanabara*, declarou: «não entrou, não foi membro de club algum, nem pedreiro livre; o seu club foram: sua familia e livraria. Subio aos maiores empregos de sua patria sem intrigas nem cabalas, partidos nem adulações, mas somente pela protecção divina, alguma intelligencia, muita probidade e especialmente por effeito das circumstancias».

Casou-se com uma filha de portuguez e de mineiro, a origem da noiva reproduzindo a origem do noivo, em nova união luso-brazileira. Pae de cinco filhos, dos quaes um varão, perdeu tres d'elles, e a mulher, aos sessenta annos, dobrando a velhice com a solidão e a saudade.

MARQUEZ DE MARICÁ

Sexagenario, começou a escrever maximas e mais de tres mil escrevera quando septuagenario, reunindo-as em volumes, distribuindo-as gratis, pois, segundo confissão do autor, «não vendia os filhos, porque seria peccado fazel-o, tendo bens de fortuna e escrevendo com o unico fim de sêr util á patria».

Porto Alegre descreveu o marquez de Maricá como «homem de apparencia modesta, de physionomia austera e de mediana estatura. Amava a conversação, a musica e a leitura ; tinha grande variedade de conhecimentos, espirito agudo, mesmo sarcastico, e fallava com tal velocidade que era difficil acompanhal-o em materias philosophicas, mormente quando se elevava ás grandes abstrações. A poesia italiana sempre constituio parte das suas horas de delicias, e alguns ensaios anachreonticos que fez, e foram postos em musica por José Mauricio, conservam o caracter de sua superioridade e mostram perfeito conhecimento da harmonia metrica».

Os ultimos annos de vida passou-os atribulados, pela decadencia physica e pelas dôres moraes. Felizmente, porque a desgraça tem gráos e não ha desventurado que, olhando para baixo, não encontre um maior desventuroso, o marquez de Maricá não foi obrigado, como tantos, a suar para obter, na velhice, o pão de cada dia.

Ainda foi elle quem declarou, entre bonhomia, talvez sarcastica, e lisura, talvez para a posteridade, que se possuia bens de futuro eram «trigo sem joio do diabo». Explicou que a origem e a manutenção de cabedaes provinham da pingue legitima paterna, de ter sido negociante por espaço de vinte annos, negociante que puzéra na burra o rendimento de lucros e de ordenados, a economia, a ordem, o trabalho e a intelligencia.

As primeiras *Maximas, Pensamentos e Reflexões* do marquez de Maricá appareceram em 1837, no tempo da Regencia, e as *Ultimas*, posthumas, em 1849, já D. Pedro II bem maior.

As maximas do Marquez, em menos de um seculo, têm tido umas dez edições: a de 1896 caminhou depressa, porque o governo resolveu adoptal-as para serem vertidas nos exames de preparatorios, trasladando-as o examinando, quasi sempre com muita infelicidade, para as linguas franceza, ingleza e allemã. A culpa não era d'elle, mas de quem decretara a providencia em relação a meninos e pungibarbas chamados a desempenhar a complexa e difficultosissima tarefa de traduzir, para a qual são precisas tantas almas quanto são os idiomas a interpretar.

Os Laemmert foram os quasi exclusivos editores das maximas maricaenses, do nosso La Rochefoucauld, conforme o proclamou a imprensa contemporanea do autor.

Em centenas e centenas de maximas ha de tudo um pouco, sendo natural a visinhança do bom e do máo, do atilado e do ingenuo, do que desperta applauso e do que desperta sorrisos. Não se crystallisa experiencia a toda

a hora e se o talento não faz o monge tambem não lapida a maxima.

Asseguram os Laemmert, na edição de 1850, que sobre as maximas se pronunciaram os periodicos mais acreditados do Imperio do Brazil, inserindo-se traducções de extractos nos melhores periodicos da Europa, com grande applauso, notando-se muita procura de exemplares, «não obstante milhares de Folhinhas haverem reproduzido os sublimes Pensamentos muitas vezes em co-relação com a Historia do Brazil de um Genio Nacional, levando-as ás mais remotas provincias do Imperio».

Mesmo os desmoralisados, em certos dias, gostam de moral, o que é bom, e em outros dão para prégal-a, o que é impagavel. Figuraram com certeza, como dizia a prosa germanica de Laemmert limada em vernaculo, entre «a concorrencia sempre crescente de numerosas pessôas que debalde procuraram obter exemplares».

Algumas das maximas do marquez de Maricá foram realmente felizes e não perderam sabor. Assim diz o velho moralista :

«Ha muitos homens que parecem dignos de grandes empregos emquanto os não occupão».

Frontispicio de uma edição princeps das *Maximas* do Marquez de Maricá

«A celebridade do crime perpetua a sua execração».

«O homem preguiçoso he ordinariamente o mais ingrato»

«Os andaimes nas revoluções compõem-se da peior gente, como nos edificios da peior madeira».

A lhiança dos sabios tem sempre maior extensão e perpetuidade que a dos ricos: comprehende o genero humano, e alcansa a mais remota posteridade.

O nosso espirito não se retira inteiramente deste mundo, quando deixamos nelle o fructo dos nossos estudos, pensamentos e cogitações.

Marquez de Maricá

Fac-simile das *Maximas* do Marquez de Maricá (edição Laemmert)

«Ha tambem nas democracias hum throno: a anarchia o occupa frequentes vezes».

No anno de 1849, a morte veio visitar o velho marquez e a morte ou visita depressa, matando de uma só garra, ou leva a brincar com o moribundo, assim o felino com a misera presa de mal ferido ratinho.

Porto Alegre achou o marquez de Maricá a expirar, com um fio de vida, havia varios annos, esqueletico.

«Ah! quão feliz para mim será esse tão anciado momento da morte, que ha tanto espero, e que tão tarde me parece. Mandei transportar meu corpo para a minha livraria, porque quero morrer entre os companheiros da minha alma. Já me despedi do mundo, já entreguei a minha casa aos meus herdeiros, sou um cadaver que espera a sepultura».

Morava o marquez de Maricá, na epoca do seu fallecer, n'um sobradão da Rua de S. Pedro, perto do Campo de Santa Anna, onde passou os ultimos momentos da miseria humana a olhar para os seus livros.

Tambem se sentindo morrer o cardeal Mazarino pedio que o transportassem para a sua galeria de obras de arte ás quaes disse adeus como se despedindo de verdadeiras creaturas que houvesse adorado.

D'aquelle sobradão da rua de S. Pedro sahio o enterro, do antigo conselheiro de Estado, senador do Imperio marquez de Maricá para a igreja de S. Francisco de Paula, cujas catacumbas, na epoca (Setembro de 1848) constituiam o cemiterio de mais escol da cidade em cujas igrejas tantos defuntos se consumiam.

No mesmo dia do obito, como se o cadaver houvesse esperado demais em vida e não admittisse delongas de sepultura, rodou o feretro do marquez, levando o morto a grã-cruz do Cruzeiro.

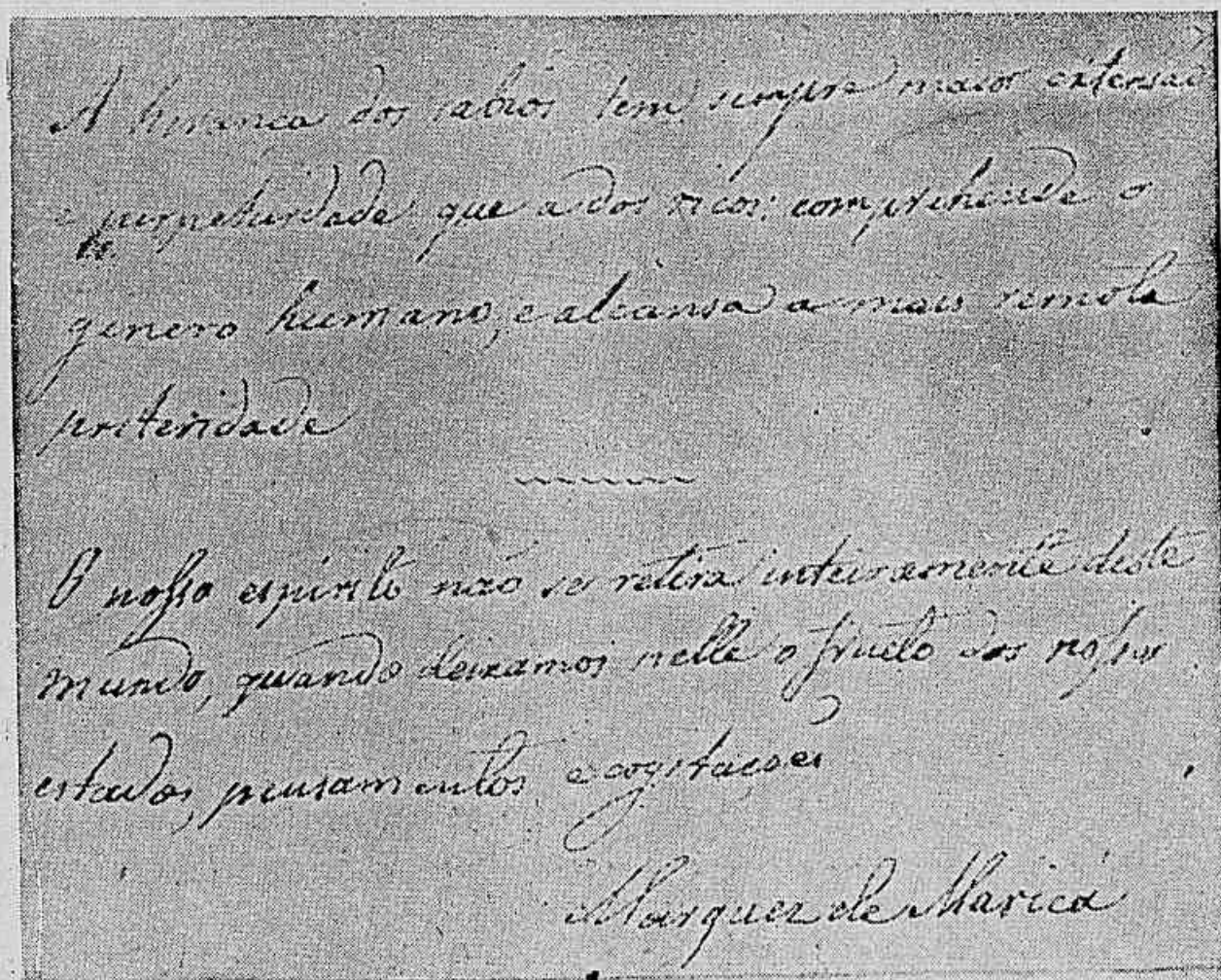
E o livro terceiro, á folha cento e noventa e seis verso, livro de obitos da Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula, recebeu o seguinte assentamento :

«*Aos 17 dias do mez de Setembro de 1848 sepultou-se nos jazigos deste Veneravel Ordem o fallecido Marquez de Maricá, o qual veio em coche da Casa Imperial, vestido de farda e manto, foi encommendado e recommendado, digo foi encommendado em casa pelo Reverendissimo Conego Cura da Imperial Capella e recommendado pelo mesmo e vinte sacerdotes, com Liberame, teve convidados e jaz na catacumba 117. Leal*».

A' margem do assento, o mesmo Leal poz a seguinte nota, digna de instigar humildades:

«*Catacumba nº 117. Exmo. Marquez de Maricá. O Caixão de Gallões finos foi dado á Freguezia do Sacramento, e foi sepultado em caixão de gallões falsos*».

Que thema para maxima !

O tumulo de Maricá teve epitaphio, na ultima pagina de uma de suas obras :

«Aqui jaz o corpo apenas
Do marquez de Maricá :
Quem quizer saber-lhe da alma
Nos seus livros a achará».

Revolvia, não ha muito, uma lata de documentos, no Archivo Nacional. N'ella encontrei, inventariando-a, curiosissimo papel referente ao marquez.

O papel diz respeito a consulta dirigida ao marquez, sobre a escolha de preceptor para D. Pedro II menor.

Qual o destinatario da missiva de resposta do nosso La Rochefoucauld ? Quem hoje poderá sabel-o ? José Bonifacio, talvez; o marquez de Itanhaem, é possivel. As cartas têm mysterios, segredos e, ás vezes, verdadeiras caçoadas espirituaes.

A data é facil conjectural-a, o destinatario se não desvendará.

«*Illmo. e Exmo. Amº. e Snr.* — Estou esperando que o Espirito Santo me inspire o nome da pessôa mais idonea para servir de preceptor de nosso Augusto Monarcha. Sem esta divina suggestão não posso em consciencia inculcar ao Exmo. Snr. Tutor pessôa alguma. O negocio era de Conselho de Estado, mas como este foi abolido pela Suprema Sabedoria da Camara dos Deputados (Maricá fôra attingido pela suppressão) he á mesma Camara que me parece se deve recorrer para escolha do Preceptor e seu regimento particular. Esta sem duvida proporá pessôa tal qual satisfaça os votos da Nação, estabelecendo hum plano de educação que habilite a S. M. I. para vir a ser na epoca de Sua maioridade hum digno Presidente da Republica Imperial do Brasil. De V. Exa. mto. obed. amº. coll. e criº. — *M. de Maricá.*

Illmo. Exmo. Amo. e Snr.
Estou esperando q o Espirito Santo me inspire o nome de pessoa mais idonea pa. servir de Preceptor do nosso Augusto Monarca. Sem esta divina suggestão não posso em consciencia inculcar ao Exmo. Snr. Tutor pessoa alguma. O negocio era do Conselho de Estado, mas como este foi abolido pela Suprema Sabedoria da Camara dos Deputados, he á mesma Camara q me parece se deve recorrer pa. a escolha do Preceptor e seu Regimto. particular. Ella sem duvida proporá pessoa tal q satisfaça os votos da Nação, estabelecendo hum plano de educação q habilite a S. M. I. para vir a ser na epoca da sua maiorid. hum digno Presid. da Republica Imperial do Brasil.
De V. Exa.
mt. obed. amo. e cro.
M. de Maricá

Carta autographa do Marquez de Maricá (Archivo Nacional)

O velho moralista foi máo propheta ? Teremos tido durante cincoenta annos, na pessôa de um imperador, o presidente da Republica Imperial do Brazil ?

ESCRAGNOLLE DORIA

VIDA SUSPENSA

Numerosas experiencias, recentemente feitas com sementes, e com bacterias e outros micro-organismos, mostraram a possibilidade de se conservar a materia viva n'uma condição que não é nem a de vida nem a de morte; quer dizer : num estado de vida suspensa. Os organismos foram sujeitos a frio intenso por algum tempo, e comquanto houvesse todos os motivos para julgar que nenhuma das permutações chimicas associadas á vida pudesse ter occorrido, na ausencia de calor e humidade, certo foi que os rudimentares organismos floresceram de novo quando removidos das suas condições frigidas.

Dez microbios diversos foram experimentados primeiramente, incluindo o germen da cholera asiatica e os restantes sporos do bacillo do anthraz. Foram submettidos ao extraordinario arrefecimento da temperatura de 310 gráos abaixo do zero Fahrenheit, e conservados n'estas condições por vinte horas e depois por sete dias. Estes mesmos, expostos ao extremo frio, não soffreram nenhum enfraquecimento apreciavel em sua vitalidade organica, tanto com respeito ao poder de reproducção e de crescimento, como em relação ás suas propriedades caracteristicas.

Expostos dez horas á temperatura de 240 gráos abaixo do zero, quer dizer pouco mais ou menos os mesmos gráos abaixo da temperatura do ar liquido, como a d'este é abaixo da temperatura ordinaria do verão da zona temperada, tambem não teve effeito algum apreciavel sobre os organismos experimentados. Uma prolongada exposição ao frio rigoroso foi então experimentada, sendo os organismos immersos no ar liquido durante seis mezes; porém em nenhum caso se poude descobrir enfraquecimento vital e, julgando pelos resultados obtidos, o periodo poderia ter sido ainda muito mais longo, sem causar a morte.

As experiencias foram um tanto surprehendentes para confundir ou embaraçar os biologos; porque evidenciaram e trouxeram á discussão um novo e curioso estado da materia vivente — um estado de vida suspensa. A vitalidade do organismo póde ser considerada em sua origem ferida pelo grande frio, mas não perde a sua energia primitiva. Quando se elimina a influencia da temperatura baixa, o movimento e as outras manifestações de vida recomeçam. Os resultados d'estas experiencias fornecem aos escriptores imaginosos vasto assumpto suggestivo para muitas deducções scientificas, que tornam interessante este genero de litteratura.

❖ ❖ ❖ ❖

A vida é um trabalho de arte que se deve modelar com uma mão habil. — HIPPOLYTE RIGAULT.

❖ ❖ ❖ ❖

A sociedade é composta de duas classes: os que teem mais jantares do que appetite e os que teem mais appetite do que jantares. — CHAMFORT.

As conquistas do feminismo

A despeito de todas as pilherias faceis, que se accumulam contra a pretenção de reconhecer ás mulheres direitos politicos eguaes aos dos homens, os factos continuam a surgir cada vez mais eloquentes, demonstrando de que lado está a bôa razão.

Já em um de nossos numeros anteriores citámos o exemplo da Noruega onde o eleitorado feminino e seus deputados impuzeram pouco a pouco, com pertinacia incansavel, a prohibição do alcool; e o resultado — que de resto ninguem esperava — foi o desapparecimento quasi total da tuberculose em todo o paiz. Depois, varias outras nacionalidades seguirám a Noruega, concedendo pelo menos em questões municipaes o voto ás mulheres: a Suecia, a Dinamarca, a Islandia, a Finlandia, a Australia, a Nova Zelandia, varios estados da America do Norte e finalmente a Inglaterra; tendo todos, desde logo, motivo para abençoar a iniciativa. Não se trata de uma affirmação no ar. Ha dados estatisticos irrecusaveis, que asseguram a excellencia dos resultados.

Assim na Australia do Sul, até 1893 morriam por anno 1.245 creanças de menos de 12 mezes. Em 1894 as mulheres eleitas pela primeira vez para o parlamento impuzeram medidas hygienicas de caracter geral e protecção ás mãis. Em trez annos a mortandade infantil baixou de metade.

Por outro lado no estado de Wyoming o presidente d'essa unidade norte americana, onde as mulheres chegaram a ter maioria no parlamento, diz em seu ultimo relatorio o seguinte: «Notamos com orgulho que com 25 annos de suffragio feminino, temos uma situação incomparavel na federação; os asylos de mendicidade tornaram-se inuteis por que o pauperismo desappareceu de nossa communhão e as prisões estão quasi vasias; sendo que 90 % dos crimes commettidos em nosso territorio têm por autores estrangeiros ou pessôas vindas de outros estados.

— O' Jorge. Que dirias tu se alguem se sentasse em cima de teu chapeu novo?
— Eu... eu... ficaria furioso.
— Então faze-me o favor de te levantares de cima do meu.

De resto os ironistas têm contra si os mais notaveis e especialmente os mais profundos escriptores de todos os tempos. Montaigne escreveu: «Não ha differença de organismo cerebral entre o masculino e o feminino». Platão, imaginando sua republica perfeita, distribuia indifferentemente por homens e mulheres cargos e funcções da paz ou da guerra. Aristoteles negava qualquer distancia entre a virtude nos homens ou nas mulheres. Descartes reconhece que quando as mulheres têm talento são sempre mais originaes do que os homens. Jean Jacques Rousseau, embora menos respeitoso, distingue assim: «Os homens têm mais genio, mas as mulheres têm mais espirito». Darwin, uma das cerebrações mais solidas e mais logicas, que o mundo já produziu, considerava que o espirito philosophico nas mulheres é sempre mais agudo e profundo do que nos homens.

De resto sempre a humanidade reconheceu como apanagio do sexo feminino o senso de adivinhação; uma especie de instincto de previsão, que as faz acertar com segurança infallivel mesmo sem apurada informação, em circumstancias nas quaes os homens, apoz longos estudos e meditações, erram. Bergson admira a constancia com que se tem reconhecido essa faculdade feminina dizendo:

— «Sempre que a humanidade quiz penetrar o desconhecido procurou para interprete uma mulher. Historias e legendas fallam constantemente de prophetizas, sybillas e druidezas.

* * *

A situação do direito de voto feminino é actualmente o seguinte:

Em toda a Europa sómente as Francezas, as Portuguezas, as Suissas, as Luxemburguezas e as Balkanicas não têm direito de voto. Na Allemanha, o parlamento conta já 36 deputados femininos; a Camara Austriaca 8; a Assembléa Constituinte Polaca 5. Nos diversos parlamentos estaduaes da Allemanha ha duzentas mulheres deputadas; na Inglaterra, na Noruega, na Finlandia, na Suecia, na Hollanda e na Islandia as mulheres são eleitoras e elegiveis para todos os cargos municipaes e legislativos. Na Russia são eleitoras para as-

sembléas constituintes e elegiveis para as assembléas municipaes. Na Dinamarca as mulheres são eleitoras para todas as assembléas. Na Belgica as viuvas de mortos na guerra, as mulheres que estiveram presas pelos allemães e as que se assignalaram por actos de patriotismo são eleitoras para a camara dos deputados e todas as mulheres votam em eleições municipaes. Na Irlanda as mulheres são eleitoras para as assembléas communaes. Na Italia a lei concedendo o direito de voto ás mulheres foi approvada por grande maioria na Camara, e no Senado já conta com maioria. Na Hespanha está em discussão um projecto no mesmo sentido, por assim dizer já approvado.

Confiar... desconfiando

Momentos antes de começar uma batalha, travada por Frederico II, rei da Prussia, um official de hussares aprisionou, diante do monarcha, um destacamento inimigo. Contente o rei com tão bom agouro, abraçou-o, dizendo :

— Faço-o cavalleiro de merito e dou-lhe mil escudos de gratificação.

Ao mesmo tempo tirou a cruz de seu peito e deu-lh'a.

— E os mil escudos ?— atreveu-se a perguntar o hussaro.

— Não os trago commigo — respondeu o monarcha — basta minha palavra.

— Senhor—replicou o official—vai se iniciar a batalha ; se V. M. a ganhar não é provavel que se lembre mais de mim e, se a perder...

Então o rei tirou seu relogio e disse :

— Toma, ahi tens um penhor.

Depois da victoria, o official devolveu-o e cobrou os mil escudos.

Machina escavadora, que tambem serve para descarregar navios.

As mãos de Titan que o homem forjou para si mesmo

Cada vez mais se aperfeiçoam as machinas capazes de ganhar tempo esforço e numero, executando quasi instantaneamente o trabalho, que sem ellas exigiria a fadiga de muitos homens durante muitos dias. Uma das mais interessantes d'essas machinas é, sem duvida, a escavadora, tambem chamada *pá de gigante* ou *mãos de Titan*, que serve para mover terra ou descarregar navios, que têm os porões cheios de carvão, trigo ou qualquer outra mercadoria transportada a granel.

Essa machina compõe-se de um guindaste gyratorio, que termina em duas poderosas conchas capazes de apanhar e transportar até quinhentos kilos.

O CASTELLO DE MEUDON

O nome de Meudon deriva-se de *Meodium*, vocabulo celtico, que significa «montanha de areia». Esse ponto foi, ao que parece, um dos primeiros lares druidicos da França.

Em 1539 Antoine de Lorraine abandonou esse dominio, que lhe pertencia, á duqueza d'Etampes, sua sobrinha, esposa de João de Bretanha. Essa duqueza, que, segundo affirmam indiscretos chronistas, obtinha do galante rei Francisco I tudo quanto lhe pedia, alcançou do soberano a permissão de constituir um parque em roda do antigo solar de Meudon. Comtudo, seis annos mais tarde, a duqueza cedia suas terras a Carlos, cardeal de Lorena e arcebispo de Reims, o qual se occupou de embellezar essa propriedade. Mandou edificar por Philibert Delorme um soberbo castello, no ponto mais elevado da collina, e uma egreja, de que François Rabelais foi o inesquecivel pastor.

Typos de Belleza

Miss Bobbie Delys

Miss Marie Provost

De facto, nos primeiros dias de 1550, o grande Rabelais foi nomeado — pelo cardeal Du Bellans, bispo de Paris, seu protector — vigario de Meudon.

Nenhum documento indica com a desejavel precisão o tempo em que Rabelais dirigiu a sua parochia, salvo uma carta em que elle se refere ás suas «boas e piedosas ovelhas». Do celebre escriptor um biographo attesta que elle ensinava aos seus parochianos o cantochão e que a sua casa estava aberta a toda gente, excepto ás mulheres.

Accrescenta Antoine Leroy (pois a elle nos referimos) que «os pobres achavam sempre soccorro na sua bolsa» e que «os seus conhecimentos em medicina o tornavam duplamente util á patria».

O facto de ter sido esse grande escriptor o parocho de Meudon bastaria para dar a essa aldeia um reflexo de immortalidade.

Em 1552 o cardeal de Lorena completou os trabalhos iniciados pela duqueza d'Etampes. Ordenou a construcção de uma gruta, considerada como uma obra prima, e de um immenso terraço, a que Ronsard allude em uma das suas eglogas, e «do alto do qual se podia abranger Paris inteiro».

Durante o sitio da capital, em 1589, Henrique de Navarra acampou nas alturas de Meudon; no tempo da Fronda as tropas polacas e allemãs saquearam o castello, que em 1680 foi adquirido por Louvois, o famoso ministro de Luiz XIV.

Mas, no anno de 1694, a viuva restituia a vasta propriedade ao rei, que ahi installou o filho mais velho, Luiz, grão-delphim de França. Esse principe, que devia succeder ao Rei-Sol, era uma personagem extremamente original. Passava longas horas deitado em um canapé, sem proferir uma palavra, e, conta um chronista coevo, mostrava-se summamente lido.

A princeza Palatina, que transmittiu á posteridade as suas impressões relativamente

Misses Phyllis Hover e Harriet Hammond

ao grão-delphim, diz: «Elle e o filho eram verdadeiramente rusticos».

O filho de Luiz XIV mandou edificar por Mansard o novo palacio, cujas ruinas, coroadas de uma cupola, servem actualmente de observatorio aos astronomos. O jardim foi replantado sob a direcção de Le Nôtre.

Meudon tornou-se um logar de delicias. Trez ou quatro vezes por anno, Luiz XIV visitava o delphim, que falleceu a 14 de abril de 1711, depois de uma terrivel e prolongada agonia. Saint-Simon faz uma narração minuciosa da molestia do principe.

Mais tarde, em 1789, ahi morreu outro delphim, José Xavier Francisco, filho mais velho de Luiz XVI e de Maria Antonieta, com a edade de 7 annos.

Os destroços da guerra

Um soldado austriaco ferido e aleijado, vendendo jornaes nas ruas de Vienna em companhia de seu cão.

Durante a agitada phase revolucionaria (em novembro de 1793) o castello de Meudon foi dedicado a «obras patrioticas». Dizia, nessa epoca, uma lenda que Meudon occultava diabolicos *ateliers*, frequentados pelos terroristas Lebas, Bilaud-Varenne, Chondieu e outros. Uma commissão de sabios e de engenheiros, composta de Fourcroy, Monge, Chappe, Lindet, etc., procurou aperfeiçoar a artilharia e os apetrechos de guerra. Experimentaram-se ahi projecteis incendiarios e fabricaram-se cartuchos.

A' porta principal do edificio liase a inscripção:

«*Estabelecimento nacional, sob a vigilancia immediata da Commissão de Salvação Publica.*»

Em Meudon faziam-se tambem aerostatos militares, cujo apparecimento tanto surprehendeu os inimigos da França, durante a batalha de Fleurus.

Em 1795, em consequencia de uma experiencia de tiro, um incendio se declarou, arruinando o velho castello, cuja demolição foi ordenada, em 1803, na época do Consulado. Os materiaes foram dispersos, e bellissimas columnas de marmore vermelho, que ornavam o antigo solar, hoje guarnecem o arco triumphal do Carroussel.

No periodo imperial o palacio, rejuvenescido pelos cuidados de Napoleão I, servia de residencia á imperatriz Maria Luiza.

Alli recebia ella os mensageiros que lhe traziam os boletins das victorias do imperador.

Alli, num pequeno carro, puxado por duas cabras brancas de chifres dourados, o filho de Napoleão, o rei de Roma, passeava nos vastos terraços.

Em 1814, quando houve a invasão, os granadeiros russos saquearam Meudon; no anno seguinte, Blucher e as tropas prussianas terminaram a obra de destruição.

Na época do segundo imperio o castello foi habitado pelo ex-rei Jeronymo, o irmão de Napoleão, que havia sido rei da Westphalia.

Hoje o solar em ruinas só suggere aos excursionistas a recordação de passadas glorias ou de dolorosos acontecimentos, que a Historia registou.

Typos de Belleza

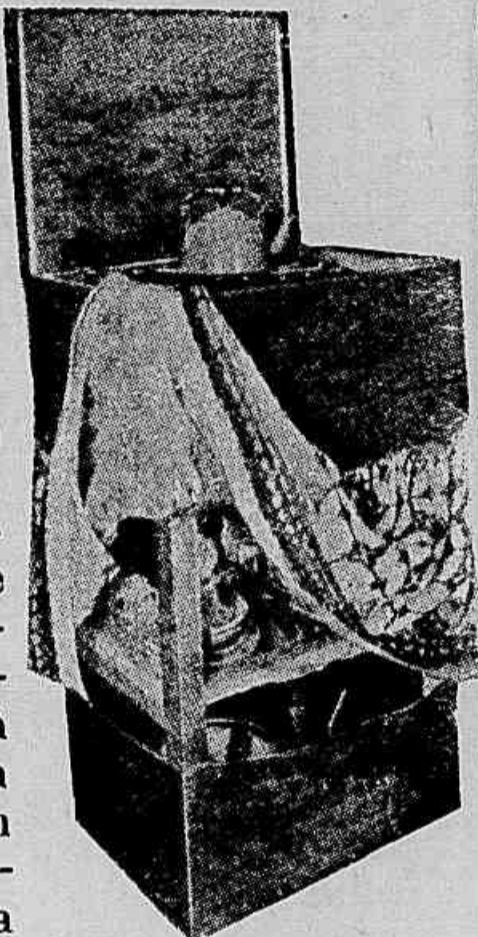
Miss Irene Marcellus, da troupe Maurice Tourneur, de New York.

Os passaros de Verdun

Todos aquelles que fizeram, como o rei de Hespanha, a dolorosa peregrinação de Verdun ficaram surprehendidos, á sua chegada matinal, com o extraordinario rumor da passarada pipilante. Pode chamar-se-lhe um verdadeiro milagre. Nunca se ouviu, em parte alguma, semelhante chilreada.

E' licito affirmar-se, e quasi sem exagero, que, por detraz das severas fortificações de Vauban, cintura genial que resistiu a todos os assaltos dos allemães, os jardins da Prefeitura e do palacio da Justiça contêm actualmente mais passaros do que folhas.

E o mesmo phenomeno nos surprehende ainda num outro ponto da cidade martyr e inviolada. Na antiga galeria, ornada de escudos medievaes, que fecha a cidade do lado do Mosa, arrulham amorosamente ternos casaes de pombos.

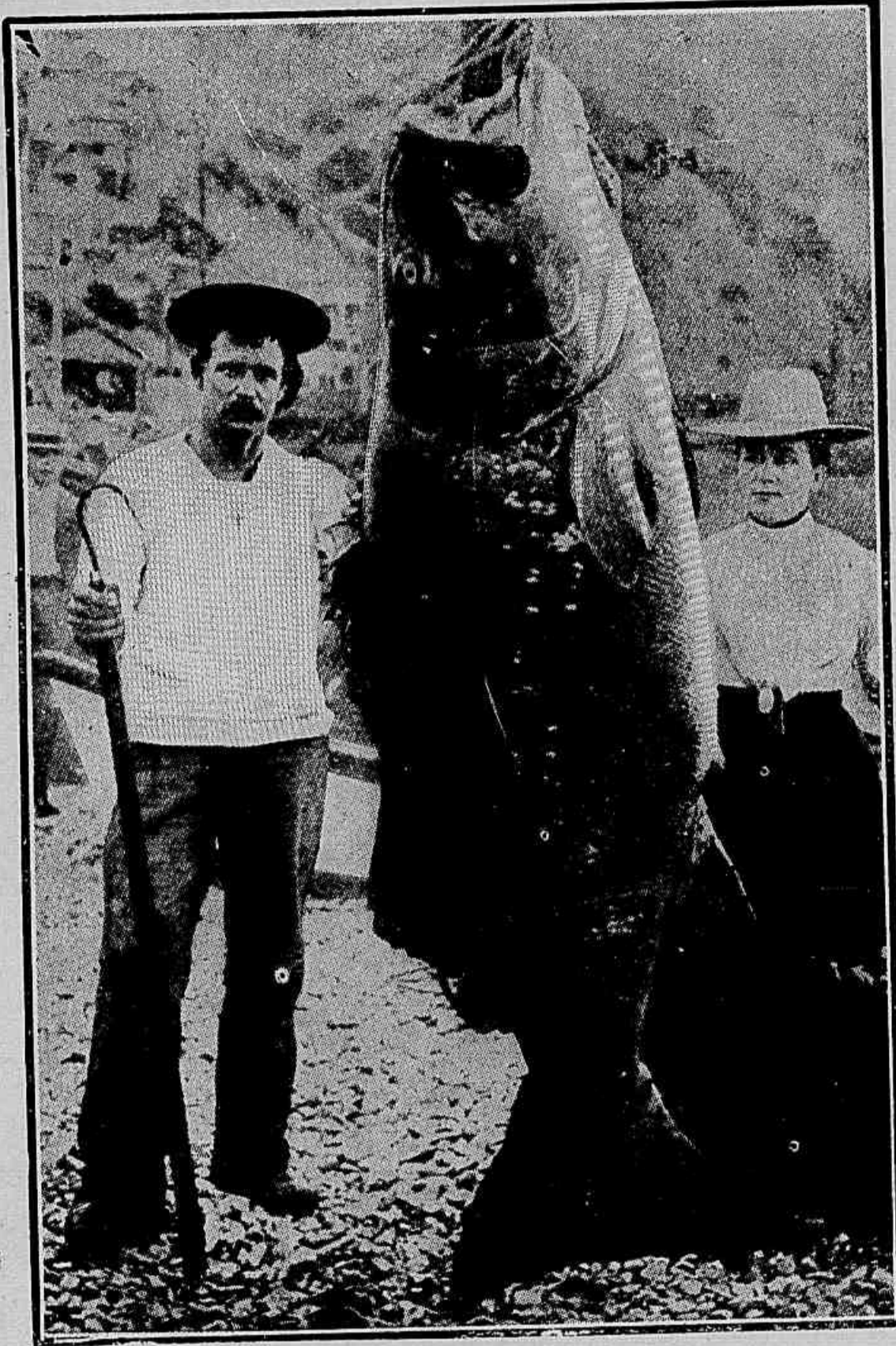
E' muito simples a explicação d'esse facto singular: basta visitar os ensanguentados campos que rodeiam Verdun, para o comprehender. Não resta nelles uma unica arvore. Desramadas pelas granadas, privadas de seiva, não são mais do que fantasmas, sinistros postes. Por isso toda a familia alada fugiu dos tristes poleiros e elegeu seu domicilio nas raras arvores de Verdun, milagrosamente salvas.

O conforto e a elegancia em casa

Maneira commoda e graciosa de ter um fogareiro a gaz, sem enfeiar a casa, resguardando a chamma do vento, que sempre lhe tira intensidade, e ao mesmo tempo tendo á mão tudo quanto é necessario para o lunch.

O automovel agente therapeutico contra a tuberculose, e a bicyclette contra a neurasthenia

Um medico, do maior pendor e predilecção pelo automobilismo, escreveu, ha pouco, ao Times, *narrando as suas observações acerca da acção benefica que sobre os predispostos para a tuberculose e sobre os que principiam a soffrer-lhe as primeiras investidas, exerce o passeio em auto numa velocidade superior a 40 kilometros por hora. Constitue um novo tratamento de pleno ar. Verificou levantamento de forças, melhoria de disposição moral, accrescimo de appetite, tendencia á diminuição da tosse, que se confirma na permanencia das melhoras, apoz dias de tratamento.*

A bicycleta tem sido indicada como meio curativo de diversos males; mas em doenças da vontade *parece ser decisiva a sua acção benefica. Alem das doenças chamadas physicas ha tambem aquellas que se denominam vulgarmente moraes, que se tem tornado mais frequentes com o* surménage *intellectual, com a residencia em climas depressivos pelo calor e infecciosos pela febre, com o abuso das bebidas alcoolicas e estimulantes, com a violencia da vida moderna, com a luta pela riqueza e pelo prazer. A neurasthenia é a mais vulgar d'essas affecções chamadas moraes; caracterisa-se em geral pelo* spleen *e pela perda de vontade.*

Ha pouco ainda aconselhava-se aos neurasthenicos viagens e distracções, como tambem o repouso e o isolamento, conforme os casos e a sua forma; mas esquecia-se assim que a falta de gosto e de vontade inhibia de executar o tratamento e de tirar d'elle o beneficio previsto. Os passeios a pé quasi se tornam automaticos para o neurasthenico que diariamente passa pelo mesmo sitio, cruza o mesmo itinerario, sempre insipido, sempre desprendido da acção exterior. Ora, o doutor Berillon, professor de psychologia physiologica, tem verificado que a acção cyclista produz no neurasthenico manifestação de decisão e de autoridade, sentimentos que se apagam em regra nas victimas d'aquella doença. Parece que a attenção forçada ao equilibrio, ao movimento, aos incidentes do caminho provoca uma salutar reacção no organismo deprimido. Claro está que o uso da bicycleta não é therapeutica infallivel, mas está provado ser um coadjuvante poderoso e efficaz.

A rainha das pescadoras á linha

Esse titulo foi solemnemente conferido pelo Bar Club, de Santa Catalina, a uma senhora d'essa cidade, Mme. Alice Barret, que, apoz quatro horas de luta esforçada, conseguiu com o auxilio de um fragil bambú pôr ao alcance do *croc* de seu ajudante um *bas* negro pesando 368 libras. (Santa Catalina é uma pequena ilha situada ao littoral norte-americano do Pacifico, diante da cidade de Los Angeles.

Glycerina perfumada

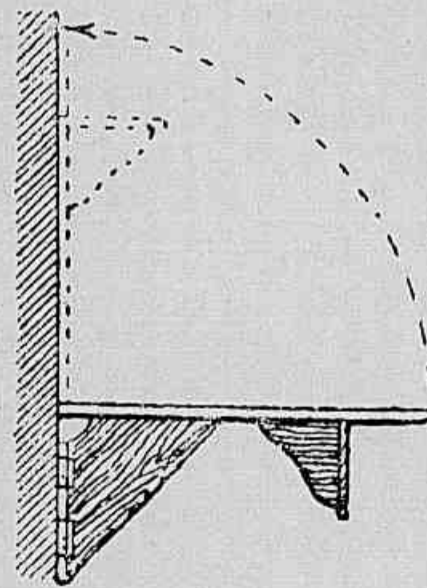
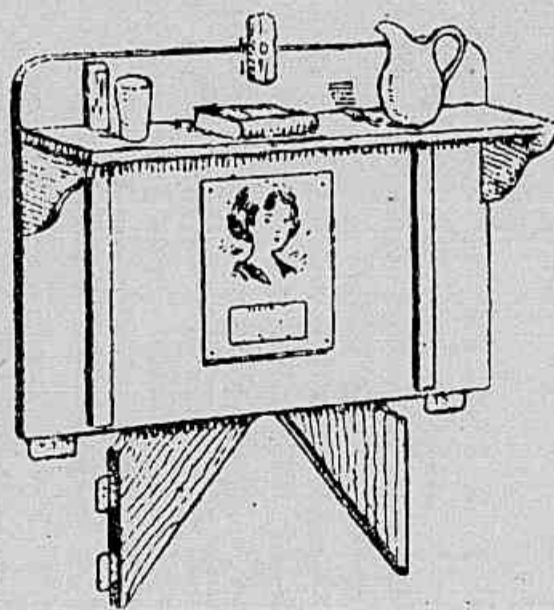
Como se sabe, a glycerina tem em alto grão a propriedade de absorver o perfume das flores e alem d'isto a de amaciar a pelle, sendo excellente para os cabellos. Deitam-se dentro de glycerina de bôa qualidade bastantes flôres de lilaz, jacynthos, narcisos, lyrios, violetas, rosas, jasmins e deixam-se permanecer durante tres semanas para ceder todo o seu perfume á glycerina; e depois tiram-se, obtendo um oleo perfumado que excede as mais finas essencias.

Como a glycerina se pode misturar com agua em qualquer porporção, deitando algumas gottas d'este oleo em agua, obtem-se uma deliciosa agua perfumada para lavagens e banhos. Como é sabido, a glycerina, apesar da sua apparencia oleosa, é chimicamente um alcool.

Quando se pensa em cousas tristes tolda-se o horizonte da esperança.

ALTERAÇÃO DA TINTURA DE IODO

Esta preparação tornou-se desde annos um remedio verdadeiramente popular, que não raro se emprega sem previa consulta de medico. Infelizmente, porém, as soluções de iodo alteram-se com rapidez; e é bom saber que este medicamento, ao contrario de muitos outros, altera-se menos quando se conserva á luz, do que guardado na obscuridade.

Todavia seria util conhecer um meio de verificar rapida e praticamente se a solução de que se vai usar é antiga e alterada. O meio é muito simples. Basta agital-a antes de se servir d'ella, segundo o conselho habitual dos pharmaceuticos. Se o liquido escumar em effervescencia, a solução é antiga, e não convém usal-a, por inactiva.

O conforto e o aproveitamento do espaço

Como se pode ler, ao mesmo tempo, uma mesa e uma prateleira no menor espaço possivel.

A primeira gravura mostra o apparelho fechado, com a prateleira utilizada e ornada na parte inferior com uma folhinha. Chega a hora da refeição; abrem-se os supportes da parte inferior, volteia-se a taramella ao alto e a mesa fica armada, como se vê na segunda gravura.

A mendicidade e os mendigos

Toda a gente, que anda por ahi, todos os dias encontrando mendigos aos magotes, não só á porta das egrejas mas em todas as ruas bem frequentadas, revigora sua indignação com a certeza de que a mendicidade é prohibida. Mas, de certo, muito raros são os que sabem que essa exploração systematica da caridade foi considerada um delicto desde o dia 2 de janeiro de 801 e que portanto ha 1118 annos affrontados pela desfaçatez das centenas de pedintes que infestam o Rio de Janeiro.

De facto, foi o imperador Carlos Magno quem, no mesmo decreto, prohibiu

A' porta das egrejas

a mendicidade e a pratica da medicina sem autorisação regular. Note-se, de passagem, que a população carioca parece ter birra especial com as determinações de Carlos Magno porque os medicos improvisados, sem titulo nem autorisação, exercem sua profissão nesta cidade quasi tão livremente como os mendigos.

Mas o facto é que desde os mais remotos tempos, mesmo antes de Carlos Magno, os povos civilisados procuraram reprimir a mendicidade porque, embora não se a considere propriamente um delicto, entende-se que ella constitue, como a vadiagem, uma ameaça á ordem publica. Desde o direito romano, todas as legislações se inspiraram na seguinte distincção: não se deve punir o mendigo invalido, mas o valido deve ser alvo de castigo severo porque é sempre um vadio. Isso porém não significou jamais que aos invalidos fosse permittido appellar para a caridade publica : o mais que se faz é tolerar a mendicidade em determinadas circumstancias ; ficando sempre entendido que a tolerancia tem limites muito estreitos, cabendo ás autoridades e á communidade o dever de am-

parar os invalidos para que elles não mendiguem dando um espectaculo deprimente e incommodo á população.

Em Londres e em quasi todas as cidades de Inglaterra, onde o excesso de população justifica em grande parte a falta de trabalho, a tolerancia da mendicidade toma uma forma muito original e bem ingleza. Nunca é permittido pedir esmola : o mais que se permitte é recebel-a. Mas para isso é preciso que o necessitado vá á estação de policia de que depende e ahi solicite um balde e uma vassoura : munido com esses objectos auxilia a limpeza das ruas e então tem o direito de receber esmolas. E o publico já affeito a esse habito, sabendo que esses *garys* voluntarios são necessitados, pode bem dar esmolas, mas nunca será incommodado por elles.

Em França, na Belgica, na Allemanha e outros paizes do centro da Europa, muitas cidades têm asylos para invalidos (seja por defeito physico ou por velhice). Nessas cidades a prohibição da mendicidade é absoluta : nos logares onde não ha instituições d'esse genero, permitte-se que os invalidos mendiguem em pontos indicados pela policia. Se porém solicitam esmolas fóra d'esses pontos, são severamente punidos.

Apezar d'isso tem havido epochas em que a mendicidade pulula, á sombra das revoluções, dos governos desordenados, ou quando ha duplicatas de governo. Em alguns momentos como esses, os mendigos têm chegado a formar corporações poderosas para a espionagem e o roubo, ou mesmo para promover e auxiliar revoluções patrioticas, como em Hespanha durante as guerras napoleonicas.

A historia consigna que foram os mendigos de Madrid os promotores da revolta sangrenta e implacavel que obrigou o impetuoso principe Murat a retirar-se com seu exercito da capital hespanhola e ir acampar fóra da cidade, a distancia prudente.

No seculo XIII constituiu-se no centro de Paris uma corporação de mendigos que ao fim de alguns annos occupava todo o bairro limitado pelas ruas de Saint-Sauveur e des Petits-Carreaux, passagem do Cairo e rua Saint-Denis. Nem a policia se atrevia a penetrar nesse reducto onde imperava a multidão de mendigos, aleijados verdadeiros ou simulados.

Por causa dos simuladores é que esse antro teve o nome de *Côrte dos Milagres*, porque muitas centenas de homens e mulheres, que andavam pela cidade como invalidos, perdiam todos os defeitos physicos desde que se recolhiam a seu antro.

O numero e a organisação deu a essa corporação de ladrões e malandros força tamanha que as autoridades não prendiam sequer os que encontravam isolados pela cidade, com receio das represalias sempre sangrentas e ferozes : assassinatos, incendios, raptos de moças ou creanças, etc.

Victor Hugo faz (em seu romance *Notre Dame de Paris*) uma impressionadora descripção da *Côrte dos Milagres* ; descripção um pouco fantaziosa, mas assentando em base verdadeira, porque nos livros de Sanval, um dos historiadores mais serios e mais criteriosos do seculo XVII, descrevendo a *Côrte dos Milagres* sobre documentos que assegura como authenticos, relata factos absolutamente eguaes aos que se encontram no romance de Victor Hugo, apenas sem o brilho de linguagem e o luxo de detalhes do genial poeta. Foi somente sob o reinado de Luiz XIV que o governo de Paris ousou enfrentar os mendigos, prendel-os, enforcal-os ou deportal-os. Mas para isso teve de travar porfiados combates que tiveram quasi proporções de batalhas pelas ruas.

..

No Rio de Janeiro tambem ha *Côrtes de Milagres*, na Favella e outros morros da cidade, onde um cidadão pacato não se atreve a perambular e onde a propria força policial tem sido recebida a tiros, facadas e navalhadas.

Isolado o mendigo em geral não é bellicoso ; contenta-se em ser insolente e perfido, de uma diplomacia agressiva ou torpemente opportunista que o leva a importunar de preferencia os cavalheiros acompanhados por senhoras. Entre os que exploram os arrabaldes, muitos usam da mendicidade como um meio e não um fim : dado o feitio bonacheirão e descuidado das senhoras cariocas, sua incansavel piedade, o mendigo tem grandes facilidades para entrar nas casas ou pelo menos estudar bem as disposições internas, os fechos das portas e janellas, os habitos dos moradores, preparando assim com segurança futuros assaltos.

A exhibição pelas calçadas

Nos bairros centraes, os mendigos do Rio de Janeiro podem ser considerados uma verdadeira praga e constituem uma humilhante prova de desgoverno. Chega a ser incrivel que numa grande capital se lhes permitta exhibirem-se como o fazem nos pontos frequentados pela melhor sociedade, exactamente nas horas de mais movimento ; uns estendendo-se pelas calçadas, expondo aleijões, ulceras ou inflammações repugnantes, bradando supplicas com insistencia clamorosa ; outros abordando os transeuntes, cercando-os, tomando-lhes o passo, segurando-os até ás vezes.

E ha de tudo nessa legião de pedintes: velhos, homens robustos, mulheres, creanças de todas as edades, sempre maltrapilhas e immundas. Entram nos cafés e confeitarias, nos barbeiros, nos engraxates: não ha onde se escape á perseguição.

Das 4 ás 6 da tarde, na hora em que a melhor sociedade da capital enche as calçadas da Avenida, no trecho considerado *chic* — da rua Ouvidor á galeria Cruzeiro — é muito commum ver-se a multidão elegante desviada e aberta por uma volumosa carriola de madeira, onde se exhibe um aleijado, irritadiço, quasi vociferando palavrões contra o empregado que o conduz, empurrando a carriola. De vez em quando os jornaes noticiam que se encontrou em poder de um d'esses mendigos, preso ou morto, avultada quantia, titulos de renda, documentos comprobatorios da propriedade de immoveis... Mas a população, por habito, por displicencia, por mal entendida dignidade, ou como quem paga um imposto para se libertar de uma importunação, continúa a dar nickeis aos mendigos.

Por isso a industria é tão rendosa que frequentemente somos implorados nas ruas por mendigos que mal sabem resmonear duas ou trez palavras de nosso idioma com sotaque formidavel. E' que a fama de paraizo dos mendigos já se espalhou, e muitos d'esses exploradores vieram dos confins da Italia, da Hespanha ou de Portugal expressamente para viver de esmolas, pois que isso é aqui uma industria permittida e até a unica isenta de impostos.

Pelas ruas

...

Como explicar a inercia da policia diante d'essa situação deprimente?

Um humorista já lembrou que a policia talvez deixe em paz a mendicidade incommoda e vergonhosa com a melhor das intenções: a de facilitar a circulação urbana. O caricoca é inveteradamente conservador: faz das ruas salão, detem-se a conversar pelas calçadas. Já varias autoridades tentaram pôr cobro a esse abuso com o *Circulez* intimativo dos guardas-civis. Mas essa moda européa não pegou; então a policia soltou contra nós os mendigos.

Com elles, de facto, é impossivel conversar na rua porque, mal um cidadão pára para dar dous dedos de cavaco a um amigo ou a uma senhorita, vê-se logo interpellado por uma figura sordida, que desfia um rosario de desgraças e lança resmoneadas em tom lastimoso, que é de tirar o bom humor a um santo.

SOMNO

Em que momento o somno é mais profundo? Dois observadores allemães procuraram reconhecer este momento, medindo a intensidade de som necessario para despertar um dormente depois que o somno se estabeleceu. Sem entrar na descripção technica d'estas experiencias indicamos simplesmente alguns resultados. Assim, depois de uma hora foram precisos 2.781 *milligrammas-millimetros de intensidade de som; depois de* 1 *hora* 45, *foram necessarios* 17.229; 3 *horas depois*, 9.485; *seis horas depois* 7.718. *O somno parece ser mais profundo na segunda hora, mas certamente ha differenças de individuos para individuos.*

Limpeza de lampadas de petroleo

Nestas lampadas os porta-torcidas, e os metaes onde chega a chamma, enegrecem rapidamente, cobrem-se de fuligem gordurosa, e difficultam o funccionamento das mechas. Uma simples immersão durante alguns minutos na agua fervente, onde se tenham dissolvido alguns crystaes de soda, d'aquellas peças e da propria mecha á sufficiente para conseguir a desejada limpeza.

— *Ah Maria! Com que prazer te vejo? És feliz em teu casamento?*

— *Felicissima.*

— *Tens filhos?*

— *Não.*

— *Como é isso?*

— *A casa em que vivemos é tão pequena que não tem logar para creanças.*

A ARTE DE SER BELLA

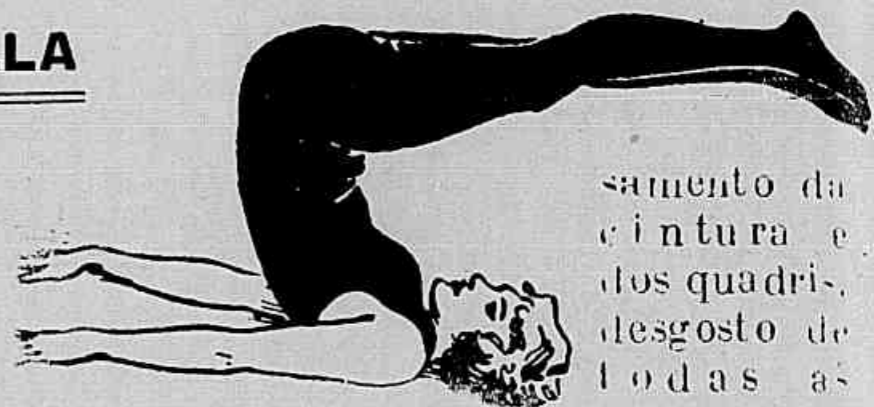
SE todas as mulheres soubessem a importancia que os exercicios physicos têm sobre a belleza e especialmente sobre o encanto do rosto, nenhuma haveria que não dedicasse um minuto por dia á gymnastica de quarto, a chamada gymnastica succa, que sendo a mais facil, a menos fatigante, é justamente a mais util, a que mais preciosos beneficios traz á saude em geral e consequentemente á formosura, porque só as pessôas sadias podem ser verdadeiramente bellas. Alguns hygienistas recommendam para a belleza uns tantos movimentos limitados aos musculos da face, chegando a aconselhar o bocejo repetido todas as manhãs para melhorar a expressão do rosto aos que têm tendencia para apertar os maxillares e dar á physionomia um ar de desgosto. Como se sabe, esse defeito é muito commum quer nas mulheres quer nos homens.

Mas não é necessario descer a taes minucias, que são fantazias de medicos burocratas. O que convem, o que traz beneficios indiscutiveis é a gymnastica de quarto com movimentos geraes. Ao levantar-se e á noite antes de dormir fica-se de pé em logar bem ventilado (porque a respiração é parte essencial nesse exercicio) erguem-se os braços, cruzam-se as mãos sobre a nuca e estira-se bem o corpo, abrindo bem os braços e respirando profundamente. Depois deixam-se cahir os braços, expellindo o ar, e recomeça-se.

Nunca nos cançaremos de repetir que os movimentos da gymnastica sueca devem ser feitos vagarosa e rythmadamente.

Para que melhor comprehendam a utilidade d'essa gymnastica recordamos que os signaes da velhice no rosto como no corpo correspondem á deterioração de uns tantos orgãos internos. Por exemplo: não ha senhora que, em certa edade, não se afflija ao notar que seu rosto tende a ficar pesado na parte inferior, creando o que se chama vulgarmente *papada*. Recommenda-se geralmente contra isso massagens assim como applicações quentes, etc. Mas, dado que a papada é resultante de um mal interno, o melhor meio de eliminal-a é atacar a causa. Deve-se notar que o apparecimento da papada coincide sempre com a flacidez dos musculos abdominaes e augmento exagerado de volume dos quadris. Combatam-se esses primeiros males e a papada desapparecerá visto como é sua consequencia.

Miss Sarah Gibson, professora de educação physica em Baltimore e autora d'este artigo.

Para evitar o excessivo engrossamento da cintura e dos quadris, desgosto de todas as elegantes apoz os trinta annos, deve-se fazer o seguinte exercicio. Deitada sobre o leito ou sobre um tapete — o que ainda será melhor — bem estendida, com os braços ao longo do corpo, erguer os joelhos, approximando-os, juntos, o mais possivel do ventre e depois estirar as pernas.

Feito esse exercicio dez ou doze vezes, erguer alternativamente uma ou outra perna, o mais possivel, mantendo-a bem direita e conservando o corpo bem estendido. E, já se sabe, movimentos vagarosos rythmados, aspirando o ar quando ergue a perna e expellindo-o quando a abaixa.

Outro exercicio de corpo que produz o mesmo effeito sobre a belleza do rosto: de pé, com as mãos apoiadas aos quadris e o corpo bem direito, inclinar-se o mais possivel para um e outro lado, expellindo o ar quando se inclina, e aspirando profundamente quando se volta á posição natural.

Esse exercicio, que conserva a cintura flexivel e evita seu engrossamento, tira ao rosto as olheiras, expressão de fadiga e tristeza que têm por causa o máu funccionamento dos intestinos.

Para o mesmo fim é tambem util collocar-se de joelhos com os braços cruzados para atraz e curvar-se rythmadamente até tocar o solo com a cabeça.

São tão completos e perfeitos os resultados d'esses diversos exercicios que só os ignorantes ainda teimam em consideral-os ridiculos ou duvidam de sua efficacia.

Os horrores da guerra

Embora seu nome seja dos que menos se ouviu, a Rumania perdeu, na voragem suscitada pela Allemanha, 725.000 mortos; sendo 325 mil soldados e 400 mil civis. Os processos de destruição systematica applicados pelos allemães produziram consequencias taes que pela primeira vez em uma guerra o numero de mortos civis é superior ao dos militares.

Simplesmente doloroso!

A VERDADEIRA RAINHA LOUCA — A MODA

E' de Paris que, ha trez ou quatro seculos, partem as indicações soberanas da moda que o mundo inteiro acceita, e admira; mas os tempos vão evoluindo.

Sob o reinado de Luiz XIV, o rei era pessôa divina; hoje a França é governada pelo democratico Clemenceau, sob a egide do decorativo Snr. Poincaré; de modo que já é permittido discutir os decretos da Moda e, para falar com franqueza, a moda de hoje é mais do que feia, inconveniente, disparatada e portanto ridicula.

Horror! trez vezes horror! Trazer o ridiculo sobre a mais primorosa obra da Natureza — a creatura feminina, que Deus creou para que o mundo nunca fôsse inteiramente destituido de graça. E não é sómente aqui que se pensa d'esse modo; em Paris mesmo os mais brilhantes caricaturistas, os mais intelligentes chronistas revoltam-se e crivam a Moda de criticas implacaveis. Jornaes dos mais importantes consideram esse assumpto tão grave que lhe dedicam a columna de honra na primeira pagina, encarando-o até do ponto de vista economico e utilitario, recordando que o commercio de artigos de moda de Paris faz entrar em França muitos milhares de contos.

Guarnição fantasioza mas sem gosto.

O modernissimo véo arabe.

Elegante, sem duvida, mas demasiadamente despido.

Figurino absolutamente louco e ridiculo, publicado muito a serio por uma das mais acreditadas revistas de Londres — o Sketch

Outra silhueta exotica imposta pela moda.

« E — diz um articulista — alem de tudo estamos nos esquecendo de resguardar um de nossos mais preciosos elementos de prestigio no mundo: a graça das Francezas e das Parisienses, que, ha muito, impõem o nome de nosso paiz como modelo.

Comprehende-se que seja preciso possuir dons especiaes de distincção para usar um vestido de estylo apurado; mas desde que reduzimos o vestuario a uma especie de tanga, que começa muito abaixo dos braços e termina acima dos joelhos, qualquer selvagem do interior da Africa poderá usal-o com brilho. O caracter excessivamente despido da moda actual elimina portanto a superioridade das Parisienses sobre as mulheres de raças menos cultas e apaga outras distincções mais importantes, como a que outr'ora differençava os vestuarios segundo os costumes. Desde que as mãis de familia adoptam o *deshabillé* provocante das mulheres publicas o homem, desorientado, não sabendo mais quem deve respeitar, acaba por perder em geral o respeito ás mulheres.

A extravagante silhueta de uma elegante moderna.

Uma moda que não permitte distinguir entre uma senhora honesta e as *outras*, evidentemente não é uma moda distincta.

Ha quem

Véu aconselhado pelos figurinos para viuvas. Mais parece para Carnaval.

discuta, lançando a culpa para os grandes costureiros, que cream e lançam a Moda. Illusão : os grandes costureiros são negociantes, querem vender ; por tanto, fabricam aquillo que suas freguezas preferem.

Infelizmente o que se dá é o contrario do que se notava antigamente. Sabe-se que o ideal das actrizes era ter o aspecto das senhoras de alta sociedade ; hoje são as senhoras do melhor tom que têm a preoccupação de copiar as actrizes.»

E terminam os artigos lembrando que o credito e as finanças do paiz estão empenhados nesse problema. Pois que a moda franceza cada vez mais se parece com o modo de vestir de Honolulu ou da Cafraria, por que razão as elegantes do mundo inteiro hão de continuar a comprar seus vestidos em Paris ?...

mo os mais importantes ; contenta-se com escrever ao lado de seu sinete : *Yo, el Rey* (Eu, o Rei).

A policia aerea

As novidades trazidas aos costumes pela navegação aerea não terão conta em pouco tempo. Depois dos aviões para passeios, aviões postaes, diplomaticos e os aerobus *para commercio e de praça, surgiu o avião policial, que deverá fazer sua apparição no Derby aereo, organisado pelo* Daily-Mail, *e consistindo em fazer duas vezes a viagem de Londres a Kempton e a Hendon.*

Um policial em aeroplano assegurará o serviço de ordem entre os concorrentes. Será curioso ver a maneira como esse policial desempenhará a sua tarefa.

A firma de Affonso XIII

Inaugurando a linha postal aerea, o rei da Inglaterra enviou ao rei de Hespanha uma medalha de ouro e uma carta autographa.

Affonso XIII, por sua vez, respondeu por outra carta autographa enviada tambem pelos ares. Foi para elle uma das raras occasiões de escrever seu nome em baixo de um documento.

Simples comparação entre a sihueta de uma elegante de nossos dias e a de selvagens da Zululandia.

Dizemos « uma das raras occasiões» porque, com effeito, o soberano hespanhol, ao contrario dos outros monarchas da Europa, não costuma escrever seu nome no fim dos documentos, mes-

Sua irmã

A estação de Deauville (diz-se) foi, este anno, muito brilhante. A resurreição da elegancia em Deauville foi de uma rapidez surprehendente. Quem imaginaria, ha alguns mezes, vendo os immensos hospitaes inglezes cobrirem aquella região, que a vida mundana alli, menos de um anno depois, seria tão animada ?

Os vastos hospitaes de Deauville estão fechados. Seu grande chefe, o cirurgião-geral sir Samuel Herbert, regressou á Inglaterra, onde é o medico do rei. Esse homem encantador levou de sua estadia em Deauville uma admiravel serie de anecdotas, entre as quaes conta com graça especial a seguinte :

Num hospital da costa normanda estava sentada uma velha enfermeira-mór,

Os chapéos que parecem um espanador e as gollas que parecem uma canga.

O inesthetico vestido coquille

de lorgnon imperioso e muito severo. Uma graciosa rapariga apresentou-se-lhe muito desconsolada:

— Soube que o tenente X... está ferido... Desejava tanto vel-o! E' possivel?

A enfermeira franziu as sobrancelhas:

— Conforme! Só podemos admittir os parentes proximos. A senhora faz parte de sua familia?

A rapariga corou até a raiz dos cabellos, mas disse com firmeza:

— Oh! sim... Sou... sua irmã!

Então a enfermeira levantou-se e, com uma amabilidade impressionadora, saudou-a:

— Nesse caso tenho muito prazer em conhecel-a! Eu sou sua mãi

As duas caracteristicas da moda de hoje, segundo os figurinos elegantes:

Ou a dama se apresenta como se sahisse do banho, apenas envolvida em tenue lençol...

...ou emerge de uma confusão de tecidos leves, sem linha nem forma, expondo o busto nú.

CONCURSO DE HARMONICA

Na sala do Palacio de Estado, em Bruxellas, reuniram-se em Dezembro ultimo os melhores tocadores de harmonia.

Os applausos do auditorio recompensaram as execuções. Foi applaudido particularmente, o Sr. Charlier, solista de Liége, na ouverture do Poéte et Paysan. A ouverture de Fausto e os Sinos de Corneville obtiveram tambem exito consideravel. Não diz o jornal de onde extrahimos essa noticia em que consistia o premio. Com toda a certeza, uma soberba harmonica.

A TEMPERATURA DO CORPO HUMANO

Em estado de saúde a temperatura media é de 37°,6 no rectum. Acima de 38° ha febre; abaixo de 36° dá-se a algidez. A temperatura da pelle é sempre inferior á do interior do corpo, sendo por exemplo a da planta do pé de 32°, 2. Pelas experiencias de Claudio Bernard e de Arsonval, parece ser o ponto mais quente a veia cava inferior um pouco acima das veias sub hepaticas. A temperatura é um pouco mais elevada de dia do que durante a noite; na febre, em geral, a temperatura não excede 40 ou 41 gráos, e é já deveras assustadora. Todavia parece certo que em alguns casos o thermometro pode subir mais; assim em 1894 o sr. Caparelli, na Sicilia, observou n'uma mulher nova uma temperatura de 45 a 46 gráos na axilla. Note-se que este medico italiano recolheu com todas as precauções esta observação.

O medico inglez Currie cita a temperatura de 42°, n'um caso de escarlatina. Citam-se casos de uma hyperthermia ainda mais exagerada, cuja authenticidade é difficil assegurar. Assim um bombeiro de Nova York, victima de um accidente, transportado ao hospital sem sentidos e assim se conservando dias, apresentou depois em ataques convulsivos a temperatura de 65 gráos centigrados.

A volta do mundo de um excentrico

O Sr. Duffex é um Canadiano, que, se não desanimou com a guerra, deve estar terminando a volta do mundo, que se propoz fazer, atravessando as grandes cidades por processos excentricos.

Nossas gravuras mostram-nos as singulares maneiras como o Sr. Mauricio Duffex atravessou os logares mais populares de Londres.

1 — *Passando um cáes do Tamisa, pelo parapeito, sobre as mãos.* 2 — *Atravessando Leicester Square em cavallo de páu.* 3 — *Ainda em Leicester Square, guiando um coupé de cabeça para baixo.* 4 — *Atravessando o Picadilly com um rolo.* 5 — *Diante da Bolsa... numa flauta.* 6 — *Aproveitando a boa vontade de dous trabalhadores da via publica.* 7 — *Em um balde, levado a mão por um hercules amigo.* 8 — *Sobre uma carroça de irrigação em Kingsway.* 9 — *De quatro pés, sobre rodellas de casas de chopp.* 10 — *Arrastado pelos cabellos.*

PORTRAIT-CHARGE XXXII

DR. SÁ FREIRE

PREFEITO DO RIO DE JANEIRO

(Desenho de AMARO).

AS ABRAXAS

Chamam se assim umas tantas pedras gravadas encontradas no Oriente a partir do seculo II da era christã e que, evidentemente, serviam como talismans, como os gobetas tão em moda entre nós. As *abraxas* representam geralmente figuras extravagantes com corpo humano, cabeça de gallo, leão ou outros animaes e, ás vezes, serpentes enroladas aos pés. Na propria face ou mais geralmente no reverso lê-se a palavra magica *Abraxa* ou *Abraxax*, escripta em lettras gregas.

Ao que parece a origem d'essas pedras é a seitá gnostica do Basilida, porque esses hereticos davam a seu deus o nome de *Abraxax* nó qual S. Jeronymo e outros julgam encontrar uma formula do nome mystico de Mithra. Os eruditos modernos attribuem essas pedras gravadas uns aos pagãos, outros aos christaos, outros aos gnosticos. Todos indistinctamente consideram os *abraxas* talismans. Algumas personalidades européas como Luiz VII, rei de França, e Margarida de Flandres usaram essas pedras em anneis.

nado. E o orador da delegação notou que as damas eram representadas por virtudes.

— E os que jogarem com ellas serão os viciados — observou, rindo, o presidente do Conselho, guardando o presente na gaveta de seu *bureau*.

Novo processo invisivel de prender chapéu de senhoras

Na frente um pente preso á copa pelo lado de dentro. Atraz uma travessa presa por um elastico.

O baralho dos alliados

Os ultimos jornaes de New-York fallam de um novo baralho de cartas, posto em circulação. Chama-se o *Baralho da Paz*.

O rei de Copas é nelle representado pelo presidente Wilson, o de Ouros pelo Sr. Lloyd George, o de Páus pelo Sr. Sonnino e o de Espadas pelo sr. Clemenceau.

As quatro damas são as figuras allegoricas dos Estados Unidos, Inglaterra, Italia e França.

Os quatro condes são o coronel House, o general Pershing, o Sr. Balfour e o Sr. Tardieu. O az de Páus é substituido pela figura da Liga das Nações.

Não foi precisa grande imaginação para crear esse baralho. Um pouco de memoria foi o sufficiente. Em 1789, fabricaram-se tambem em França baralhos patrioticos: os quatro reis eram representados por Voltaire, Rousseau, La Fontaine e Molière; as quatro damas, por quatro virtudes patrioticas: A Fé, a Sinceridade, a Justiça e a Dedicação. O az de Páus era a Liberdade.

Em 1793, os artistas do Theatro Nacional (*Comédie Française*) offereceram ao Conselho Geral da Communa de Paris um d'esses baralhos, artisticamente illumi-

Tudo é relativo

O reverendo pádre Mason, auctor do Quadro de Paris, escreve o seguinte:

« Já por trez vezes fui atropellado e lançado sobre as lages da rua; tenho pois, mais do que outro, o direito de protestar contra o luxo barbaro das carruagens, que nenhuma autoridade tentou ainda deter. As rodas orgulhosas, que transportam os ricos, continuam a voar vertiginosamente sobre os lagedos manchados com o sangue de suas infelizes victimas, que expiram no meio das mais horrendas torturas ».

Sabem quando foi escripto esse periodo indignado? No fim do seculo XVIII, quando começaram a circular nas ruas de Paris os primeiros carros puxados por cavallos. Era isso que parecia então ao padre Mason um perigo espantoso.

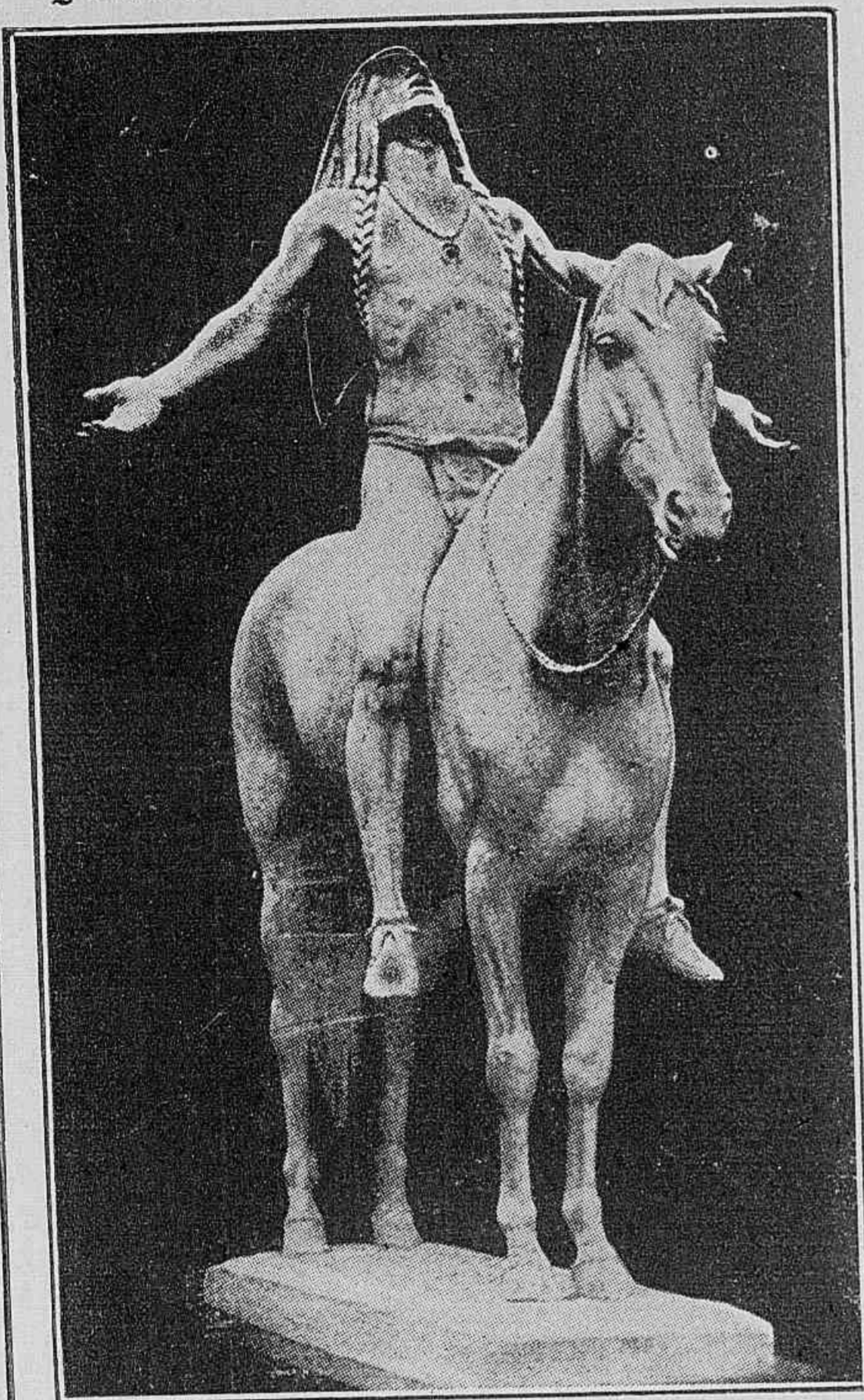
Como nos parece comico hoje esse terror a nós, que atravessamos a sangue frio as avenidas sulcadas por dezenas de automoveis! E o facto encerra uma moral reconfortante; o numero de atropellados hoje não é maior do que no seculo XVIII, o que prova que o homem se habitua a todos os riscos e sua habilidade se desenvolve á proporção que os perigos augmentam.

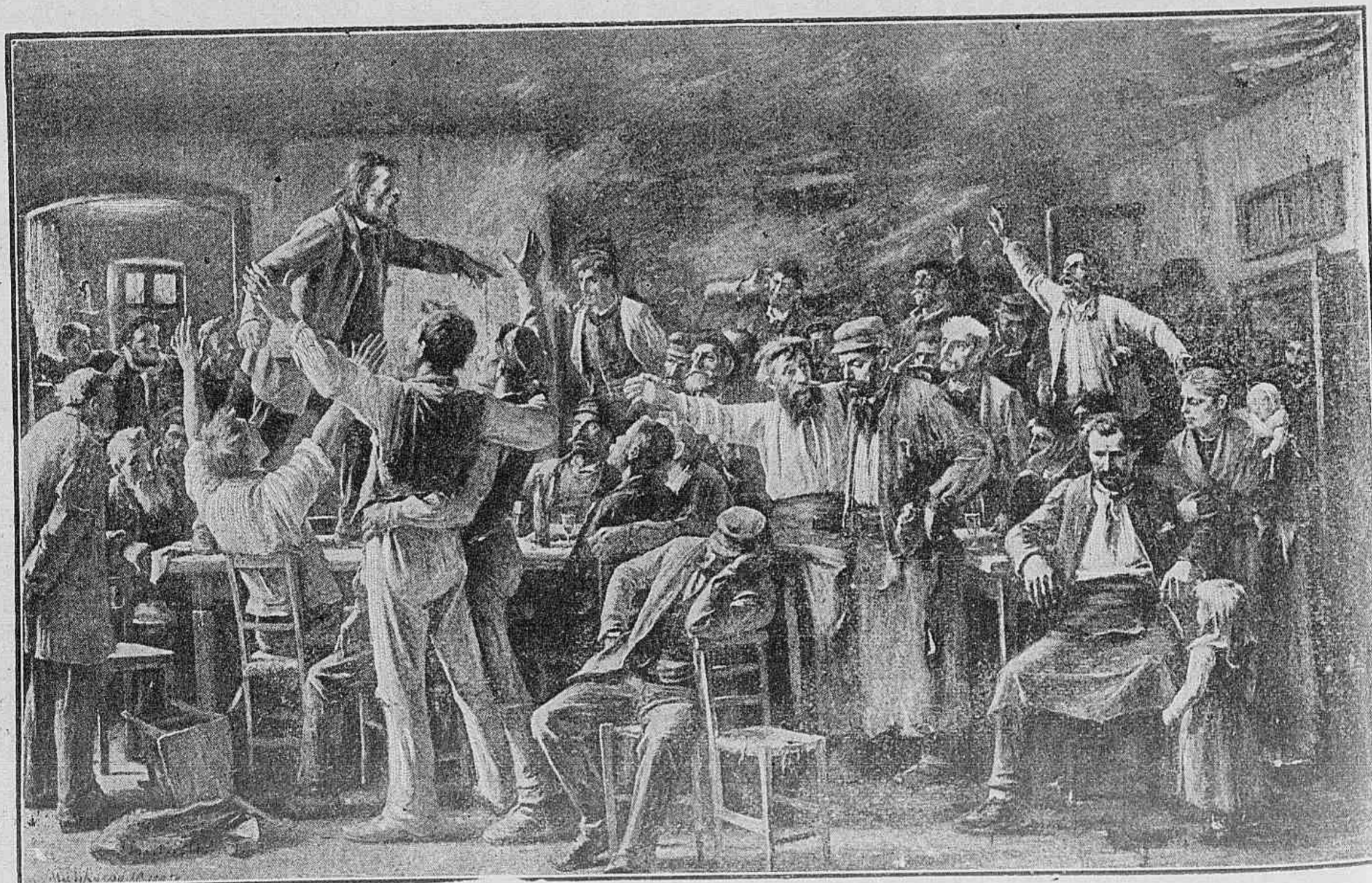
OS IDOLOS DO PUBLICO

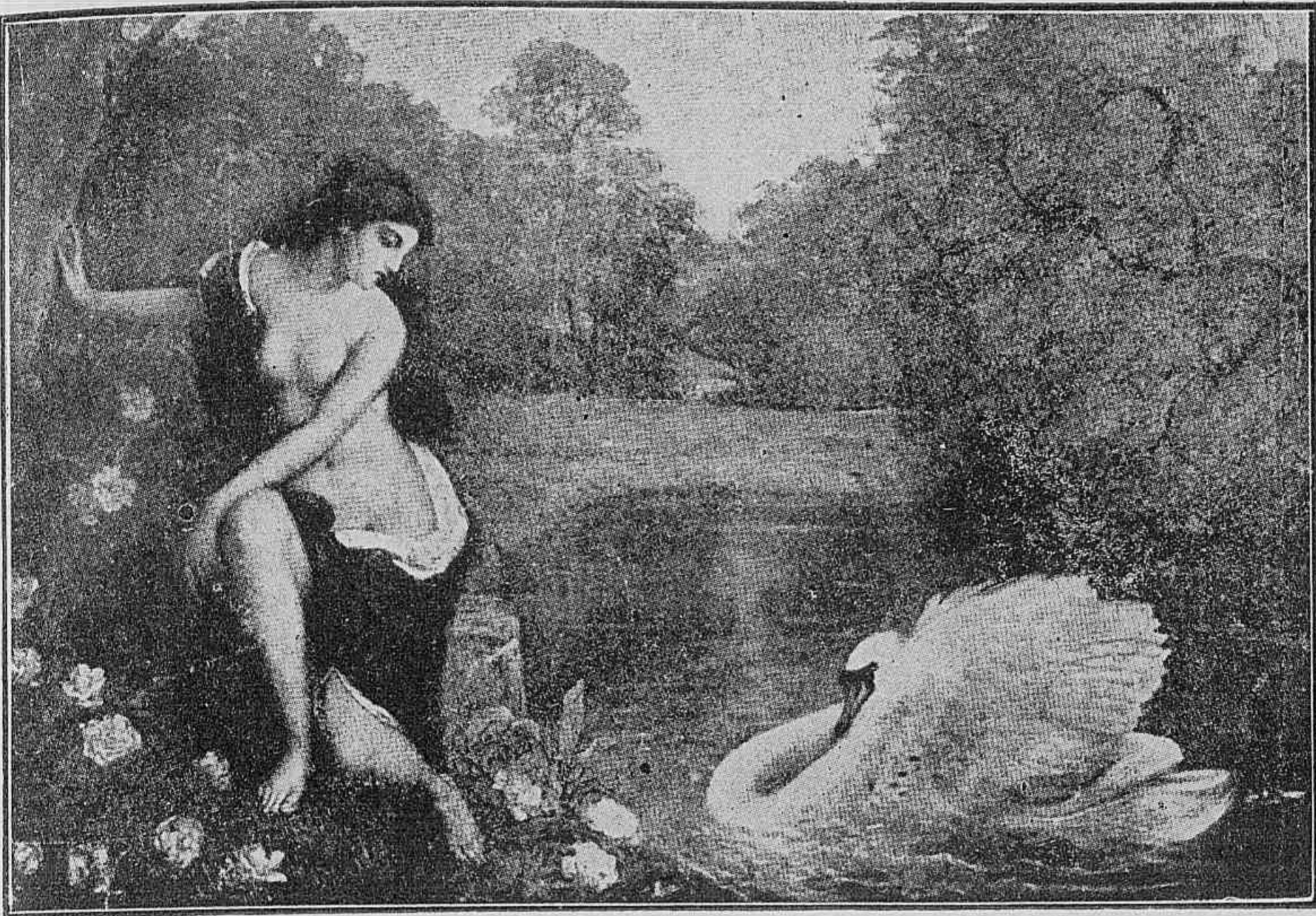
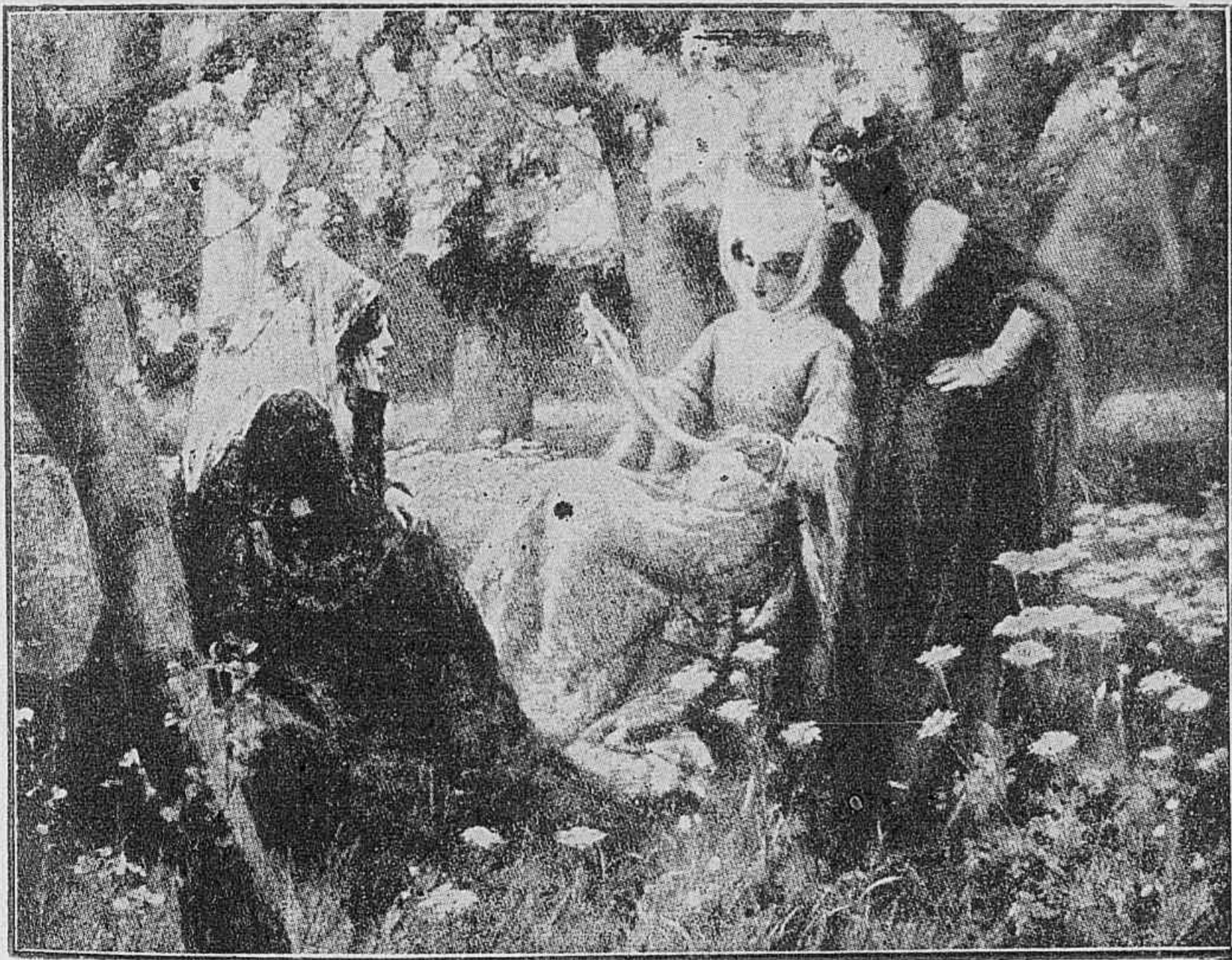
MISS WANDA LYON do *London Hippodrome*

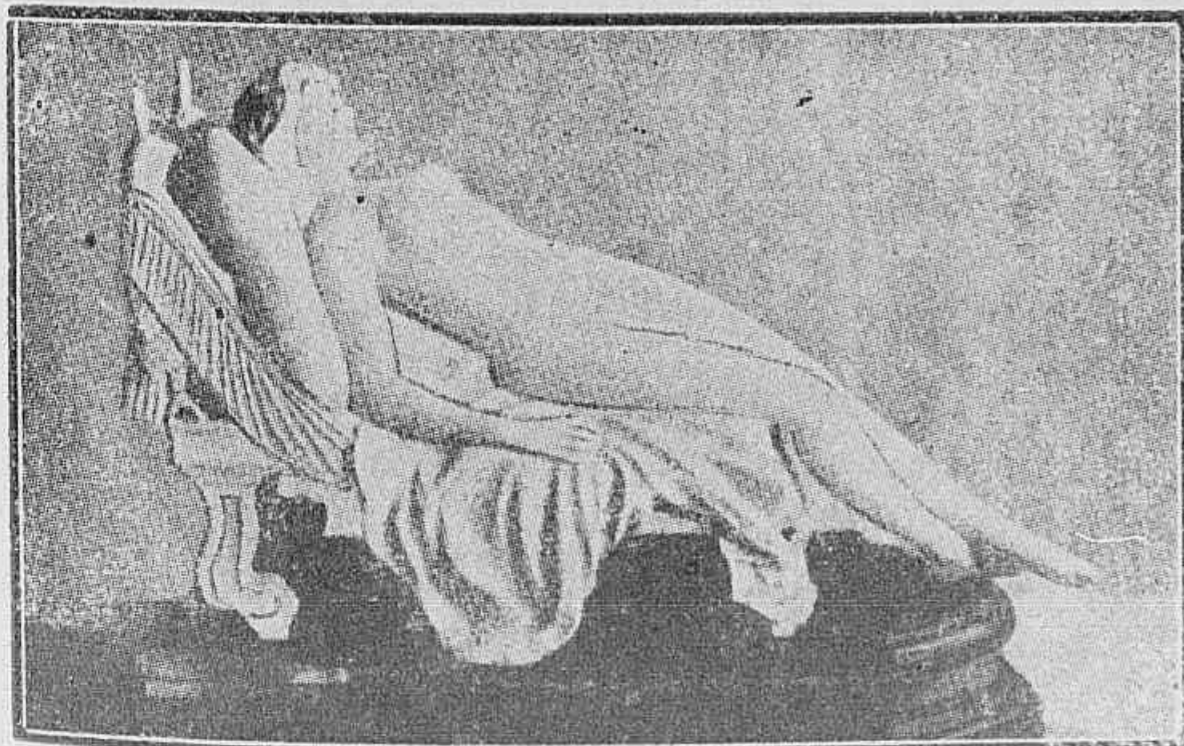
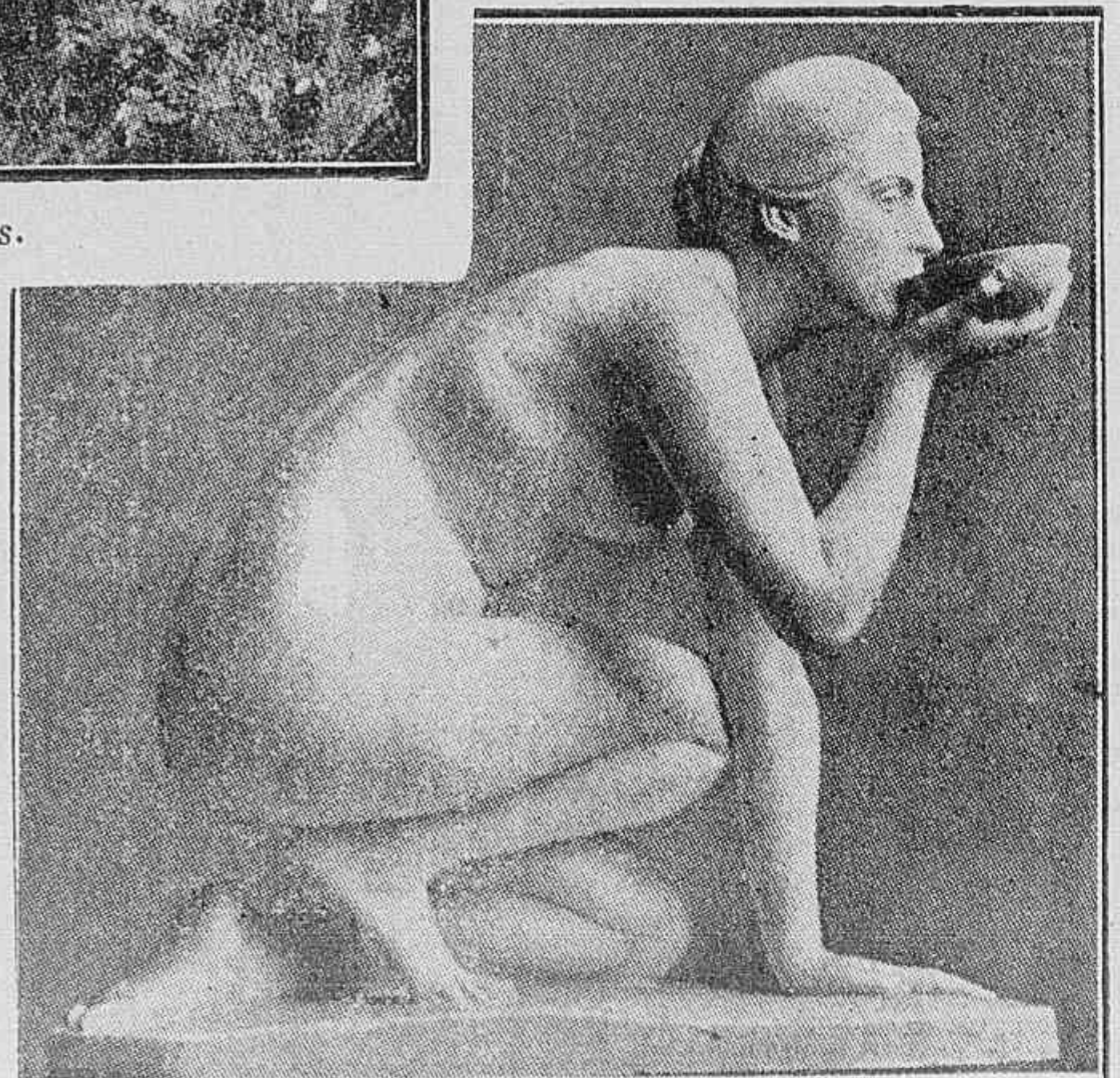
A verdadeira paz da juventude está na paz do coração.

ARTE

QUADROS E ESTATUAS NOTAVEIS

A INVOCAÇÃO DO GRANDE ESPIRITO
Estatua de T. W. Mawson

IRMÃS — Quadro de A. Delobbe.

ANTES DA GREVE — Quadro de Munkacsy.

A DESPEDIDA
por J. Crauk.

A LEGENDA DE LEDA — por G. A. Storey.

A EDADE MEDIA — por Sheridan Knowles.

CAMPONIO ARAGONEZ
por William Daunol.

FARNIENTE — de J. Philippe.

A NASCENTE — Estatua de Wilhelm Wandschneider.

ARAGEM

Memorias de um leque

Exactamente começava eu a experimentar o tedio da vida, assim fechado dentro de uma caixa de cartonagem branca, parecida com um caixão, sentindo-me ancioso por serem abertas minhas varetas de marfim, entorpecidas por caimbras, quando fui comprado por um rapaz.

Soube depois que esse rapaz era sobrinho e herdeiro da condessa de Danver, a quem por elle fui enviado como presente de anniversario.

Como eu tremia em commovida expectativa, quando me encontrei sobre a mesa do almoço de mistura com varios outros pacotes e embrulhos. Seria moça minha dona, de olhos cheios de emoções, scintillando a espreitar por cima de minha orla de renda e lantejoulas? Seria uma face macia e perfumada onde eu pousasse? Seria...

Oh! Terminaram minhas pitorescas conjecturas!

Eram arrancados por mão energica meus envolucros, abriu-se a tampa do caixão de cartonagem e foi tirado de sobre mim o bilhete de visita que me acompanhava.

— *Com affectuosas homenagens e felicitações por seu anniversario, do Rodolpho* — leu uma voz, voz de mulher, sem doçura nem modelações suaves.

— Hum! — continuou, desembrulhando-me do papel de seda, as «affectuosas homenagens» de Rodolpho levam sempre agua no bico!... Oh! um leque! Rendas de Bruxellas com lantejoulas! E novo! D'esta vez não me presenteia com uma das recordações devolvidas pelas namoradas! Dal-o-hei a Maria para guardar até eu precisar de um presente de casamento para alguem.

— Ai de mim! Adeus sonhos suaves de uma face fresca e macia, de uns olhos brilhantes e seductores! A condessa de Danver era uma senhora robusta de 53 annos, aspecto pratico e sensato; usava vestidos de genero *tailleur*, sapatos de bico largo, creava cães e desprezava os homens.

Apezar de meu desejo de ver mundo, senti certa satisfação sabendo que seria posto de parte. Talvez como presente de casamento tivesse melhor sorte.

Mas afinal não era meu destino ser presente nupcial porque, estando a condessa a vestir-se nessa noute para o baile da marqueza de Gayford, descobriu que estava partida uma das varetas de seu predilecto leque de pennas — objecto monstruoso e deselegante, feito de restos de avestruzes e tartarugas.

— Traga-me essa cousa nova, que lhe dei hoje a guardar, — exclamou com sua voz ronca minha dona, para uma criadinha de olhar manhoso e accentuada pronuncia franceza.

Foi assim que fiz minha estréa no Palacio Gayford.

Ao subirmos a grande escadaria de marmore, o conde de Danver encontrou um conhecido e rosnou-lhe:

— Olha lá! — Quero outro *bull-dog*; tens algum para vender?

O tal conhecido fez com a cabeça signal negativo.

— Não tenho, respondeu, mas sei quem possue um exemplar magnifico — e vende-o barato. Ainda no outro dia vendeu um a Keith Dellmore.

— Onde mora elle?

— *Court Square* — nº. 2.

O conde tirou da algibeira uma lapiseira de ouro e lançou em volta um olhar vago.

A condessa comprehendeu evidentemente

Comprehendi que estava no meu elemento e que entrava afinal na alta roda.

QUE PASSA

por André Smithson

o vago d'esse olhar e, com um gesto rapido e energico (ella era sempre odiosamente energica) arrancou o lapis da mão do marido e *rabiscou a morada em uma de minhas delicadas varetas de marfim !*

Imaginem, servir-se de mim, um elegante e finissimo leque, estreando na vida, para escrever a morada — *de um bull-dog !*

Apoz esta humilhação, minha dona chegou ao cimo da escada, cumprimentou os donos da casa e entrou na sala de baile.

Oh ! Que deslumbrante espectaculo ! Apezar de me sentir feio e insignificante ao lado dos magnificos leques esmaltados e cravejados de pedras preciosas, fluctuando languidamente em mãos aristocraticas, comprehendi que estava no meu elemento e que, emfim, entrava na alta roda.

Durante bem um quarto de hora a condessa de Danver agarrou-me, sacudiu-me, gesticulou commigo ; depois, quando a orchestra rompeu uns lanceiros, depoz-me em um sofá, emquanto pregava com um alfinete a cauda do ante-diluviano e usado vestido de rendas pretas.

Cinco minutos mais tarde tinha-se afastado, deixando-me esquecido, abandonado — e *livre*.

Durante uma hora deliciosa, fiquei nesse sofá de pellucia vermelha, com minhas varetas a meio abertas e meus olhos de prata e lantejoulas scintillando de alegria.

— Tenho a certeza de que o deixei por aqui —talvez alguem o levasse ! Ah ! não, cá está elle !

Ouvindo estas palavras, ditas com voz suave e cheia do frescor de mocidade, olhei e comprehendi que terminára minha breve hora de liberdade.

Em frente do sofá, vi uma moça, que realisava tudo quanto eu sonhára, dormindo em minha caixa de cartonagem.

— Como estou contente por tel-o encontrado ! — foi um presente de Keith, antes de casarmos, — continuou o meu Sonho Radiante, pegando em mim e segurando-me pela forma que mais agrada a um leque : leve e descuidada muito embora com certa firmeza.

—Oh ! E' então, na realidade, uma recordação, Mrs. Dellmore,— replicou seu par, com o tom malicioso, que involuntariamente se manifesta na voz de alguns homens, quando uma mulher muito bonita se refere ao marido, exprimindo qualquer sentimento mais ardente do que a simples tolerancia.

— De certo, — respondeu ella, com gravidade, emquanto a orchestra irrompeu n'uma valsa delirante e tumultuosa, para a qual veiu convidal-a um personagem alto de energico perfil, face morena e olhos pardos.

Segurando-me levemente na mão, que descançava no hombro do par, Yolanda Dellmore e a personagem de perfil energico deslisaram na valsa, como se elles e o rythmo da musica fossem uma unidade.

— Estou tão contente por estar emfim

junto de ti, — murmurou Yolanda, com um gracioso risinho de alegria, que deixava transparecer a sinceridade de suas palavras.

— E eu ainda mais, — replicou elle rapidamente, emquanto seu braço a apertava com mais ternura.

Fiquei indignado, completamente indignado e desilludido — porque uma mulher moça, casada e leviana é abominavel para todo o leque, que se presa.

Um personagem alto, de energico perfil, veiu convidal-a para uma valsa.

Quando eu já quasi suspirava pela austeridade de minha verdadeira dona, Yolanda tornou a fallar.

— E' de um *burguezismo* extremo pensar que, depois de seis mezes de vida de casados, ainda gostamos mais de dansar um com o outro do que com qualquer outra pessôa, não te parece ? — disse ella, fitando-o atravez dos longos cilios.

Ainda bem ! Afinal, o personagem de energico perfil era Keith Dellmore, seu marido. Não havia o menor motivo para indignações !

Quando me encontrei com elles, caminho de casa no seu confortavel coupé, fiz ardentes votos para que nem Yolanda nem Lady Danver descobrissem que, por engano, haviam trocado os leques.

Era deveras idyllico pertencer a essa linda rapariga, que regressava dos bailes, com a cabeça gentilmente encostada ao hombro do marido.

— E' então verdade que preferes dansar com teu senhor legal a fazel-o com outros ?

— Será talvez por nunca ter encontrado quem valse tão bem como tu. — respondeu a mulher. E accrescentou audaciosamente, a não ser talvez... Nigel Clyde !

O braço de Keith diminuiu um pouco a sua amorosa pressão.

— Lisonjeia-me ser comparado ao capitão Clyde, — respondeu elle, um pouco friamente.

Ao chegar a casa, Yolanda deixou-me na mesa do gabinete do marido emquanto liam umas cartas, vindas na ultima distribuição ; depois, esquecendo-se evidentemente de que eu estava tão cançado como ella, retirou-se apressada a seus aposentos, deixando-me nas proximidades de uma desagradavel caixa de charutos e de uma obnoxia garrafa. Keith, depois de ter misturado umas bebidas, que depois soube ser *whisky* e *soda*, levantou-me da mesa destrahidamente e a expressão de ternura viril de seu olhar deu logar a uma chamma feroz, emquanto seu perfil assumiu alarmantes traços napoleonicos. Fitavam-se-lhe os olhos na morada rabiscada a lapis, que maculava uma das minhas brancas e virginaes varetas.

Permaneceu silencioso durante uns segundos, depois, soltando uma exclamação, que não pode ser repetida por um leque de rendas brancas, fechou-me com violencia que me causou agonias, apertando-me com força entre as mãos.

Sentia-me aterrado... mais uns instantes e estaria partido ao meio, um objecto arruinado e inutil !

— Perdão, senhor, a senhora deixou aqui o leque.

A voz da criadinha franceza de Yolanda foi a minha salvação !

— Ah... sim... aqu o tem ! Leve-lh'o.

Dormi nessa noite muito confortavelmente numa pequena gaveta, em cima de uma *boa* de plumas brancas e ao lado de um antigo leque de gaze preta, que dava o cavaco por

contar e ouvir contar mexericos, com a tendencia de todas as cousas velhas.

Por elle soube varias cousas acerca da familia, onde um acaso e um engano me haviam tão singularmente collocado.

— Ah! sim, são noivos muito felizes, muito apaixonados, o que, segundo me diz o leque de flôres da duqueza de Joy, contraria por completo todos os vaticinios dos prophetas da alta sociedade, disse elle, quando ainda dez minutos não tinham decorrido apoz a minha entrada na gaveta.

— Porque foram máus os vaticinios?

—Porque Yolanda não fez outra cousa senão ferir corações desde sua apparição na sociedade, ha dois annos, e todos prophetisavam que ella tambem despedaçaria o coração do marido! A todos parecia impossivel que ella deixasse de namorar — mas deixou — pelo menos até hoje!

— Então nunca teve outra paixão?

O velho leque estremeceu com intimo prazer.

— Ora, não sabe que ella esteve para casar com um tal capitão Clyde? Desmanchou-se o casamento, mas murmura-se que Keith ainda tem muito ciume d'elle.

Nesse ponto ouviu-se uma voz do fundo da gaveta. Era a de um pequeno leque hespanhol, em cujo seio scintillante um *torero* e uma *maja* de olhos negros dançavam uma sevilhana.

— Devo declarar-lhes que a esse respeito Keith não tem razão alguma. Estava eu na mão de Yolanda, quando ella despediu o capitão — foi no baile de mascaras, que deram os Baltry — por isso sei o que ella disse e o que o outro lhe respondeu.

Na manhã seguinte, quando me dispunha já a fazer mais algumas perguntas, a creada abriu a gaveta, procurando qualquer cousa, voltou-me com mão irreverente e descuidada, e minhas varetas abrindo-se, mostraram o endereço escripto a lapis, do homem, que tinha um *bull-dog* para vender.

Durante momentos os olhos de papagaio da rapariga luziram de jubilo infernal.

— Ah! ouvi-a murmurar. Finalmente uma intriga

Depois, reparando de repente nos lavores da renda da minha orla, soltou uma exclamação de desapontamento e tirou-me com impaciencia da gaveta, levando-me para o gabinete de Yolanda. Ahi vi uma moça de aspecto desolado, envolta num luxuoso roupão azul pallido, contemplando com amargura o espaço diante de si.

Seria causa d'essa desolação o facto de Keith, pela primeira vez em sua vida matrimonial de seis mezes, ter sahido para o ministerio sem lhe dar um beijo?

— Perdão, minha senhora, v. exa. trouxe para casa por engano este leque. Veja, o padrão da renda é differente, tem folhas em vez de rosas e numa das varetas vem escripta uma morada.

Um lampejo de interesse baniu por instantes a desolação e Yolanda, segurando-me na sua macia e sympathica mão, examinou a morada do *bull-dog*.

— Nº. 2 *Court Square*, — murmurou ella.

— Quem morará ali? Provavelmente a dona do leque ou uma amiga da dona.

— Quer que lh'o mande, minha senhora? — perguntou a criada.

— Sim... não; vou sahir de carruagem; passarei por lá. E' uma diversão!

Assim se cumpria o meu destino!

Era sorte minha ir para o *bull-dog*!

Por volta das cinco horas da tarde. Yolanda, levando-me embrulhado em papel de seda, mandou parar a carruagem em *Court Square*.

Oh! minhas apprehensões! Eu tremia como se estivesse na mão de uma ingenua, ao ouvir a primeira declaração de amor.

E elle, abrindo os braços, guardou-a no coração.

ARTE PHOTOGRAPHICA—Quem é esse ?—*Composição de Miss Evelyn Goddard, de Farnham (Inglaterra)*

Ting... g... g... tocou a campainha electrica, estremecendo como se ficasse perturbada pelo contacto de uma luva de mulher.

A porta foi aberta por um creado, que teve, ao ver Yolanda, um rapido e velado relampago de reminiscencia no olhar discreto.

—Hontem levei para casa este leque, começou Yolanda, e vi depois...

Parou de repente; sua voz penetrára até um quarto interior. Abriu-se a porta. O creado de olhar discreto desfez-se na obscuridade.

— Yolanda ! — exclamou o homem, que sahira d'esse quarto interior.

E eu, apesar de ser um leque inexperiente, comprehendi pela expressão d'aquella voz, ao pronunciar o nome d'ella, que elle a amava — ou que a havia amado — o que em certos casos é quasi a mesma cousa !

— Eu vim aqui por engano. Não tinha idéa alguma.

— De que eu me havia mudado para aqui ?

— Nem a mais leve, capitão Clyde.

Yolanda recuperára já completo sangue frio. Tornára-se a perfeita Mrs. Dellmore !

O homem, a quem o leque de tulle preto chamára *biltre*, fez apenas um cumprimento, curvando a cabeça.

Não sei porque, fiquei com pena do *biltre;* mas, tendo Yolanda rasgado nervosamente o meu envolucro de papel de seda, tive ensejo de ver os olhos d'elle. Não eram de malvado esses olhos, fosse o que fosse o resto.

Em poucas palavras Mrs. Dellmore explicou o caso e com egual brevidade lhe respondeu seu namorado de outr'ora.

Então, Yolanda tendo obtido a certeza de que elle nada tinha a ver commigo, cumprimentou-o e despediu-se, emquanto o *biltre* a seguia com um olhar de profunda desesperança.

Vagarosamente, Yolanda atravessou o vestibulo e ao tornejar a hombreira de marmore da porta...

— Keith ! Tu !

A mulher e o marido pararam face a face.

— Tu... vens do numero 2... Era mais uma affirmação do que uma pergunta.

— S...i...m, eu...

— Soubeste a nova morada do capitão Clyde hontem á noite e escreveste-a na vareta do teu leque... para que não a pudesses esquecer ! Eu por acaso vi o leque e, tambem *por acaso*, aconteceu-me seguir esta tarde tuas evoluções !

UMA NOVA CONCEPÇÃO DO TRABALHO
— O castigo que Adão entreviu no paraizo —

Por instantes, Yolanda poz de parte o intenso orgulho que era do seu caracter.

— Keith ! — exclamou ella. Só esta manhã soube que o leque não era meu e havia qualquer cousa escripto em uma das varetas. E, como ignorasse quem morava no numero 2, Court Square, lembrei-me de vir...

Neste ponto Yolanda perdeu o animo, porque a explicação dos factos até a ella propria parecia horrivelmente incrivel.

— Cala-te — murmurou Keith sem a menor inflexão na voz. — Cala-te. E' tudo absolutamente inutil.

Então sem accrescentar palavra, cumprimentando-a com o chapéu, com cerimonia, voltou-lhe as costas.

Yolanda entrou machinalmente no *coupé* e deu ordem com voz ainda tremula.

— Para casa !... — murmurou ella. Phrase

suave, que tão grande significação tem para as mulheres.

Depois, dominando a ternura, que involuntariamente lhe enchera o coração, apertou os labios em uma linha tão recta e dura, que seria difficil adivinhar a existencia alli de uma bocca rosada. Reassumira a expressão physionomica de uma mulher tomando pela primeira vez uma resolução tremenda e eu adivinhei que essa resolução significava — *adeus*.

Ao chegarmos a casa abriu a porta do gabinete do marido e atirou commigo para cima da secretaria com força tal que julguei que se me havia fracturado uma costella; em seguida subiu, como um furacão, ao quarto. Momentos depois ouvia-se chamar a menina dos arrebiques.

— Lisette, emmala minhas cousas, eu... eu... fui chamada á pressa.

E era eu o culpado de tudo isso!

Se ao menos podesse pronunciar palavras de explicação, tudo se esclareceria; mas, apezar da minha transparencia, tão grande, que se pode ver atravez de mim, era condemnado a guardar para sempre um segredo, que ardia por contar.

A MODA EXCENTRICA
Ultimo modelo de botinas para senhoras adoptado em Londres.

E', em verdade, mister meu na vida levantar leves aragens; mas nunca um devastador cyclone como este!

Principiava a deplorar que minhas varetas de marfim não houvessem ficado nas florestas africanas e a desejar que o meu panno nunca tivesse sido despregado da almofada e dos bilros, em Bruxellas, quando se abriu a porta e entrou Keith no gabinete.

Ah! como eu tremia! Até se entrechocavam as minhas varetas de marfim!

Ver-me-hia?

Ficaria entre suas mãos, despedaçado e triturado em mil pedaços?

Dirigiu-se vagorosamente para a secretaria onde eu me encontrava, fitou em mim o olhar e empurrou-me para longe como se eu fosse um objecto nojento; depois, com um gemido profundo, que me apavorou, deixou cahir a cabeça nas grandes mãos brancas, ficando assim em silencio terrivel.

Esse triste silencio era apenas interrompido pelo som de pessôas apressadas, correndo de cá para lá, o arrastar e fechar de malas e os passos rapidos dos pequenos pés da menina dos arrebiques, lá em cima.

O cumulo do flirt.

Passou-se assim meia hora e então a voz de Lisette deu ordem ao creado que chamasse uma carruagem, d'ahi a cinco minutos, porque estava tudo prompto para a partida.

Passaram segundos, tornando-se minutos... mais cento e cincoenta pancadas da pendula do relogio e tudo estaria acabado!

E era eu, só eu o culpado!

De repente abriu-se a porta para dar passagem a um creado com uma carta, que viera evidentemente por mão propria, endereçada a Keith Dellmore.

Seu primeiro impulso foi de a pôr de parte sem a abrir — o segundo de rasgar o sobrescripto e lêr o conteudo, que era o seguinte, segundo eu vi, do meu elevado logar, em cima de um monte de papeis:

«*Meu caro sr. Dellmore.*— Quer ter a gentileza de me ajudar a vencer uma difficuldade, antes que me veja forçada a confessar a meu marido o meu enorme crime de ser descuidada? Hontem á noite no palacio Gayford, Carlos encontrou-se com Mr. Canyne, dando-lhe este a morada de um homem, que tem um *bull-dog* para vender. Essa morada escrevi eu numa das varetas de meu leque, que deixei algures, trazendo por engano outro — por signal melhor do que o meu — e perdendo assim o leque e a morada! O motivo que me leva a escrever-lhe é o Sr. Canyne ter dito a meu marido que este mesmo individuo lhe vendeu ha pouco tempo outro cão; por esta fórma eu julgo que me poderá supprir a falta do endereço perdido.

Não o incommodaria se o Sr. Canyne não tivesse partido esta manhã para a Suecia, sendo muito demorado appelar para elle.

Com affectuosos cumprimentos para sua mulher e para si, sou — Sua amiga sincera, *Jane Danver*».

«P. S. — Parece-me que a morada tinha qualquer cousa de *Court*; porem minha pobre memoria torna-se dia a dia mais parecida com uma peneira; d'aqui a pouco esquecerei o meu proprio nome.— *J.D.*»

O que se seguiu foi deveras comprometedor para um leque branco e virginal.

Keith Dellmore agarrou-me, collou-me aos labios e cobriu-me, na realidade cobriu-me, de ardentes beijos; depois, sahindo precipitadamente do gabinete, encontrou a mulher, que descia a escada.

— Yolanda! — exclamou.

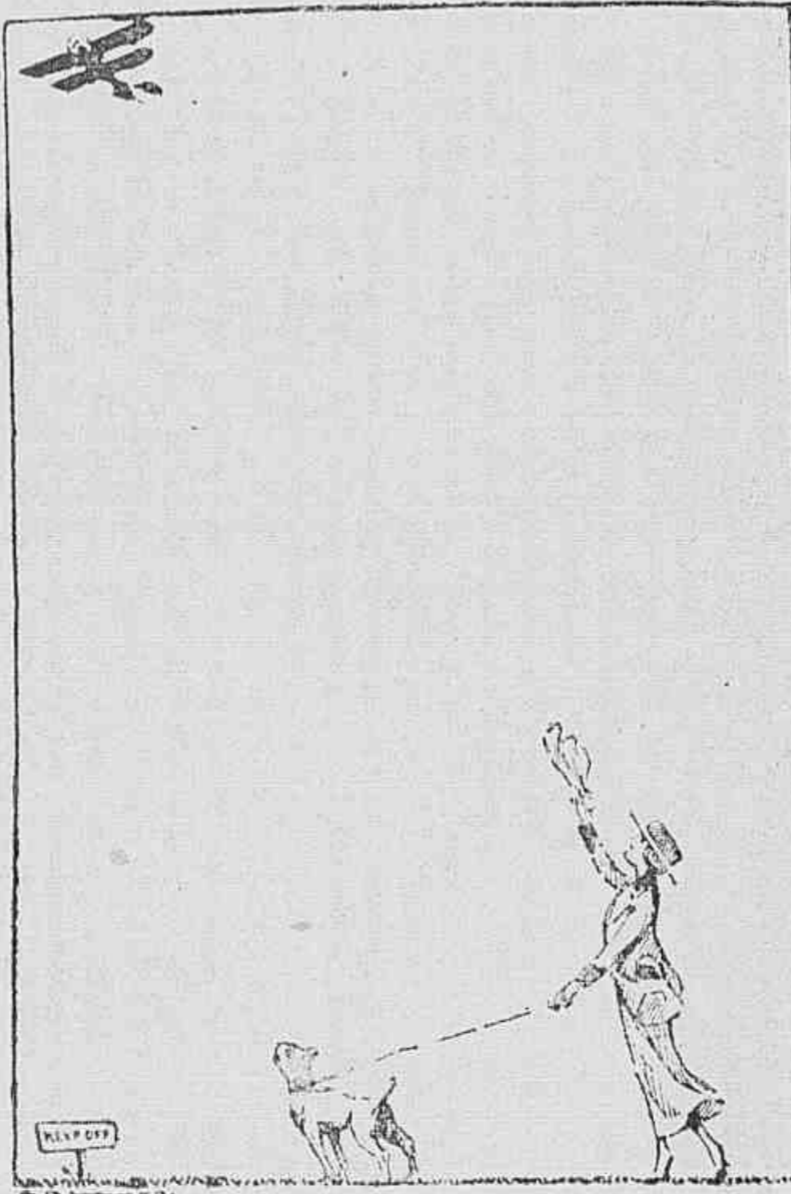
— Que queres?

— Eu... eu acabo de receber isto, lê!

Silencio. Apenas o ranger do papel da carta que ella estava lendo.

— Bem, já a li. Ainda bem para ti que tudo se explica... para mim não me faz differença... *Duvidaste de mim!*

E, sem pronunciar mais palavra, encami-

nhou-se para a porta, emquanto Keith Dellmore, voltando-se, tornou a entrar no gabinete.

* * *

Passaram instantes.

Outra vez me encontrei sobre a secretaria, junto da cabeça curvada de um homem.

Era horrivel vel-o assim! Como podia ella como podia uma rapariga, tendo deante de si todas as alegrias da vida, sacrifical-as, só por estupido orgulho! Se ao menos eu a pudesse chamar!... se ao menos...

Ah! Que ruido é esse? O *frou-frou* das saias de seda de uma mulher! A porta abre-se.

E' Yolanda.

Approximou-se d'elle suavemente.

— Meu amor — murmura ella. — Não sinto forças para partir... sem ti o mundo é um deserto... Keith, eu... quero ficar... guarda-me bem no teu coração!

E elle, abrindo os braços, guardou-a no coração.

✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦

No Jardim Zoologico

O VISITANTE DISTRAHIDO

—Mas que singularidade! Por que será esse animal assim listado.

O garoto — Naturalmente por que esteve, como o senhor, sentado naquelle banco.

Seguro contra as chuvas

Como se sabe, as festas da victoria em Paris foram favorecidas por um dia magnifico e que permittiu á innumeravel multidão esperar o imponente desfile de tropas internacionaes. Bruxellas porém foi menos feliz; no dia da grande parada de commemoração choveu a cantaros.

Os Londrinos alarmaram-se. Sua festa da paz estava marcada para poucos dias depois. Se chovesse, que tristeza e que prejuizo para as pessôas que haviam alugado por altos preços as janellas de todos as ruas por onde devia passar o glorioso cortejo.

Immediatamente o espirito pratico de nossos amigos inglezes lançou uma iniciativa sem precedentes: as companhias de seguro annunciaram que, mediante uma entrada modica, garantiriam a restituição das quantias pagas pelas janellas, caso a chuva estragasse a festa.

Não faltou quem aproveitasse essa offerta e, como não choveu, as companhias fizeram excellente negocio.

✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦

Como já foi noticiado um milionario francez, o Sr. Cognacq, doou ultimamente á Academia Franceza uma renda annual de dois milhões, duzentos e cincoenta mil francos para ser repartida em dotações de vinte e cinco mil francos, cada uma, annualmente, a noventa familias, que tenham no minimo nove filhos creados.

Pois bem: embora a França tenha fama de ser um paiz de familias pequenas, já foram apresentadas á Academia nada menos de 12 mil requerimentos de casaes nas condições previstas e até em condicções superiores, contando algumas vinte filhos creados.

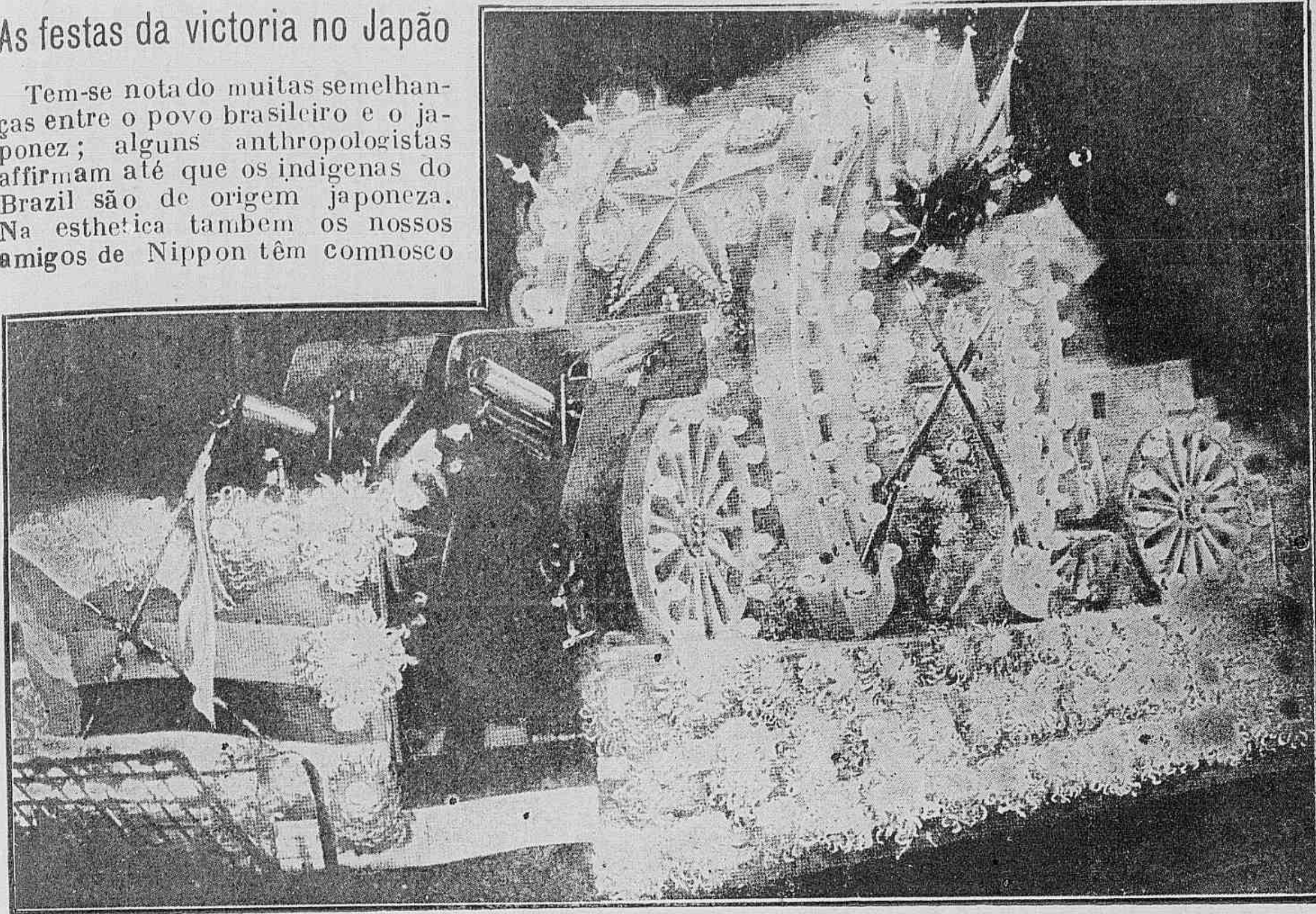
✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦✦

No ultimo concurso para o premio de Roma na Escola de Bellas Artes de Paris, o thema dado para composição de pintores foi o seguinte: «Um grupo jovial passa descuidado deante da velhice».

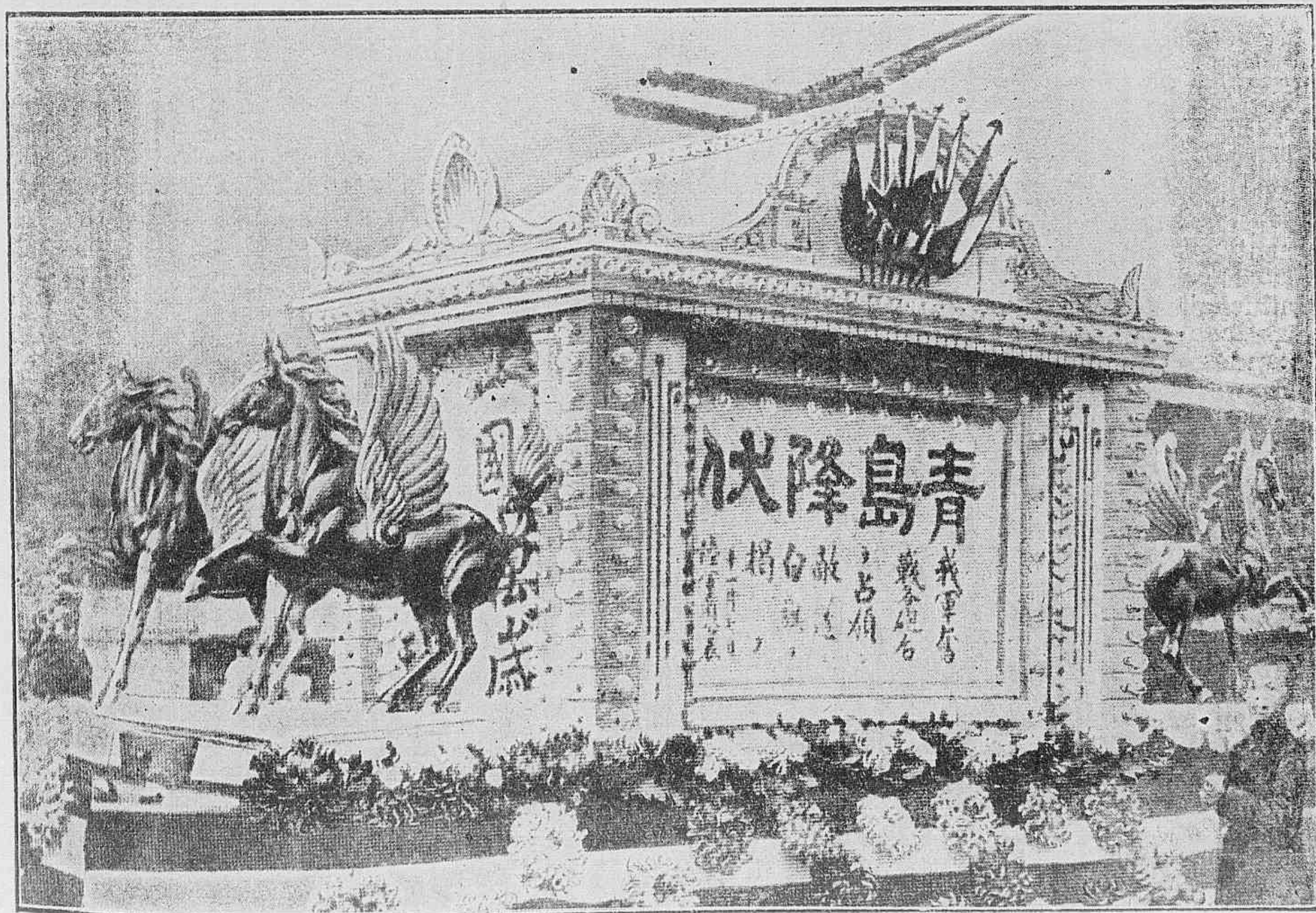
Quasi todos os concorrentes interpretaram o thema fazendo apenas um casal de adolescentes deante de um ancião. Surgiram objecções dos candidatos menos felizes, que protestaram contra os premiados affirmando que dois personagens apenas não formam um grupo. E os jornaes entraram a discutir sobre esse assumpto; quantas pessôas são necessarias para formar um grupo? O incidente recorda os problemas muito em voga da edade media. «Quantos grãos de trigo são precisos para formar um monte?»

O CONFORTO MODERNO Mesa adoptada pelas casas de discos para phonographos nos Estados-Unidos. A freguesa senta-se a essa mesa e ouve commodamente as musicas novas. Placas de vidro sobre o disco e dos lados da mesa amortecem os sons para que não incommodem os demais freguezes na sala; de um lado e outro ha trez compartimentos: um para os discos a escolher, outro para os escolhidos e o ultimo para os regeitados.

As festas da victoria no Japão

Tem-se notado muitas semelhanças entre o povo brasileiro e o japonez; alguns anthropologistas affirmam até que os indigenas do Brazil são de origem japoneza. Na esthetica tambem os nossos amigos de Nippon têm comnosco singulares pontos de contacto. Por exemplo, ainda agora, em Novembro ultimo, as festas do 1º. anniversario da terminação da guerra tiveram no Japão e sómente alli caracter tão accentuadamente carnavalesco que parecia... carioca. Nossas gravuras mostram dous carros allegoricos do prestito com que foi commemorado em Tokio o dia 11 de Novembro de 1911.

O CARRO DA VICTORIA

O CARRO DA RECORDAÇÃO

PENTEADOS DE HOJE E DE SEMPRE

Mlle. Cléo de Merode e Mlle. Nyll usam nos cabellos as bandeletas, que na Grecia heroica fariam condemnal-as á morte porque eram reservadas ás deusas.

Mlle. Lirys, do theatro Vaudeville *de Paris, e a imperatriz Agrippina.*

O diadema da cabelleira tende a augmentar sobre a fronte da Eva moderna. A influencia das arripiadas cabeças, que as grandes actrizes do cinematographo nos apresentam todas as semanas nos *écrans* da Avenida, tem trazido uma nota fantazista ao penteado das senhoritas cariocas; mas em geral o penteado mantem-se regular com um unico artificio, que esse é de todos os tempos, e portanto será eterno. As damas gregas e romanas já completavam a harmonia do toucado com postiços. Cornelia, se tinha como unicas joias seus filhos, não dispensava madeixas postiças tiradas a escravas gaulezas ou germanicas.

* * *

A moda impõe ás senhoras o cabello postiço; sem elle rara é a elegante que pode usar os variadissimos chapéos modernos, e as mais recalcitrantes são obrigadas a adoptal-os. Os homens, que exhibem cynicamente a calvicie, riem d'essa faceirice feminina esquecendo que ella é já veneravel. As mulheres do seculo XX podem evocar exemplos illustres: as Romanas e as Gregas imitavam esse habito das Egypcias, que, por sua vez, o haviam recebido das Hebréas e Indianas. Na Grecia usavam uma especie de cabelleira, que se

A eternidade dos Cabellos postiços

Mlle. Lapeyrette, do theatro Odéon, de Paris, e a imperatriz Octavia.

Mlle. Marthe Régnier, do theatro Athenée, de Paris, e a estatua grega de Vesta.

Mlle. Cassini, do theatro da Porte Saint Martin, e a filha do imperador Tito.

chamava «lagarta» e dava ao perfil um arzinho masculo e petulante. Uma cabelleira mais volumosa chamava-se *Corymbion* e era considerada de apparato, para visitas. Na alta sociedade atheniense as cabelleiras de côr clara eram as mais apreciadas. Um toucado muito em moda era o de trazer duas tranças até o alto da cabeça onde as prendiam com grampos de ouro cujas cabeças representavam insectos; geralmente abelhas.

Note-se que nessa raça divinamente artista raros eram os exaggeros. A maioria das senhoras preferiam os cabellos divididos em bandós, levemente ondulados e juntos sobre a nuca em um *chignon* gracioso. Alguns bustos de Aryadne e Isis mostram-nos penteados muito semelhantes aos que se usaram no anno de 1830, com grandes cachos de um e de outro lado do rosto, mas é evidente que essa moda desengraçada não era grega e sim egypcia.

Em Roma o povo sem cultura entregava-se a todos os excessos da faceirice. Para a cabeça de uma matrona aristocratica os penteados consumiam cabelleiras de vinte escravas e conta-se que, em 19 annos, a esposa de Marco Aurelio usou trezentas cabelleiras differentes.

As gravuras e bustos d'esse tempo permittem admirar a forma d'esse toucado. Algumas formavam em torno da cabeça uma verdadeira espuma, leve, muito semelhante á que usam hoje June Caprice e Violette Merserau; outras ostentam diademas como os das fidalgas russas de hoje; outras ainda adoptavam bandós e as mais simples erguiam todo o cabello, descobrindo inteiramente a fronte. Chamava-se a isto toucado á Andromaca, introduzido em Roma por Plotina, esposa do imperador Trajano.

Nesse tempo a cabelleira tomava no theatro um senso symbolico, caracterizando os personagens.

O sexo forte de Roma tambem não desdenhava a cabelleira. Julio Cesar punha sempre uma corôa de louros para encobrir a calva, e outros imperadores, como Otto e Caligula, adoptaram cabelleira completa.

OS MALEFICIOS DO MORANGO

Sabe-se, agora, que o morango, o saboroso e delicado morango, que em certa epocha do anno invade nossas mesas, tem a culpa de uma porção de calamidades, que acabrunham a humanidade.

Parece incrivel, porem os homens de sciencia — que, nos tempos que correm, parecem dedicar-se a nos privar de tudo o de que gostamos—assim o affirmam.

O primeiro defeito do morango, segundo esses senhores, é produzir máu humor em quem o come; e accrescentam que, neste ponto, o bello sexo é muito mais susceptivel do que o feio.

Asseguram que, se uma mulher comesse de uma vez meio kilo de morangos, porse-hia logo de tal máu humor, que difficilmente encontraria quem quizesse estar a seu lado. Custa a crer; porém, quando os sabios o dizem, verdade será. Taes ataques de máu humor feminino constituem realmente uma enfermidade, a enfermidade dos morangos, cujos primeiros symptomas são irritabilidade excessiva e um grande desejo de estar só.

Os causantes de tamanha calamidade são os acidos, que contem o tão sympathico morango, acidos, que são nada menos de trez: o phosphorico, o sulphurico e o salicilico. O ultimo d'elles é o principal malefico.

Observou-se tambem que os effeitos perniciosos do morango estão em razão directa de seu tamanho; os morangos maiores são os mais prejudiciaes, emquanto os menores apenas surtem effeito. E o peior é que, além do máu humor, os morangos grandes dão dor de cabeça.

A vida do homem é demasiadamente curta para que um sabio possa realisar nella tudo quanto pensa.

A aguia só se ergue ás grandes alturas para melhor contemplar a luz.

COMO OS HOLLANDEZES JULGAM A DERROTA DA ALLEMANHA

Germania, ao beber o calix da amargura:
— Será um tonico ou um veneno ?
(Reproducção de uma pagina do *Amsterdammer*, de Amsterdam)

-:- UMA FAMILIA DE 36 FILHOS -:-

Quando rebentou a guerra, o sr. Vanhée, cultivador francez em Reninghe, perto de Ypres, era o chefe de uma familia de trinta e seis filhos, todos vivos: vinte e dous filhos e quatorze filhas.

Vinte dos filhos vestiram o uniforme e combateram em todas as frentes de batalha; treze d'entre elles tombaram nos campos de lucta; trez fôram reformados por ferimentos graves (um foi trepanado, outro voltou cégo e surdo, e o terceiro teve as duas pernas amputadas). Um quarto, que, no momento da mobilisação, era criado grave do papa Pio X, foi ferido quatro vezes em differentes combates.

Em 1917, a viuva de um dos heroes, Alfredo, foi morta em Dunkerque por um obuz allemão, deixando cinco orphãos.

Emfim em outubro de 1914, o sr. Vanhée pai e uma de suas filhas tinham chegado a Lille para festejar o centenario de um parente. Descobertos na volta por uma patrulha allemã, foram fuzilados.

Em resumo, de uma familia de trinta e oito pessoas: vinte irmãos na frente de batalha, treze mortos, quatro feridos, o pai e uma irmã fuzilados.

Uma perna de páu cofre-forte

O Sr. Emilio Job, juiz de instrucção, em Paris, processou em Setembro ultimo os individuos de nome Vallé e Pornois, que assaltaram a casa de Mlle. Madeleine Herbet, na rua de Seures, 126, onde arrombaram os moveis e carregaram diversos titulos valiosos. Mas, apezar d'isso, a policia, não os conseguiu encontrar em poder dos malfeitores.

Só depois no ultimo interrogatorio é que tiveram a ideia de tirar a Vallé, que é um mutilado da guerra, sua perna de páu e — oh ! estupefacção — encontraram dentro d'ella todos os titulos roubados, no valor de 20.000 francos.

A questão social completa

O DENTISTA, *de bolicão em punho* — Tenha coragem. *(Arranca metade de um dente).*

O CLIENTE — Ai, ai !...

O DENTISTA — Ah ! perdão. Uma palavra... O senhor faz parte da Associação dos Dentistas e Classes Annexas ?

O CLIENTE — Eu não senhor... Mas, pelo amor de Deus ! Acabe de me arrancar este maldito...

O DENTISTA — Com muito gosto, se o senhor gritar : Viva a ordem ! Abaixo a Anarchia ! Viva o chefe de Policia !...

O CLIENTE — Como ? Pois o senhor abusa da necessidade que eu tenho de...

O DENTISTA — Não estou abusando. Estou usando dos meios a meu alcance para fazer triumphar a minha causa. E' o que fazem todas as corporações. Vamos : grite !

O cliente obedece.

O DENTISTA — Ah ! agora me lembro que a Confederação Geral dos Burguezes determinou para hoje uma greve de 24 horas. Volte amanhã para arrancar a outra metade do dente.

O CLIENTE — Mas, senhor : isso é uma barbaridade.

O DENTISTA — Porque ? Todos os homens que trabalham têm o direito sagrado da greve e, por isso, quando querem alguma cousa dos patrões ou do governo cahem em cima do publico : privam-o de pão, de trens, de bonds, de carne, de automoveis... fazem encarecer os sapatos e roupas::. Conseguem tudo privando o publico do que lhe é indispensavel. Pois muito bem : os medicos e os dentistas tambem são indispensaveis. Portanto tambem podem fazer greve.

UM CHAPEU UNICO

Os leitores de certo não serão capazes de adivinhar o que é o galante chapeu da senhora, que se vê á direita.

E' uma cartola do presidente Wilson. Nos ultimos dias da guerra, em uma das festas de beneficencia promovidas pela Cruz Vermelha Norte-Americana, os organizadores da tombola, que devia dar a nota principal d'essa festa, pediram a varias personalidades famosas que enviassem chapeus seus para que fossem disputados em leilao por seus admiradores. Como se sabe, essa ideia produziu excellente resultado... monetario. Já foi noticiado que o caracteristico chapeu a cow-boy do popular actor de cinematographo William S. Hart, apregoado por elle mesmo obteve um lance de 500 dollars.

O presidente Wilson assistiu a esse leilão e, enthusiasmado com seu exito, offereceu a cartola, que levava no momento.

Essa cartola foi adquirida por miss Dorothy Gibbs por 175 dollars. E, para não perder de todo esse dinheiro, miss Gibbs mandou arranjar com a cartola presidencial o chapeu, que ostenta na gravura acima.

ESTHETICA MAXIMALISTA E GERMANICA

O MAIS SINGULAR MONUMENTO QUE SE CONHECE — *Um busto colossal posto directamente sobre o asphalto das ruas. Foram os maximalistas allemães, os famosos* Spartacus, *que renderam essa homenagem a Liebnecht.*

Um museu nas cellulas de Miss Cavell — e de Mlle. Petit —

A Côrte de Justiça de Bruxellas decidiu, no dia 9 de Novembro ultimo, que fiquem para sempre désoccupadas as cellulas, que serviram, na prisão de Saint-Gilles, a Miss Cavell e Mlle. Petit, ambas fuziladas pelos allemães.

Essas duas cellulas foram transformadas em museu. Reuniram alli os vestidos das duas condemnadas, os livros e differentes objectos, que lhes pertenciam.

Flôres enquadram seus retratos, e placas commemorativas lembrando o nome de ambas as martyres foram collocadas á porta de cada uma das cellulas, no meio de um tropheu de bandeiras.

Os primordios das grandes invenções

A' esquerda — *A prensa em que Gutemberg fez suas primeiras impressões. Convem recordar que as prensas então já existiam. A grande invenção de Gutemberg foi a dos typos moveis, que permittiram compor qualquer texto.*

A' direita — *A mais antiga machina de escrever de que ha noticia. As lettras eram representadas por teclas como a dos pianos. Essa machina destinava-se, como já dissemos em nosso penultimo numero, aos cégos e o privilegio da invenção foi requerido pela firma Sholes, Glidden & Soule.*

A TERRA, A LUA E O SOL

O peso da Terra equivale a 78 luas.

Se a Terra cahisse sobre o Sol teria o effeito de uma gotta d'agua em uma grande fogueira.

Um milhão de trens de 10.000 *wagons* por hora, começando a funccionar de 2690 antes de Christo, até 1917, descarregariam a Terra sobre o Sol.

Durante 1.000 annos, 2.000 canhões, dando 1.000 tiros por segundo e lançando de cada vez 100.000 toneladas de terra, descarregariam a Terra sobre o Sol.

Para contar em toneladas o peso da Terra, 100.000 pessôas, contando cada uma 100 toneladas por minuto e começando no anno 100 da nossa era, teriam até hoje apenas executado 1/730.000 de sua tarefa!

A superficie do globo mede 510 milhões de kilometros quadrados, dos quaes sómente 126.740.000 pertencem á terra firme, sendo o resto occupado pela aguas.

O peso da Terra é avaliado no algarismo fantastico de 5.875 sextilhões de kilogrammas, numero que o espirito humano é impotente para conceber.

E, entretanto, a Terra representa menos do que um infimo grão de poeira no Universo infindo!

ARTE PHOTOGRAPHICA — Effeito da luz

CADA QUAL POR SUA VEZ

O ministro da Guerra dos Estados Unidos conta a anedocta seguinte, que, assegura elle, prova os progressos d'esse paiz na disciplina militar.

Num wagon de estrada de ferro, um soldado tinha desaboloado a tunica. Um sargento obrigou-o a abotoar-se. Um official, que se achava no mesmo wagon, levanta-se e diz:

— Sargento, o senhor está com o cachimbo na bocca; não é assim que se dá ordens. Releia o artigo 174, paragrapho M do regulamento. Eu sou o major Blank.

E, satisfeito, sentou-se.

Mas uma voz autoritaria ergueu-se de outro canto do wagon:

— Se o major Blank relesse tambem o paragrapho K, veria que um official nunca deve reprehender um sargento diante de um soldado. — Eu sou o general Dash.

No mundo das flores

Como as mulheres a um tempo bellas e irritantes, as orchidéas têm muitos admiradores.

Em uma exposição de flôres, realizada recentemente em Londres, foi apresentada uma provida de longos tentaculos pretos em torno de um grande nucleo preto e branco, dando a imagem perfeita de um polvo. Propuzeram chamal-a «*Hindenburg*», mas seu proprietario recusou a suggestão.

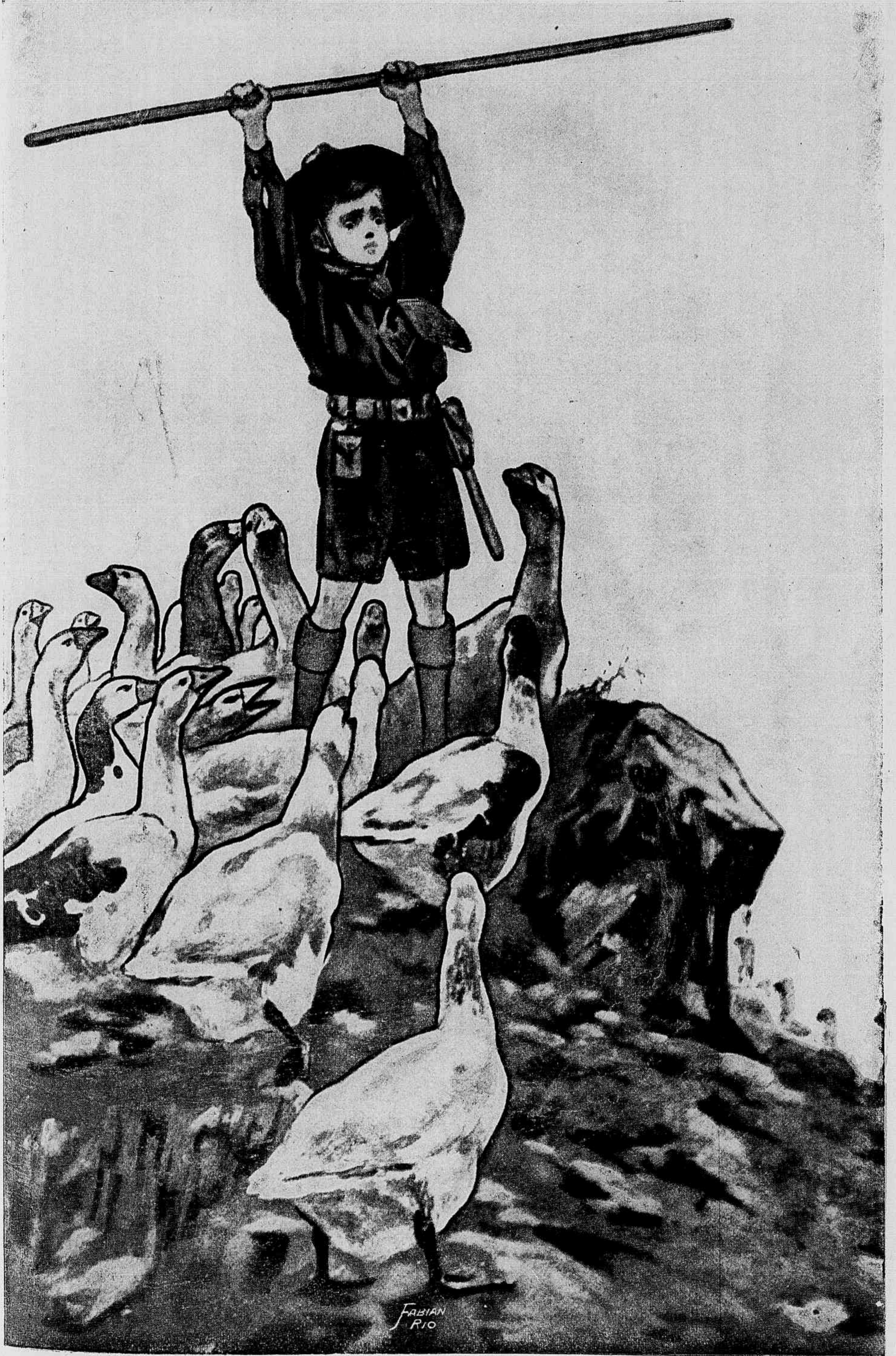
Ao contrario, no numero dos maravilhosos lyrios expostos, um em que as côres eram a um tempo laranja e escarlate recebeu o nome de «*Marechal Foch*».

Duas rosas de typos novos foram designadas *Paz* e *Prosperidade*.

Mais vale viver em uma ilha deserta do que com uma mulher discutidora e irritavel.

— Mas você acredita que ella tenha apenas 40 annos?
— Não posso deixar de acreditar. Pois se ella mesma m'o tem affirmado varias vezes nestes ultimos dez annos...

Parece que a moda da casaca de côr está definitivamente triumphante. E' bom recordar que, tendo sido lançada em Paris como excentricidade e sem grande exito as casacas vermelhas, foi aqui, no nosso Club dos Diarios, que foram lançadas as casacas de tons mais discretos—grenat, castanho, roxo, azul, marron, etc.

Ha trez mezes resurgiram as casacas d'esse genero num grande baile londrino e, mais recentemente, a 23 de Outubro ultimo, o rei Affonso XIII, de Hespanha, consagrou a nova moda, comparecendo com uma casaca roxa ao banquete, que lhe foi offerecido pelo Sr. Poincaré, no palacio da presidencia da Republica Franceza.

O SIGNAL DE BOY-SCOUT — "Inimigo em grande numero"
(Composição de HARRY ROWNTREE)

NÃO começa, como para nós, em Janeiro, mas sim em Abril; em todo o caso consignemol-o aqui.

Os hindús consideram o inicio de um novo anno a festa da previsão do futuro.

Homens e mulheres, com seus mais lindos trajes de um branco immaculado, correm para a beira dos rios a mirar-se no espelho das aguas calmas. Assim é que cem milhões de individuos espalhados pela Asia, fallando o antigo sanskrito, celebram o anno, de Bikami a Delhi, de Agra a Benarés, por toda a parte central da India do Norte.

Os Malabares, de que a primeira gravura nos mostra uma familia, seguem os mesmos usos.

A ANTIGUIDADE DA POLVORA

A polvora ou, pelo menos, qualquer substancia que produzia o mesmo effeito foi conhecida na mais remota antiguidade.

O commentador de um codigo de leis do Indostão pretende que ella foi empregada nesse paiz desde tempos immemoriaes

Marcus Gracchus, que vivia no começo do seculo IX, menciona duas especies de fogos de artificio, tendo ambos sido preparados — diz elle — com carvão, enxofre e salitre, pisados e misturados num almofariz.

E' exactamente esta a composição da polvora.

Roger Bacon conhecia essa materia explosiva, mas receiava revelar o seu segredo de que o povo podia fazer mau uso; e em seu tratado De secretis operibus artis et naturæ *indicou os diversos ingredientes da polvora com estas palavras:* lura mope can ubre, *que são o anagramma de* carbonium pulvere.

Bacon suppõe que foi com o auxilio da polvora que Gedeão venceu os madianitas com os seus trezentos homens.

As primeiras noções que ha do emprego da polvora na Europa datam do seculo IX.

Um velho chronista diz que o rei de Tunis, tendo dado um combate maritimo ao rei mouro de Sevilha, se serviu nesta batalha de tubos de ferro, que estalavam como o raio.

Os venezianos empregaram a polvora em 1380, em uma guerra contra os genovezes, e toda a Italia os accusou de haverem assim faltado ás leis da guerra.

Cervantes, que publicou, como se sabe, uma grande quantidade de maximas moraes, põe na bocca de D. Quixote que sem duvida o inventor da artilharia está no Inferno.

Milton, em seu Paraiso Perdido, *attribue o descobrimento do canhão ao chefe das regiões satanicas.*

Swift, no livro Viagens de Gulliver, *censura amargamente as sociedades modernas por terem applicado a Geometria, a Chimica e a Medicina a obras de destruição.*

Apezar da opinião d'esses bellos espiritos, é certo que as batalhas modernas, em que se arremessam os projecteis de grandes distancias envoltos em turbilhões de fumaça, são muito menos sanguinolentas do que as dos antigos tempos, em que os homens combatiam corpo a corpo.

Novo processo para lançar ao mar botes salva-vidas em caso de perigo

Como se sabe, o lançamento de um bote do alto de um grande transatlantico é uma operação sempre difficil e que offerece grandes perigos desde que o mar esteja um pouco agitado. Agora um engenheiro australiano teve a ideia de supprimir o velho e condemnado processo das cordas, fazendo com que os botes deslisem por planos inclinados, que devem diminuir muito os desastres.

A parte A, na gravura, indica os detalhes do mecanismo que consiste no seguinte:

Um trilho inclinado parte de cada convéz até abaixo da linha d'agua; os trilhos em um lado partem para baixo desde a ré até a prôa e os outros, no outro lado, desde a prôa até a ré. Com este arranjo os dous lados do navio podem funccionar ao mesmo tempo em condições ordinarias e, caso um desses lados esteja se submergindo tão rapidamente que venha a ser impossivel lançar os botes por ella, fica a outra provendo os meios de salvação aos passageiros. Cada bote salva-vidas é munido de rodas e, depois de carregado, desce pelo proprio peso pelos trilhos, sendo sua rapidez governada por uma alavanca. Na extremidade superior de cada trilho ha um abrigo para os botes, que são suspensos por cabos um por cima do outro, de tal maneira que podem ser baixados rapidamente, um depois do outro, e empurrados para a plataforma de carga. Emquanto se carrega o bote a plataforma é conservada horizontal por meio de uma mola. Logo que esta se solta a frente da plataforma abaixa-se para formar uma connexão com o trilho inclinado e o bote por seu proprio peso entra no trilho e resvala até chegar á agua.

Este apparelho é tambem destinado a recolher os botes de outro navio que esteja sossobrando. Em tal caso os botes são apenas puxados pelo trilho por um cabo manobrado a machina. Estes trilhos são dispostos de tal modo que podem ser bem fechados contra o costado do navio quando não estão em uso e podem ser postos rapidamente em posição em caso de perigo.

RESPOSTA — CURIOSA

Os jornaes belgas contam que, regressando de sua viagem á America do Norte, o rei Alberto deu uma recepção em palacio aos deputados recem-eleitos e conversou amavelmente com quasi todos elles e especialmente com os chefes socialistas. A um d'elles, dos mais influentes, o Dr. Reyer, o rei soldado perguntou o que pensavam d'elle os politicos de seu partido.

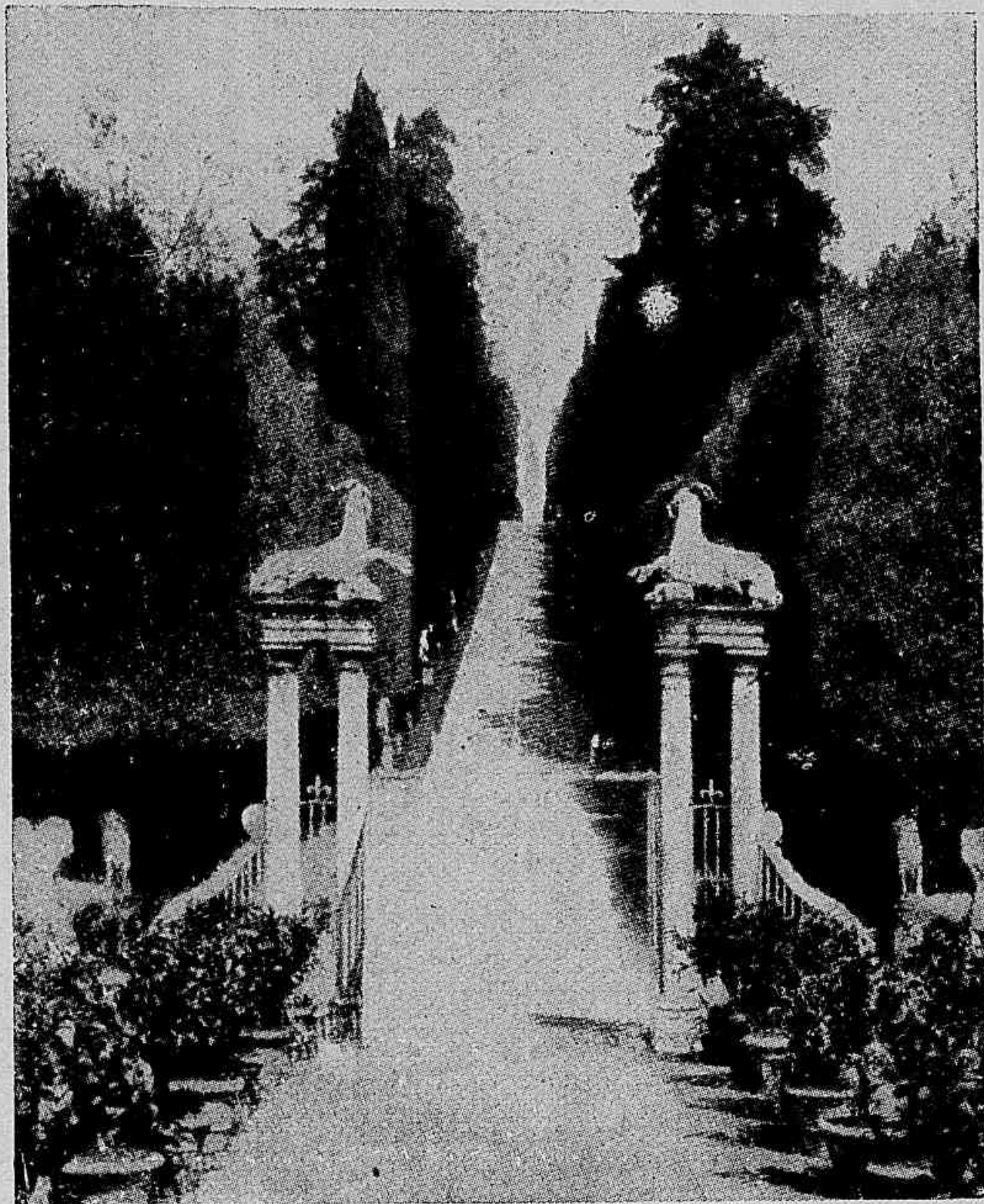
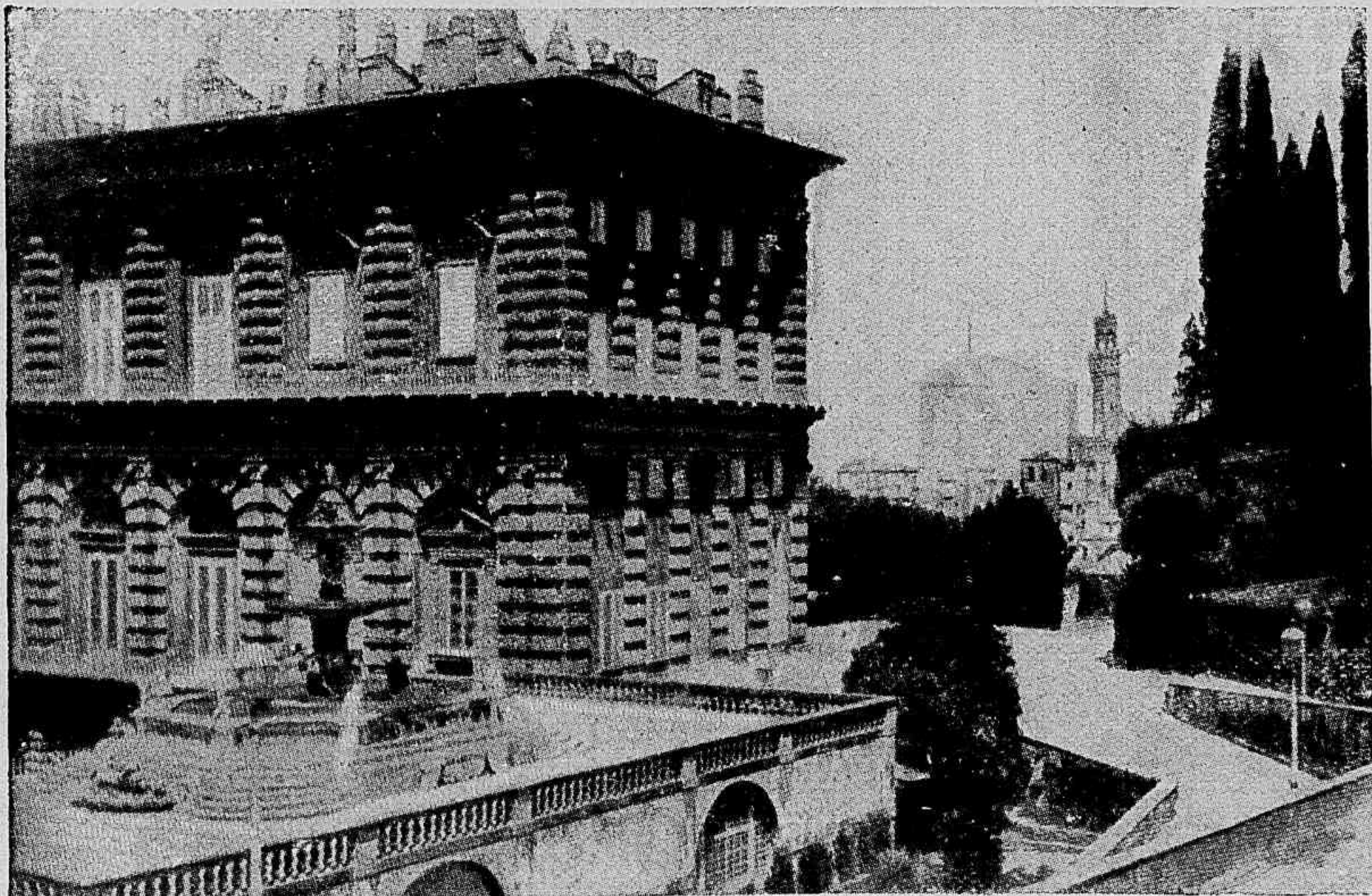
— Que Vossa Magestade é um excellente rei, mas seria tambem um excellente presidente da Republica.

O rei Alberto sorria e replicou:

— Que diriam seus amigos se eu, por minha vez, lhe affirmasse que o acho um excellente medico, mas desejo tirar-lhe todos os titulos porque entendo que o senhor daria tambem um excellente veterinario?

A liberdade é com frequencia o direito dos fortes · a justiça é o dever de todos.

FLORENÇA A BELLA

O qualificativo de «bella» attribuido á velha cidade toscana da margem direita do Arnmo, ereceu-o ella, mais ainda do que pelo matiz florido da planicie em que nasceu e do que pelas riquezas artisticas que encerra, pelo alto papel moral, que desempenha na historia. O mais prolixo mas tambem o mais conceituado e talvez o mais conceituoso historiador de Florença, apezar de não ser italiano —ou talvez por isso mesmo,— o erudito Perreus, exprimiu bem, em uma synthese feliz e justa, qual foi a importancia primacial e fundamental d'esse papel, seleccionando Athenas na antiguidade e Paris nos tempos modernos,

Os jardins de Boboli

Palacio Pitti: detalhe da parte posterior. Ao fundo o Palazzo Vecchio

com ella na Edade Media e no meio de ambas, como constituindo a grande trindade milliaria citadina da civilisação, para o que imaginava que a propria Roma poderia ser supprimida pelo pensamento sem que por isso desapparecesse qualquer cousa de essencial na evolução da humanidade. E explicando a importancia da intervenção historica de Florença multiplamente por suas instituições politicas, primeiro fundamento das democracias modernas; por suas instituições economicas, primeiro fundamento de uma sciencia, que gastou muitos seculos a adquirir a consciencia de si mesma; por seus costumes, tão superiores á maioria medieval; por seu impulso iniciador nas lettras e nas bellas-artes, graças ao espirito da renascença, que alli soprou mais cedo e melhor do que em outra qualquer parte, e emfim pelo heroico exemplo, que ella deu ao mundo de as cultivar com exito sem rival até nas convulsões da morte.

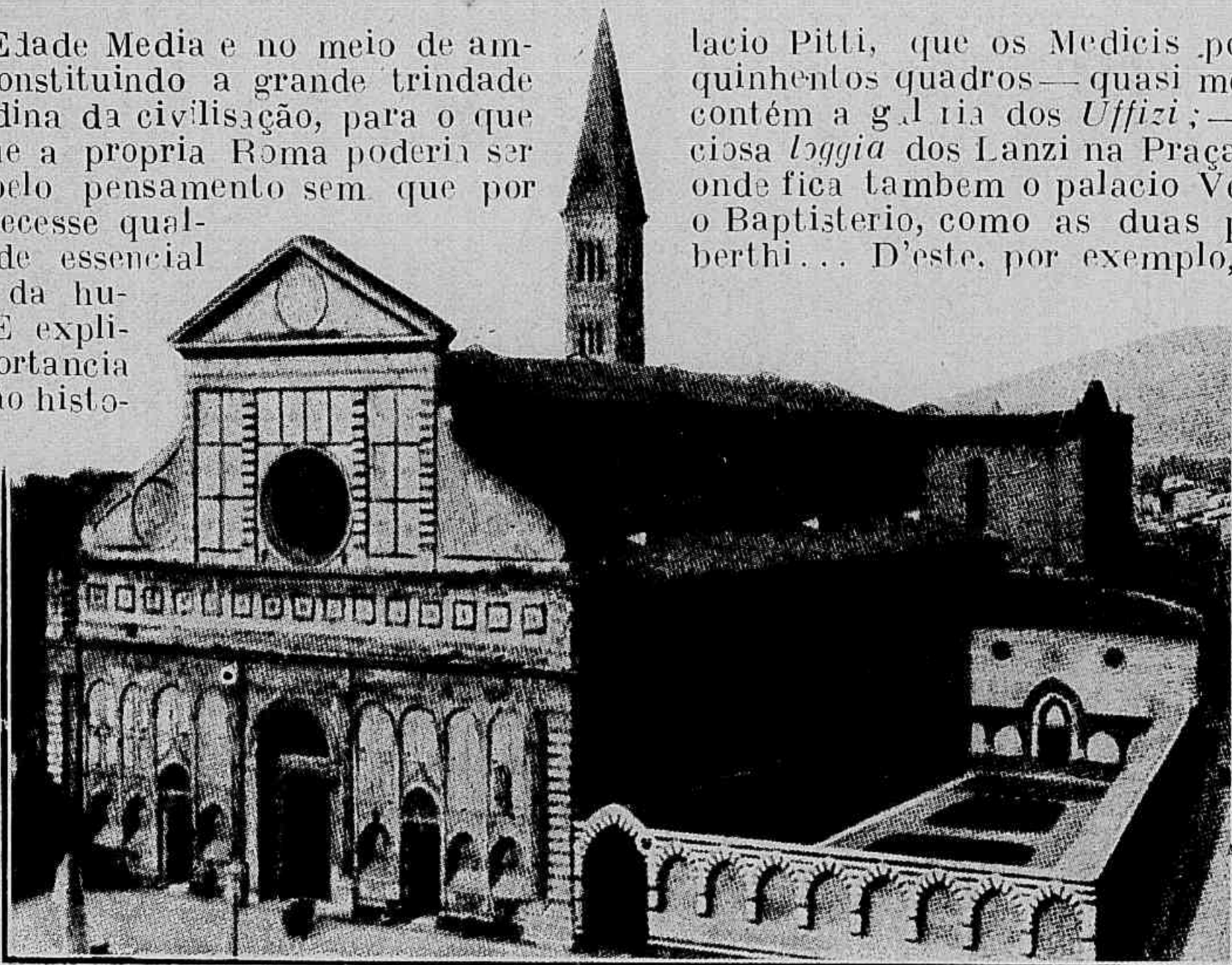
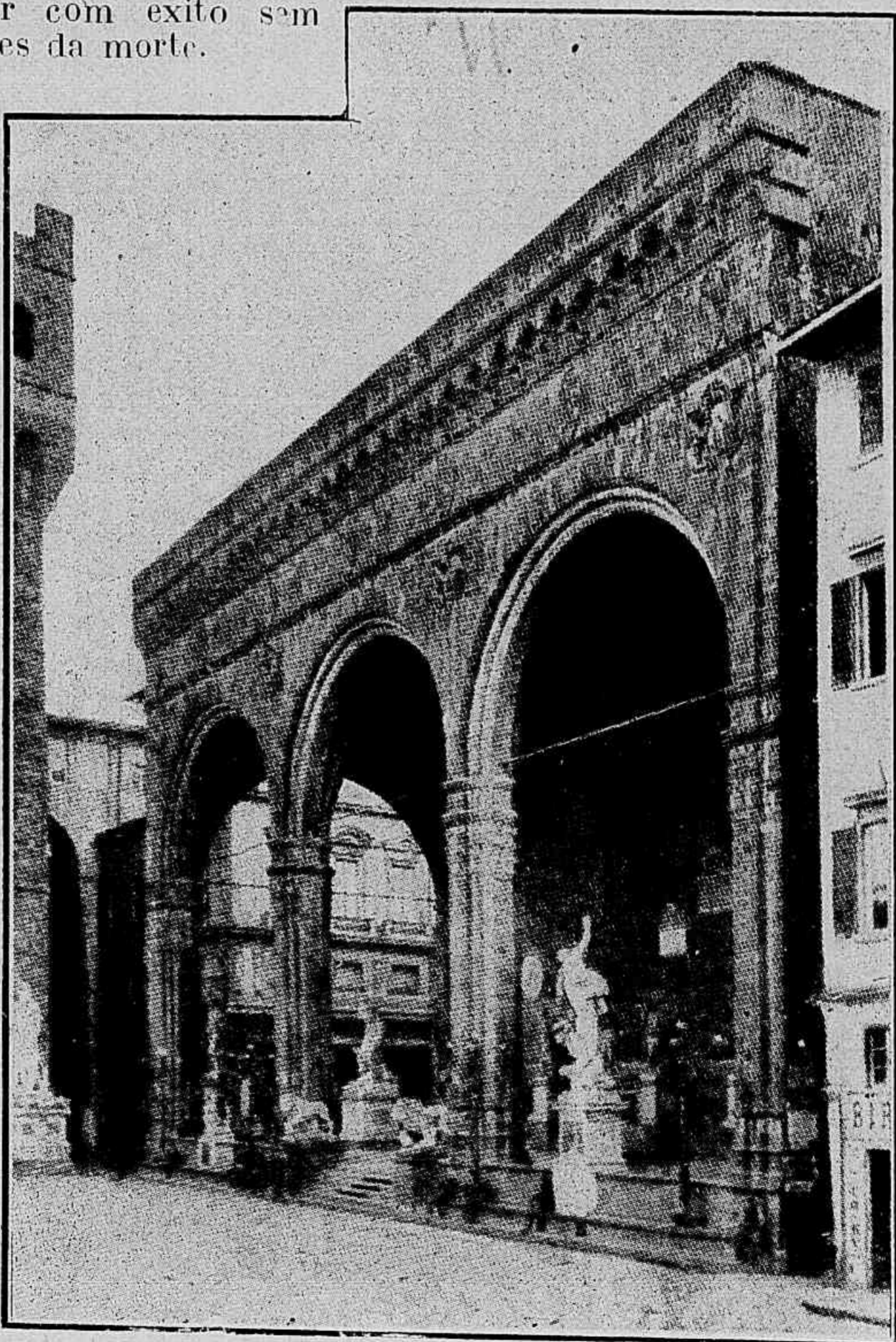
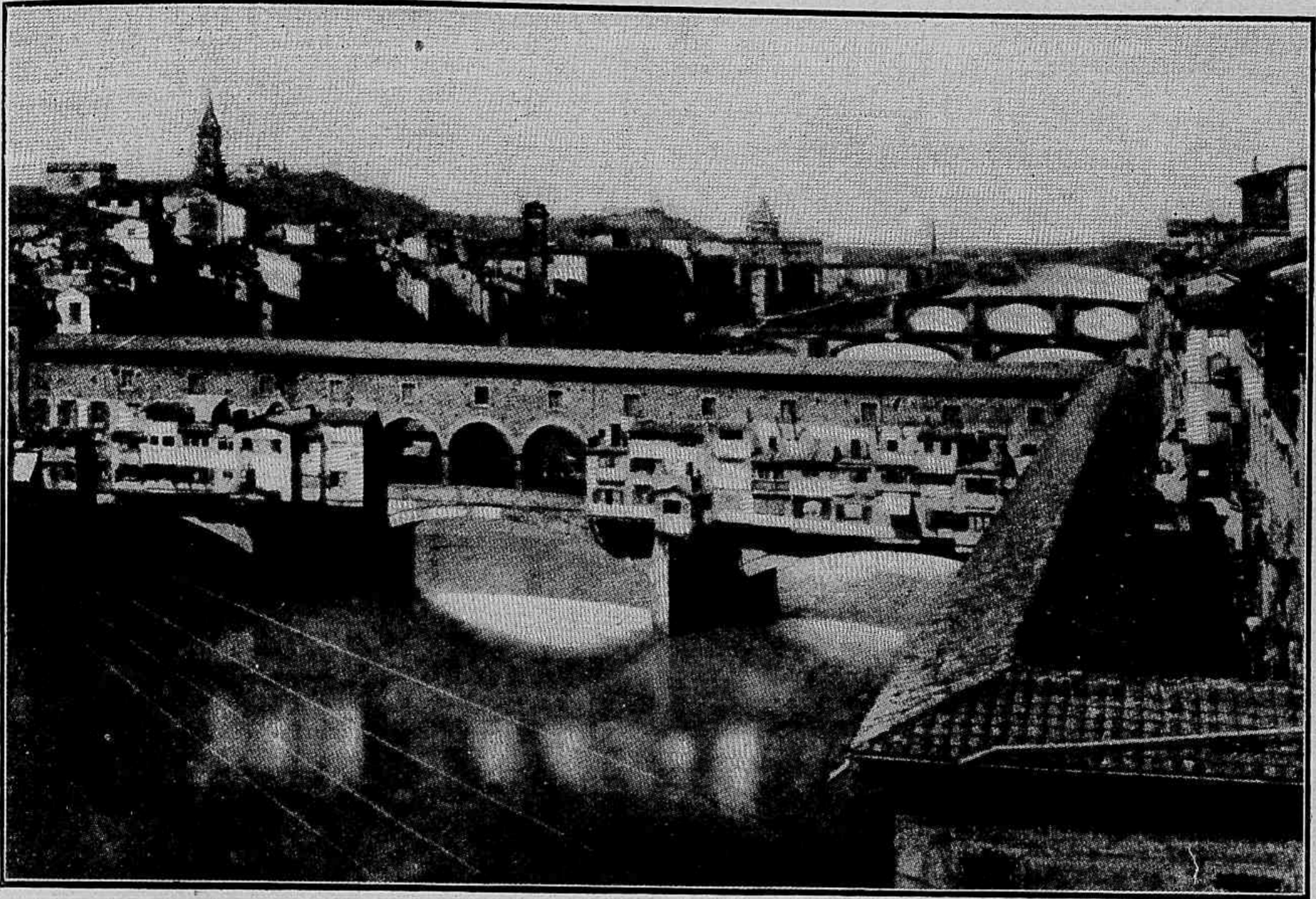
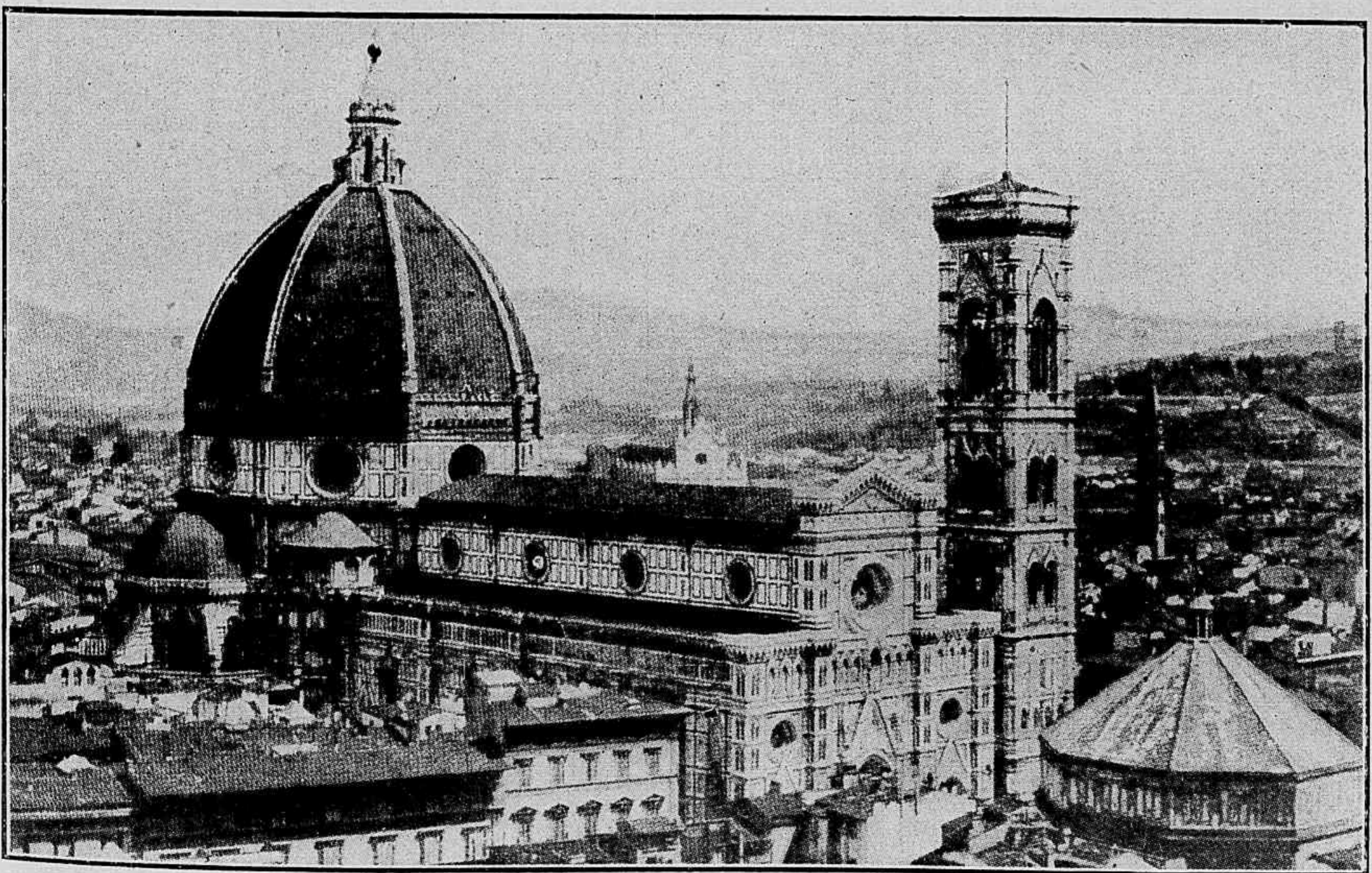
Praça e egreja de Santa Maria Novella

Assim é; mas a verdade é que se oppomos hoje ao nome romano de *Florentina* seu qualificativo tradicional, é principalmente a admirativa contemplação das obras primorosas de seus architectos e esculptores, em especial dos que vieram, no seculo XV, da ourivesaria, dos chamados Brunelleschi, Donatello e Giberthi, e dos que lhes succedem até o assombroso mestre Leonardo de Vinci, que nol-o suggere, porque são as frentes d'essas maravilhosas egrejas e palacios feitura d'elles, que representam as photographias, que reproduzimos nestas paginas.

A loggia dos Lanzi na Praça da Senhoria

Todos conhecem, ao menos por descripção, os mais celebrados d'esses monumentos, taes como as velhas egrejas de Santa Maria Novella e de Or San Michele; como o grandioso palacio Pitti, que os Medicis povoaram com quinhentos quadros — quasi metade dos que contém a galeria dos *Uffizi*; — como a graciosa *loggia* dos Lanzi na Praça da Senhoria, onde fica tambem o palacio Vecchio; como o Baptisterio, como as duas portas de Giberthi... D'este, por exemplo, e d'essa sua obra, quem poderá fallar mais dignamente do que Taine?

«Viu-se renascer em suas mãos a pura belleza hellenica, não só a imitação energica do corpo real conforme a entendia Donatello, mas o gosto da fórma ideal e perfeita. Ha em seus baixos relevos vinte figuras de mulheres que, pela nobreza de seu talhe e de sua cabeça, pela simplicidade e o desenvolvimento tranquillo de sua attitude, parecem obras primas athenienses. Sua *Eva*, que acaba de nascer e que, inclinada, ergue os grandes olhos calmos para o Creador, é uma nympha primitiva, virgem e ignorante, em quem dormem e acordam ao mesmo tempo os instinctos equilibrados. A mesma dignidade e a mesma harmonia revelam-se na composição dos grupos e na disposição das scenas: procissões desdobram-se e tornejam como em roda de um vaso; personagens, multidões oppõem-se e fundem-se como num côro antigo; as formas symetricas da velha architectura ordenam em volta das columnadas as figuras masculas e graves, as dobras dos estofos, as attitudes varias, escolhidas e moderadas da bella tragedia que se desenrola sob seus porticos. Tal joven guerreiro parece um Alcibiades; diante d'elle caminha um consular romano; mulheres juvenis, de uma frescura e de uma força incomparaveis, com meio corpo vol-

tado, fitam, estendem um braço, uma semelhante a Juno, outra egual a uma amazona, todas surprehendidas num d'esses momentos raros em que a nobreza da vida corporal attinge sem exforço nem reflexão sua plenitude e seu complemento. Quando a paixão intumesce os musculos e enruga os rostos, é sem os deformar nem contorcer. O esculptor florentino, como outrora o poeta grego, não lhe permitte alcançar seu gráu extremo; submette-se á medida e subordina a expressão á belleza. Não quer que o espectador seja perturbado pela exhibição da violencia crúa, nem excitado pela vivacidade fremente do gesto impetuoso, colhido a

Ao alto — *Vista dos Lungarni, com Ponti Vecchio e S. Trinitá.* Em baixo — *Egreja de Santa Maria das Flores, cathedral de Florença*

vôo. Para elle, a arte é uma harmonia, que purifica a emoção para pacificar a alma. Ninguem, salvo Raphael, tornou a encontrar este momento unico de invenção natural e escolhida em que a obra de arte sem intenção se torna uma obra de moral».

Ahi está como o illustre mestre critico aprecia, numa pagina intensamente suggestiva, o soberbo trabalho de Giberthi nas portas do Baptisterio de Florença, sobretudo na legenda por elle executada.

A respeito dos palacios florentinos, como o do Podestá, onde está o retrato de Dante, ou o *Palazzo Vecchio*, vasta massa quadrangular do seculo XIII, construida por Arnolfo di Lapo; a respeito das antigas egrejas, como a cathedral immensa, ou a de Or San Michele, construidas por Arnolfo di Cambio e Taddeo Gabbi, escreveu Taine e escreveram outros viajantes paginas tão eloquentes e enthusiasticas como essa, que se refere ás portas de Giberthi para o Baptisterio. E' que não ha, seguramente, nenhuma outra cidade tão rica de recordações historicas e de reliquias artisticas; e ainda além dos seus edificios magestosos Florença possúe magnificos passeios, como os jardins de Boboli, museus afamados em todo o mundo, bilbiothecas riquissimas, grande quantidade de estatuas...

Parte inferior de um dos lados da egreja de Or San Michele

Que admira, pois, que se lhe chame — Florença, *a bella?*

Segundo as bossas.. Ao lado do inspector primario, terror das escolas, será possivel que surja um outro funccionario não menos temivel. Um notavel phrenologo inglez foi a uma escola publica examinar o craneo dos alumnos e indicar, segundo suas *bossas*, o regimem normal, que deveriam adoptar. Este sabio já havia, no anno precedente, examinado essas cabeças infantis, e para muitos casos foi forçado a modificar o julgamento anterior.

Assim, em uma creança, que havia qualificado como de «desenvolvimento tardio», encontrou certas particularidades frontaes modificadas. Indignado, sem duvida, com o julgamento emittido, o menino em questão empenhára-se em contradizer o sabio e, durante todo o anno escolar, estudára com fervor e exito.

Assim é possivel que a innovação do exame phrenologico seja um meio excellente para estimular a intelligencia entorpecida de certas creanças.

O espirito de contradicção poderia assim desempenhar um papel benefico.

PARA RECITAR

ORACULO

Arfante, o peito nú e nús os flancos,
Arrastando as cadeias, altaneiro,
A' entrada petrea do antro — o prisioneiro
Chega, entre espadas, conduzido aos trancos.

Com cintos de metal nos trajos brancos,
Descalças e a brandir cortante aceiro,
As druidizas, num circulo agoureiro,
Guardam a cova, em meio de barrancos.

Gyra o gladio na mão divinatoria
Borbóta o sangue e jorra em espadanas
Que, turbidas, predizem guerra e gloria.

E a Gallia espera, armando hostes ufanas
Da orgulhosa confiança na victoria,
A marcha ovante das legiões romanas.

LEAL DE SOUZA

PENSAMENTOS

A vida ensina-nos a ser mais indulgente com os homens e mais desconfiado com a natureza humana.

— *A' formula sensualista* — a arte pela arte — *devemos oppor a verdadeira divisa :* — a arte pela belleza.

Uma andorinha, que cruza os ares; uma nuvem, que passa; uma columna de fumaça, que se dissipa lentamente; uma vela perdida no horizonte; a silhueta de um trem, que se divisa nos campos; um canto, que se perde pouco a pouco no silencio da noite: tudo «o que se vai» produz na alma uma mesma impressão de infinita melancolia.

SORRISCS DE ARTISTAS

Ao alto misses Mary Milles-Minter e Juanita Hansen; ao centro miss Dorothy Ward; em baixo misses Dorothy Gish e Anna Simpson.

O exemplo

Por se ter recusado a acceitar um passageiro, que o chamára na rua, um chauffeur de taxi foi condemnado a pagar trinta mil réis de multa; alem d'isso sua licença foi cassada definitivamente. Pena severa, porem justa. Infelizmente, para nós, isso se passou... em Londres.

Todos os sons podem ser ouvidos na agua a uma distancia maior do que na terra.

Como se julgava Guilherme II, antes da guerra

Uma biographia publicada pelo *Jornal do Commercio* d'esta capital, em 1902, dizia o seguinte:

«O imperador da Allemanha falla seis linguas, correctamente.

Já escreveu uma peça dramatica e dirigiu até ao fim seus ensaios. Nenhum homem tem uma vida mais occupada; mas, quando se descobriram os raios X, mandou chamar pelo telegrapho o professor Roentgen e conversou com elle durante horas.

Já escreveu uma oração publica, e dirigiu um côro. Sabe cozinhar, jogar xadrez, pintar e fazer caricaturas. Aprendeu engenharia e estudou electricidade. Comquanto só possa fazer uso de um braço, leva horas a caçar, á razão de dous tiros por minuto. No espaço de 25 annos abateu mais de 25.000 animaes grandes nessas caçadas.

Naufragio da chalupa noruegueza *Aud*, na entrada da barra de Figueira da Foz (Portugal). Esse espectaculo foi presenciado com grande emoção por habitantes d'essa importante praia de banhos e photographado pelo Sr. Arsenio Pedroso, que teve a gentileza de enviar o cliché acima.

Possue mais de 100 titulos, e é almirante de trez das maiores armadas do mundo. Muda de roupa doze vezes por dia, tem doze criados de quarto, e seu guarda-roupa vale mil e duzentas libras esterlinas.

Nunca está parado. Trabalha todos os dias das 5 da manhã ás 7 da noite. Sabe compor uma aria como egualmente cantal-a; sabe commandar um navio como dirigir um cavallo. Sabe officiar em uma cerimonia religiosa, tão bem como um bispo. Sabe dirigir uma esquadra tão bem como um exercito, commandar um navio como um regimento.

E' rei, imperador, musico, dramaturgo, viajante, chefe de côro, perito naval, *sportman*, cantor: e não ha nada, desde balançar um berço até governar um imperio, que não saiba fazer.

Não quer que o mundo o esqueça.

— Que poderei fazer para assombrar o mundo? — perguntou recentemente a um amigo que lhe respondeu:

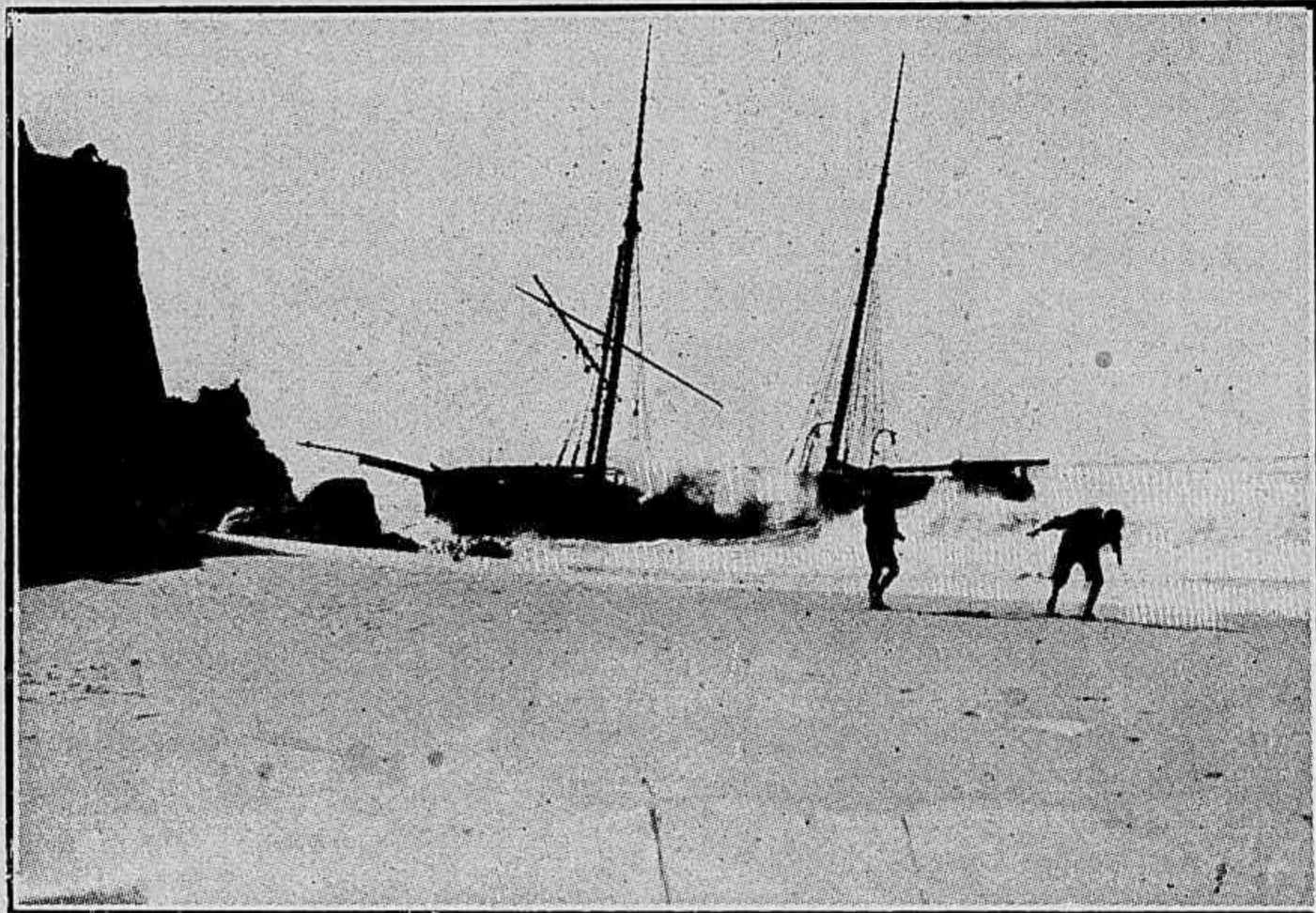
— Conservar-se quieto durante uma semana, e verá como toda fgente ficará assombrada.

Mas é esta a unica cousa que elle não póde fazer. Em tudo mais é mestre consummado».

Processo rapido e seguro para guardar botes e pol-os n'agua em uma fazenda.

Acredita-se que as vivendas humanas mais antigas do velho continente estiveram situadas na Roche Carbon, nas margens do rio Loire, a uns quinze kilometros ao norte de Tours (França).

Cobre uma grande parte d'essa região immensa encosta de pedra calcarea cheia de covas e terraços naturaes, dispostos a diversas alturas, e é quasi certo que, quando toda essa região era coberta por florestas, Roche Carbon fosse um centro de residencia onde viviam feliz e prosperamente os antigos troglodita.

Os terraços e as cavernas formaram-se pela acção de caudalosos rios, durante o periodo glacial; quando o clima d'aquella parte de França era muito duro, os homens desalojaram os ursos e as hyenas que alli viviam e estabeleceram-se naquellas guaridas naturaes, que estão orientadas para o sul junto a rios e selvas que lhes offereciam caça e pesca abundantissimas.

NÃO HA MAIS VESGOS

Ha já alguns annos que a cirurgia conhecia um processo de curar os vesgos, cortando determinado nervo interno. Mas a operação era melindrosa, cara, e por isso muita gente continuava a incommodar o proximo, fitando-o de esguelha.

Agora annuncia-se que o Dr. Souvineau, de Toul (França), descobriu que todo o estrabico é um vesgo cerebral e propõe para cural-o um systema de restabelecimento da visão binocular, que, trazendo ao lugar proprio o globo occular desviado, trará cura completa e definitiva do strabismo.

Para esse fim, o Dr. Souvineau obriga o vesgo a usar oculos com vidros das cores complementares (verde e vermelho) sendo o vermelho deante do olho desviado. A principio o vesgo não vê o vermelho; mas, attrahido irresistivelmente, acaba por distinguil-o e depois é muito facil acostumal-o a fundir as duas cores, com o auxilio de vidros prismaticos.

Assegura o Dr. Souvineau que esse processo produz cura radical em tempo relativamente curto.

O que se cala nos grandes conflictos da vida publica é porque sente sympathia pela causa peor.

A zoologia offerece extraordinarias surprezas aos curiosos. O mar sobretudo abriga creaturas de formas extranhas e habitos pittorescos, cujo estudo tem o interesse de um verdadeiro romance. Uma d'essas creaturas é a asteria ou estrella do mar, de que se occupa por fórma singularmente amena o seguinte artigo.

Um inimigo cruel das ostras

Abandonada pelo refluxo, encalhada na praia, a asteria ou estrella do mar, com seus grossos e ponteagudos braços alongados para todos os rumos, afigura-se-nos um animalsinho innocente e inoffensivo, absolutamente incapaz de grande energia, movimento ou estrategia.

E comtudo não ha malfeitor no mundo que supplante em artimanhas tenebrosas este phytozoario hypocrita.

Em varias populações maritimas vogam terriveis lendas a respeito d'esse bicho. Na Cornualha, por exemplo, suppõe-se que a estrella do mar, em apanhando a geito um nadador, se lhe enrosca nos pés ou nos tornozelos, produzindo um espasmo fatal, uma especie de caimbra, que leva o desventurado á morte.

A estrella do mar pode abrir uma ostra com o seu tremendo poder de sucção, e é por conseguinte um inimigo terrivel das ostreiras.

Porém o mais largo theatro das proezas do animal são os bancos das ostras, porque é elle o mais fero inimigo d'esse mollusco. Basta a simples enunciação de seu nome para pôr logo em transes os pescadores de ostras.

Não admira por isso que a estrella do mar, em consequencia do seu appetite soffrego pela ostra, cause grandes perdas annuaes. Só numa pequena extensão da costa americana, entre o cabo Cod e a ilha State, os destroços, causados pelo damninho bicho, são computados em cerca de 300 contos de réis annuaes.

Um apetite insaciavel

A' primeira vista, parece incrivel que um animal de corpo relativamente molle e de apparencia lethargica, sem arma cortante que salte aos olhos, seja capaz de extrahir uma ostra viva de dentro da casca hermeticamente fechada.

Como é que elle executa essa façanha apparentemente impossivel?

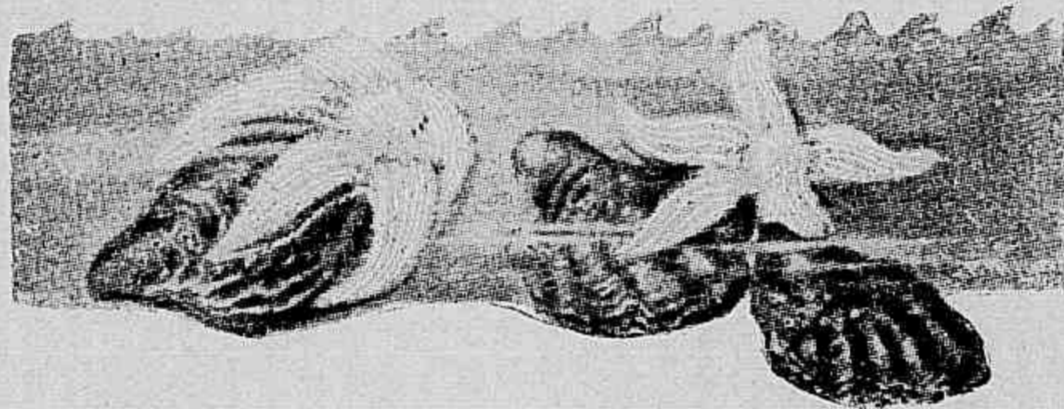
Para o explicarmos, convem remontar ás origens. Durante innumeras gerações, têm as estrellas do mar gozado de um appetite extraordinariamente robusto e saudavel. Por conseguinte, no habito secular de devorismo têm-se-lhe desenvolvido estomagos excepcionaes, especialmente adaptados a uma creatura permanentemente esfomeada.

Varios exemplares de Asteria, mas raros.

Ora o estomago da asteria não só preenche quasi toda a cavidade circular do centro do corpo, mas extende-se ainda por parte dos cinco raios que lhe fazem as vezes de membros. E, quando as circumstancias a isso a forçam, esse notavel estomago pode ser sacado, sem dôr nem damno algum, de dentro dos cinco raios, virado do avesso, e literalmente expellido pela bocca do animal.

Como a estrella do mar ataca a ostra

Supponhamos que á hora do almoço a estrella do mar se encontra nas proximidades de uma bella ostra, cuja concha é tamanha que não pode caber em sua bocca embora muito elastica. Que faz a estrella do mar?

Abraça o mollusco, apertando com força os raios por fóra da casca e colla a bocca de encontro aos rebordos das valvulas. A ostra, atemorisada, fecha as valvulas com toda a força e fica á espera dos acontecimentos. A estrella do mar começa a alongar para fóra da bocca a parte inferior do estomago e muito lentamente, mas com segurança, a vai envolvendo. Chega a um ponto em que o pobre mollusco, exhaurido pela sucção que lhe rodeia a concha, vê-se obrigado a entreabrir as valvulas. E immediatamente se abysma no estomago do perverso glutão.

Furiosos com os estragos causados por esses inimigos, os pescadores costumavam d'antes desabafar seu rancor despedaçando-os membro a membro e arrojando-os depois ao mar para ahi estrebucharem nas ancias da morte. Era isso pelo menos o que suppunham.

Estas creaturas extranhas, nebulosas, diaphanas, são asterias em começo de vida.

Reconstituição prodigiosa

Porém o mais extraordinario é que, quanto mais eram os bichos que elles assim esquartejavam tanto mais crescia de anno para anno o numero das estrellas do mar, até que ao cabo de poucas estações tinham chegado a tal profusão que nada menos de 2.500 individuos eram colhidos em dois dias sobre as ostreiras. E o que aterrava os honrados pescadores, ainda mais do que o rapido crescimento dos seus inimigos, eram os feitios extravagantes que muitas das estrellas do mar assumiam.

Umas tinham corpos desmesurados, com bracinhos ridiculamente minusculos; outras tinham apenas metade do corpo e trez raios do tamanho normal, ao passo que a outra metade e os dois raios restantes apresentavam dimensões acanhadas; outras ainda tinham um dos raios desmarcado, em confronto com o corpo pequenissimo e quatro raiosinhos minusculos.

Como derradeiro recurso, appellou-se para os sabios em cata de conselho. Para os homens de sciencia bastante experimentados, nada havia de terrivel ou pasmoso n'essas grotescas formas das asterias. Ao contrario ellas constituiam

a chave de toda a mysteriosa propagação das estrellas do mar.

Não tardou muito que a observação provasse sem duvida possivel que eram os proprios pescadores os responsaveis pelo rapido augmento dos assoladores echinodermes. Porque, em vez de darem cabo d'elles, como suppunham, quando os atiravam despedaçados ao mar, cada um dos braços ou raios arrancados assentava confortavelmente no fundo do oceano e dava nascença a uma nova estrella. D'ahi resultava naturalmente que uma unica estrella, por esta forma mutilada, se reproduzia em cinco vorazes e activos comedores de ostras.

D'essa prodigiosa faculdade de reproduzir as partes do corpo perdidas é que deriva o pasmoso appetite da estrella do mar, por isso que tem de consumir e digerir uma enorme quantidade de alimento para a reconstituição rapida de novos tecidos.

E não é a ostra sua unica guloseima. O campo da sua gula voraz estende-se aos mexilhões, ás ameijoas, aos caranguejos, ás anemonas. E' escusado accrescentar que hoje em dia as estrellas do mar já não são feitas em pedações e atiradas ao mar. Todas as que se apanham são levadas para terra no fundo das embarcações, e vendidas aos lavradores como um adubo excellente e barato.

EVOLUÇÃO DA ASTERIA DE PENNAS ROSEAS

Começa a vida numa haste delgada presa á rocha. A flor do extremo da haste abre-se, e d'ella cresce gradualmente a estrella do mar.

Costumes e desenvolvimento da estrella do mar

Mas, apezar de todas estas malfeitorias da estrella do mar, ella é, a muitos respeitos, uma creatura interessante.

Quando a maré está alta, é espantosa a facilidade com que sobe pelas rochas escorregadias e se transporta para onde lhe apraz. Por baixo de cada raio em torno da bocca ha centenas de tubos carnudos, curtos e circulares, de que se serve como de pés-ventosas, agarrando-se ás superficies mais lizas e ingremes.

Na infancia, a estrella do mar nada se parece com os pais, nem no aspecto nem na maneira de viver. E' então uma creaturinha graciosa e de corpo delicado, prodigiosamente activa e irrequieta, nadando de um lado para o outro por meio de uns cabellos ou cilios compridos e delgados, que revestem certas partes de seu corpo mimoso e semi-transparente. A' proporção que cresce, vae gradualmente mudando de forma e de maneira de viver, até ficar por fim exactamente como os pais.

A asteria sol, e uma asteria vulgar que perdeu um dos raios e está em via de o reconstituir.

Flores que andam

Não se deve suppôr, pelos damnos causados aos pescadores pela estrella vulgar de cinco raios, que todas as outras especies de asteria são egualmente antipathicas. Muitas ha na verdade lindissimas, quer na forma quer no colorido e que, até certo ponto, desempenham na vida o util mister de varredores do Oceano.

Uma das mais bellas e interessantes é a estrella de pennas rosadas, um animalsinho particularmente gracioso, de braços delicados, que se encontra pelas costas da Mancha e do mar do Norte. Seus braços compridos variam muito de côr, sendo ás vezes azues ferrete com espinhos côr de rosa, brancos, ou cinzentos raiados de escarlate. E' muito mais activo do que a asteria commum e move-se lentamente atravez da agua agitando os raios mimosos.

Quando o assustam ou quando o agarram, o animalsinho expelle bruscamente os raios para fóra de si, deixando na mão apenas o corpo em fórma de disco.

Mas se tornam a deital-o ao mar, não tarda que lhes cresçam novas braços, porque possue, como todos os individuos da familia, a prodigiosa faculdade de substituir rapidamente as partes mutiladas.

Essa delicada estrella de pennas roseas forma um elo pasticularmente intesessante com as velhas epocas geologicas da terra. Durante certo periodo de infancia, sua vida é relativamente sedentaria. Desenvolve-se num pediculo comprido e delgado, preso a uma rocha ou a uma alga. A principio só se vê o corpo da estrellinha infante parecido com a cupula de uma glande no extremo da haste. A cupula vai-se abrindo pouco a pouco, e á proporção que se expande crescem-lhe dos rebordos os longos e graciosos raios emplumados.

Outros parentes da estrella do mar

As estrellas do mar têm grande numero de parentes esquisitosos quaes, á primeira vista, não têm a minima semelhança de familia com a parentella de cinco ou mais raios.

Um d'elles é o ouriço do mar; porém os mais extraordinarios parentes da asteria são as holothurias, a que se dá vulgarmente o nome de «pepinos do mar», e que os franceees chamam «trepangs» ou «bechés de mer». Muitos d'esses animaes têm cores lindissimas e longos corpos, de apparencia cylindrica. Suas dimensões variam entre 5 centimentros e 1 metro. Ao contrario das estrellas do mar, as holothurias têm o corpo molle e flexivel, com um grande numero de placas calcareas incrustadas na pelle, ás vezes singularmente regulares e bellas de aspecto. A maneira de se moverem é extendendo e contrahindo os corpos, que mudam de forma constantemente, com auxilio de musculos poderosos. Em redor da bocca circular, muitas holothurias têm braços numerosissimos e ramiformes, com a importancia de orgãos de respiração. Aos lados do corpo, acham-se frequentemente cinco zonas regulares de tubos, especie de ventosas, que servem de pés e com os quaes o animal se agarra aos objectos e sobe pelos rochedos.

A ASTERIA VULGAR

Mostrando seu aspecto pela parte superior e pela parte inferior.

O que se chama uma bella acção é aquillo que tem por base bondade e exige de nós esforço.

AS ALMAS PENADAS

POR JOSÉ LUENGO

Vivia, ha tempos, em uma villa modesta um pobre latoeiro, tão carregado de dividas que já não podia sahir á rua ou andar pelos campos sem ser interpellado por credores. O infeliz, que se chamava Antonio, nem sequer tinha o recurso de se mudar para outra região onde fosse menos conhecido e, sobretudo, menos endividado, porque os credores ameaçavam-o de lhe dar uma sova de páu, das bôas, caso elle tentasse deixar atraz de si as dividas.

Em tão difficil conjunctura Antonio teve uma ideia que lhe pareceu genial : fingir que morria, visto como as taboas de um feretro eram para seu caso as unicas taboas de salvação. E, como se conservara na aldeia o velho habito de deixar o morto passar uma noite na egreja antes do enterro, facil lhe seria fugir, em combinação com sua mulher, e ganhar distancia antes que dessem pela burla.

Assim, uma bella manhã, a mulher do latoeiro sahiu de casa gritando :

— Que desgraça !... Ai, que desgraça !

— Que foi ? — perguntaram as visinhas.

— Meu marido morreu, de repente.

A noticia correu por toda a villa, num instante ; o medico do logar, que — seja dito de passagem — era o mais borracho d'aquellas redondezas, attestou o obito e todos vieram ver o morto.

Como é natural, os credores vieram tambem, e até antes de quaesquer outros.

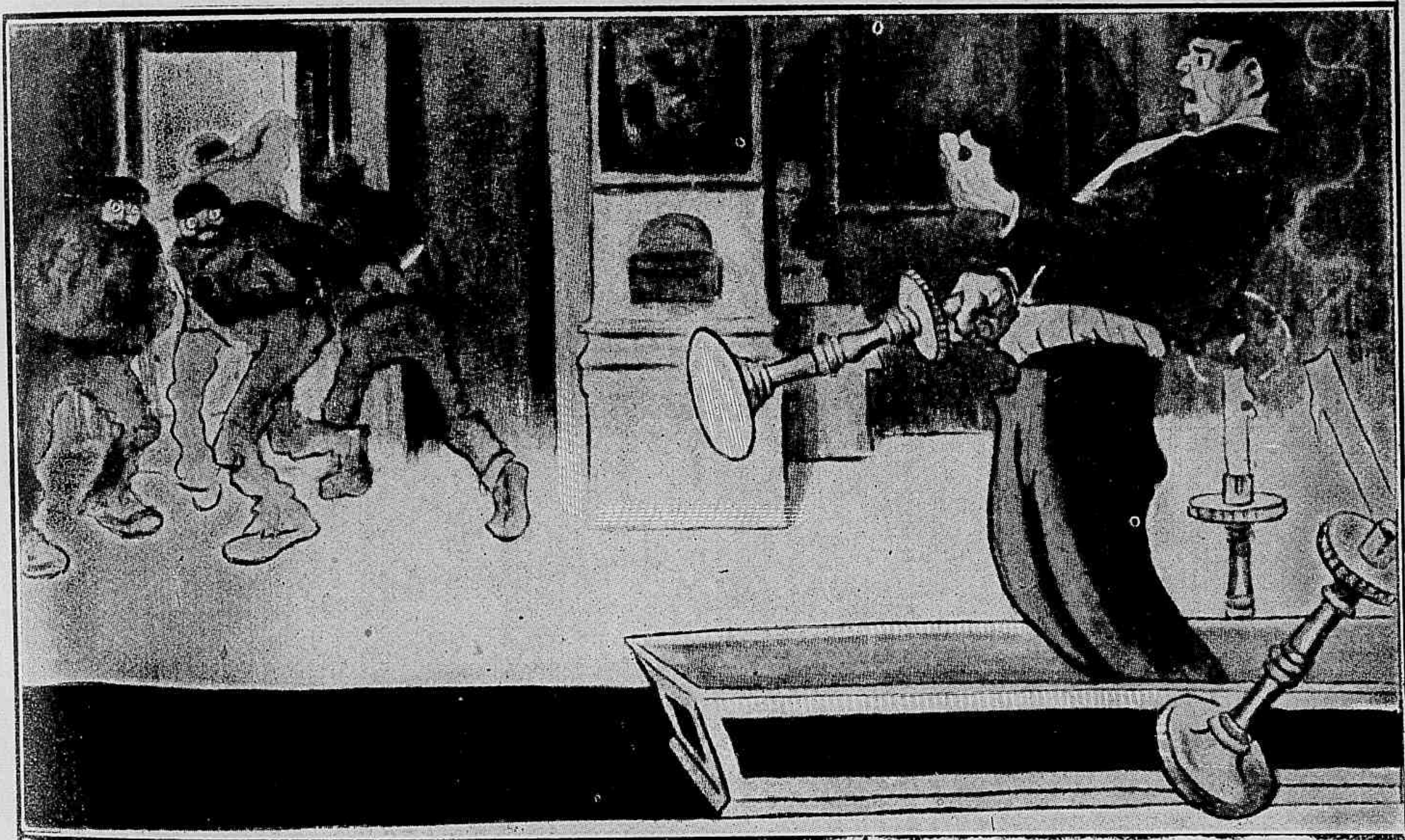
Mas aconteceu o que o latoeiro esperava. O alfaiate murmurou compungido :

— Coitado ! Devia-me trinta e cinco mil réis ; porém mais perdeu elle. Deus lhe perdôe.

E todos os outros — o padeiro, o carniceiro, o homem da venda, etc. — disseram, mais ou menos, cousas assim. Apenas tio Mathias, o sapateiro, embora Antonio lhe devesse somente cinco tostões, do concerto de uns saltos, ficou desconfiado e declarou-se decidido a velar o corpo na egreja.

...

Assim se fez. Com a esperança de que o sapateiro adoecesse e Antonio pudesse fugir, sua mulher foi esperal-o no logar combinado, e o *morto* ficou sozinho na egreja com seu *cadaver*.

Lá para meia noite, o sapateiro começara a passeiar para espantar o somno, e o latoeiro continuava hirto no caixão, quando se ouviu forçar a porta da egreja. Mais que depressa, perdendo todo o respeito ao templo, tio Mathias escondeu-se atraz do altar-mór e d'alli viu quatro individuos de má catadura.

Mais que depressa o «morto» levantou-se e empunhou um castiçal, disposto a vender caro sua vida.

Eram ladrões ciganos, dos mais temiveis, e um d'elles ao ver Antonio resmungou :

— Um morto ! Não gosto d'esses encontros.

Os outros tambem empallideceram, mas em pouco venceram aquella impressão e começaram a arrombar as caixas de esmolas que, como só se abriam uma vez por anno, no dia da festa do padroeiro, estavam a rebentar de cheias. Em pouco reuniram sobre um panno aberto no meio da egreja um monte respeitavel de moedas de cobre, de nickel e prata. O chefe do bando ia começar a partilha, satisfeito por encontrar tão farta colheita, quando, notando que seus companheiros ainda pareciam inquietos, disse com uma risada de escarneo :

— Mas, deveras, vocês têm medo de um

defunto ? Pois, para socegal-os, vou matal-o outra vez.

E, tirando do cinto uma enorme faca, dirigiu-se para o Antonio. Este, ao ver que ia morrer a sério, poz-se de pé num pulo e, apanhando um dos enormes castiçaes de cobre que lhe estavam á cabeceira, dispoz-se a vender caro a pelle.

Os quatro bandidos, imaginando um milagre ou bruxaria, sahiram a correr, como se fossem perseguidos por todos os demonios. Então, tio Mathias sahiu de atraz do altar e veiu bater nas costas do latoeiro, murmurando com um sorriso de triumpho :

— Bem te dizia eu que a mim não me havias de embrulhar.

— Tens bom faro.

— Excellente — disse o sapateiro, acariciando com orgulho o nariz onde se ostentavam stygmas de variolas remotas e bebedeiras recentes.

Depois, quasi sem dar por isso, encontraram-se os dois diante da espessa manta do cigano, onde estava amontoado o dinheiro colhido pelos salteadores. Fitaram-se longamente e o *resuscitado* disse afinal :

— Quer me parecer que se dividissemos...

— Era o que eu estava pensando — respondeu o sapateiro. — Mas para não perder nossa alma devemos começar por dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.

— Como ?

— Começaremos por deixar algumas moedas dentro das caixinhas, porque ellas pertencem a Deus.

— E Cesar ?

— No caso, Cesar somos tu e eu.

Sentaram-se e fizeram a divisão irmãmente. E ao terminar, quando Antonio guardava o que lhe cabia, o sapateiro bateu-lhe de novo no hombro dizendo :

— E agora, que podes, dá-me meus cinco tostões.

— Oh ! homem. Pois você ainda faz questão de...

— Divida é cousa sagrada. Passa para cá os meus cinco tostões.

* * *

Sahindo da egreja, os bandidos iam tão allucinados que correram sem parar emquanto tiveram folego. Depois voltou-lhes a ancia pelo dinheiro que tinham deixado e o chefe, mais animoso, resolveu voltar para buscal-o.

Veiu e chegou até a porta do templo; mas não passou d'alli. Esteve um instante a escutar e ouviu estas replicas, de vozes surdas, coadas pela madeira rude :

— Dá-me os meus cinco tostões—dizia uma.

— Mas espera...

— Não quero saber de nada. Eu tenho direito a cinco tostões...

O bandido não esperou por mais e fugiu de novo, até que encontrando os companheiros balbuciou, gago de pavor :

— Não pude... Agora já não é só um morto... A egreja está cheia de almas.

— São então muitas ?

— São tantas que de todo aquelle dinheiro só tocam cinco tostões a cada uma...

O bandido foi até a porta da egreja, mas não passou além.

Sobre uma cruz de madeira

Foi em uma cidade da Alsacia, poucos dias antes do armisticio.

Um pobre homem, minado por uma enfermidade implacavel, esperava com ardor inquieto o dia, que sua alma presentia proximo, em que os soldados de França passariam diante da janella de seu quarto, regressando victoriosos ás provincias reconquistadas.

Mas a molestia fez progressos mais rapidos do que a grande batalha travada nas Flandres e nos Vosges, e o infeliz fechou os olhos para sempre sem ter visto o glorioso regresso.

Dous dias depois os soldados francezes desfilaram diante da janella, de onde os olhos ardentes do enfermo já não os podiam contemplar.

Mas o infeliz deixára um filho de 9 annos ; e, na mesma tarde, no cemiterio da aldeia, podia-se ver o menino escrever a giz sobre a humilde cruz de madeira : — *Papai, elles já voltaram.*

A moda dos banhos de :: mar ::

Parece a muitos que essa moda é relativamente recente e bem poucos se animariam a nos contradizer se, conforme a opinião geral, affirmassemos que só se vai a banhos de mar ha cerca de trezentos annos; mas a verdade é outra. A humanidade já recorria ás propriedades therapeuticas do mar cinco seculos antes de Christo! Documentos irrecusaveis demonstram que já havia, nessa epocha, um hospital situado nas visinhanças do mar e onde, ao que parece, se tratavam tuberculosos, por processos muito similhantes aos que hoje se applicam em Berck. Ha egualmente provas de que os medicos de Roma Imperial recomendavam as longas viagens maritimas, com o mesmo intuito; mas essa *moda* foi de curta duração, a acreditar no que diz Plinio:

Alegres banhistas de Deauville

« As florestas, — escreveu este historiador naturalista — com-

Um uso mais antigo do que se imagina

postas unicamente de arvores, que se exploram para conseguir hervas e resinas, são muito vantajosas para os tisicos e para os que não podem se restabelecer de uma longa enfermidade. Respirar o ar da floresta é, nesses casos, mais proveitoso do que se conduzir por mar até o Egypto ou ir no verão para as montanhas, beber o leite impregnado de perfumes varios das plantas das grandes altitudes.»

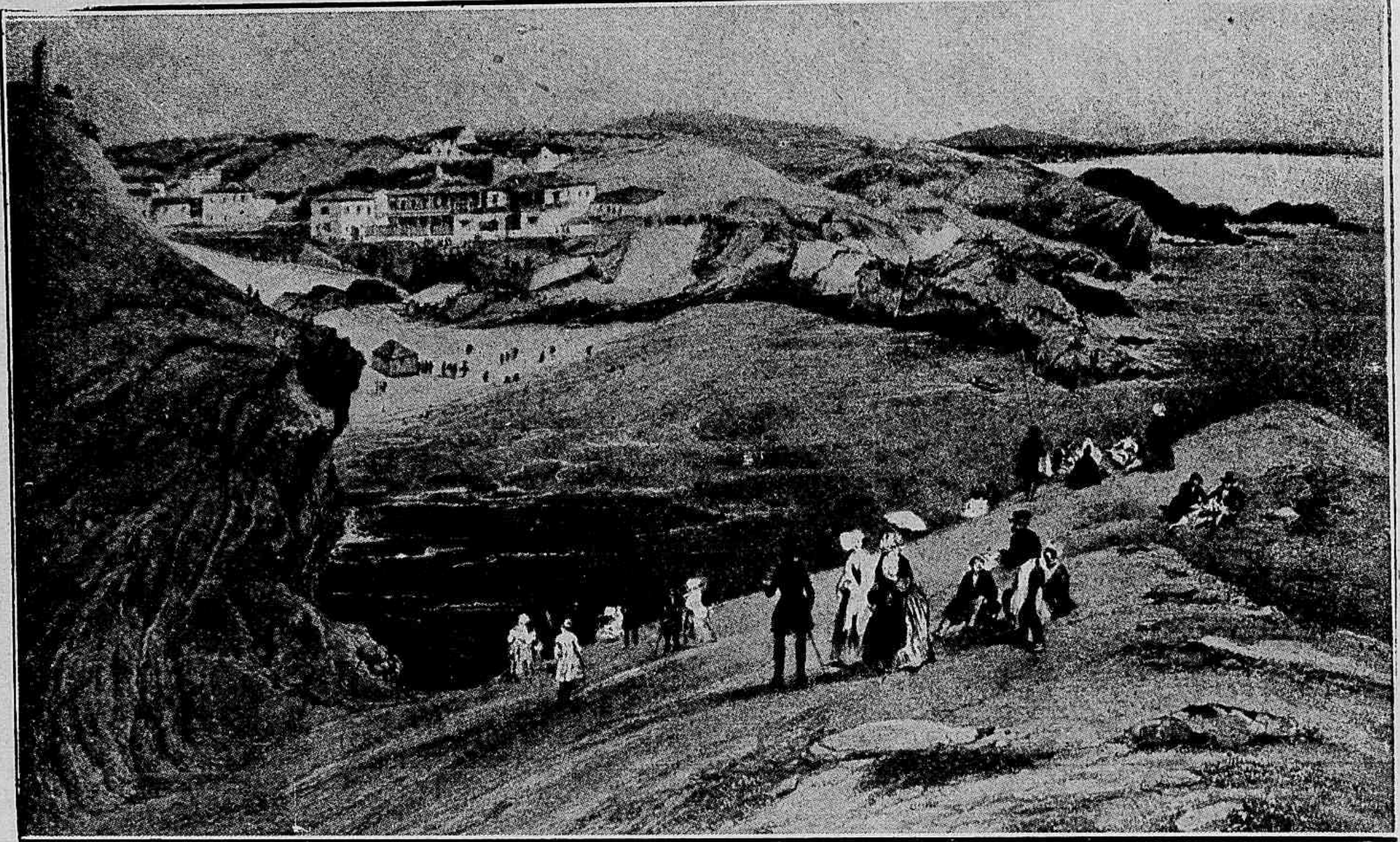
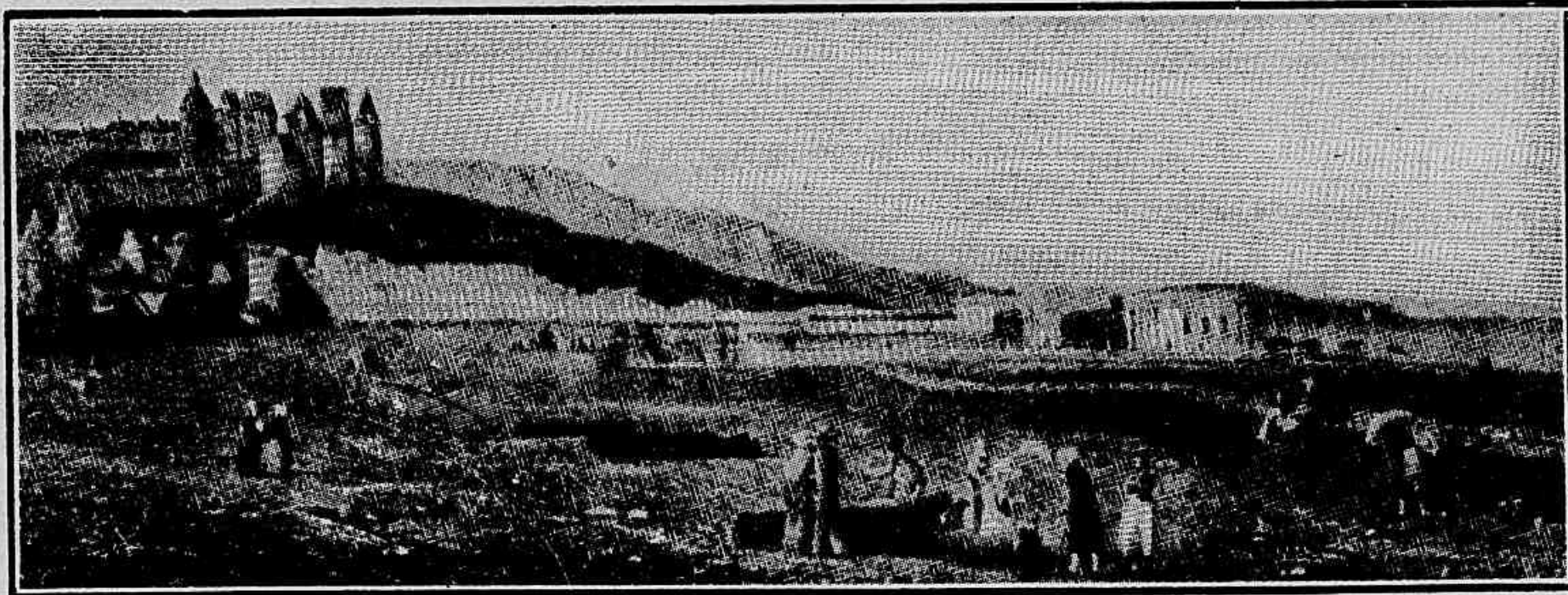
Considerava-se então a agua do mar como uma panacéa. Davam-a aos enfermos como uma poção, administravam-a como duchas. Alguns prescreviam-a fervida; todos porém estavam de accordo sobre a conveniencia de usal-a largamente.

A agua do mar era dada como salutar, exteriormente, para as picadas venenosas; e internamente para curar colicas e até para cholera-morbus.

Uma sereia de Ostende

Quanto aos banhos de mar, passavam por curar « entumecimento dos seios, dôres de entranhas e a magreza do corpo. »

Como os Romanos, os Gregos banhavam-se no mar persuadidos de que,

Banhistas de Newport, a mais luxuosa praia de banhos dos Estados Unidos, proximo a New York.

A praia de banhos de Biarritz em 1842, segundo uma lithographia da epocha.

A praia de banhos e o castello de Dieppe em 1843, segundo uma gravura da epocha.

por esse meio, expelliam todos humores malignos. Muitas vezes durante um combate os soldados, escorrendo suor e cobertos de poeira, mettiam-se no mar, até que seus corpos ficassem inteiramente limpos, tendo verificado por experiencia que isso lhes communicava um novo vigor, embora não comprehendessem a causa de tal maravilha.

Ter-se-ha perdido, depois a tradição ? Os documentos, que consignam esses factos, terão ficado occultos por muito tempo ? O facto é que é preciso chegar ao seculo XV de nossa éra para descobrir, e ainda assim em um tratado de arte venatoria, vestigios de uma medicação que entretanto não tinha cessado de sêr efficaz.

A mais elegante das praias do Pacifico — Venice, nos arredores de S. Francisco da California.

Nesse tempo os banhos de mar eram recommendados para curar... a hydrophobia ! Seria por effeito do sal ou das commoções por que passavam os pacientes, mergulhados bruscamente na agua ? Não se sabe.

Sob o reinado dos ultimos Valois, em França, no de Henrique IV, Luiz XIII e mesmo muito tempo depois, quando alguem era mordido por um animal atacado de *raiva*, fazia-se uma incisão no logar mordido e encaminhavam o doente, sem mais demora, para o mar, que passava por ser o « soberano remedio » contra semelhante molestia.

O bom mestre Ambrosio Paré, cirurgião do duque de Guise e descobridor da antisepsia, que entretanto deu, tão a miudo, provas de sua credulidade, não teve grande fé na efficacia dos banhos de mar contra a hydrophobia ; o que não impediu que ainda por muito tempo, a medicina mantivesse esse curioso tratamento.

Fidalgos e formosas damas apressavam-se a

As millionarias dos Estados Unidos adoptaram ultimamente automoveis para banhos, verdadeiras cabines ambulantes nas quaes fazem suas toilettes de praia.

dirigir-se para o canal da Mancha, desde que fossem apenas farejados por um cão suspeito. Um epigramma de Linguet a La Harpe prova que, nos ultimos annos do reinado de Luiz XV, ainda s recorria a essa therapeutica.

Depois de vestida no automovel, a opulenta banhista de Newport envolve-se em uma luxuosa capa apenas para dar alguns passos na areia.

Buffon, o illustre naturalista, declarou-se partidario dos banhos de mar para todas as molestias; mas foi sobretudo Hugues Maret, o pai do futuro duque de Bassano, quem, em uma memoria coroada pela academia de Bordeaux, formulou as regras de therapeutica marinha.

E ainda antes da publicação d'esta memoria, em 1778, foi creado, em Dieppe, um estabelecimento especial para esse fim, autorisado pelo governo e designado pelo nome de «Casa de Saude».

O emprego dos banhos de mar começava já então a generalisar-se e não era empregado sómente contra a hydrophobia. Na collecção de autographos da Bibliotheca de Londres, encontra-se uma peça assignada por Philippe José de Orleans (*Egualdade*) concedendo ao marquez de Champcenetz, coronel commandante do regimento de Orleans-Dragões, uma licença com ordenado, no 1o. de Agosto de 1789, nestes termos:

«A saude d'este official obriga-o a tomar banhos de mar, que o impedem de comparecer ao regimento e que são indispensaveis a seu restabelecimento».

Uma elegante parisiense em Trouville.

As guerras da Revolução e as do Imperio entravaram o exito que os banhos de mar iam tendo, principalmente na Inglaterra.

E' de notar porém que a primeira pessôa notoria, que a historia assignala tomando banhos de mar em littoral francez, é Napoleão I. Foi no mez de Novembro de 1808, no curso de sua excursão de Erfurth a Madrid, que o imperador tomou alguns banhos em Biarritz. Tal-

As Norte-Americanas, que ha muito mantêm o *record* do esbanjamento, crearam para Newport a moda das toiletes para banhos tão caras como as toilettes para passeio ou para baile. A que se vê acima com chapéu, sombrinha e almofada correspondentes importou em 900 dollars (cerca de 1:000$000).

A rainha Hortensia, que poz em moda os banhos de mar em Dieppe.

vez por isso esta praia se tornou a predilecta das cabeças coroadas. O general de Brandt, que consignou o facto em suas « Memorias Posthumas », diz que cada banho era precedido por um reconhecimento aquatico afim de prevenir qualquer surpreza por parte dos Inglezes. Durante todo o tempo em que o imperador ficava no banho, um destacamento de cavallaria da Guarda Imperial observava o mar, «avançando tão longe quanto fosse possivel fazer sem demasiado perigo».

Em 1812, construiram em Dieppe, sobre a praia, um estabelecimento em que se pudesse tomar banhos de mar em todos os gráus de temperatura.

«Havia barracas para mudar de roupa; e guias que conduziam os banhistas». No anno seguinte, a rainha Hortensia, quasi tisica, chegou a Dieppe, a conselho medico, acompanhada de uma verdadeira caravana.

A habitação que a rainha construiu alli foi um pequeno castello muito afastado da praia, mas em clima excellente, no alto de uma collina.

O prefeito do departamento mandou construir, em attenção á real vizitante, um lindo pavilhão de madeira, comprehendendo um salão, quarto e um gabinete. A rainha Hortensia banhava-se com um vestuario côr de chocolate, com calção que descia até os calcanhares: todos os curiosos, que aguardavam o espectaculo do banho d'essa rainha, que passava por ser uma elegante, retiraram-se desapontados.

Uma banhista em Deauville.

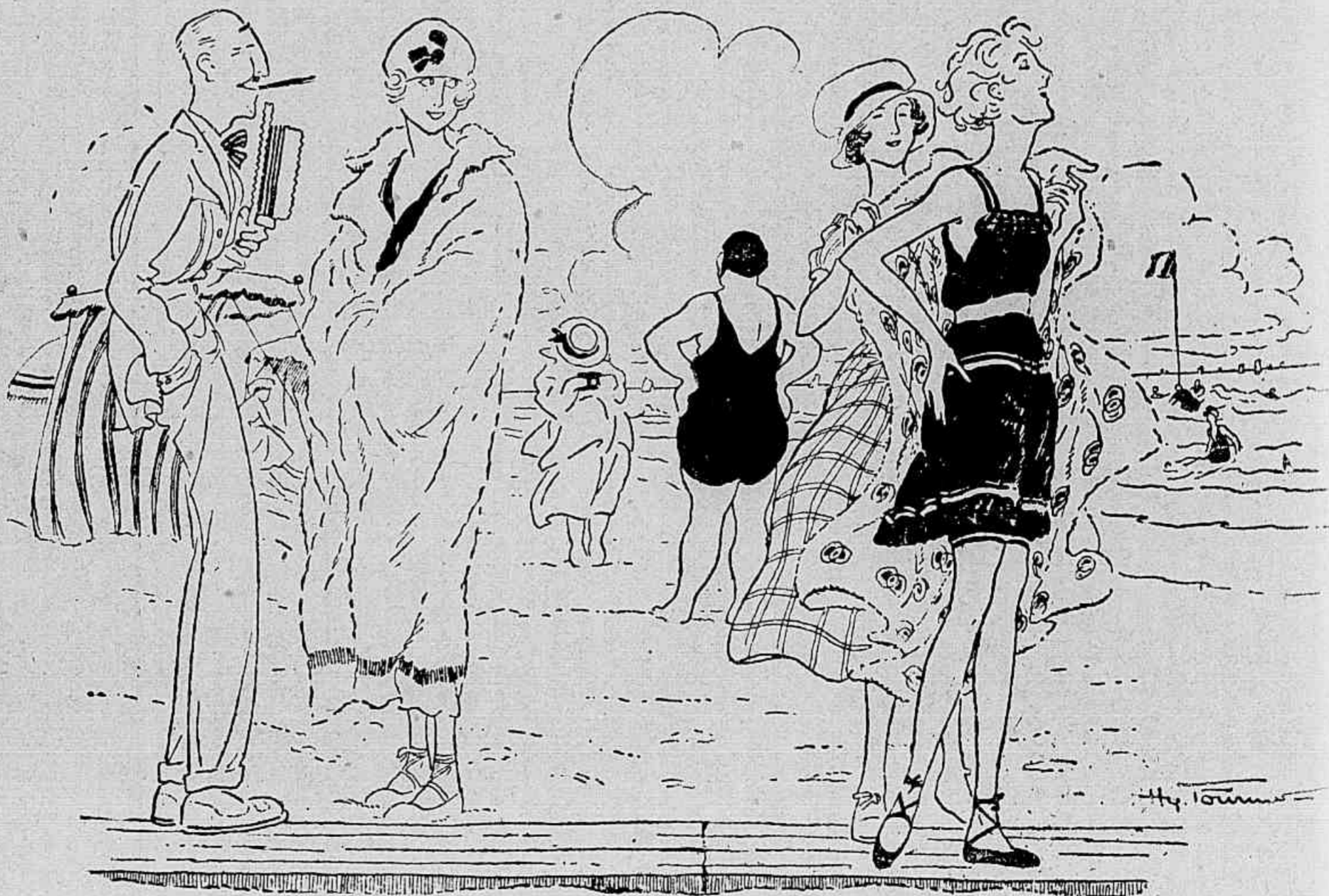
A duqueza de Berry é que iniciou definitivamente a moda nas praias, em 1824.

O exemplo da jovem princeza animou a timidez das hesitantes, e foi para fazer-lhe a côrte que todas as fidalgas vieram a banhos. Mme. Récamier alli esteve alguns annos mais tarde e diz a legenda que foi no mar que ella encontrou o *segredo de Juvencia*, que a conservou tão admiravelmente bella durante toda a sua existencia.

A um sujeito crivado de dividas :

— O que faz o senhor quando lhe apresentam uma lettra á vista?

— Ora... fecho os olhos immediatamente.

Se não existisse uma vida futura, a virtude seria uma empreza ruinosa, e a moral uma burla miseravel.

— Como é que aquella creatura, magra e secca d'essa maneira, não tem medo de ir ao fundo?
— Ao contrario. Exactamente por ser ser assim, ella deve boiar como uma taboa.

Arco de ponte ao crepusculo Pastel de HIPPOLYTO COLLOMB

O Rio de Janeiro de outr'ora e de hoje

Aguas ferreas cariocas

ATÉ a idade media a palavra — agua — ia longe. Significava o elemento liquido, em geral. No sentido generico abrangia o vinho, o mel, o vinagre, as materias fusiveis pelo calor, ouro, prata, cobre, chumbo, pela ordem de valia.

De Platão á tomada de Constantinopla, isto é, de 347 antes de Christo a 1453 depois de Christo — agua significou tudo aquillo.

No correr dos annos, na lentidão dos dias, a sciencia foi isolando cada vez mais, na idade moderna, o elemento agua. Da separação resultou maior importancia para a agua.

Que magnifico o seu papel no theatro da natureza, aviventando, curando, refrescando, recreando, vida dos seres, adorno das paizagens!

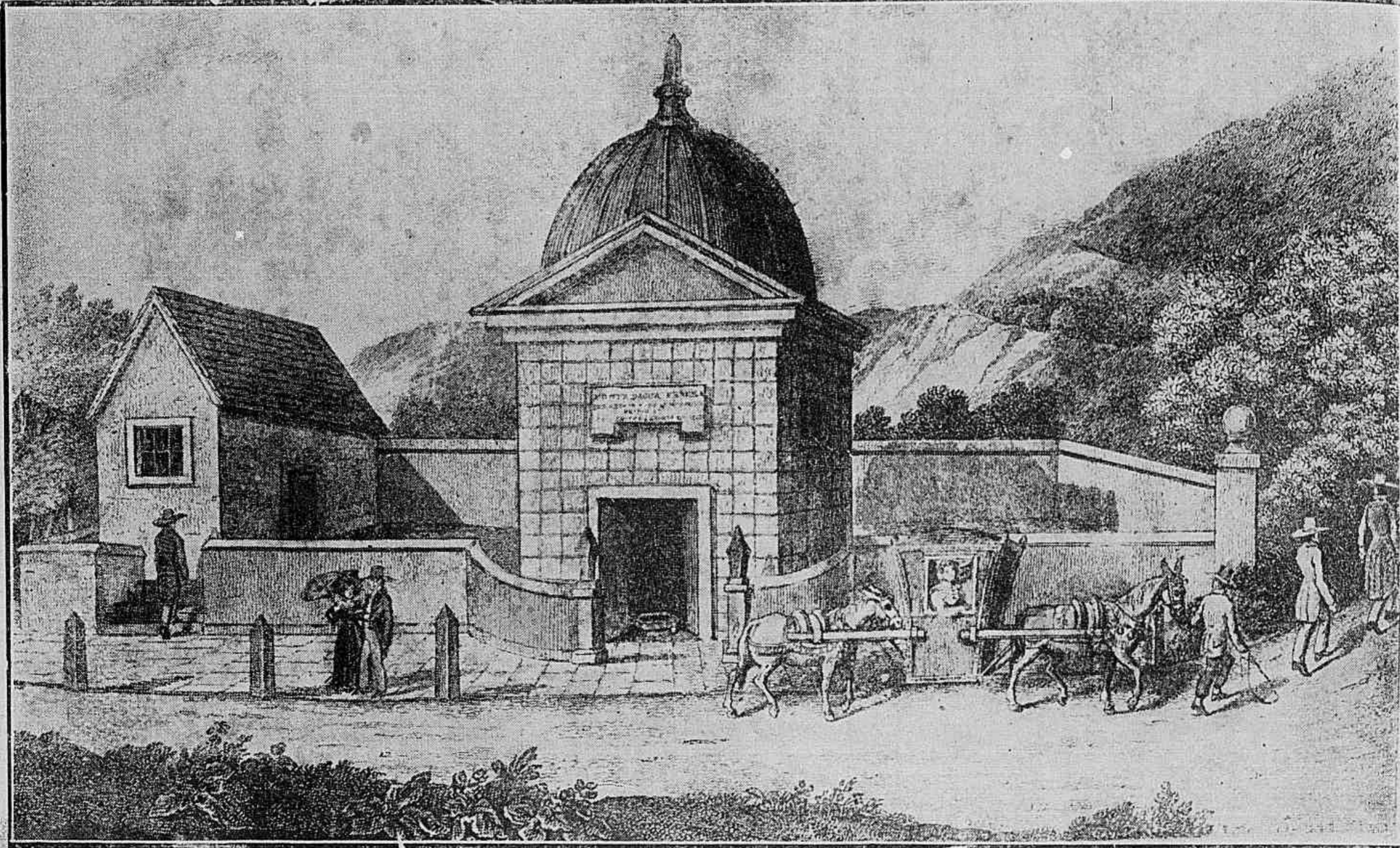
E Berthelot poude dizer que Lavoisier, ousando proclamar publica e claramente a composição da agua, enunciou verdade pedra angular da sciencia chimica.

Caixa de agua ferrea na Estrada Nova da Tijuca.

Desde a mais remota antiguidade, o homem conheceu as aguas mineraes e curativas, e lhes foi reconhecido, descobertas muitas fontes miraculosas pelo faro dos animaes.

Na série dos quadros nacionaes da nossa Escola de Bellas Artes ha um, devido ao pincel de um dos directores d'ella, Felix Emilio Taunay, barão de Taunay. Representa a descoberta das aguas thermaes de Piratininga, setenta leguas ao sudoeste da cidade de Goyaz, ao lado oriental de uma serra conhecida, das Caldas.

O caçador Martinho Coelho tendo por alli se perdido reconheceu as aguas pelos gritos de sua matilha n'ellas escaldada, ha mais de um seculo, n'um lago de cento e cincoenta palmos de comprido por vinte de largo, temperatura quasi da agua a ferver.

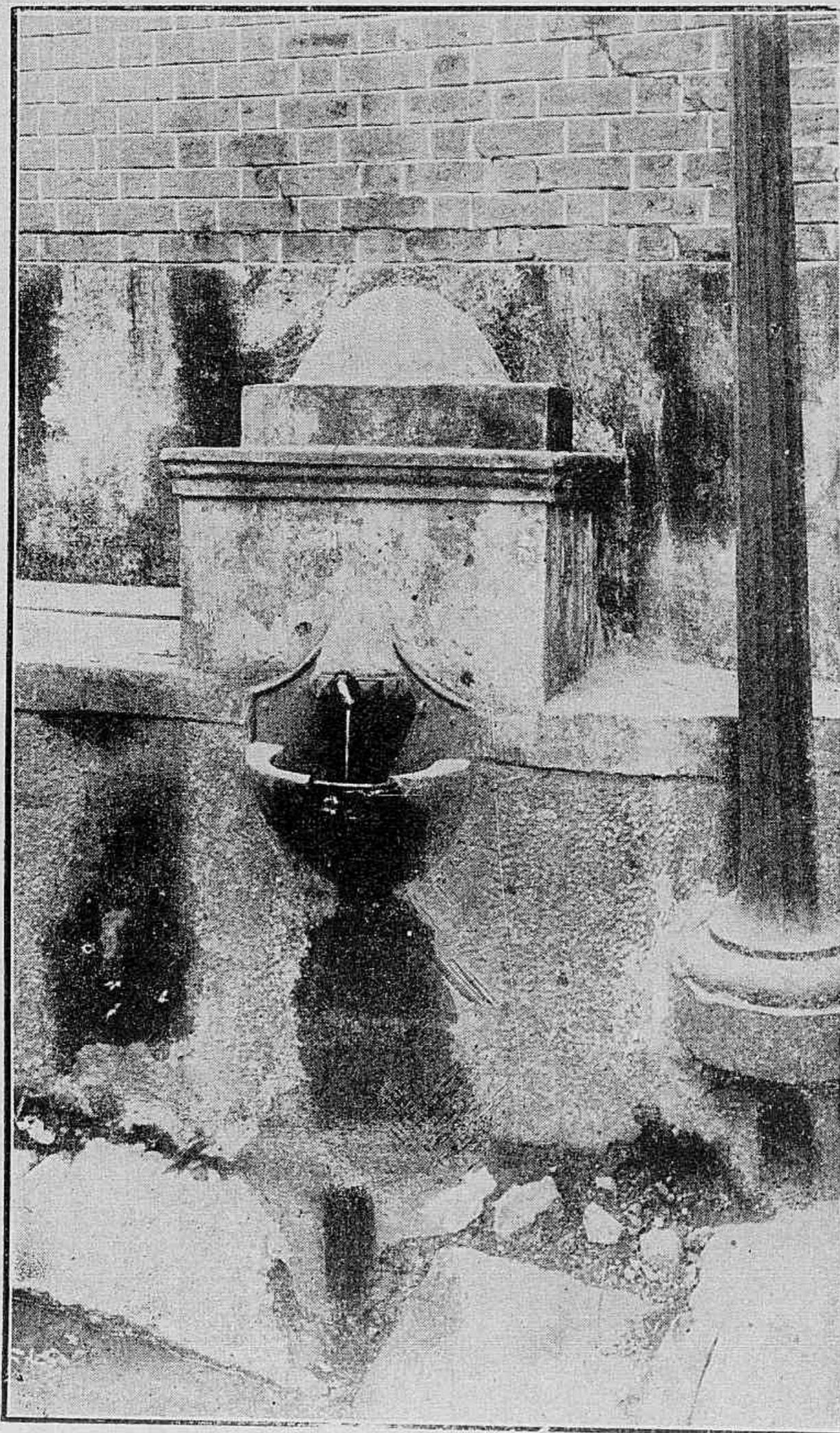
Velho chafariz na Estrada Nova da Tijuca.

Aspecto da antiga fonte de aguas ferreas, no logar em que passa hoje a Estrada Nova da Tijuca (1º reinado)

Quantos conhecem as aguas goyanas? Quantos sabem do quadro carioca?

Na Europa não faltam aguas medicinaes, entre ellas as ferruginosas, sedativas e constituintes, tambem perigosissimas conforme o uso, porque não se as póde ingerir a torto e a direito, sob pena da definitiva linha horizontal das sepulturas. Um candidato a apoplexia em aguas ferreas...

A natureza foi escandalosa na distribuição de favores ao Rio de Janeiro. Nada lhe medio em relação a bellezas, primores, prestimos e singularidades. Deu-lhe a mancheias, excepto uma cousa, o juizo, para nos impedir de estragar com as nossas proprias mãos o que os outros tanto desejariam obter, pela quinquagesima parte.

Do ról de favores feitos pela creação ao Rio de Janeiro não se excluio siquer a dadiva de aguas ferruginosas.

A cada instante, sobretudo aos moradores da escosseza Larangeiras, a dadiva é

Estado actual da fonte de aguas ferreas da Tijuca.

lembrada, em lettras garrafaes, por taboletas dos bondes da companhia ferro-carril Jardim Botanico rodando em trilhos desde 1º de Outubro de 1868, em plena guerra do Paraguay. Aguas Ferreas, em taboletas de bondes, andam acima e abaixo, desde a Galeria Cruzeiro até o Alto das Larangeiras quando o Cosme Velho já se vae chegando a Corcovado.

Entre o Cosme Velho e a ladeira dos Guararapes estava a caixinha pertencente ás Aguas Ferreas, de nascente desapparecida.

Depois das Aguas Ferreas larangeirenses, tão populares, mesmo inexistentes, graças aos bondes, cumpre mencionar, em segunda plana, as aguas ferreas da raiz da Serra de Tijuca, dias com origens historicas muito mais nobres de que a fonte das Larangeiras.

E como no mundo não faltam Sãos Thomés, sem a santidade do homonymo, claro está, mostremos para que vejam aqui, incitando talvez alguem a ir vêr de mais per-

Aspecto actual da Estrada Nova da Tijuca no logar em que foi a fonte de aguas ferreas durante o 1º reinado.

to, S. Thomé mais desconfiado. Na estrada velha da Tijuca, entre os antigos ns. 13 e 15, ha uma fonte, em fórma de torre, com a seguinte inscripção:

FONTE DE AGUA FERREA
DESCOBERTA PELO IMPERADOR PEDRO Iº
EM 24 DE DEZEMBRO DE 1823

D. Pedro I, entre nós, descobrio tanta

Outro aspecto do mesmo local.

SENSIBILIDADE FEMININA

— Oh! minha querida. Num dia como hoje vais sahir com este vestido. Vais morrer de calor.
— Qual nada! Pois se é isto que se usa agora!

cousa, da Independencia ao amor, que admira ainda vel-o descobrindo mais alguma cousa. Não se lhe póde negar, considerando sobretudo a brevidade da vida, que o rei dos portuguezes, imperador dos brazileiros, tinha a scentelha, a *mens divinior* e se, como todos, torcia para o mal não raro se endireitava admiravelmente para o bem.

Deixou-nos uma porção de lembranças, grandes e pequenas, inclusive a agua ferrea da raiz da Serra da Tijuca, quinze mezes após a Independencia.

Quem passa pela fonte nem suspeita o que foi. D'ella se encontra curiosa noticia em Walsh, tomo 1º, paginas 503-504, noticia em inglez, que, trasladada a vernaculo, dá para o leitor o seguinte resultado, sem esforço nem cansaço:

«Passando o imperador por ahi, um dia, distinguio a fonte.

Descavalgou immediatamente, examinou, encontrando pronunciado gosto de ferro que mostrava, por simples experiencia, a presença das virtudes medicinaes das aguas ferruginosas. Mandou fazer um reservatorio, construindo-se asseiado edificio com a seguinte inscripção: «Fonte d'Agoa Ferrea Descoberta Pelo Imperador Pedro 1º Em 24 de Decembro de 1823».

O edificio foi aberto ao publico, frequentado, de vez em quando, por doentes, sendo mais de uso engarrafar a agua, despachando-a para o Rio. Em varias experiencias, achei a agoa muito forte; densa espuma cobre-lhe a superficie, grossa crosta ferruginosa fica depositada onde quer que passe aquella agua».

Hoje do asseiado edificio, cuja reproducção se encontra na obra de Walsh, e, de hoje em diante, nas paginas do *Eu Sei Tudo*, vinda da Bibliotheca do Archivo Nacional, não se lhe acha grande sombra.

A fontesinha foi de gigante a anão e lá está, na beira da estrada, espiando os bondes electricos que guincham nos trilhos, com arrepios dos nervosos.

Quem me vio e quem me vê — reflectirá, uma vez que as suas aguas pouco reflectem.

Na verdade, porém, quem a vio no primeiro reinado não a vê mais hoje, porque se no territorio nacional ha quem assistisse á Independencia não é crivel tenha ainda forças para ir contemplar a fonte de agua ferrea da raiz da Serra da Tijuca.

As aguas ferreas estão para o canto. Na medicina existe moda, tanto que se manda comprar certos remedios emquanto curam.

Continue a fonte da agua ferrea da raiz da Serra da Tijuca, na margem da estrada, ao desprezo do viandante, parca, sem poder siquer chorar abundantes lagrimas... de ferro.

Resta-lhe a gloria de assignalar que alli estiveram o passo, o olhar, a vontade do nosso primeiro imperador, sagrado pela nossa Independencia.

ESCRAGNOLLE DORIA.

CORRESPONDENCIA CLANDESTINA
No quarto, depois das onze horas da noite

Os policiaes de serviço no bosque de Boulogne (Paris) viram, no dia 22 de Outubro ultimo, uma soberba limousine azul cuja velocidade ultrapassava de muito a permittida no perimetro da cidade. Tomaram nota do numero e enviaram á prefeitura de policia; ahi verificaram que esse automovel era o do Rei de Hespanha, que chegára na ante-vespera á capital franceza. Hesitação, duvida, mas um commissario energico decidiu que, rei ou não, sua magestade hespanhola infringira os regulamentos e portanto estava sugeito a multa, como qualquer outro.

O inspector, que foi ao hotel Meurice, na Praça Vendôme, cobrar a multa, não parecia muito tranquillo; mas Affonso XIII, ao saber que era objecto d'essa acção repressiva, veiu em pessoa satisfazer o pagamento, dizendo, com seu sorriso inconfundivel:

— Como não? A lei é egual para todos.

As creanças na guerra

Seu martyrio e sua mortalidade

A victoria, expulsando os allemães das cidades e aldeias da França e da Belgica, que dominaram durante quatro annos, trouxe-nos tambem a revelação de muitas miserias monstruosas. Em alguns d'esses logares houve numerosos trahidores que, obedecendo aos proprios instinctos de perversidade ou fatigados pela longa occupação inimiga e pelas privações, ensandecidos talvez pelo terror, trataram de conquistar as bôas graças dos allemães, pondo-se a seu serviço, espionando e denunciando os compatriotas.

Encontrou-se de tudo entre esses criminosos: homens e mulheres, velhos e moços, civis e militares. Mas nem uma só creança. As creanças nunca cederam diante do inimigo: os proprios allemães reconhecem que d'ellas nunca obtiveram uma informação proficua. Não havia ameaças nem promessas de recompensa capazes de angariar sua bôa vontade. Ha nesse facto um impressionador exemplo de psychologia infantil, confirmando a crença já generalisada de que, a despeito dos pessimistas, a infancia tem instinctivamente o senso da justiça e da honra. Nenhum educador ignora que é mais facil obter de creanças tudo quanto se quer appellando para sua dignidade do que aterrorisando-as com a ameaça de castigos.

Uma das mais revoltantes abominações da guerra, tal como a iniciaram em 1914 os soldados de Guilherme II e Francisco José, foi o não ter poupado nem mesmo as creanças. A gravura acima representa um pequeno grupo dos infelizes, que se perderam de seus pais, durante a fuga allucinada dos primeiros mezes da luta, e foram recolhidos pelos soldados inglezes a uma estação da estrada de ferro de Rouen.

E que dizer dos soffrimentos das creanças durante essa guerra? Contam-se por milhares as que ficaram completamente orphãs. Muitas outras, abandonadas, perderam-se durante os grandes exodos de 1914. Exactamente as menores foram confiadas por mãis heroicas aos vehiculos que passavam. Sentindo-se sem forças para proseguir na marcha desatinada e escapar á invasão, essas pobres mulheres queriam que ao menos seus ilhos se salvassem. Muitos civis e militares, que dspunham de automoveis, carriolas ou motocyclettes, receberam assim, nos momentos de grande pavor, peque-

Um grupo de prisioneiros civis francezes, libertados pelos allemães graças á energia e dedicada intervenção de Afonso XIII, chega á estação de Evian. Como se vê, havia entre esses prisioneiros creanças de menos de 2 annos.

ninos de que não sabem sequer os nomes. E as desgraçadas que os entregaram tambem não indagavam a identidade do fugitivo mais feliz, que tinha um meio rapido de transporte. Não queriam demoral-os. Ao contrario : que partissem sem demora, levando seu filho para longe

Uma scena do exodo provocado na Belgica pelos bombardeios allemães. Os pobres camponezes e operarios amontoavam em seu minusculo carro de mão os cacaréos mais preciosos e os filhos.

dos obuzes e do incendio.

Como poderão essas mãis encontrar e reconhecer seu filho apoz quatro annos de separação, sem uma noticia ?

Porém mesmo abandonados assim, os pequeninos não estavam fóra de perigo. As bombas lançadas dos aeroplanos e *zeppelins*, os torpedos e minas dos submarinos perseguiam-os por toda a parte. Dezenas de creanças pereceram no torpedeamento do *Luzitania* e varias outras ficaram orphãs.

Com os bombardeios de Paris, a primeira victima dos *taubes* foi uma menina de dez annos, Jeanne Cartier, que teve uma perna amputada. No mesmo dia, em Nancy, a bomba de outro aeroplano matou duas meninas : uma de 3 annos, outra de 4 mezes. Toda a humanidade deseja que essa formidavel sangueira seja a ultima; que não mais haja guerra. Esperemos que ao menos, se outras guerras houver, restabeleçam o cavalheirismo christão dos seculos anteriores e as limitem entre os homens, deixando a infancia ao abrigo de taes horrores.

Volta á aldeia. O pequenino berço natal foi libertado por uma batalha feliz. Seus habitantes voltam trazendo ás costas seus humildes haveres e as creanças que, embora não resistam ainda a semelhantes caminhadas, andaram tambem exiladas.

O berço de "l'Aiglon"

Em 1814, quando, como disse Victor Hugo, a Austria se apoderou de l'Aiglon, tudo quanto pertencia ao pequeno principe foi expedido para Vienna. Na lista dos objectos enviados então, figura «um berço de trez pés e nove pollegadas de comprimento sobre vinte e duas pollegadas e meia de largura com as cortinas».

Este berço, pura joia de arte franceza, fôra offerecido ao rei de Roma em 1811 pela Municipalidade de Paris. Os desenhos fôram feitos por Prudhon. Roland modelou as figuras ; Thomiré e Odiot executaram a obra. Pergunta-se agora em Paris se a Municipalidade não tem o direito e mesmo o dever de tentar fazer com que a Austria restitúa essa preciosa e admiravel lembrança.

O assassino de M.me Lussac

ROMANCE POLICIAL DE GEORGES DOMBRE = (Conclusão) = ILLUSTRAÇÕES DE LEON FAURET

Durante mais de uma hora, o sabio ficou a moer ideias amargas. Não podia admittir que tantas coincidencias dessem em resultado esse fracasso da logica. Parecia-lhe impossivel que os factos accumulados por elle se encontrassem em um mesmo ponto e não tivessem afinal correlações. Era como se uma ficha anthropometrica completa se pudesse applicar a mais de um individuo.

— Não, não — murmurava elle — este caso não está completamente esclarecido... ha nelle ainda um X. Creio que se póde ter como certo que Carlos Molyneux não esteve na rua Cassini, durante a noite do crime, mas persisto em acreditar que o assassinato teve como causa primeira, como origem, o casamento, o divorcio, os appetites ou temores de Molyneux. Apenas... o caso é terrivelmente complicado... e eu estou só!

Teve um momento de desanimo. Que podia elle fazer, desarmado, sem um auxiliar capaz?

Mas ao mesmo tempo comprehendia que não teria coragem para abandonar aquelle caso sem solução. Já a confiança lhe renascia no espirito e além de tudo era preciso provar completamente a innocencia de Henrique, sobre a qual poderiam pairar duvidas, se o caso ficasse mysterioso.

Mandou chamar o rapaz, que apezar de livre ainda se mostrava triste. Elle ouviu as perguntas do sabio com uma especie de inquietação e respondeu:

— Ignoro tudo da vida intima da Sra. Lussac.

— Ella nunca fez allusão a relações entre sua familia e a tua?

— Não. Disse-me apenas uma vez, sem mais explicações, que tinha razões para se interessar por mim. Eu não me atrevi a interrogal-a. Depois, de outra vez, interrogou-me tambem sobre o senhor e fez allusão a desgostos, que a atormentavam. Então, num impulso irresistivel, fallei-lhe de minha dedicação. Por isso é que ella me mandára chamar na noite da catastrophe. Mostrava-se agitada, inquieta e pediu-me que enviasse aquelle dinheiro a uma senhora...

— Não te recordas de nenhuma outra phrase significativa?...

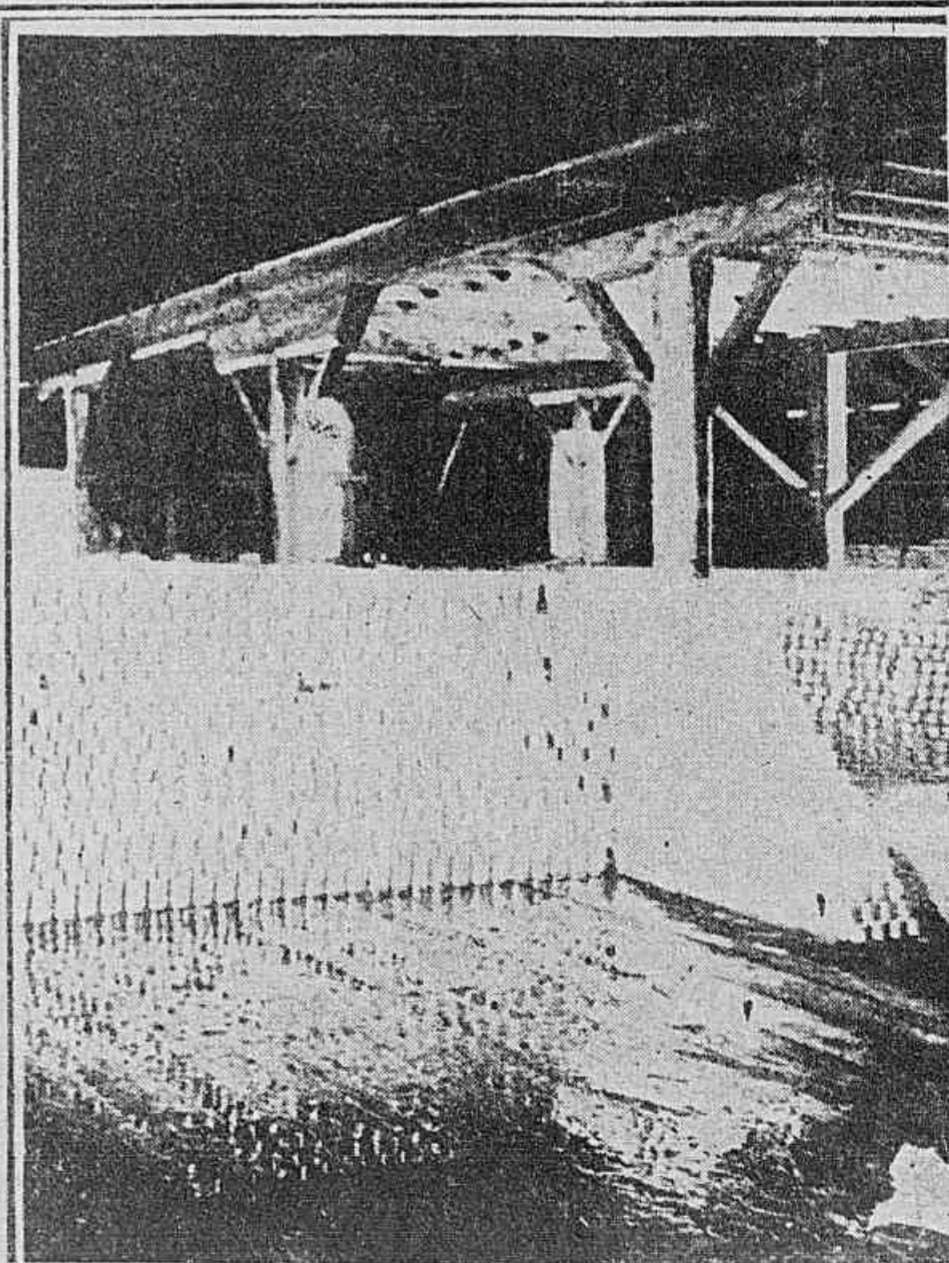
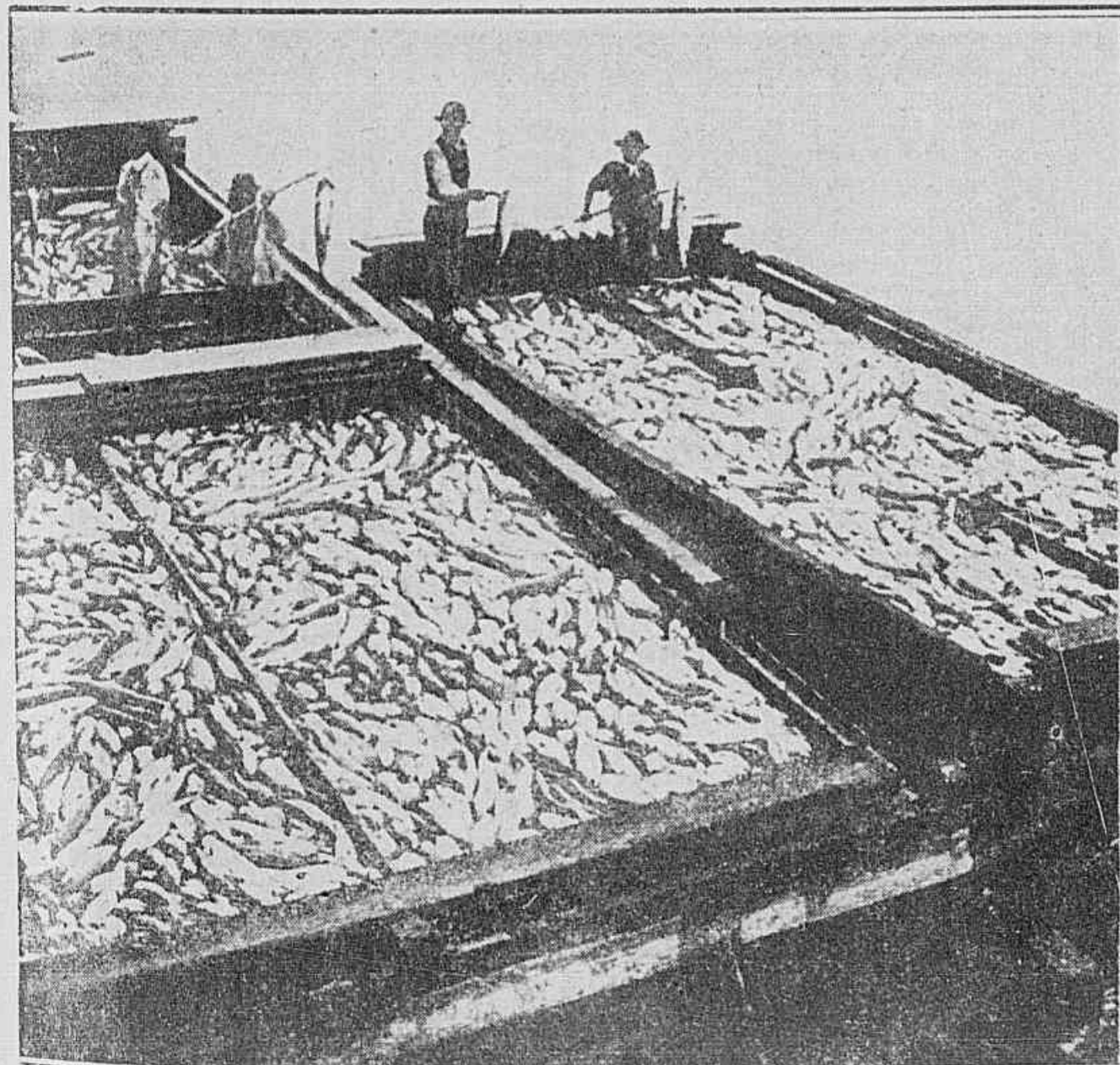
— Não.

***

Mouchette de Garibal voltára para casa melancolica e pensava em Nenesse. Sabia que seu companheiro não derramára sangue e indignava-se com a injustiça de sua situação.

Estava reflectindo assim, quando bateram á porta. Foi abrir e viu deante de si um burguez já idoso, que tirou cortezmente o chapéu. A rapariga fitou-o com desconfiança e Mouchette lembrou-se de já ter visto aquella physionomia. A recordação, a principio muito vaga, accentuou-se de subito.

— O senhor tambem estava no dia em que prenderam Nenesse... E' da policia?

— Não — disse o homem gravemente — Não sou da policia; mas venho fallar-lhe sobre Nenesse. — porque faço empenho em vingar a morte de que Nenesse é accusado e da qual

A importancia do salmão na vida ingleza. Esse saboroso peixe de agua doce, que é, aqui, considerado prato de luxo, constitúe na Inglaterra a mais popular das alimentações. Fresco ou em conserva vende-se barato e tem enorme consumo. Nossas gravuras mostram, á esquerda, dous pontões de volta de uma pescaria, á direita o deposito de latas de uma fabrica de conserva da salmão.

sei, tão bem como a senhora, que elle não é culpado.

— Ah! Sabe que elle não é culpado? — exclamou ella vivamente.

— Sei porque estou na pista do verdadeiro assassino, quero que elle seja preso e a senhora pode auxiliar-me.

— Essa agora! — murmurou ella estupefacta.

— Póde me ser muito util — disse Miguel — Não viu o homem, que propoz o negocio?...

— Como o estou vendo agora.

— Isso já é muito importante. Além d'isso, Nenesse tem amigos...

— Se tem! E bons! Todos os do bando do Maine e mais outros ainda. Se se trata de agarrar o canalha, que enganou Nenesse, póde contar com todos elles! — exclamou a mulher com exaltação.

— Estava certo d'isso e foi por isso que a vim procurar. Você e os amigos de Nenesse podem fazer-me descobrir o esconderijo do assassino. Entenda-se com os melhores amigos de Nenesse... uns dez ou doze homens e trez ou quatro mulheres. E tomem bem nota d'isso — é inutil que sejam homens fortes, mas é absolutamente preciso que sejam habeis, que saibam seguir uma pessôa, esconder-se, disfarçar-se...

— Fique descansado; temos amigos tão habeis nessas cousas como os agentes de policia mais ladinos.

— Para terminar: pagarei seis francos por dia a cada um, para que se possam dedicar inteiramente a esse negocio.

A rapariga lançou-lhe um olhar amavel.

— Oh! Então elles vão viver como deputados. Mas creia que, se fosse preciso, até trabalhariam de graça.

Miguel reflectia. Era preciso evitar que a policia tivesse noticia d'essa reunião. Deu instrucções minuciosas a Mouchette, recommendando-lhe discreção e prudencia; depois levou a mão ao bolso do collete e tirou d'elle um luiz.

— Aqui está para as primeiras despezas.

* * *

O sub-chefe de segurança voltava de uma expedição aos confins de La Chapelle quando lhe trouxeram um cartão de visita. Já elle murmurava:

— Não tenho tempo a perder!

Mas um olhar ao cartão fel-o hesitar.

— Espere!

Lêra o nome de Miguel Prouvaire, sob o qual estava escripto a lapis: — *Urgente e muito importante*. Viria o sabio fallar ainda do caso da rua Cassini?

— Mande entrar.

E recebeu Miguel com ar de condescendencia cortez.

— Estou muito occupado, mas não quiz que o senhor esperasse.

— Trata-se do caso da rua Cassini.

— Então sinto muito. Estou agora occupado com outros negocios... não tenho tempo...

— Entretanto... se eu lhe trouxesse noticias *positivas*?

— Tirou do bolso uma photographia e accrescentou:

— Aqui está o cumplice do Bico Auer.

O sub-chefe estremeceu, examinando a imagem fixada no papel luzente.

Via um rosto barbeado, de olhos frios e resolutos, mento vigoroso.

— Observe — disse Miguel — que elle se assemelha muito a Molyneux. Essa semelhança explica por que motivo os depoimentos de Rosalia e de Nenesse pareciam referentes a uma mesma pessôa.

— E' exacto. Isso supprime uma contradicção. Mas não prova cousa alguma nem contra Molyneux nem contra esse senhor.

— Esse senhor é parente de Molyneux. E não occulta sua identidade.

— Não vejo por que razão um parente de Molyneux ha de estar envolvido no caso da rua Cassini, tanto mais quanto já sabemos que Molyneux não estava.

— Molyneux estava nelle envolvido! — affirmou Miguel.

O sub-chefe estava mais surprehendido do que deixava transparecer. Havia na descoberta d'aquelle novo personagem uma nota imprevista, que exaltava seu instincto profissional. Porém elle desconfiava cada vez mais da vingança do chimico.

— Diga-me, em primeiro logar, de que modo encaminhou seu inquerito.

— Tal como o senhor o teria conduzido se não julgasse o negocio liquidado. Cerquei Molyneux e fiz vigiar todos os seus actos.

Desta vez Gourdon não occultou seu espanto.

— Vigiou todos os seus actos?

— Tanto quanto foi possivel. Affirmo que elle foi seguido e observado dia e noite.

— Pelo senhor e amigos seus ou por uma agencia? — perguntou desdenhosamente o *detective*!

— Não — respondeu Miguel com firmeza, empreguei nesse trabalho os amigos de Nenesse. Durante muitos dias, meus vigias nada notaram de anormal. Carlos Molyneux vivia como um homem que nada tem na consciencia, nem tem receios. De resto quando se encontra com o outro Molyneux, esse facto tem a apparencia mais correcta e mais natural. Meus auxiliares vigiaram um e outro. Nos primeiros dias o novo Molyneux mostrou-se muito desconfiado. Só sahia com todas as precauções. Então para vigial-o servi-me de creanças e mulheres. Elle não percebeu que estava cercado; sua desconfiança foi se embotando pouco a pouco e Mouchette poude observal-o detidamente.

— E ella o reconheceu?

— *Ella não o reconheceu.* Foi então que arranjei um retrato do individuo, mandando-o photographar na rua com uma machina instantanea.

— Mas o senhor de certo não esperava que a rapariga, não o tendo reconhecido em pessôa, o reconhecesse em retrato... observou o subchefe.

— Sim. Era isso que eu esperava, porque eu não podia disfarçar o homem, ao passo que podia perfeitamente disfarçar a photographia. E o senhor deve-se lembrar de que ella só o vira disfarçado.

Gourdon atirou ao chão o charuto e deu um socco sobre a mesa.

— Não ha duvida — exclamou elle — O senhor tem vocação para o officio!

— Mandei disfarçar a photographia por um amigo, que é um notavel pintor; e elle a disfarçou de accordo com as indicações fornecidas por Nenesse e completadas por Mouchette porque ella, como mulher, observa mais nitidamente os detalhes. Apresentei a photographia assim preparada á companheira de Nenesse, no meio de outras photographias, disfarçadas de modo

identico: a mesma côr nos cabellos, bigode, pelle e — é claro — sem a ter prevenido de meus intuitos. Pois bem, ella reconheceu immediatamente o cumplice de Nenesse.

— Immediatamente? — exclamou Gourdon.

— Sem hesitação.

Houve um silencio. O sub-chefe accendeu outro charutinho e começou a fumar rapidamente. Por fim disse, quasi em voz baixa:

— Então... então, não ha duvida... E' preciso retomar o inquerito.

Ficou assim uns dous minutos, mergulhado em uma especie de sonho... Depois:

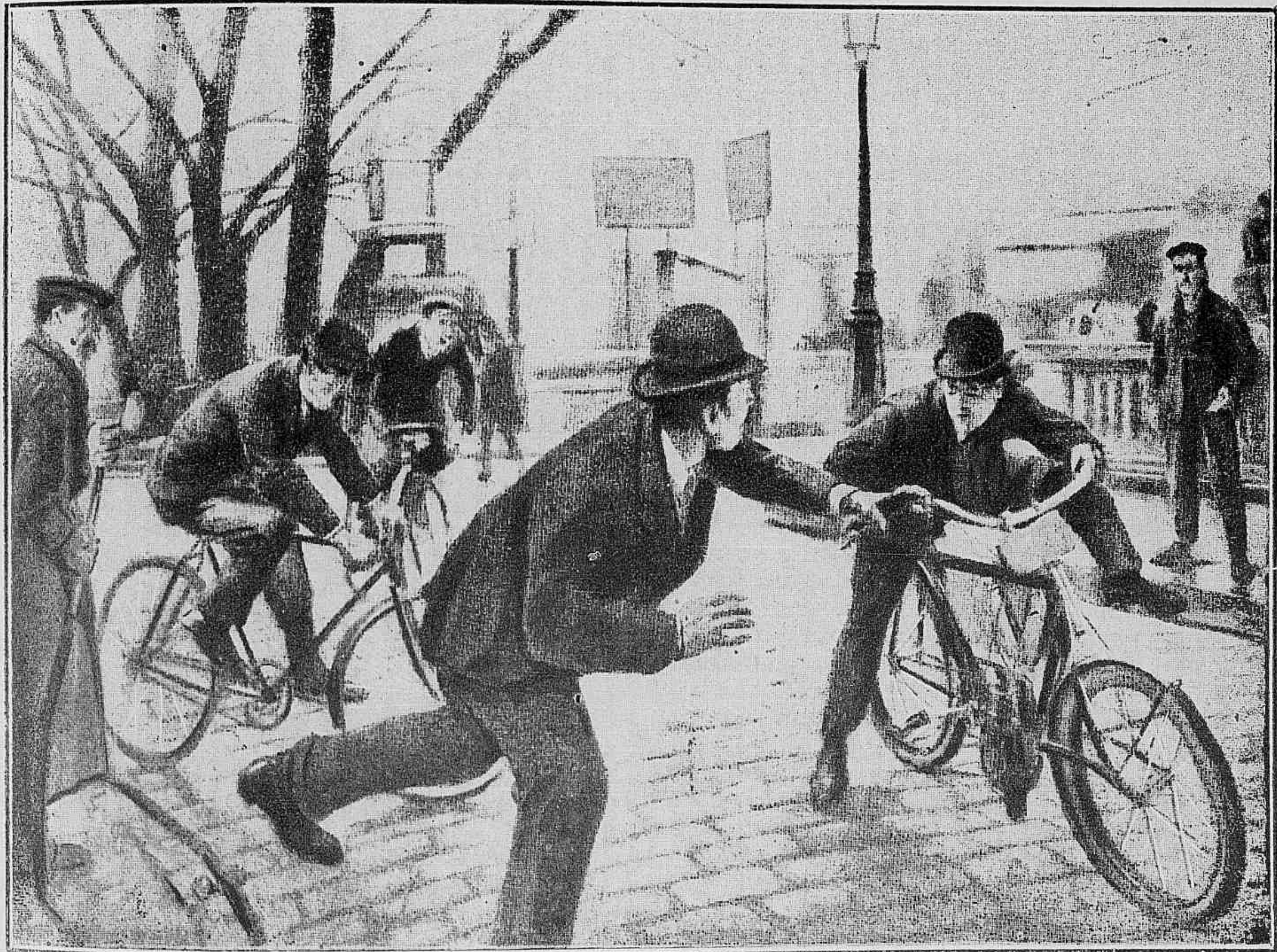
— Parece-me claro que, se Nenesse tambem reconhecer o retrato, o inquerito tomará rumo inteiramente novo. Em todo o caso, arrisco-me a tentar nova experiencia. O caso apaixona-me.

— E posso augmentar as probabilidades. Demais, o perigo passou». Pouco depois Carlos Molyneux sahiu.

Está bem — disse o sub-chefe com um sorriso — pode retirar seu *pessoal*. Encarrego-me eu agora de cercar os dous Molyneux.

...

Miguel voltou para casa um pouco febril. O enigma *material* ia ser resolvido. Restava o enigma *moral*, a razão que poderia ter determinado os Molyneux a uma acção violenta; restava o mysterio, que envolvia os ultimos actos e as ultimas intenções da Sra. Lussac. Não havia um testamento? Teriam os Molyneux deitado mão a elle? Nesse caso tel-o-hiam destruido e assim desapparecia a mysteriosa esperança, que agitava Miguel Prouvaire.

O sub-chefe agiu com diligencia e coragem. Depois de estabelecer o cerco em torno do sus-

MOLYNEUX SALTOU PARA A MOTOCYCLETA E PARTIU EM CARREIRA BRUSCA

Soube que esse homem preparava-se para sahir do Hotel Bernin, já dera ordem para que transportassem suas bagagens para o Hotel da Bulgaria, levando uma mala, como um viajante. Cheguei ao hotel antes d'elle e consegui obter um quarto junto do seu. Ouvi-o installar-se e receber a visita do outro. Conversaram longamente em inglez; eu fallo mal essa lingua, e só pude perceber palavras soltas. Comtudo houve um momento em que Carlos Molyneux ergueu a voz exclamando: «Você encontrará em Londres ou em Vienna todos os prazeres que encontra em Paris e poderá voltar d'aqui a algumas semanas, quando o perigo tiver passado completamente...

O outro respondeu com impaciencia: «Detesto Londres e não fallo allemão.

peito mandou-o intimar a comparecer perante o juiz.

No dia seguinte o homem compareceu á presença do Dr. Louvart, enygmatico, correcto, e produziu no juiz egual impressão á que produzira Carlos Molyneux; declarou-se tio de Carlos Molyneux e affirmou ter passado a noite do crime em logar quasi publico, em presença de numerosas pessôas conhecidas.

— Dez pessôas honestas — acrescentou — testemunharão, terem estado em minha companhia durante aquella noite e, entre essas dez pessôas, posso desde já citar-lhe o presidente do Club Richelieu e o conde Amaury de Vérandes.

Esta declaração produziu no juiz o effeito de uma ducha. Ficou por assim dizer suspenso

por meio minuto. Realmente, não tinha nenhuma pergunta plausivel a formular; tinha dous caminhos a seguir: deter Eduardo-Claudio-Molyneux ou deixal-o ir em liberdade até que fosse verificada a veracidade do *alibi*. A primeira alternativa repugnava-lhe. Tinha quasi a certeza de que, ainda d'esta vez, o sub-chefe se deixára influenciar pelas fantazias do chimico e, assaltado por uma colera surda, que o fez precipitar sua decisão, disse:

— Queira assignar seu depoimento.

O *gentleman* traçou nitidamente sua assignatura e retirou-se, não sem dizer com fria ironia:

— Fica entendido que estou á disposição da justiça!

E retirou-se de cabeça levantada, descendo as escadarias de marmore do Palacio de Justiça e dirigindo-se para os lados do Chatelet. Depois, em vez de tomar para a ponte do Cambio, voltou para o cáes. Tendo dado trezentos ou quatrocentos passos, parou bruscamente. Estava alli um homem segurando uma motocycleta. Molyneux disse apenas duas palavras, estendeu um cartão, que tirou com presteza, montou na motocycleta e partiu á desfilada. A' vista de tal velocidade, um homem precipitou-se para lhe embaraçar a passagem; dous cyclistas acudiram immediatamente.

Mas Molyneux evitou o agente, que ia a pé, e continuou sua corrida.

— Agarrem! E' um ladrão! — gritou o agente de policia.

— Um assassino! — clamou um dos cyclistas.

***

Um quarto de hora depois, o sub-chefe comparecia perante o juiz de instrucção.

O Sr. Louvart voltou para elle um olhar severo e desdenhoso.

— De onde vem? —perguntou elle asperamente. Pensei que ficasse esperando o resultado do interrogatorio.

— Esperei com effeito — respondeu o *detective*, sem se alterar — mas vendo sahir o Sr. Claudio Molyneux tive um presentimento, e desci á rua para dar instrucções especiaes a meus auxiliares.

— Receio muito que todos esses cuidados sejam inuteis — articulou acrimoniosamente o magistrado. — Temos em perspectiva um novo fiasco. Decididamente o senhor não teve sorte, quando descobriu esse irritante professor.

— Peço-lhe que me desculpe, mas eu vinha exactamente communicar-lhe que Claudio Molyneux desappareceu.

— Heim! — exclamou o Sr. Louvart estremecendo — Quer dizer que fugiu?...

— Tinha uma motocycleta a sua espera e evadiu-se assim, nas barbas dos meus agentes e mesmo nas minhas, porque tambem eu alli estava.

O Sr. Louvart ouvia com ar furioso. Mas ainda não estava absolutamente convencido e disse.

—Em todo o caso, vá verificar o *alibi*, que elle allegou. Pretende ter passado a noite com o presidente do Club Richelieu e o conde Amaury de Vérandes.

***

Depois do almoço, Miguel tomava lentamente uma chavena de café, pensando na situação de Luciana.

Mas que fazer? O destino impunha-se. Era impossivel unil-a a Jorge assim tão pobre. Luciana seria condemnada a estiolar-se em uma existencia de miseria. Por isso o sabio estava resolvido a manter com firmeza sua resolução.

Mas de repente sua physionomia tomou outra expressão, brilhando-lhe nos olhos um fulgor intenso.

— Eureka! exclamou elle — Depois sacudindo a cabeça, disse em voz baixa:

— Eureka, sim; se todo o resto obedecer á logica!

Nada tinha sabido da Segurança e isso o inquietava. O sub-chefe tinha-lhe promettido um telegramma, logo que fosse tomado o depoimento do segundo Molyneux. E, posto que d'essa vez as coincidencias se tivessem multiplicado, Prouvaire mantinha-se duvidoso, em resultado do primeiro insuccesso. Toda a derrota, por mais falha de logica que seja—e por isso mesmo—produz desconfiança.

A campainha da porta de entrada tocou.

— Gourdon! Finalmente!

— Victoria — exclamou o *detective*. D'esta vez temos a solução.

Molyneux confessou?

— Fugiu!

— Prenderemos o sobrinho.

— E' indispensavel: mas elle nada confessará emquanto o outro estiver em liberdade. Não importa! As probabilidades do resultado total subiram de cem a mil. Mas diga-me Não descobriu ainda nenhum indicio de testamento?

— Nada. A Sra Lussac certamente optou por um esconderijo. Depositou-o talvez em um banco com um nome supposto ou com seu nome de quando solteira. Seja como for, tudo me leva a crer que foram feitos dous depositos, um no Crédit Lyonnais e outro na Sociedade Geral.

O sub-chefe deixava-se agora influenciar, abolindo toda a restricção mental. Seguia todo o raciocinio de Prouvaire com escrupulosa attenção.

— Porque esses dous estalecimentos e não outros quaesquer? — perguntou elle.

— Ha um indicio. Se elle não me engana, só podem ter sido aquelles dous estabelecimentos. Ha, corroborando a minha opinião, dous numeros que creio serem de combinação: do Crédit Lyonnais é o numero 923, e da Sociedade Geral é o numero 347.

Ah! — exclamou o sub-chefe, enthusiasmado — Vou já pesquizar por ahi.

***

Quando partiu o sub-chefe, Miguel chamou Luciana e Jorge. Commovia a tristeza de seu aspecto. Gauchery estava sombrio, quasi feroz.

— Para quando é a partida? — perguntou o chimico.

— Dentro de cinco dias — respondeu o mancebo.

— Cinco dias — disse Miguel, em tom enigmatico — são mais do que sufficientes para decidir da sorte de uma familia.

***

No dia seguinte, Miguel lia na «Patria», com satisfação, que acabava de ser preso um tal Carlos M... como suspeito de cumplicidade no assassinato da rua Cassini, quando lhe levaram um telegramma do sub-chefe, que dizia: «Exito completo. Encontrámos os documen-

tos cuja existencia suppunhamos. Se puder, venha ver-me ás quatro horas».

— Eis o desfecho! — murmurou Miguel, empallidecendo.

Seu coração pulsava desordenadamente e ás quatro horas entrava no gabinete do subchefe.

— Acertou! — exclamou o *detective* — Temos em nosso poder diversos documentos, dirigidos a um tal Sr. Rocher, rua de Tournon n. 88, e um d'esses documentos é um testamento como o faz suppor uma nota no envolucro lacrado. Apenas acho exquisito que o senhor previsse a existencia desse testamento!

— Sim, um pouco exquisito. Pensei nisso depois de ter visto as notas que o senhor tambem viu, porque o pai da Sra. Lussac conheceu muito o pai de meu sobrinho e de minha sobrinha. Dedicaram-se os dous a grandes emprezas. Em parte foi esse, confesso, o motivo do ardor com que me dediquei a estudar este caso.

— Como a vida é romantica — disse o *detective*. E as combinações dos cofres fortes? E' esse o enigma que mais me intriga.

— O livro de lembranças da Sra. Lussac continha duas indicações hieroglyphicas, — Cl. IX, II, III; Sg. III, IV, VII. Então pensei que a Sra. Lussac depositasse seus documentos em um logar supposto seguro, tal como o cofre forte de uma importante sociedade de credito. Brilhou uma nova luz... Naquelles signaes *Cl.* e *Sg.* julguei ver abreviaturas do Crédit Lionnays e da Sociedade Geral.

EPILOGO

Miguel pegou na folha timbrada, que lhe estendia o Sr. Rocher, leu-a rapidamente e tornou-se pallido.

— Supponho que sabe, approximadamente, o que contém esse testamento — disse o Sr. Rocher.

— Sei — respondeu o sabio em voz baixa. E apoz um breve silencio disse ainda:

— Recebi uma carta da Sra Alexandre Lane, que me participa sua chegada a Paris, amanhã, acompanhada da creança.

— Que será nossa filha! — murmurou a Sra. Rocher commovida.

— E poderemos viver tranquillos! — exclamou o chimico. Pelo menos um dos Molyneux, o assassino, irá para um presidio.

— E o outro, cumplice ou não, está desarmado — affirmou o Sr. Rocher. Tenho contra elle armas poderosas. O que lhes disse acerca d'esse homem era a pura realidade. Posto que o diario deixado pela Sra. Lussac seja breve e um pouco laconico, é sufficientemente elucidativo nesse assumpto, apresentando um trecho, que não admitte duvidas.

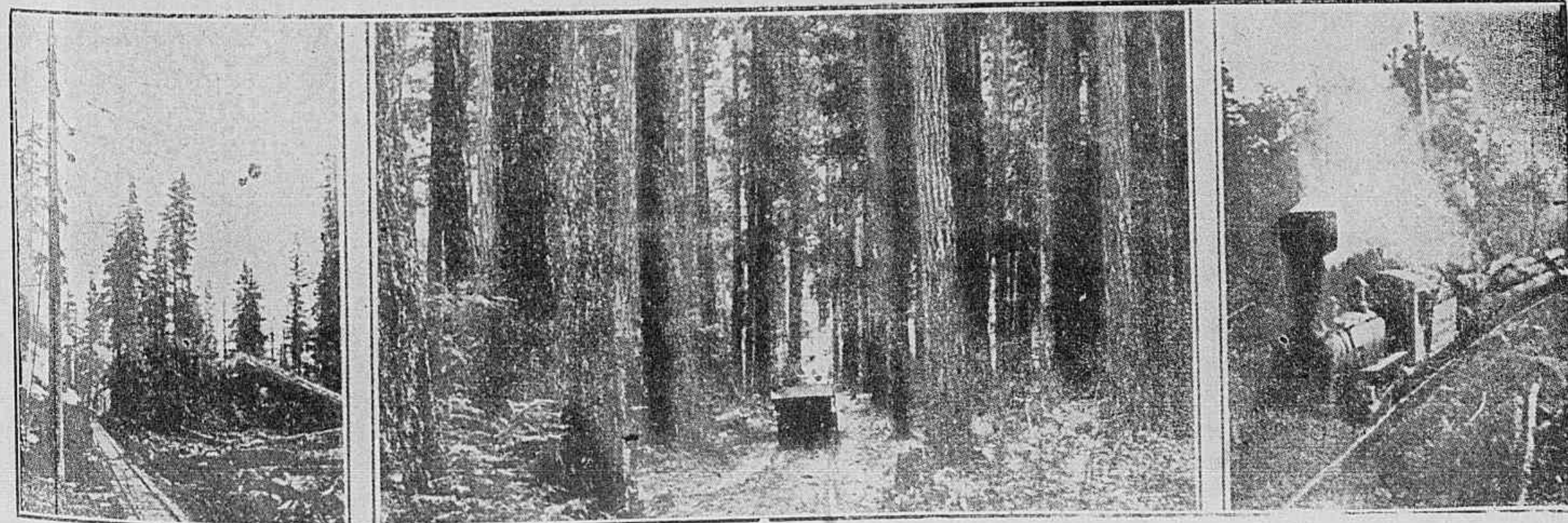
— Se a memoria de sua amiga o permittir, desejarei conhecer a parte essencial do drama: creio poder accrescentar que elle me penalisou bastante para justificar minha curiosidade.

— O senhor é o verdadeiro, o unico vingador de Yvonne — exclamou calorosamente a Sra. Rocher.

— Pomos á sua disposição todos os documentos uteis — replicou o marido — depois de ter, todavia, separado as notas confidenciaes. Ouça:

«O segundo casamento de Yvonne, casamento por amor e amor cego, foi assignalado, quasi desde o principio, por uma profunda desillusão. O amor, que ella dedicára a Carlos Molyneux, desapparecera rapidamente. Ella descobrirá naquelle homem uma alma de lodo, fria e incuravelmente egoista. Depois, por alguns indicios, a principio confusos, mas esclarecidos em seguida pela repetição de mil indicios e factos, comprehendeu ser elle, pelo menos, um homem deshonesto.

«Essas conjecturas mais se firmaram depois da ligação de Carlos Molyneux com seu tio Claudio. Depois de uma scena terrivel entre marido e mulher, em que ella lhe declarou que conhecia sufficientemente seu passado para o perder, se quizesse, dando-lhe a entender que possuia contra elle uma prova incontestavel e flagrante, Yvonne separou-se levando a filha.

Então Molyneux decidiu-se a propor uma transacção, parecendo os acontecimentos demonstrar que elle tinha confiança absoluta na palavra de sua mulher. Começou por exigir-lhe duzentos e cincoenta mil francos, a destruição da prova e o juramento de que nunca seria denunciado por ella. Yvonne não discutiu a questão de dinheiro, mas recusou formalmente a destruição ou entrega da prova, como não prometteu segredo *em absoluto*. Previa a necessidade de ficar armada contra os dous bandidos. Quiz antes de tudo que entre sua filha e Carlos nada mais houvesse de commum, de modo a que a creança não ouvisse sequer fallar de seu pai criminoso e calculou que procedia tanto mais habilmente quanto podia fazer tremer os Molyneux. O divorcio foi concedido; Yvonne voltou para a Europa e educou a creança tão

A exploração das florestas no Canadá. Os soberbos pinheiros canadenses são uma das riquezas mais apreciaveis do opulento estado confederado da União Britannica. Nossas gravuras mostram: 1 — O corte de troncos já despojados de galhos; 2 — O interior de uma floresta de pinheiros centenarios; 3 — A estrada de ferro que transporta os troncos cortados.

mysteriosamente que nós sempre ignorámos sua existencia.

Depois tornou a encontrar seu marido em um baile da embaixada americana e mais tarde no theatro, em companhia de Claudio. Suppoz logo que elles urdiam algum trama contra ella e sua filha. Era provavel que não estivessem muito longe de suppor a verdade : os Molyneux, vendo-a em Paris, deviam ter logo premeditado algum *chantage*. Por isso é quoYvonne se decidiu a mandar a senhora Lane para fóra da Inglaterra e sua vida se tornou intoleravel. O resto era fatal.

Os trez interlocutores olharam-se por algum tempo em silencio com ar de tristeza; em seguida a Sra. Rocher, estendendo a mão a Prouvaire, disse :

— Se não fosse o senhor, esses miseraveis teriam ficado impunes.

...

Depois da sahida dos visitantes, Miguel examinou ainda por algum tempo e com todo o cuidado o papel que Rocher lhe entregára.

— Ora vamos — monologou elle com um sorriso enternecido — Duquesne, apezar de tudo, não era máu homem.

Fez-se ouvir, passado pouco tempo, a campainha e em seguida Jorge Gauchery appareceu no limiar da porta.

— Diga á senhorita Luciana que venha aqui — ordenou Miguel a Marietta, que apparecia no corredor.

NA ALCOVA — *Fantazia de Leon Bennett.*

Quando os dous jovens se encontraram em sua presença. Miguel envolveu-os no mesmo olhar, em que havia ao mesmo tempo mysterio e satisfação. Quanto a elles conservaram-se immoveis, transparecendo em seus rostos prufunda, mas resignada tristeza. Então Miguel perguntou :

— Está decidida para amanhã tua partida ?

— Amanhã, sim, — respondeu o rapaz, tremendo-lhe a voz.

E seus olhos encheram-se de lagrymas.

— Quem sabe se isso não será um bem ! — disse Miguel. — Sempre admirei aquelle velho proverbio arabe que exprime de uma maneira nobre nossa ignorancia. Assim, julgas que vais partir miseravel e inconsolavel, e Luciana acredita que amanhã de tarde, depois da tua partida, será muito desgraçada. E eu ouso mesmo avançar que nesse momento vocês serão bem mais felizes do que no presente.

Voltaram para elle seus rostos com ar ancioso e de surpreza. Prouvaire continuou tranquillamente :

— Supponhamos que, antes da partida, longe de me oppôr a seus esponsaes, eu os approvo. Ainda ficariam tristes ? Não teriam coragem de esperar alguns mezes, um anno mesmo ?

Os dous estremeceram e a esperança fezlhes palpitar os corações. Por fim Luciana murmurou com voz opprimida :

— Ah ! tio Miguel ; não é possivel que falle d'essa maneira, sem ter um motivo... Isso seria muito cruel !

Miguel, bruscamente, attrahiu a rapariga para si e disse apertando-a contra o coração :

— Não, minha querida, eu não fallo sem motivo. Tanto eu como tua mãi consentimos nesse noivado.

Jorge tornou-se vermelho e em seguida empallideceu, de alegria.

— Ah ! Tem finalmente piedade de nós! — exclamou.

— Meu bom rapaz, eu sempre tive piedade de vocês. Bem sabes que eram as circumstancias da propria vida que os condemnavam. Mas esses decretos não eram sem appellação e eis aqui seu ultimo julgamento.

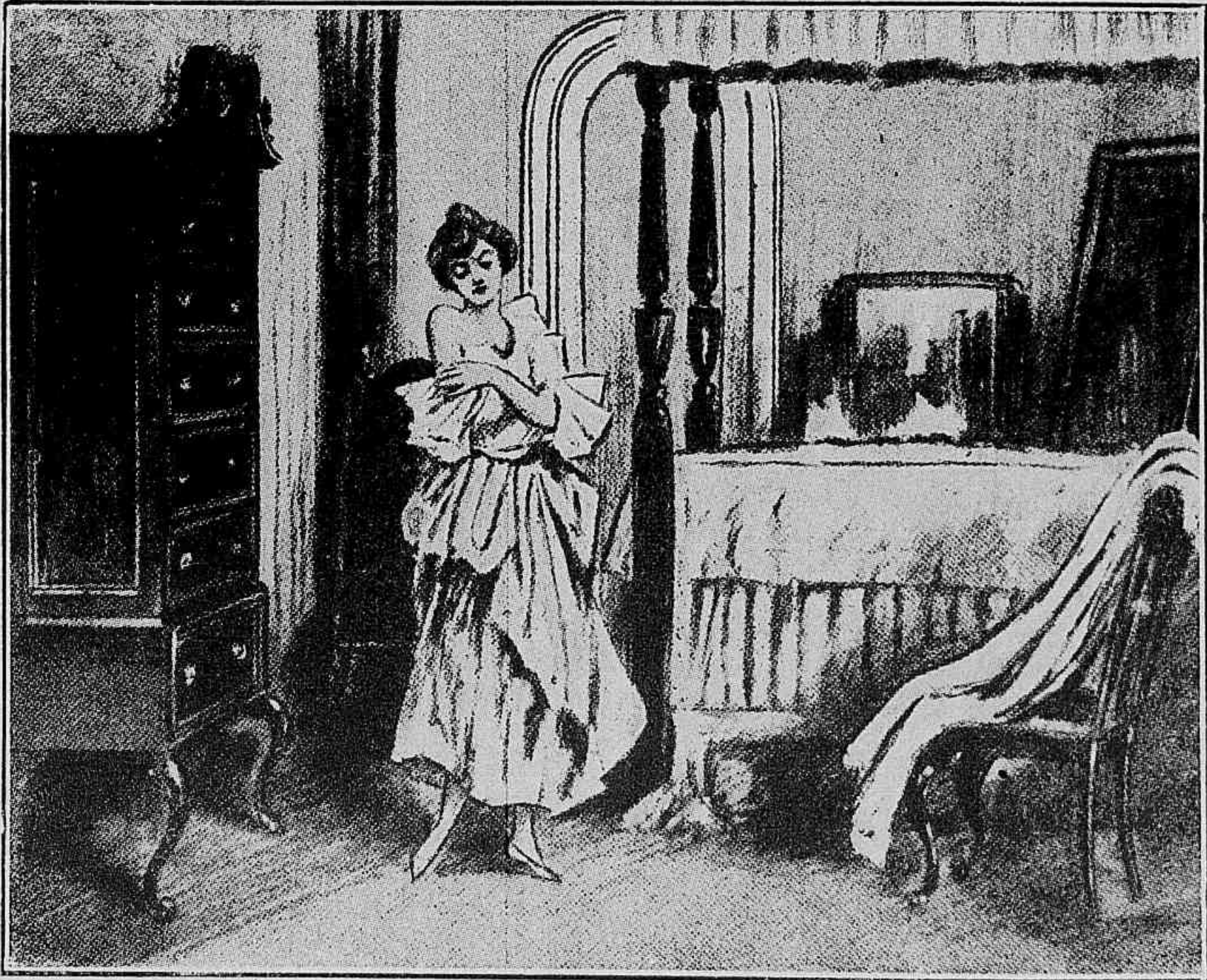
E, mostrando o papel timbrado, que abriu sobre a mesa, continuou com gravidade :

— Este papel livra Henrique e Luciana da implacavel necessidade.

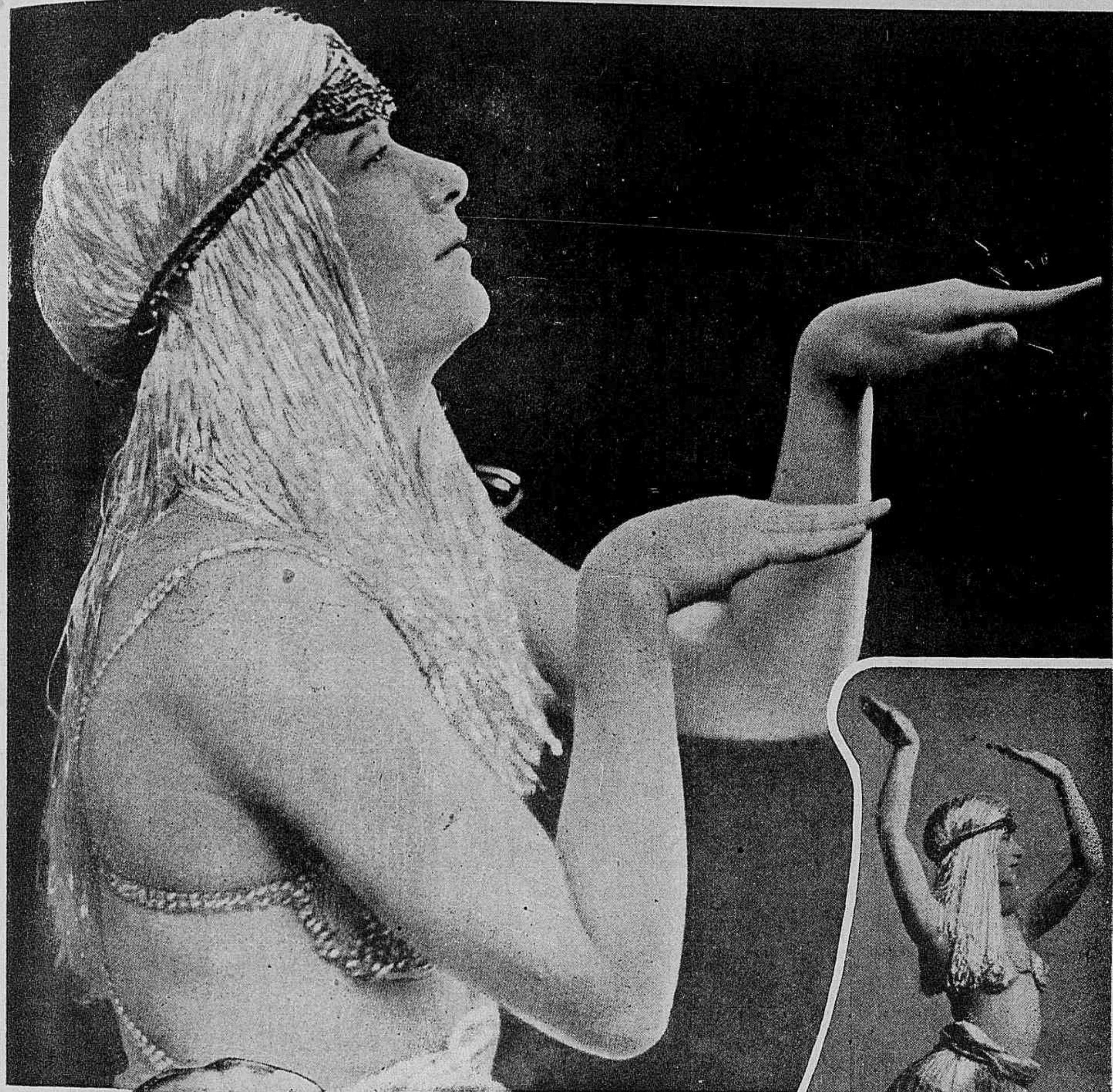
«Não lhes dá, certamente, grandes riquezas, mas permitte-lhes a escolha de seus destinos. E, além, d'isso, é duas vezes sagrado, porque representa, duplamente ,a vontade do destino.

E, juntando as mãos dos jovens, emquanto estes sorriam na esperança d'um futuro radiante de felicidade, accrescentou em voz baixa, como que num suspiro :

— O amor repara a morte !

FIM

Em todos os debates deve-se ter em vista a averiguação da verdade e não uma victoria a alcançar ou um interesse injusto a satisfazer.

PROVERBIO INDIANO

O bem, que se faz num dia, é semente de felicidade para o dia seguinte.

AS SACERDOTIZAS DE TERPSYCHORE

Miss Mona Paiva, do London Pavillon, no bailado *Afgar*.

A ORIGEM DA VIDA

A DESCOBERTA dos radiobios, feita ha poucos annos pelo sabio Burke e que tanto alvoroço despertou no mundo scientifico, presta actualidade frizante á obra ultimamente publicada em Inglaterra pelo Dr. Bastian e intitulada *A natureza e a origem da materia viva.*

O Dr. Bastian não acredita que os radiobios sejam realmente vivos: basta como argumento em contrario sua solubilidade na agua. Está comtudo convencido da verdade da archebiose e da heterogenese. Por archebiose entende-se o desenvolvimento das cousas vivas das destituidas de vida e o Dr. Bastian acredita na realidade constante d'esse phenomeno.

«As absurdas noções antigas»—diz o erudito auctor, — «sobre a geração espontanea, taes como os ratos produzidos dos lodos do Nilo, as enguias do lodo dos rios em geral (Aristoteles), as abelhas nascidas da carne putrefacta dos bois (Virgilio), e outras fantazias do mesmo jaez, é claro que não são dignas de consideração scientifica... Com respeito ao processo da archebiose, nenhum sectario da evolução poderá suppôr que elle tenha algo de commum senão com a origem de formas organicas inferiores e simples... Por sua mesma natureza deve ser um processo completamente fóra da experiencia humana e que é de presumir nunca venha a entrar nos limites da observação effectiva dos homens.

De fórma que, ainda quando ao professor Huxley fosse dado, como elle disse num discurso celebre, *olhar para além do abysmo do tempo geologicamente definido,* não seria nada provavel que elle fosse capaz de assistir, como elle affirmava, a uma *evolução do protoplasma vivo proveniente da materia sem vida.* O maximo que elle poderia vêr (e ainda armado de um poderoso microscopio) seria o que lhe era dado ver durante sua existencia, em condições mais favoraveis, isto é uma emergencia gradual na esphera do visivel, dentro de algum fluido apropriado, das particulas minimas do protoplasma vivo».

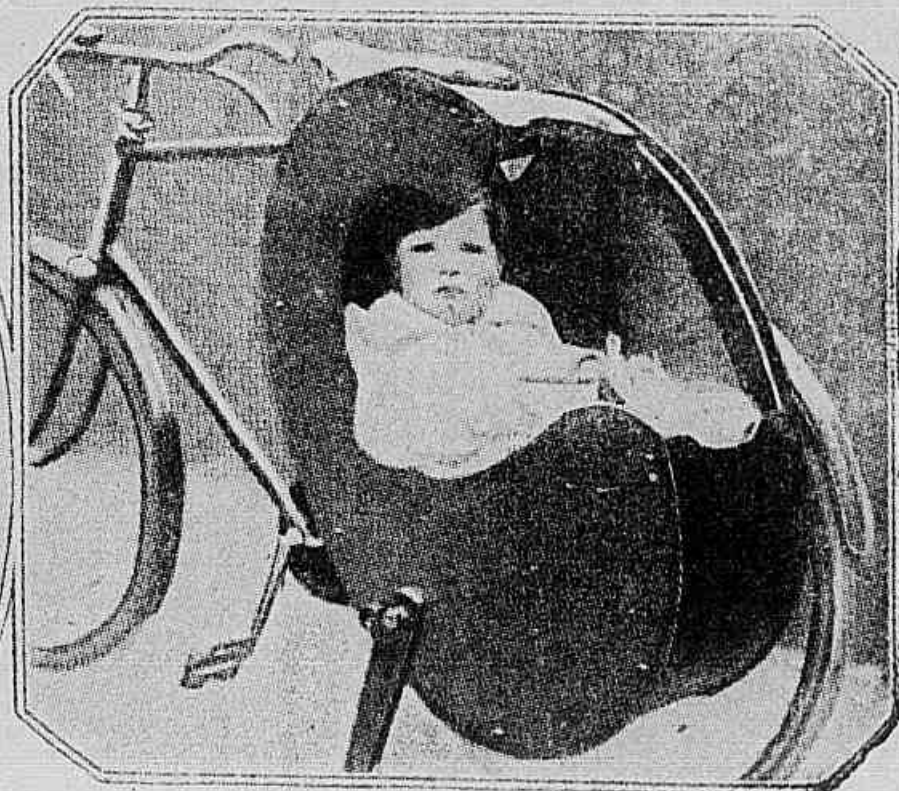
E' isto mesmo que o Dr. Bastian assevera ter observado em repetidas experiencias: a emergencia, num fluido absolutamete isento de vida, de minimas particulas vivas, que rapidamente se transformam em bacterias ou noutras formas reconhecidas da vida inferior. Suggere elle que se deve buscar a explicação na actividade natural de moleculas, similhante á que produz os crystaes. Deve citar-se um importante argumento de puro raciocinio:

«Se, como sustenta a maioria dos evolucionistas, surgiram formas primitivas de vida apenas no passado remoto e não continuam a surgir até hoje, como é que ainda enxameiam na terra esses organismos inferiores — bacterias, amebeas, bolores, infusorios e outros como taes? Ha muito que a evolução os devia ter elevado na escala dos seres».

O menino — O' papaï. Uma mulher de verdade é ainda mais bonita do que uma boneca?
O pai — Olha para tua mãi.

Sua persistencia e universalidade demonstram que esses organismos, dos quaes, ou de identicos, se têm desenvolvido organismos superiores atravez dos seculos, estão a cada passo sendo creados da materia inerte. Em resumo, a creação é um processo incessante, não um facto remoto, que só uma vez occorreu.

A outra theoria, a heterogenese (a transformação de um organismo noutro) constitúe a especialidade do Dr. Bastian.

De ha muito se sabe que nos pecegueiros hão de, sem se perceber como, apparecer nectarinas; que entre os pavões ordinarios apparecem pavões de espadua negra, e assim por deante; e, nos graus inferiores da escala das cousas, ainda ultimamente se viu a transformação do radium em outros metaes. O Dr. Bastian preten-

A ULTIMA PALAVRA EM TRANSPORTE DE BEBÉS

Berço cylindrico adaptavel a uma bicyclette; já em uso na Inglaterra.

de, e para o demonstrar descreve um grande numero de experiencias, ter visto varios organismos inferiores transformados noutros organismos inferiores, por exemplo: corpusculos de alorophylle em amebeas, infusorios originados nos ovos de uma especie de moscas, etc.

Por todo o livro ha muita heterodoxia, mas uma conclusão pratica, exarada em appendice, transcende muito além das especulações da sciencia pura. Mostra o Dr. Bastian como de suas theorias se deduz que os germens de febre typhoide, tuberculose, lepra, etc. não se originam forçosamente de outros germens mas podem ser «gerados espontaneamente» pelo ar viciado ou casos similhantes. Por outras palavras, segundo o seu parecer, é um erro a tendencia moderna de achar no contagio a causa unica e exclusiva de taes molestias.

O futuro proximo *Projecto norte-americano para um desembarcadouro de aeroplanos em grande cidade.*

Cousa que aqui não aconteceria

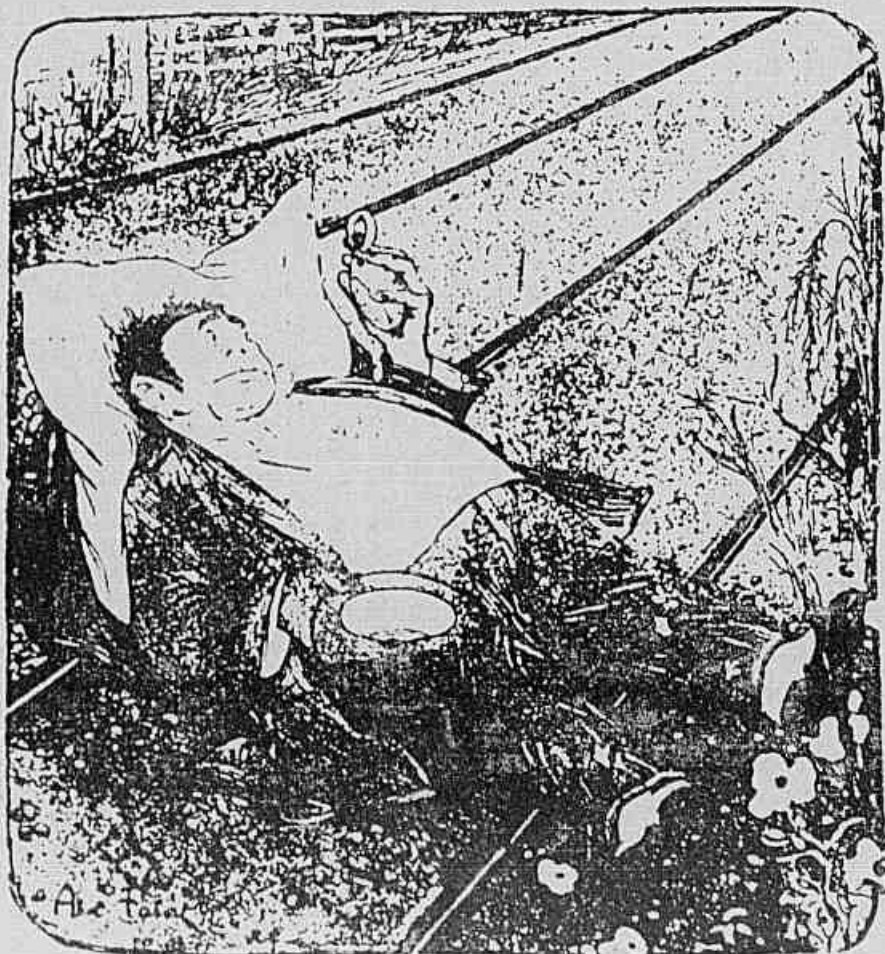
Toda a gente sabe que, com a guerra, desorganisando toda a vida commercial, os preços de todas as mercadorias indispensaveis subiram enormemente e é natural que, sendo a guerra então o assumpto vital para os paizes nella empenhados e para os governos responsaveis d'esses paizes, exactamente os artigos bellicos mais caro ficassem ; por isso que, tendo o governo necessidade e urgencia d'ellas, não podia discutir o preço de fabricação nem o valor das materias primas.

Essa circumstancia permittiu aos fabricantes de canhões, obuzes, automoveis militares, navios etc., auferirem lucros espantosos.

Evidentemente, embora inevitavel, essa situação é profundamente immoral ; em bôa logica não se pode admittir que uma desgraça geral fosse para alguns causa e instrumento de fortuna.

Aqui, na terra dos factos consummados, não haveria remedio para isso, mas nas grandes nações organisadas não se deixa ficar como exemplo e afronta perante a sociedade uma immoralidade publica. A Inglaterra, onde o imposto é um dever natural, seria e conscientemente acceito, resolveu-se o caso muito simplesmente : lançou-se uma taxa de 80 % sobre os lucros das industrias de guerra. Em França está se observando agora um processo ainda mais impressionador: a justiça mandou fazer exame nos livros das grandes casas industriaes, que forneceram ao governo e verificar os excessos de lucros.

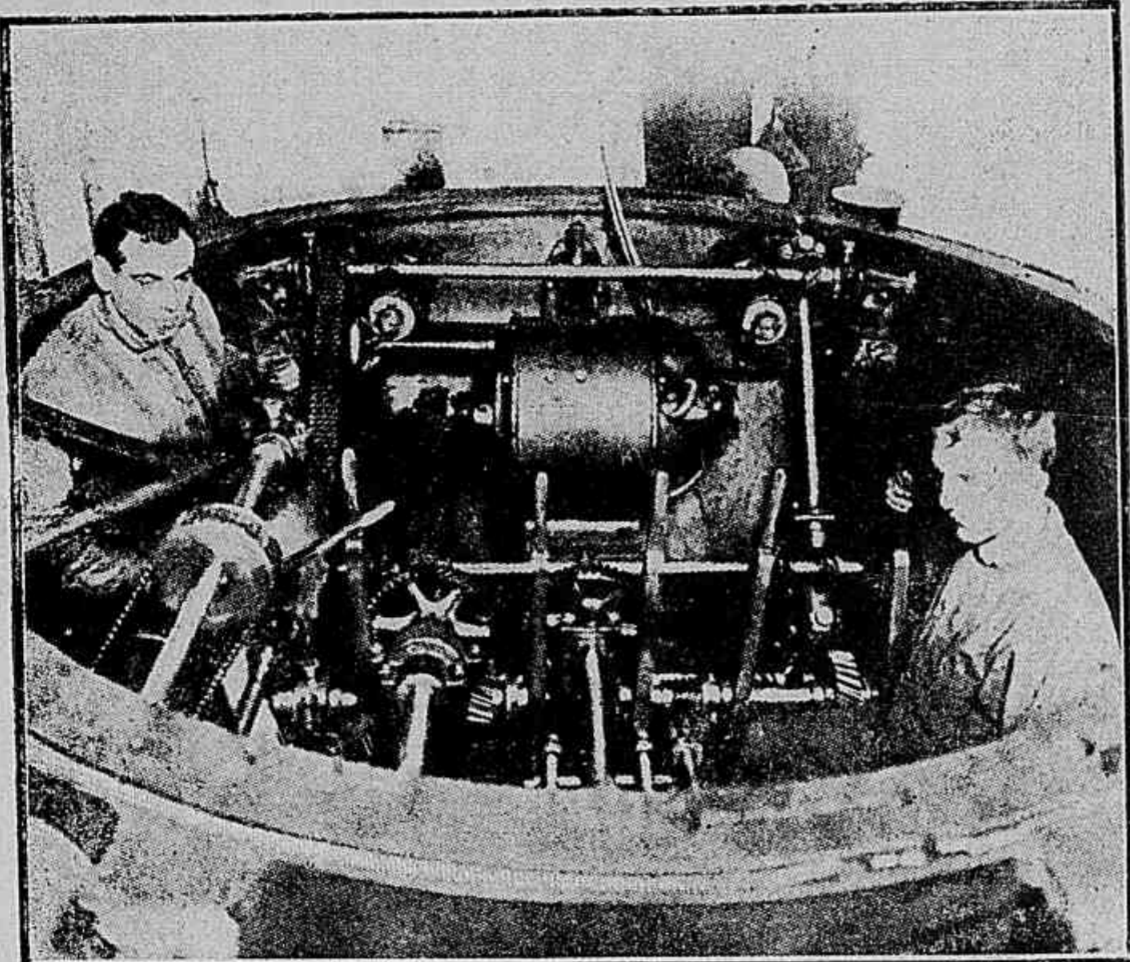
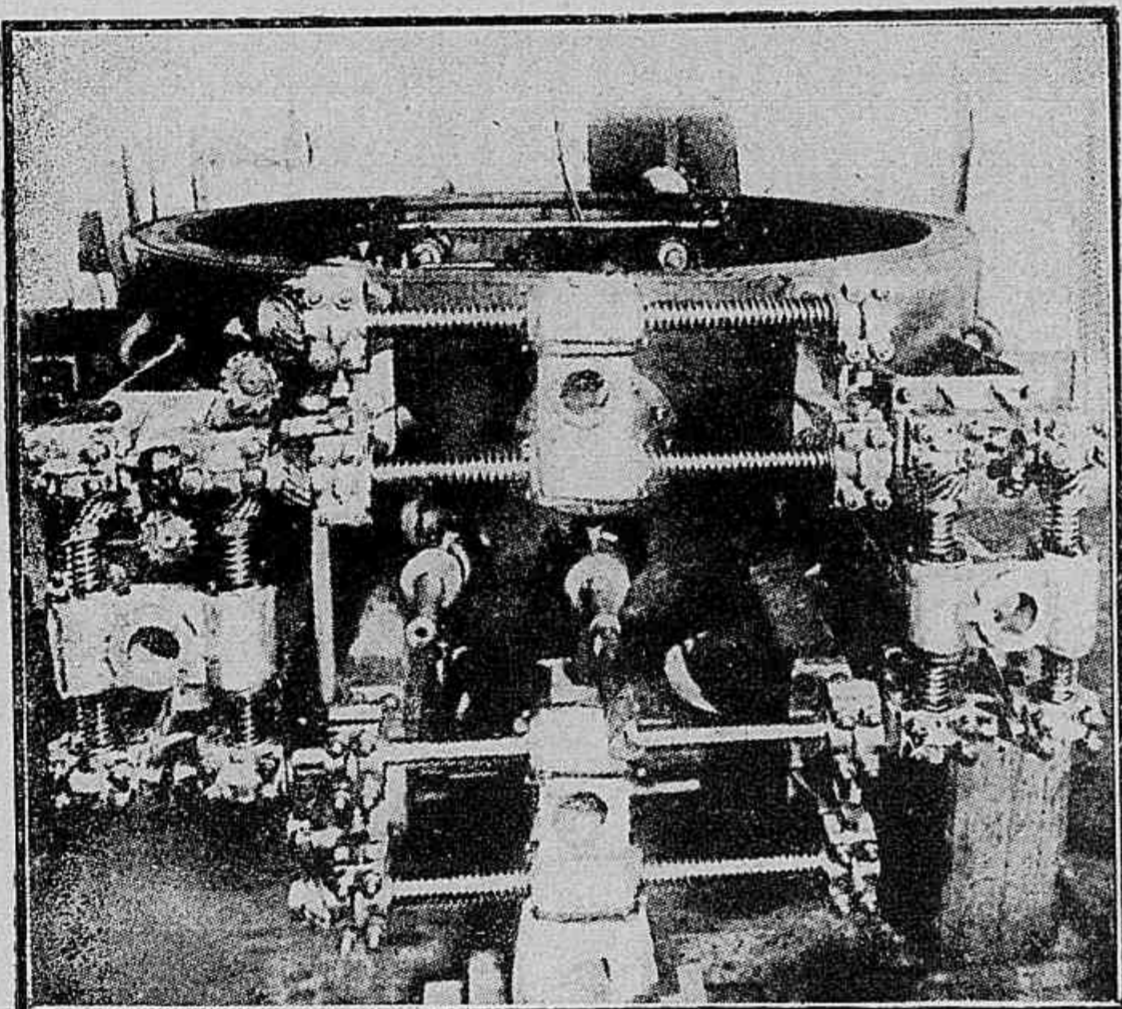
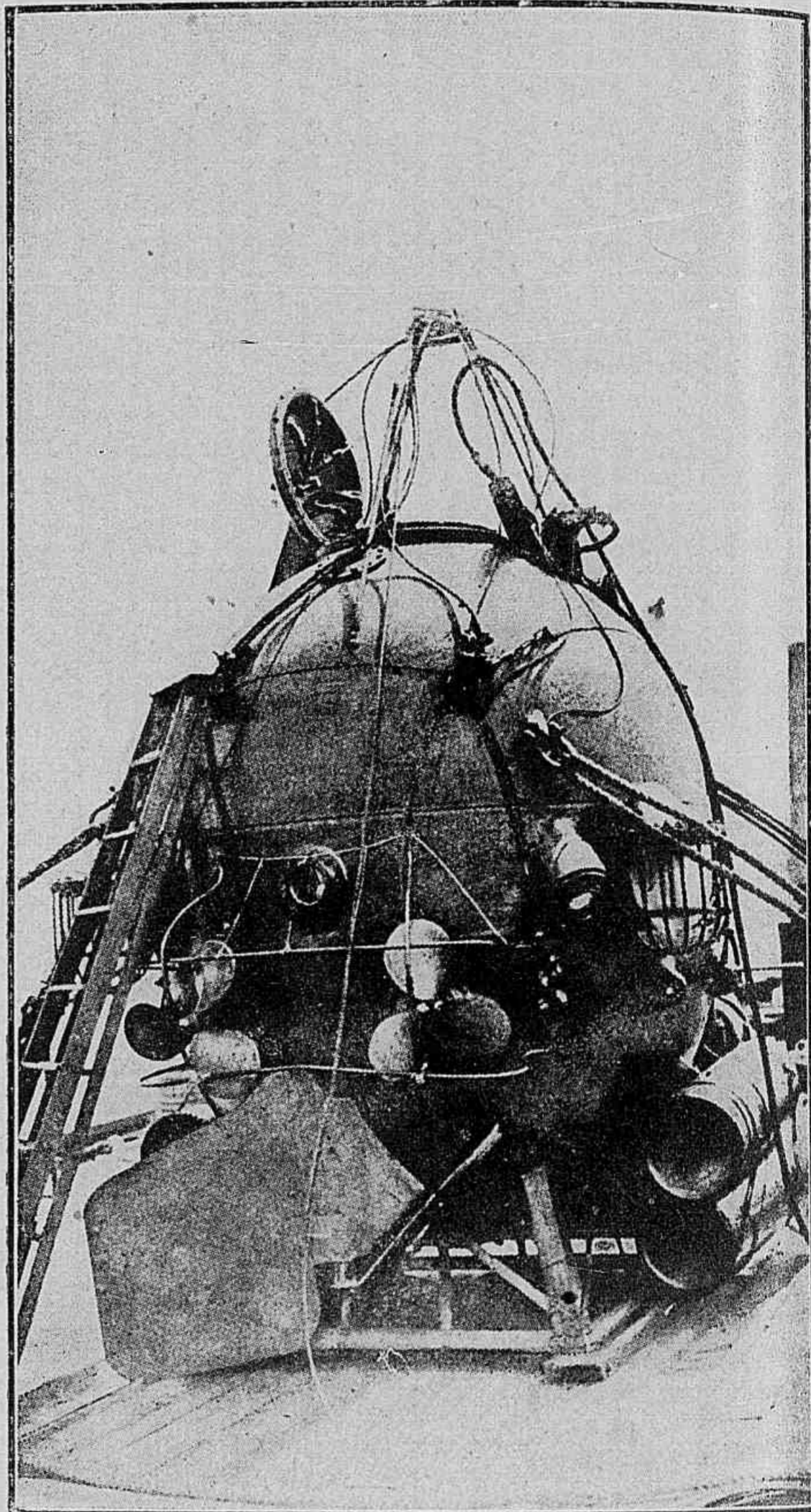
Verificou-se por exemplo que o Sr. Citroen, fabricante de automoveis e capas para obuzes, num fornecimento do valor total de seis milhões e setecentos mil francos recebeu dois milhões e seiscentos mil francos mais do que seria razoavel para pagar sua mercadoria, deixando-lhe ainda um lucro de 30 %. Do mesmo modo se tem encontrado differenças escandalosas nos preços de fornecimentos feitos por outros industriaes, calculando-se em 500 milhões de francos (30 mil contos ao cambio da Caixa de Conversão) o total das differenças que esses industriaes vão ser obrigados a recolher ao thesouro nacional francez.

Commovente suicidio

— E, logo hoje, o trem havia de se atrazar d'este modo. Eu já devia estar morto ha mais de meia hora...

Não te deixes impressionar por palavras alheias. Ellas não te devem afastar dos projectos honestos, que tiveres formado.

PITHAGORAS

O SUBMARINO INDUSTRIAL

Para pesquizas no fundo do mar em busca dos thesouros submergidos

O interior do submarino com seus mecanismos de direcção.

O mecanismo de verificação da perfeita circumferencia.

O submarino completo tendo aberta apenas a cupola de entrada.

Os anglo-saxões, sempre expeditos e praticos, não perderam, por assim dizer, um minuto depois da terminação da guerra. Tendo, como toda a gente, a preoccupação de salvar os innumeros navios mettidos a pique, durante as hostilidades, contendo riquezas sem conta, um syndicato inglez organizou uma fabrica para construcção de "submarinos pacificos" destinados a procurar, localizar e guindar esses preciosos despojos.

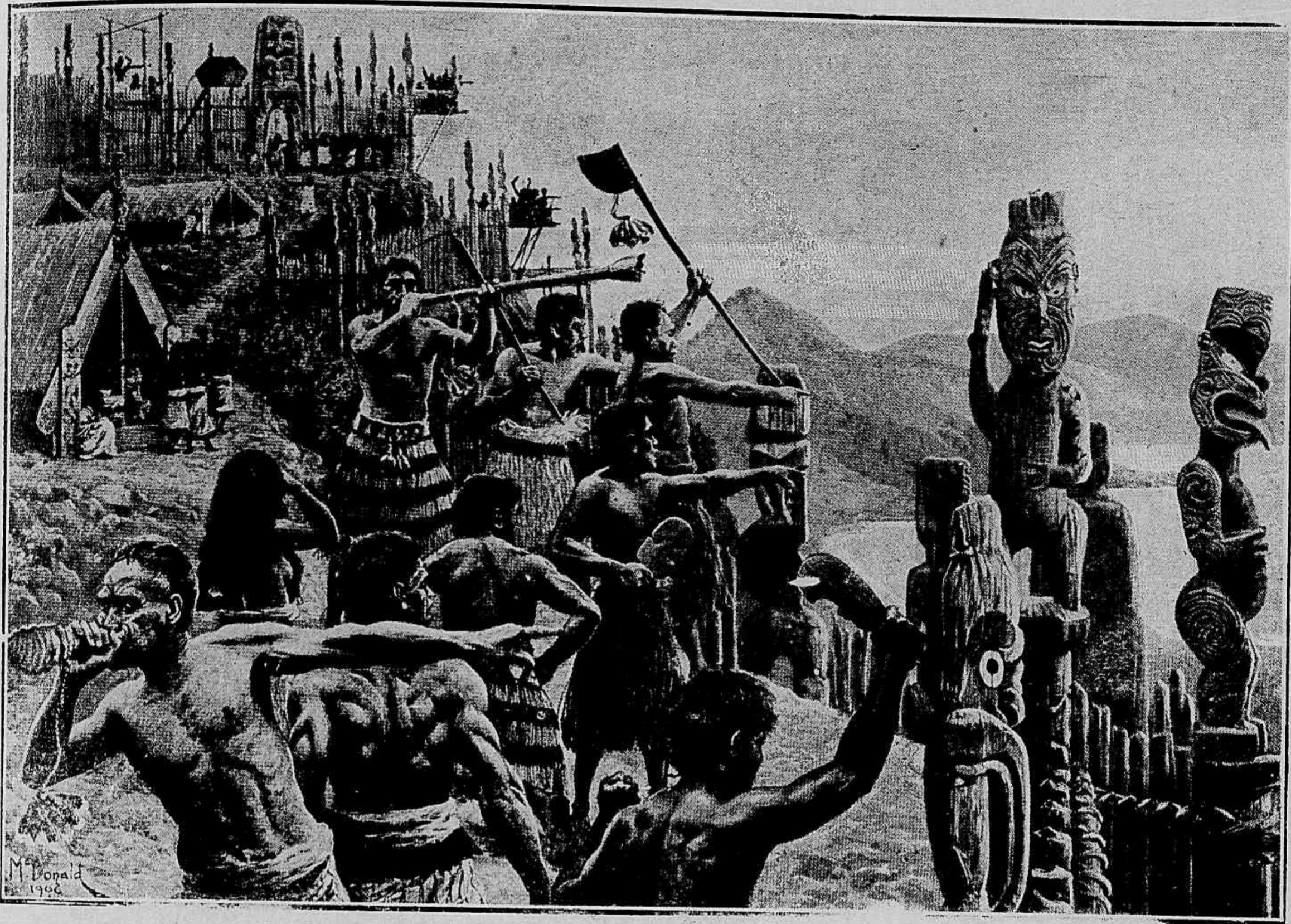
O submarino industrial em construcção — metade inferior.

Esse submarino, ideado pelo engenheiro norte-americano William Sisson, é redondo, com paredes sufficientemente espessas para resistir á pressão de grandes profundidades, com $2^{m},80$ de diametro e peso total de 6 toneladas. Tem quatro helices de propulsão e uma para auxiliar a emersão. Pelo exterior apparecem lanternas poderosas e oculos, que permittem observar o fundo do oceano em varias direcções.

Um presente significativo

O governo francez commemorando o primeiro anniversario da assignatura do armisticio offereceu ao governo belga um pedaço de linho branco, que é uma reliquia inapreciavel. E' um pedaço da bandeira sob a qual os parlamentares allemães se apresentaram diante das linhas francezas de La Capelle, *pedindo a suspensão das hostilidades, a 11 de Novembro de 1918.*

HISTORIA DA TERRA E DA HUMANIDADE

17.º FASCICULO — RAÇAS HUMANAS (CONTINUAÇÃO)

Cerimonia religiosa de indigenas neo-zelandezes — Consagração de um terreno para que fique tabú

Os inglezes estabeleceram ahi grande progresso: duas cidades importantes — Auckland (34 mil habitantes) e Wellington (43 mil), tendo 4 mil kilometros de estradas de ferro, 11 mil de linhas telegraphicas, etc.

A raça *maori* está desapparecendo rapidamente por sua rebeldia á hygiene e ao conforto. A tuberculose e o impaludismo devastam as tribus, e elles recusam teimosamente os conselhos e providencias dos inglezes para combater esses males.

Os homens tatuam-se no rosto e em varias partes do corpo; as mulheres somente no queixo.

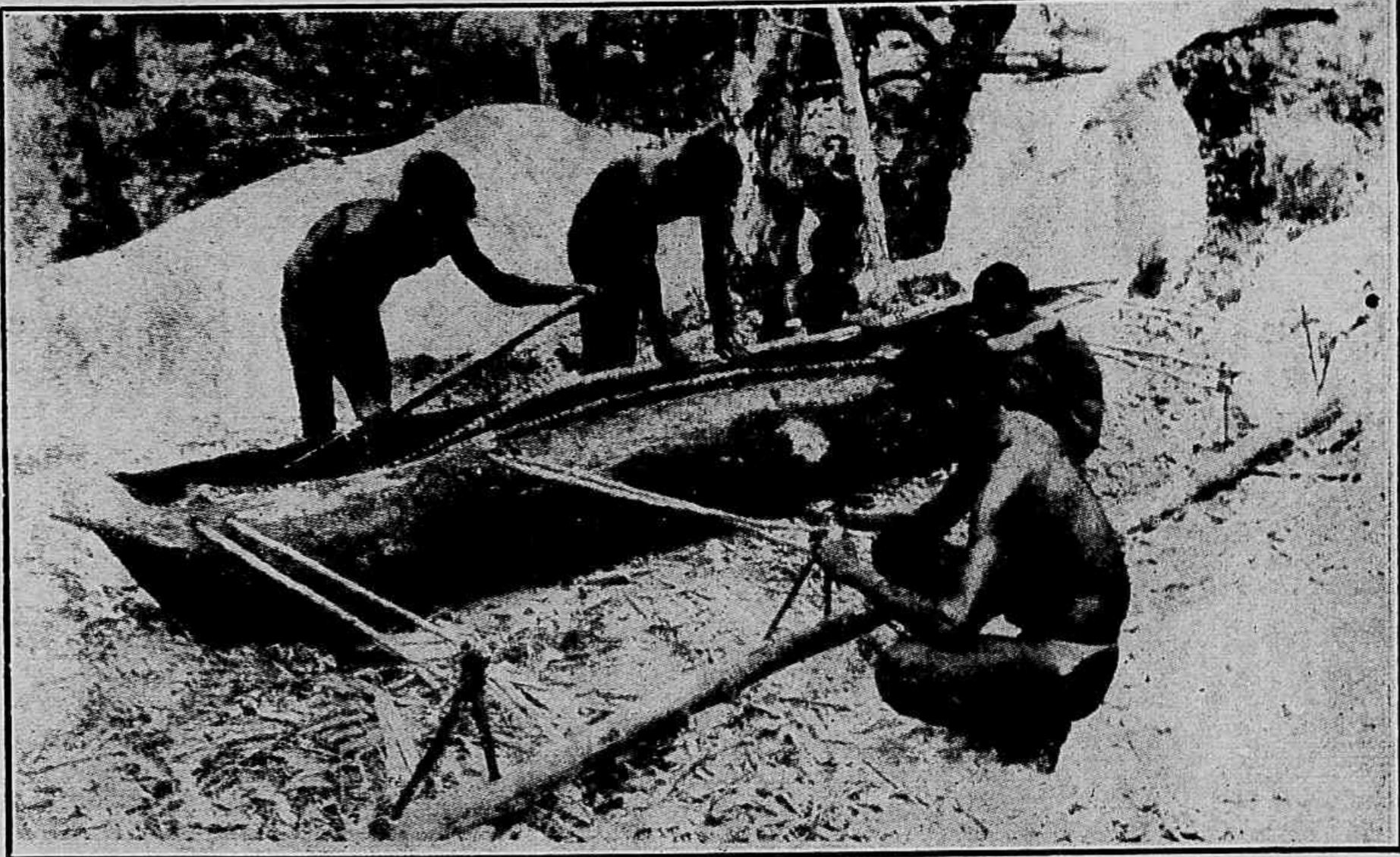
Sua religião é das mais primitivas: consiste no terror dos espiritos, o culto de idolos e o respeito a seus sacerdotes.

A principal modalidade da religião maori,

Homens da tribu dos Aruntas, que vive no centro da Australia. São muito barbudos e pintam no corpo as mais variadas figuras geometricas; sem dispensar a ornamentação de cicatrizes, tão apreciada por quasi todos os indigenas da Oceania.

aquella para a qual a cada instante appellam e tem as mais variadas applicações, é a liturgia ou convenção do Tabú.

O tabú é uma especie de interdicção sob a guarda dos espiritos. Em um paiz de governo regular, o *tabú* seria inutil, mas entre um povo primitivo, que vive em pequenos grupos, elle é o melhor protector da propriedade.

Um homem cultiva um campo; depois, para que os visinhos não venham aproveitar ou estragar seu trabalho, chama o sacerdote ou feiticeiro da tribu e paga-lhe para que consagre seu campo, declarando-o tabú. Prompto! Ninguem se atreve a tocar-lhe, sob pena de ser castigado pelos espiritos. E é essa garantia quasi unica entre os Maoris. Até os pais mandam lançar o *tabú* sobre suas filhas, que desde então ficam a

A canoa—um tronco cavado e munido de balancins para não virar—e a jangada de casca de eucalyptus são as embarcações typicas dos indigenas da Australia.

salvo de qualquer offensa, porque somente o futuro marido pode sem risco levantar a interdicção lançada pelo sacerdote.

CAPITULO IV

AUSTRALIANOS E TASMANIANOS

Os Estados Unidos da Australia, comprehendem a Australia propriamente dita e a Tasmania, grande ilha, que lhe fica ao sul. Formam hoje uma confederação autonoma, com governo proprio e que apenas se considera federada ao imperio britannico.

Um bote australiano navegando

A AUSTRALIA

Tem 3.170 kilometros de Norte a Sul e 3.870 de Leste a Oeste (trez quartas partes da Europa). Divide-se em 5 provincias, com população de 4 milhões de brancos e 148.000 indigenas.

Como já dissemos, tratando da fauna prehistorica, é na Australia que se encontra maior quantidade de animaes primitivos, sobreviventes de especies extinctas em todo o resto do mundo. Tambem os indigenas humanos d'essa ilha parecem ter conservado o caracter, a forma e a intelligencia primitiva dos primeiros homens, que povoaram a Terra.

São creaturas que ainda mal se distinguem dos animaes pelos habitos e pela insufficiencia cerebral. Têm a pelle de côr especial (entre a de cobre e a de chocolate) porém mais claros na infancia do que na virilidade.

Têm uma especie de lã macia e rala no pescoço e nas costas. Seus cabellos são longos, naturalmente ondulados, pretos ou castanho escuro. De estatura pouco inferior á dos Europeus, têm musculos solidos; mas seus braços e pernas são em geral finos. Cabeça alongada e estreita, maçãs do rosto salientes, arcadas superciliares muito salientes, assim como o queixo (o que caracterisa, segundo os anthropologistas, as raças inferiores, como a

Quatro mulheres australianas. As duas da direita estão pintadas de branco em signal de luto pela morte dos respectivos maridos.

Casal de indigenas de Queensland; typos de humanidade inferior, de inteligencia obtusa e ainda mais opprimida pelos vicios e molestias de importação européa.

dos *Negritos* da peninsula malaia e os *pygmeus* da Africa). Bocca enorme, com labios espessos, nariz chato com ventas largas.

Diversidade das raças australianas

Tasman, que deu nome á Tasmania, encontrou alli, no littoral nordeste, em 1686, homens pretos com cabellos encarapinhados; em 1770 Cook encontrou no mesmo littoral homens de pelle clara e cabellos lisos, ao passo que no littoral sudeste havia mulheres, que pareciam brancas.

Um australiano em viagem com sua esposa e sua mãi. Carrega apenas suas armas — lança e boomerang. Todos as demais bagagens são carregadas pelas mulheres.

Ainda hoje, num circulo de 600 kilometros em torno de Port Essington, encontram-se 500 tribus, que vão do negro luzidio ao amarello avermelhado: uns com carapinha, outros com cabellos de europeu. Por isso é impossivel averiguar a que ramo da raça humana pertencem os habitantes da Australia, embora haja em todos elles traços geraes semelhantes. De resto, toda essa humanidade indigena está em vias de desapparecer. Quando os europeus alli se estabeleceram, havia na Australia cerca de 250 mil naturaes; hoje esse numero está reduzido a um terço.

Como na Nova Zelandia, a causa principal d'esse desapparecimento é a rebeldia aos preceitos de hygiene. Entre os Australianos essa selvageria aggrava-se com uma absoluta falta de pudor. Desde que se afastam dos nucleos civilisados, andam quasi nús, mesmo nas regiões do centro e do sul, onde o clima é muito variavel. Os homens usam apenas um cinto de hervas trançadas, de pelles de animaes ou mesmo de cabellos humanos. As mulheres usam um pequeno avental de pennas de emu. O homem pendura ao cinto o páu que lhe serve de enxada, o machado e o *boomerang*. Enfeitam a cabeça com dentes, ossos de peixe, pennas e caudas de animaes; o pescoço com innumeros collares de nacar, de dentes e de pinças de lagosta. Quando o inverno é muito violento, abrigam-se com saccos de pelle de kangurú.

A ilha do Principe de Galles é habitada por homens robustos e guerreiros, semelhantes aos da Nova Guiné.

A situação da mulher

Para ser considerada digna de casamento, a moça australiana passa por uma rude operação. Com uma pedra cortante ou uma concha, dão-lhe nas costas grandes córtes horizontaes e enxugam o sangue com hervas bravas para que as cicatrizes fiquem bem visiveis. Sem isso não admittem belleza pos-

Em geral o Australiano não se tatúa; apenas risca o corpo com cicatrizes voluntarias e pinta-o com grandes listas sinuosas.

sivel: O cumulo da faceirice é repetir essa operação no peito e no ventre.

O casamento é uma cerimonia pouco complicada: uma simples compra ou o rapto. Nesse ultimo caso, é bastante entontecer a pretendida com uma paulada na cabeça e carregal-a. Prompto. Estão casados.

Depois o marido tem todos os direitos sobre a mulher: pode bater-lhe, feril-a e até matal-a! Uma mulher reconhecida como verdadeiramente bella nunca fica muito tempo com um marido: varios outros a raptam e ella passa a vida de mão em mão. Aquelle, que se distrahe e a deixa raptar, perde todos os direitos sobre ella.

Quando uma tribu tem falta de mulheres faz uma expedição e vai raptal-as em outras tribus. As viuvas são consideradas propriedade publica e não é raro que um marido empreste sua mulher aos amigos ou mesmo a estrangeiros.

Typo de indigena *Arunta*, com 80 annos

Na estação das seccas muitas regiões da Australia são inhabitaveis e isso explica os habitos nomades dos naturaes. E, como não ha alli animaes de carga, são as mulheres que carregam todas as bagagens nas migrações. Os homens caminham livremente; e suas esposa e filhas é que substituem os burros ou camellos e percorrem 25 a 30 kilometros por dia levando ás costas cargas de 30 kilos.

Coragem e armas

Os Australianos não são bravos como os Zulús, os Arabes e os Sikhs; mas dão, ás vezes, exemplo de tenacidade heroica e de real sangue-frio. Bateram-se teimosamente contra os Europeus invasores; mas entre si raramente lutam, e isso se attribue a sua moral especialissima, segundo a qual toda a morte deve ser vingada. O temor da vingança leva-os a evitar o assassinato.

De resto, os Australianos são mais habeis na confecção de armas do que na de casas e vestuario. Salvo no Extremo-norte, não usam arco nem flexas; preferem lanças (de mão ou de jacto) massas *boomerangs*, pedaço de madeira cortado de forma especial e que tem a propriedade de voltar ao logar de onde foi lançado, depois de ter ferido o alvo.

Sem conhecimento algum de agricultura ou criação, o Australiano tem grandes difficuldades para se alimentar. Alimenta-se quasi exclusivamente de caça, comendo todos os animaes, inclusive os cães selvagens (*dingos*) muito numerosos na Australia.

Houve outrora cannibalismo na Australia; mas não era geral e desappareceu rapidamente depois da prohibição das autoridades européas.

Seu governo é o da familia. Os chefes das tribus não são eleitos nem hereditarios. Impõem-se e são acceitos. Cada tribu divide-se em classes, que adoptam como symbolo um animal: o cão, o rato, o emú. Em cada classe, todos se consideram da mesma familia e por isso não podem casar entre si. A descendencia segue a linha feminina; pertence á classe de sua mãi; porém herda as terras do pai.

Sua religião reduz-se ao terror dos espiritos máus, o culto dos espiritos bons e

Os antigos *Tasmanianos*, antes de sua total extincção, viviam quasi como animaes, em bandos nomades, sem artes, sem industrias, dormindo nas cavidades das arvores ou em palhoças muito rudimentares. Suas faces bestiaes não tinham entretanto o aspecto feroz peculiar aos selvagens.

Typo de Tasmaniano, pertencente á raça papúa ou melanesiana modificada por um longo isolamento. Sua cabelleira caracteristica divide-se em grandes cachos, que, embebidos em gordura e oca, formam sobre sua cabeça longos fios, cahindo até o pescoço. A singularidade peculiar d'esses indigenas é a capacidade do cerebro muito inferior ás proporções do craneo.

uma confiança cega nos feiticeiros.

TASMANIA

A Tasmania tem 68 mil kilometros quadrados. E' uma ilha muito montanhosa, de clima delicioso, banhada por muitos rios. Os indigenas desappareceram totalmente: por isso somos forçados a fallar nelles no passado.

Os primeiros Inglezes estabeleceram-se ahi em 1804, no ponto onde é hoje a cidade de Risdon.

No mesmo anno, os colonos viram, de repente, um bando de centenas de negros descer de uma montanha proxima, em direcção á colonia nascente, com grandes gritos, agitando armas. Estavam simplesmente caçando kangurús; mas os colonos, julgando-se ameaçados, fizeram successivas descargas sobre os infelizes, matando muitos d'elles.

Assim começou a terrivel *Guerra Negra*, que foi um dos mais sombrios episodios da historia da expansão ingleza. A luta encarniçada de parte a parte durou quarenta annos, e ao fim d'esse tempo, quando o governo inglez resolveu relegar os Tasmanianos na ilha Flinders, elles eram apenas 200.

Em 1876 morreu o ultimo da raça: uma mulher chamada Truganina, que fôra desposada pelo architecto inglez

Os Dayaks constituem uma das principaes populações das ilhas malaias. Differem dos malaios por certos caracteres physicos — maior estatura, musculos mais desenvolvidos e tez mais clara — mas ligam-se muito a elles pelo temperamento. Sua civilisação é pouco adiantada, embora saibam trabalhar metaes e tenham organisação de familia.

Cambodgiana do povo

Augustin Robinson, a quem ella salvára a vida. O desapparecimento total dos Tasmanianos foi não só uma vergonha para a civilisação como uma perda para a ethnographia; porquanto o proprio Tyler affirma que elles reproduziam fielmente a civilisação dos Europeus na éra paleolithica, quando nossos antepassados caçavam o mammuth, a renna e o aurochs.

CAPITULO V

MALAIOS E NEGRITOS

BORNÉO — JAVA — SUMATRA — PHILIPPINAS — PENINSULA MALAIA

O archipelago das Indias Orientaes ou *Malasia* comprehende, entre suas ilhas mais importantes, Bornéo, Java, Sumatra e Philippinas. O povo dominante nesse vasto archipelago é o *Malaio*, que constitue

O espartilho das mulheres de Bornéo *é composto por uma serie de arcos de cobre, formando uma pesada couraça de que ellas raramente se despojam.*

um ramo da raça mongol. Os malaios são magros, de pequena estatura, côr castanho claro, face um pouco quadrada, olhos pretos raramente obliquos, bocca larga, labios um pouco grossos mas bem desenhados, barba rara, nariz que não se assemelha ao do branco nem ao do negro. Os malaios denominam-se *Dayaks*, palavra que significa *Homem*.

Dansarinas javanezas. *São celebres no mundo inteiro e disputam ás* bayaderas *da India a palma da choreographia. Sua dansa, de um rythmo lento, consiste principalmense em gestos, collocando os pés e as mãos em attitudes graciosas e bizarras. De resto a complicação de seu vestuario não lhes permitte grandes movimentos e ellas pouco se afastam de suas attitudes hieraticas de idolos.*

Bornéo

Os *dayaks* de Bornéo vivem no littoral noroeste e nas montanhas do centro; mas sómente os do interior são de raça pura: os do littoral são quasi todos mestiços com chinezes. Os puros são mais bonitos, porém os mestiços são mais robustos. Uns e outros distinguem-se pelo aspecto calmo e resoluto, porte altivo e passo agil. Espontam os dentes e tingem-os de preto ou vermelho, cuidam muito dos cabellos e andam sempre com uma esteirinha, na qual se sentam. As mulheres usam em casa apenas um saiote; para sahir vestem mais um casaco. Os homens usam sempre casaco e para sahir juntam-lhe um chale.

Javaneza opulenta

Javanez de alta cathegoria

Seu processo de fazer a côrte a uma moça é muito singular. O rapaz que deseja namorar uma joven entra em sua casa alta noite, vai até o leito da joven, desperta-a e convida-a para conversar: se ella acceita, vem sentar-se junto d'elle á porta da rua e é considerada sua noiva; se porém ella lhe pede que accenda a lampada da casa, isso é um signal de recusa.

Os *dayaks* do interior queimam os mortos; os do littoral lavam o morto, vestem-o com sua melhor roupa, munem-o com todas as suas cousas e levam-o no mesmo dia para o cemiterio, logar de que aliás têm grande medo porque acreditam que os espiritos alli andam vagando. Antigamente sacrificavam os prisioneiros de guerra sobre o tumulo de seus antepassados; depois o temor dos espiritos desenvolveu-se por tal forma que deixam os tumulos em completo abandono.

Outra singularidade assaz notavel. O serviço do enterro, sempre bem pago, é confiado ao medico que tratou o morto. Dizem os Inglezes que esse habito tem concorrido grandemente para o augmento da mortalidade.

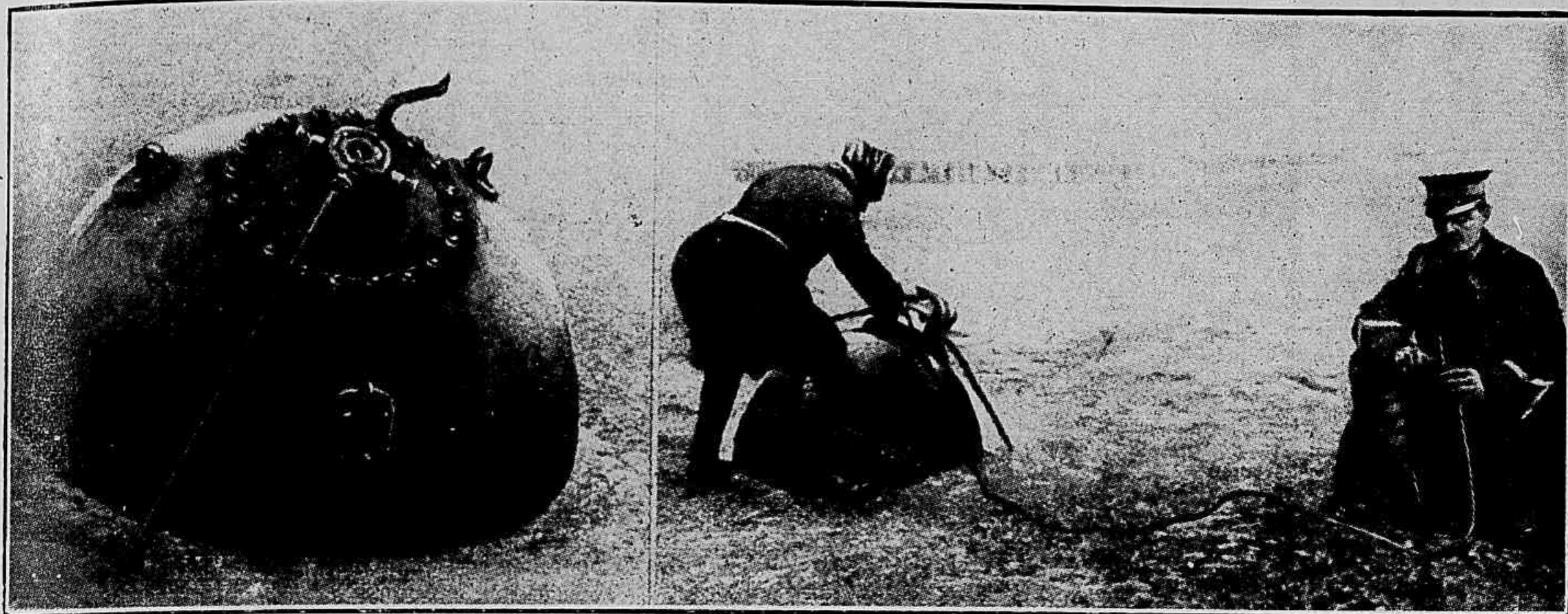
Java

Essa ilha é muito populosa em sua parte oriental. Em 1780 sua população era de 2 milhões de almas; mas, ao contrario do que acontece em quasi toda a Oceania, tem augmentado rapidamente. Em Janeiro de 1890, era avaliada em 23 milhões e actualmente em 26 milhões, dos quaes 42 mil europeus 13 mil musulmanos e 234 mil chinezes.

Suas caracteristicas e seus costumes são muito semelhantes aos dos indigenas de Bornéo. Seu espectaculo favorito é a lucta entre homens e feras, chegando a apresentar na arena tigres e rhinocerontes.

(Continua)

As minas submarinas

Seus perigos e os trabalhos que ainda estão dando

Uma mina allemã, que deu á costa proximo a Flessingue, na Hollanda.

Um soldado e um sargento do exercito hollandez, preparando a descarga electrica para a destruição da mina.

A excavação deixada no solo pela explosão da mina photographada acima.

Como se sabe, durante a guerra, uma das armas mais empregadas pelos allemães para o fim de deter ou pelos menos prejudicar o mais possivel a navegação foi a mina explosiva. Seus submarinos e centenas de barcos de pesca com apparencia innocente e sob bandeiras neutras dedicaram-se durante quatro annos a espalhar esses perigosos engenhos em torno da Inglaterra, até o extremo norte da Escossia. Os leitores de certo não esqueceram que o famoso marechal Kitchener, então ministro da Guerra, morreu ao alto da Escossia pelo encontro do navio em que viajava com uma mina submarina.

Terminada a guerra, iniciou-se activamente a pesca d'essas minas; porém ellas são centenas de milhares, que fluctuam ao sabor das correntes marinhas e até hoje ainda apparecem aqui e alli, no littoral de todos os paizes proximos, sendo de prever que muitas tenham vindo para o Oceano Atlantico, onde não seria impossivel encontral-as nos Açores, no golfo do Mexico e até no littoral do extremo norte brazileiro.

Os precursores de Spartacus

O *Vorwaerts* publicou, sobre a attribuição do nome de Spartacus ao famoso grupo revolucionario allemão, algumas notas interessantes.

Foi no anno de 1849 que o nome de *Spartacus*, chefe de escravos romanos revoltados, se introduziu na vida politica: Gottfried Kinkel, muito conhecido então por suas ideias avançadas, escolheu-o como titulo «de um jornal hebdomadario de questões sociaes», que tinha creado.

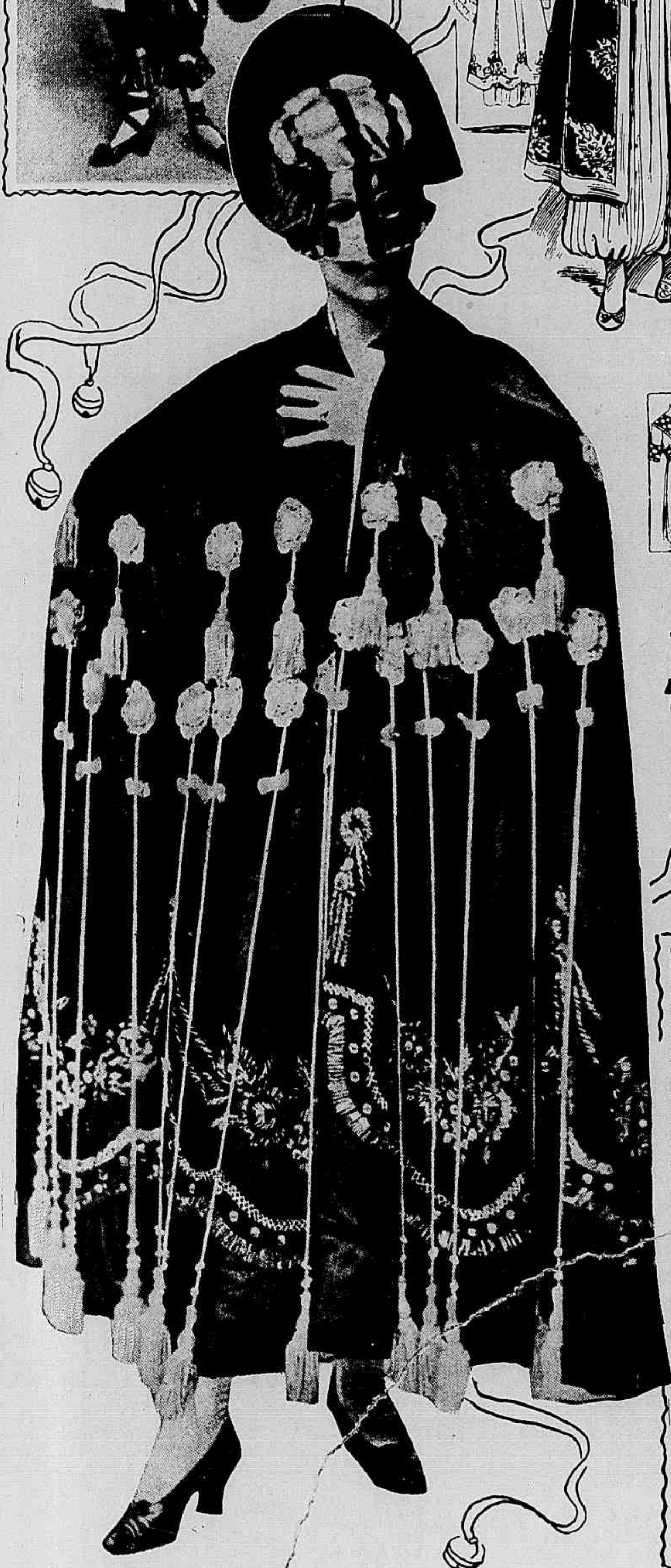
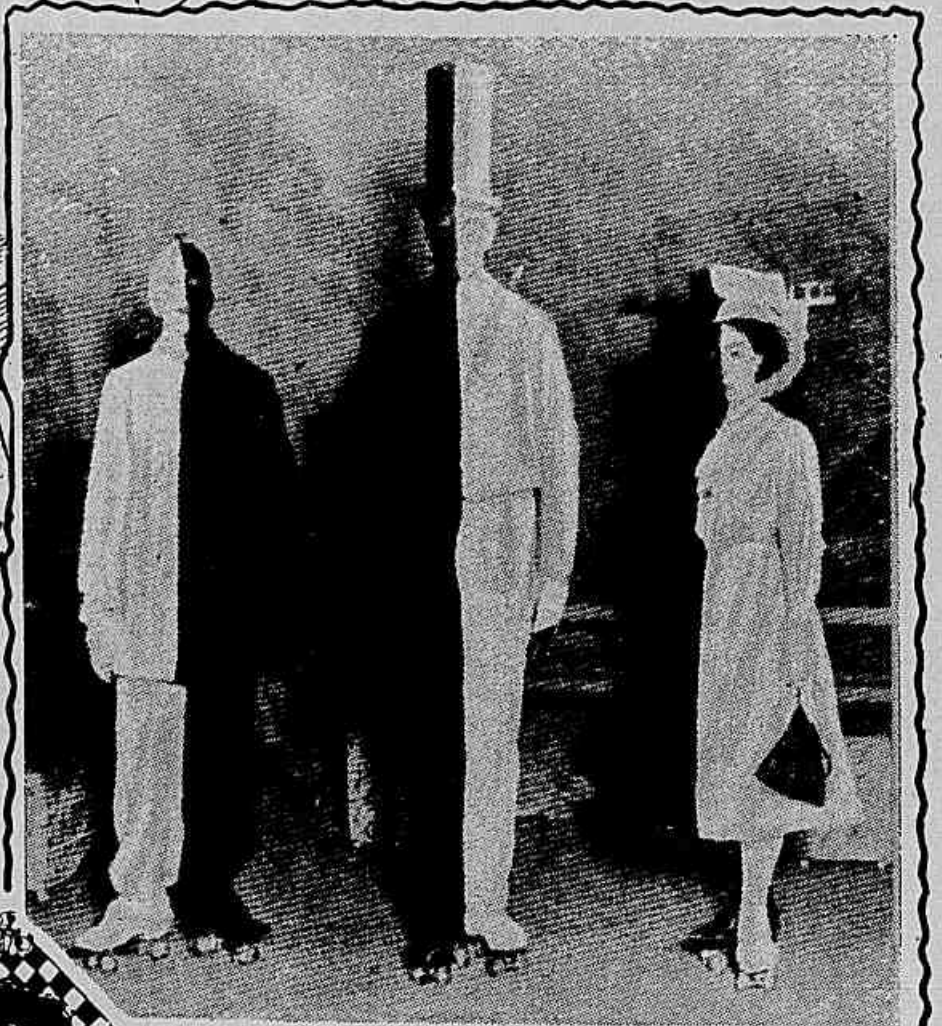
Para justificar essa escolha, assegurou que ainda existiam escravos: — os proletarios. Kinkel declarou considerar-se descendente directo de *Spartacus*. Mas no numero dos que trabalharam involuntariamente para sua popularidade encontra-se o historiador Johann Most, que em 1877, em suas conferencias sobre a historia romana, pronunciadas diante de um publico de operarios, combateu as ideias imperialistas de Mommsen e representou *Spartacus* como o só grande homem da historia romana.

Quanto mais negamos um crime, mais a consciencia nos obriga a pensar nelle.

MARIO

FANTAZIAS PARA CARNAVAL

Fantasias de Carnaval

Fantasias para Carnaval

Quebra Cabeça

Campeonato "EU SEI TUDO"

JANEIRO — MARÇO

Uma copa de prata ao vencedor, além de outros premios valiosos

---

CHARADAS ANAGRAMMAS — 1 a 5

6 — 2 — Por que é que ha mulher sempre em maior numero ?

***

6 — 2 — Este poema é muito ordinario.

***

7 — 2 — Recebi um fructo da cidade.

***

Ao caro collega «G. U.»

6 — 2 — Termina a felicidade
Quando chegamos a vêr
Da vida, na realidade,
O constante padecer.

***

Foi numa redolente, encantadora
E esplendida manhã de primavera,
Depois de anciada, infinda e longa espera,
Que ali na branca ermida sem demora,

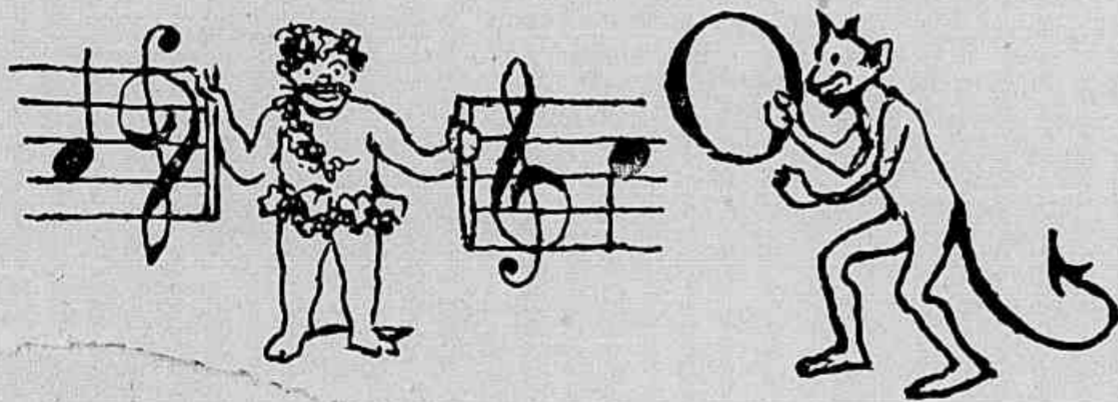
O nó do casamento se fizera,
Entre benções de amor que se afervora,
Nas almas boas pela vida afóra,
— Enlevados nas azas da chimera.

7 — 2 — A *madrinha da noiva*, mui contente,
Uma *senhora* mystica e bondosa,
Assim falou aos noivos sorridente :

— No bergantim dourado da illusão,
Embalados num sonho côr de rosa,
Bem juntos pela vida afóra, vão...

***

ENIGMA PITTORESCO — 6

***

CHARADA ELECTRICA — 7

4 — Já sei a razão por que não atinei...

***

LOGOGRIPHO — 8

Indo á cidade á procura — 5 — 6 — 3 — 12
De conhecido animal, — 2 — 11 — 7 — 10
A mulher sem ter usura — 9 — 4 — 1 — 12 — 5
Deu-me ave original. — 10 — 11 — 13 — 8 — 14

Por tamanha gentileza
Dei-lhe gostosa iguaria,
Um doce que á sobremesa
Julgo melhor que ambrosia.

CHARADA SYNCOPADA — 9

Tu que és estudiosa,
Pódes responder-me, Clycie,
3 — Qual a arvore frondosa
Que avistamos na planicie — 2.

***

ENIGMAS CHARADISTICOS — 10 e 11

Esta cidade do Oriente
Tem cinco ruas sómente,
Sómente cinco e não mais ;
Sendo que a prima e a terceira,
Consoantes a frioleira
São ao certo deseguaes.

A segunda e a derradeira,
Uma é d'outra companheira,
Pois no todo são eguaes.
A quarta do contingente
E' fina, esguia e... pingente,
Não se parece com as mais.

Se a primeira acompanhada
Da segunda sem mais nada,
Passam, curvando a cerviz,
Para o final, — num momento, —
Outra a cidade a contento
Surge do mesmo paiz.

***

(Ao illustre confrade «Mister Yôso»)

Na segunda com terceira
Por costume não guardamos
O que diz minha primeira,
Embora á farta tenhamos.

Mas, se quizermos guardar
Do todo a minha primeira
Na segunda e derradeira,
Talvez que as taes levantar
Não possamos da terceira,
Que é facil de se encontrar.

Se o todo da barafunda
Vem na terceira pousar
Faz a prima com segunda
Alegre, a cantarolar.

***

CHARADA METAGRAMMA — 12

(Varia a 4.ª)

6 — 2 — Certo negociante
Esperto e bem astuto
E pouco escrupuloso
Não paga seu tributo.

***

LOGOGRIPHO — 13

Quando fui á freguezia — 9 — 2 — 13 — 12 — 1
Proximo á povoação, — 11 — 6 — 7 — 5 — 15
Um instrumento trazia — 3 — 5 — 4 — 10 — 14
E ave de estimação. — 8 — 4 — 13 — 5 — 6.

Póde a planta não dar flores,
O inferno estremecer,
Mas eu garanto, senhores,
Que o torneio hei de vencer.

***

ENIGMAS — 14 e 15

Eis aqui uma cidade
Interessante a valer
Cujo todo, na verdade,
Póde o fim apenas ser.

Vendo o fim só eu garanto
Que o todo inteiro verás,
Pode ser que cause espanto,
Mas, procurando, acharás

Essa bem velha cidade
Que a principio foi o fim,
Para ser na actualidade
O todo que eu mostro assim.

***

Tem o todo duas partes,
Bem distinctas por signal,
E que são, por certas artes,
Uma da outra rival.

Prima com facilidade
Póde em segunda virar,
Mas é com difficuldade
Que esta em prima ha de tornar.

E o total da barafunda
Tanto á bocca da primeira
Como á bocca da segunda
Póde acabar sem canseira.

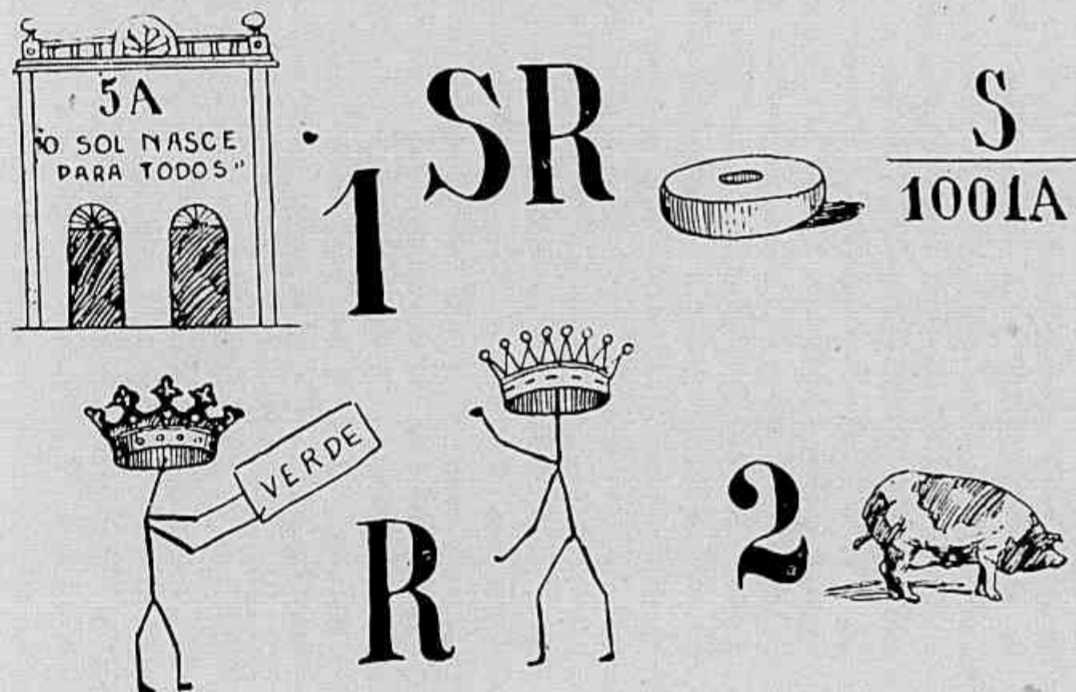
***

CHARADA NOVISSIMA — 16

3 — 4 — Só resinga e puxa armas pessôa agastadiça.

...

ENIGMA PITTORESCO — 17

***

ENIGMA — 18

Eis um caso interessante
E que ha de dar que fazer
A quem quizer num instante
A embrulhada comprehender.

Tem tres syllabas o todo ;
Mas sendo a média arrancada,
As que ficam para engodo
Dão o todo da embrulhada.

E' exquisito sem barriga,
Só com a cabeça e o rabo,
O todo a gente consiga !
Quem é que agora dá cabo ?

***

CHARADA SYNCOPADA — 19

(por lettras)

(Ao Busilis)

A' tarde, quando o fulvo sol morria
Envolto em chammas rubras no occidente,
A' casa regressava um eminente
11 — Miliciano a cavallo, certo dia.

Sua alma gentil de heroe ardente,
Pelo regresso ao lar sempre fremia
Em éstos de purissima alegria,
Ao pensar na familia ternamente.

E chega, e beija a esposa estremecida,
Unindo-a num abraço e num só beijo
Aos filhinhos que são a sua vida.

E vibra agora com alacridade
Nos rumores intensos d'um festejo
O seu nome de heroe pela cidade. — 6

CHARADA NOVISSIMA — 20

(Ao egregio collega D. Ravib)

4 — 1 — O mestre Busilis só admitte que concorra ao Campeonato quem provar com attestado que foi com distincção approvado.

***

BOAS FESTAS

Recebemos gentilissimos cartões e cartas de Bôas-Festas, que muito agradecemos, retribuindo, dos presados collegas : *Villarzito* (Atalaia-Alagôas), *José Alves F. d'Assis* (Campo Grande — M. Grosso), *Pedro Chocáir* (Passos — Minas), *Bisturi*, *Carusinho*, *Raul Palermo* (Araras), *Beljova* (Santos, *Dabliú*.

***

Recebemos a amavel visita dos charadistas. Estrategico, Alexis Ribas, Dr. Lavrud.

***

A todos os collegas, gentilissimos collaboradores desta humilde secção, *Busilis* deseja um novo anno cheio de venturas e... de victorias no charadismo.

3.º TORNEIO DE 1919

(JULHO-AGOSTO)

APURAÇÃO FINAL :

Julião Riminot (Santos), *Estrategico*, *Dr. Zinho* (Pindamonhangaba), *Jubanidro* (S. Paulo), *Natibogino Leite* (Rio Preto-S. Paulo), *Jagunço Paulista* (Santa Rita- S. Paulo), *Dager* (Santos), *Jobatino* (S. Paulo), *Astor* (Bica de Pedra), *Neo-Mudd* (Santos), *Aventureiro*, *D. Ravib*, *Alexis*, *Ribas*, 41 PONTOS CADA UM ; *Dr. Kean* (Taubaté), *E. G. N.* 40 CADA UM ; *Tito Livio Ferreira* (Bica de Pedra), 39 ; *Argos*, *Bisturi*, 36 CADA UM ; *Carioca* (S. Paulo), 25 ; *Miravaldo* (Santos), *Gil da Motta* (S. Paulo), *Mollié B.* (Santos), *Themis* (Santos), 21 CADA UM ; *Beljova* (Santos), 20 ; *Madocha*, *Miss Magnólia* (S. Paulo), 16 CADA UM ; *Carjoleta* (S. Salvador), 15, que haviam sido omittidos quando publicada a lista dos decifradores de Agosto ; *Dapera* (Santos), *Barão de Satanaz*, 13 CADA UM ; *Daluel* (Recife), *Isaura Sampaio*, *Manardo*, *Nada Sabe*, 11 CADA UM ; *Lord Scout* (S. Pedro-S. Paulo), 10 ; *Dr. Zefinho* (S. Luiz do Maranhão), 9.

***

Ficaram, pois, empatados os treze charadistas cujos nomes encabeçam a lista supra, e entre os quaes será sorteado o premio do torneio.

O sorteio será feito de accordo com os dous ultimos algarismos do premio maior da primeira loteria da Capital Federal a extrahir-se em Fevereiro, sendo distribuidas da seguinte maneira as diversas dezenas :

Julião Riminot, 01 a 07 ; *Estrategico*, 08 a 14 ; *Dr. Zinho*, 15 a 21 ; *Jubanidro*, 22 a 28 ; *Natibogino Leite*, 29 a 35 *Jagunço Paulista*, 36 a 42 ; *Dager*, 43 a 49 ; *Jobatino*, 50 a 56 ; *Astor*, 57 a 63 ; *Neo-Mudd*, 64 a 70 ; *Aventureiro*, 71 a 77 ; *D. Ravib*, 78 a 84 ; *Alexis Ribas*, 85 a 91.

Caso o 1.º premio da loteria termine em alguma das dezenas 92 a 00, prevalecerá o immediato.

DECIFRADORES DE SETEMBRO :

JOBATINO *(S. Paulo)*, DAGER *(Santos)*, NEMESIO DUTRA *(Campinas)*, TITO LIVIO FERREIRA *(Bica de Pedra)*, DR. ZINHO *(Pindamonhangaba)*, DR. KEAN *(Taubaté)*, ESTRATEGICO, ARGONAUTA, ASTOR *(Bica de Pedra)*, E. G. N.,

Calpetus (Santos), Jagunço Paulista), (Santa Rita Jubanidro (S. Paulo), Alexis Ribas, D. Ravib, 40 pontos cada um; E. Furão, D. Casmurro, Aventureiro, 39 cada um; Argos, Bisturi, 38 cada um; Carioca (S. Paulo), 33; Solon Amancio de Lima (Belem do Pará), Miss Magnolia (S. Paulo), 29 cada um; Madocha, Pierre La Rue (Belem do Pará), 28 cada um; Dapera (Santos), 25; Zé do Norte (Parahyba), 24; Dr. Zefinho (Maranhão), 14; Nada Sabe, 12; José Alves F. d'Assis (Corumbá) 10; Maria Dantas, 6.

SOLUÇÕES DE OUTUBRO:

41 — Misericordia; 42 — Moeda-moega (contado para todos os charadistas, por ter sahido com incorrecções); 43 — Carioca; 44 — Dromedario; 45 — Aurora; 46 — Esgaivotado-estado; 47 — Sopetear-sopear; 48 — Egreja velha, padre moço, sino rachado pia no poço; 49 — Terça-terço; 50 — Rebate-rebato; 51 — Maiato; 52 — Recoveiro; 53 — Pororoca; 54 — Rico-feitio; 55 — Raio-raia; 56 — Lerma-Lerna-lerca; 57 — Empolado; 58 — Mono; 59 — Cipolino; 60 — Augusto-auto.

DECIFRADORES DE OUTUBRO

Jubanidro (S. Paulo), E. G. N., Argonauta, Estrateg co, D. Ravib, Aventureiro, Alexis Ribas, 20 pontos cada um; Bisturi, Argos, 18 cada um; E. Furão, 17; Dapera (Santos), Pierre La Rue (Belem do Pará), Solon Amancio de Lima (Belem do Pará), Carioca (S. Paulo), 13 cada um; Miss Magnolia (S. Paulo), Pedro Chocair (Passos), 12 cada um; Dr. Lavrud, 10; Nada Sabe, 9; José Alves F. d'Assis (Campo Grande — M. Grosso), 6.

CORRESPONDENCIA

Valete de Espadas (Sabará), *Chinita, S. Midnob, Maral, Arasan, Tupyniquim*. — Recebemos os pedidos de inscripção dos illustres collegas. Inscriptos com grande prazer. Como, no emtanto, estamos no Campeonato, sómente em Abril poderemos publicar os trabalhos que os collegas nos enviaram.

José Honorio d'Assumpção (Passos-Minas). —Os trabalhos que nos remetteu são para o Campeonato?

Alliada. — Perdôe-nos o silencio. Nunca poderia ser esquecimento, nunca! O lindo trabalho que nos remetteu pode ser publicado no Campeonato?

Americo Telles de Menezes, Maria de Lourdes Menezes Lemos, Diva (S. Paulo). — Não ha inscripções novas no Campeonato. Os distinctos collegas ficarão, todavia, inscriptos para de Abril em diante, faltando remetter-nos a indicação da residencia para complemento da inscripção.

Jocarmo (Aracajú). — Bemvindo seja o grande mestre a esta humilde tenda! Estamos de parabens! As condições do Campeonato privam-nos do concurso brilhantissimo do illustre mestre. Mande-nos, no emtanto, as soluções de seus bellos trabalhos, para que os publiquemos a partir de Abril, quando contamos com o illustre mestre entre os decifradores.

Dr. Kean (Taubaté). — Eureka pede-nos agradeçamos o trabalho que lhe dedicou, e cuja solução exacta promptamente nos remetteu.

Théo de Liz (ex-Tito Livio Ferreira. — Bica de Pedra) *Joffre* (ex-Carioca — S. Paulo). — Scientes da mudança de pseudonymo.

Dabliú. — O seu enigma é para o Campeonato?

E. G. N. — Pedimos ao illustre collega procure-nos para falarmos dos trabalhos que remetteu para o Campeonato. Estamos na redacção, diariamente, das 10 ás 11 e das 16 ás 17 horas.

* * *

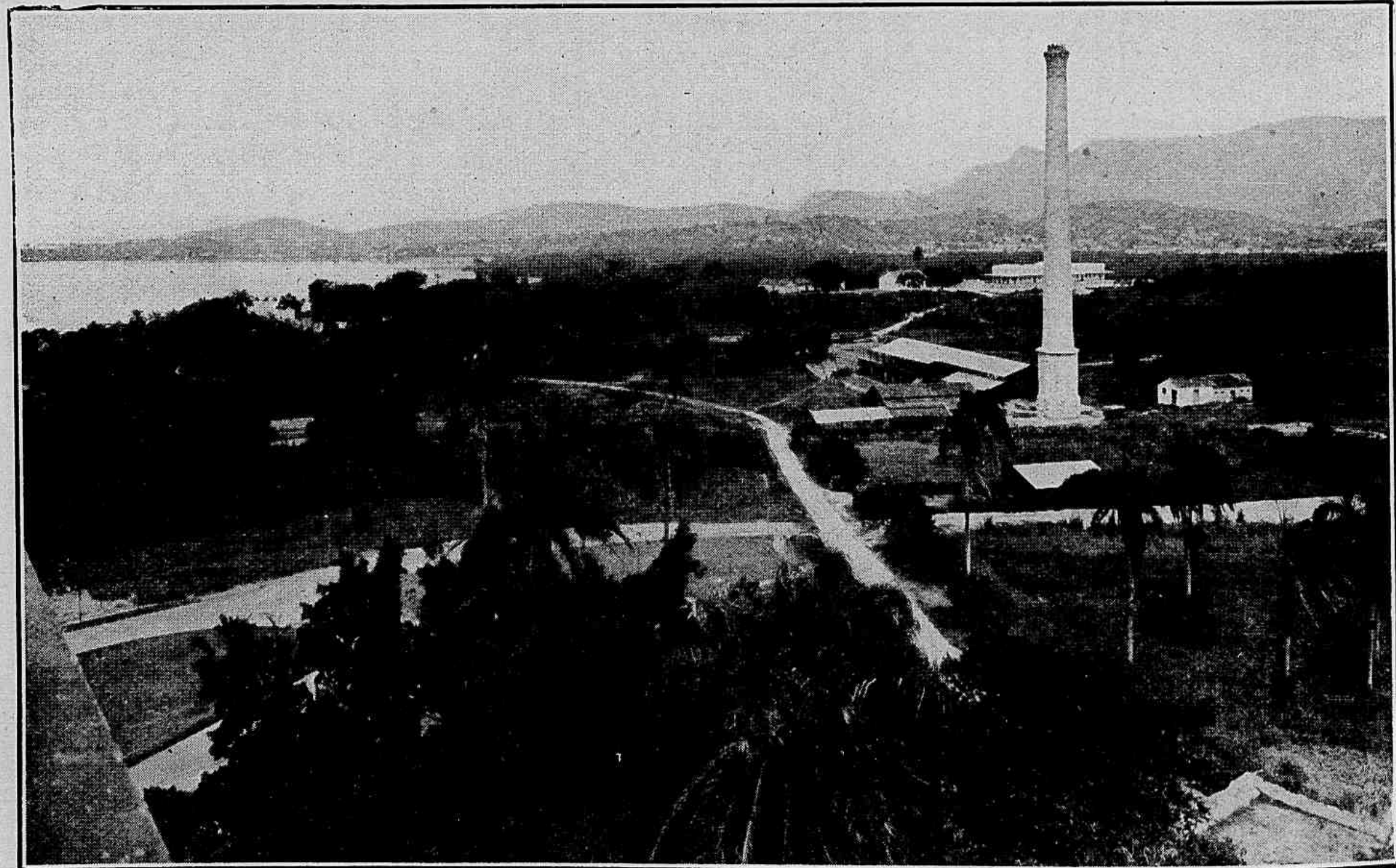
A todos os collegas inscriptos até Novembro e que nos remetteram trabalhos sem indicação para que pudessemos publical-os no actual Campeonato, perguntamos se desejam ou permittem a sua publicação no prova ora iniciada.

A'quelles que ainda desejem remetter trabalhos para o Campeonato, pedimos que o façam com brevidade.

As soluções do presente numero serão recebidas de accordo com os seguintes prazos:

As da Capital e Nictheroy até o dia 10 de Março proximo; as de S. Paulo, Minas e E. do Rio, até o dia 15; as do Paraná, Santa Catharina e Espirito Santo, até o dia 20; as do Rio Grande do Sul e Bahia até o dia 25; as dos outros Estados até o dia 31, tudo do mez de Março.

Toda correspondencia de charadas deve ser dirigida para a redacção de *Eu Sei Tudo* — Praça Olavo Bilac, 12 e endereçada a

BUSILIS

Arredores do Rio de Janeiro

A parada do Amorim (E. F. Leopoldina) tal como se vê da torre do Laboratorio de Manguinhos

O mysterio da Ilha Sarek

IMPRESSIONADOR ROMANCE DE AVENTURAS

POR MAURICE LEBLANC

(Continuação)

Segurou-a bruscamente e, electrisando-se ao contacto da preza, procurou approximar-se de seu rosto, murmurando :

— Não me repillas...Seria uma loucura, pensa bem. A cruz é um tormento indizivel... E teu filho morrer ante teus olhos... Não me repillas...

Robusto e teimoso, impunha-lhe sua vontade. Veronica comprehendeu que em pouco não poderia resistir mais áquelle amplexo odioso : então, cheia de horror, cravou os dentes no pulso de Vorski, mordeu com tal furia que a dor obrigou o miseravel a largal-a e ella, aproveitando esse momento, recuou num salto, tirou do corpete o revolver e, por duas vezes, fez fogo.

As balas zuniram aos ouvidos de Vorski, os vidros de uma estante estalaram por traz d'elle. Veronica atirára com demasiada precipitação e já elle, voltando a si da surpreza, precipitava-se.

— Infame creatura ! por mais um pouco, matava-me...

Atirou-a brutalmente ao chão, pouxou-lhe os braços para traz e amarrou-a solidamente com uma corda, que tirou do cinto. Depois enxugou a fronte orvalhada pelo suor do susto por que passára e disse :

— Ainda bem. Isto agora está melhor. Nada mais commodo do que as situações claras. Agora nada mais detem o Destino. O verdadeiro drama vai começar : nenhum incidente pode mais ter valor. As predicções vão se realisar uma a uma na ordem determinada. Em primeiro logar a repetição da legenda de Caim e Abel... Não sabias que o destino exige tambem isso ? Teu filho, esse que consideras apenas teu, e o outro, o que de facto é só meu, vão lutar, num verdadeiro duello, um combate definitivo, que só poderá terminar com a morte de um dos contendores. E, para tornar mais interessante a scena, tu assistirás a ella. Vai ser um bello espectaculo...

Segurou-a pelo pescoço, arrastou-a até a janella, obrigou-a a ajoelhar-se, amarrou-a com o rosto apoiado ao peitoril e finalmente amordaçou-a com um grande lenço de linho.

— Agora, olha. Vais ver o gracioso Francisco, estreando em exercicios comparados de assassinato. Agora é que vamos ver se elle sahiu ao pai ou se degenerou a raça.

— E sahiu vociferando :

—O Destino. Eu sou o braço forte e implacavel do Destino !

O confortavel aspecto do interior de um aeroplano italiano (Caproni) com capacidade para 23 passageiros

XII — O GOLGOTHA

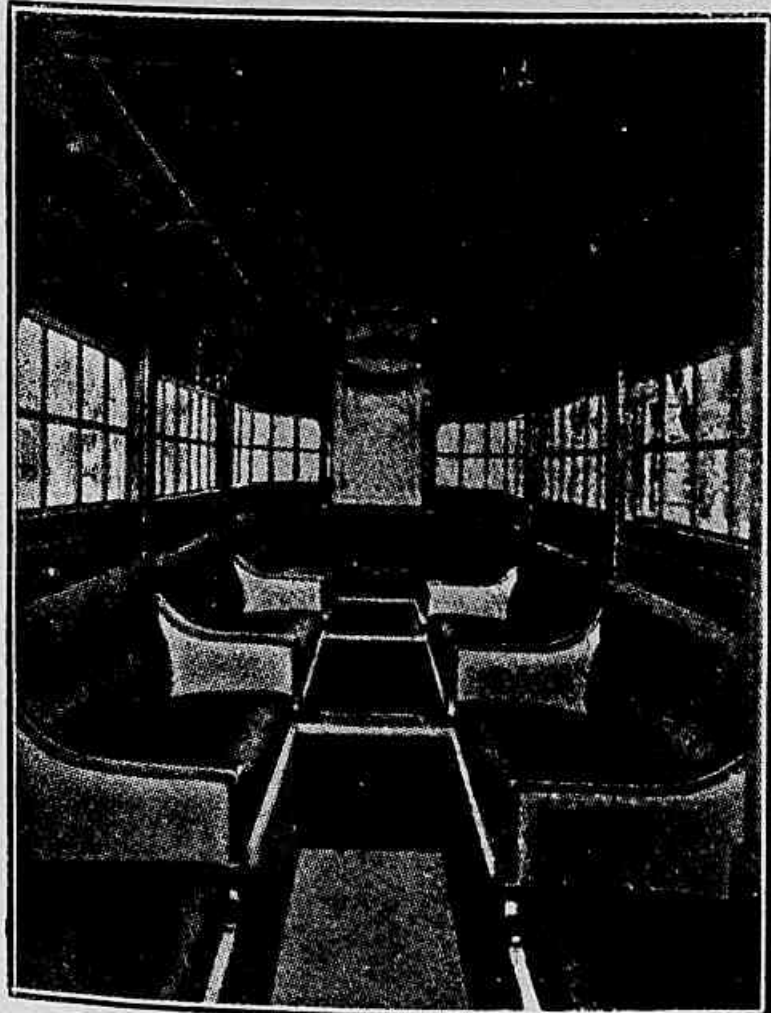
Passaram-se talvez vinte minutos. Veronica alli estava só. As cordas cortavam-lhe os braços, torturavam-lhe as carnes: os joelhos, mal collocados sobre o soalho, causavam-lhe dôres quasi intoleraveis. Mas os soffrimentos physicos ficavam por assim dizer fóra de sua consciencia, porque todas as suas faculdades estavam voltadas para a espectativa allucinante ; — seu filho obrigado a travar um duello de morte com o louco sanguinario, que ella vira desatinado em seu furor assassino : seu filho obrigado a tentar matar para não morrer e condemnado talvez a succumbir sob os golpes de um adversario de certo trahiçoeiro, sem escrupulos nem piedade. Seu desespero era tão profundo que por momentos ella anciava pelo desenlace da tragedia, por mais cruel que fosse. Seu filho morreria, depois ella morreria tambem e estaria tudo acabado.

Que poderia ella esperar ? Um grito da consciencia de Vorski ? Um pai não mata nem faz matar o proprio filho sem razões muito fortes e de certo elle não tinha razões. Mas Vorski era evidentemente um louco, presa de vesania sanguinaria e desmedida.

De repente ouviu a voz de Vorski, que fallava, em baixo, junto á parede, de modo que ella não o podia ver. O miseravel dizia:

— Então está combinado : você vai pela direita e eu pela esquerda, você leva comsigo este idiota e eu levo Raynold. Depois soltamos os dous combatentes um de cada lado da esplanada em que elles se encontrarão.

Veronica fechou os olhos para não ver seu filho em semelhante transe; mas não poude resistir a uma força intima, que a obrigava a olhar. O genio infernal de Vorski reservára-lhe mais uma tortura. Via os dous rapazes enlaçados numa luta feroz: via-os, mas não podia reconhecel-os. Quasi da mesma edade, com a mesma estatura, elles estavam vestidos de modo absolutamente egual : calção de flanella branca, blusa de velludo vermelho e uma especie de capuz, tambem vermelho, tendo apenas pequenos furos no logar dos olhos. De modo que não se podia distinguir quem era Francisco, quem era Raynold. Em um refinamento satanico de crueldade, Vorski dispuzera as cousas de modo que a pobre mãi, acompanhando as peripecias da luta, nem sequer podia fazer votos por um dos combatentes porque não sabia qual d'elles era seu filho.

Apparelho para tomar duchas escossezas em casa. Ligados os tubos a um encanamento d'agua quente, a propria pessoa gradúa a força dos jactos d'agua e tem a vantagem de uma ducha em sua propria sala de banho.

Se um coração de mãi pode fazer milagres, mesmo esses estavam vedados a Veronica porque ella não sabia sobre quem concentrar o fervor de seus votos. Seu olhar não podia desviar o golpe fatal. Por quem rogar a Deus? Contra quem se insurgir?

Vorski eliminára todos indicios, que pudessem guiar seu coração. Um d'elles parecia mais alto, mais esbelto, mais gracil... Seria seu filho? O outro era mais robusto, tinha os movimentos mais pesados... Seria Raynold? Como adivinhal-o? E a luta continuava. Cada qual estava armado com um punhal e procurava collocar golpes mais efficazes. Um e outro tinham já a roupa manchada de sangue em varios pontos.

Vorski e dous cumplices, dous typos de homens grosseiros, mantinham-se de um e outro lado, apreciando a scena, visivelmente embriagados, excitando com gritos e commentarios os combatentes.

O coração de Veronica desfallecia. Um dos rapazes, apoz um corpo a corpo violento, déra um salto para traz e amarrava com o lenço um ferimento, que sangrava no pulso. Ella reconheceu o lenço levemente listado de azul, que vira nas mãos de seu filho, e desde esse momento não teve mais duvidas.

Sua convicção foi immediata. Seu filho era o mais esbelto.

— Meu filho, meu filho... Não o poupes... — murmurou ella sob a mordaça — Por que não me deixaste matal-o, hontem, quando o tinha ao alcance de meu revolver?.. Elle é um monstro como o outro. Cuidado, Francisco... Oh!... cuidado...

O fulgor de um punhal brilhou de novo sobre sua cabeça: Veronica teve um grito ancioso para prevenil-o e, embora sua voz ficasse abafada sob a mordaça, ficou certa de que o golpe fôra evitado graças a seu aviso.

Mas a superioridade aggressiva do outro era visivel; diante de seus ataques impetuosos Francisco recuava... Estava já no limite da arena.

— Que é isso?... Queres fugir? — bradou Vorski, com uma gargalhada sarcastica — Esqueceste as condicções da luta? Lembra-te de que tua mãi responderá por tua derrota.

Immediatamente o rapazola avançou num impulso ardoroso e Veronica desfalleceu de emoção. Era por ella que Francisco se batia. O monstro tinha-o convencido de que devia vencer para salvar sua mãi e assim animara-o á luta. Só assim decidira aquella creatura tão meiga e piedosa a ter a coragem de ferir e matar.

Entretanto o duello precipitava-se. Houve de novo um corpo a corpo e Francisco, dominado pelo outro, cahiu com o braço direito preso sob o proprio corpo. Raynold pousou um joelho sobre seu peito e ergueu o braço armado.

— Soccorro... — gemeu Veronica, inteiriçando-se sob os liames, que a prendiam.

Vorski approximára-se dos combatentes e mantinha-se immovel, curvado para elles — attento, com o rosto implacavel.

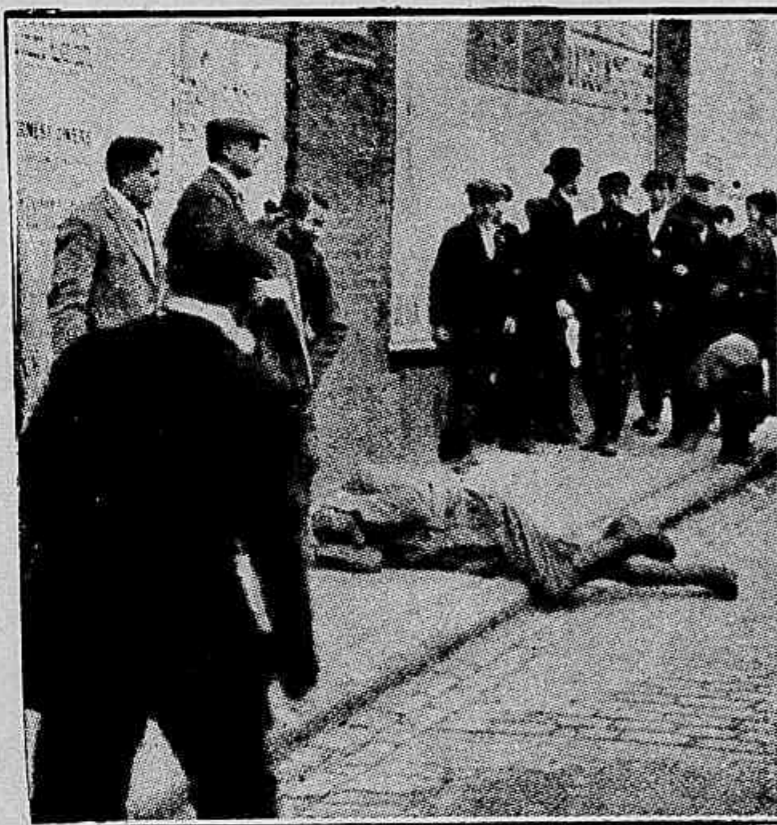
Vinte segundos, trinta talvez... Com o braço esquerdo estendido, Francisco detinha o esforço do inimigo: mas sua posição era de inferioridade manifesta. o braço ameaçador descia, pouco a pouco. A ponta do punhal estava já quasi a alcançar o pescoço do vencido... Vorski curvou-se mais. Estava nesse momento exactamente por traz de Raynold de modo que nem elle nem seu adversario podiam vel-o. E o miseravel mantinha-se attento, como se esperasse o momento decisivo para intervir. Mas intervir em favor de quem? Não era possivel que elle pretendesse salvar Francisco.

O punhal tocou a carne do combatente cahido, detido ainda num ultimo esforço... Então Vorski, subitamente, tirou do bolso um longo canivete, abriu-o e feriu fundo o hombro de Raynold.

Com a dôr subita e de certo mais ainda com a surpreza, o rapaz tentou voltar-se, esquecendo o adversario, e este, sem adivinhar a intervenção extranha, libertou o braço direito e, por sua vez, feriu no peito, feriu por duas ou tres vezes, com energia desesperada.

Raynold, por sua vez, cahiu como uma massa.

Tudo isso durara apenas alguns segundos e a intervenção de Vorski fôra tão surprehendente que a desgraçada, não comprehendendo mais, julgou ter-se enganado. Não era possivel que Vorski tivesse assassi-

Aspectos da greve geral de

Como se sabe, tendo todos os trabalhadores de transportes londrinos declarado uma greve geral recentemente, a população revoltou-se contra suas exigencias e de todos os lados surgiram voluntarios dispostos a substituil-os afim de assegurar os serviços indispensaveis, como transporte de viveres, etc. Viram-se então pessoas da mais alta sociedade de Londres — homens e senhoras — trabalhando como carroceiros, *chauffeurs*, motorneiros, carregadores, etc. Os grevistas tentaram reagir atacando os «voluntarios», mas a policia assegurou a liberdade do trabalho e a greve injusta foi vencida.

Nossas gravuras mostram alguns aspectos d'esses dias em Londres: 1) — Um trabalhador voluntario

nado o filho, que sempre o acompanhára, para salvar Francisco. E diante d'essa nova e esmagadora revelação, Veronica desfalleceu, sem sentidos.

Uma flexa passa no ar

Passou algum tempo e pouco a pouco as sensações começaram a voltar-lhe. Ouviu um relogio bater quatro horas, logo depois a voz de Vorski. Immediatamente resurgiu em sua memoria a verdade horrivel: — Ha duas horas que Francisco está morto.

Mas Vorski percebendo que ella voltára a si approximou-se titubeante, com a voz pastosa;

— Mil desculpas, minha nobre senhora... creio que tinha adormecido, mas a culpa não foi minha, foi do senhor seu pai, que deixou aqui um certo vinho de Saumur, um velludo liquido, uma maravilha... perfido, trahiçoeiro... Mas que vejo? Tive a barbaridade de deixal-a amarrada?... Francamente sou imperdoavel... Que? Desmaia outra vez? Máu! Não me faça a pilheria de morrer antes de acabada a festa... exactamente agora que vai começar o melhor...

Nesse momento a porta abriu-se bruscamente e Otto, um de seu cumplices, entrou esbaforido e fallou-lhe ao ouvido com ar de grande susto.

— Que? Que? Não é possivel. Isso é do vinho... Eu tambem...

— Não senhor... Affirmo-lhe que vi um vulto na ilha. E Conrado tambem viu.

Vorski teve um gesto de zombaria tão brusco que o fez cambalear sobre as pernas tropegas.

— Você está bebedo e Conrado tambem. Deixem-se de tolices. Vá chamar aquelle idiota. Eu quero ter tudo isso terminado ao amanhecer e d'aqui até os cedros ha um bom pedaço.

Otto não parecia tranquillisado: mas, com a submissão peculiar á raça, obedeceu. Sahiu e voltou pouco depois com o companheiro, trazendo uma especie de maca improvisada com os galhos, que haviam cortado dos cedros. Depuzeram sobre ella Veronica, que continuava desaccordada ou se mantinha inerte de olhos fechados, para evitar os discursos de Vorski.

A noite de luar velado tornava ainda mais funebre o aspecto do cortejo. Vorski ia á frente, brandindo um archote e vociferando grandes phrases theatraes sobre o destino, sua gloria e o poder omnipotente que lhe estava reservado. Pouco a pouco sua embriaguez se ia dissipando e, quando chegaram diante dos cedros, era já quasi com perfeita lucidez que elle explicava a seus cumplices:

— Vamos proceder como fizemos com as irmãs Archignat. Eu vou passar a corda pelo galho maior da arvore para que nos sirva de polia, depois...

Interrompeu-se, dando um salto para o lado.

— Heim? Que é isso? Vocês não ouviram uma especie de silvo?...

— Sim... sim... — balbuciou Conrado com os olhos dilatados pelo terror. — Senti roçar uma orelha... Dir-se-hia um projectil...

— Estás doido.

— Eu tambem ouvi — balbuciou Otto — E quer me parecer que, fosse o que fosse, bateu na arvore.

— Seria uma pedra? Vamos ver — exclamou Vorski, que, ou pelo effeito do vinho ou por bravura natural, não parecia intimidado.

Ergueu a lanterna e immediatamente soltou uma praga horrivel.

— Olhem alli... alli, debaixo das iniciaes.

— Uma flexa. Será possivel?... murmurou Conrado.

De facto, no logar indicado, via-se uma flexa, fincada no tronco, vibrando ainda.

— Attenção — disse Vorski, com energia resoluta. — A pessôa que nos visou não pode estar muito longe. Fiquem alerta.

Projectou a luz da lanterna circularmente scrutando as sombras em derredor.

— Alli — disse de subito Conrado — Não está vendo?

Perseguindo um fantasma

— Sim... sim.

A uns quarenta passos de distancia, via-se com effeito um silhueta branca, destacando-se vagamente entre a folhagem.

transportes em Londres

atacado e prostrado a socos pelos grevistas. 2 — Dous medicos servindo como carroceiros de hospitaes. 3 e 4) — Lord Fisher, suas filhas e sobrinhas trabalhando no serviço de descarga de leite.

— Quietos — murmurou Vorski — E' preciso que elle não perceba que o descobrimos. Vamos ver se o apanhamos. Tu, Otto, fica aqui, revolver em punho e olho alerta. Se alguem se approximar e tentar libertar essa senhora, disparas um tiro e nós voltaremos immediatamente.

Curvou-se para Veronica. A infeliz tinha os olhos abertos, immoveis, fixos com uma expressão tão lancinante, que, enervado, elle puxou a mantilha que lhe envolvia o pescoço e cobriu-lhe o rosto, juntando bem e traçando sob o mento as extremidade da seda para occultar completamente as feições da martyr. Depois pousou a lanterna no chão e, seguido por Conrado, esgueirou-se na sombra, em direcção á silhueta branca.

Mas não tardou a notar que o vulto se deslocava com velocidade egual á sua, de modo que a distancia entre elles mantinha-se a mesma. Firmando o olhar notou mais que ao lado do vulto mysterioso havia um outro pequeno e escuro, que saltava, alegremente.

— E' aquelle maldito cão — murmurou Vorski, precipitando o passo: e, como a silhueta branca corria tambem, elle empunhou o revolver.

— Não atire — murmurou Conrado — A essa distancia não poderá alcançal-o e attrahirá talvez outros cumplices.

Vorski hesitou; mas guardou o revolver e continuou a correr, rilhando os dentes de furor. O deconhecido foi os levando até a entrada do tunnel : correu d'ahi até a ponte queimada e, bifurcando para o lado do priorato, passou por traz do edificio e começou a subir a encosta. De quando em quando o cão latia jovialmente. Não se contendo mais, Vorski invectivava o desconhecido.

— Se não és covarde, pára. Que queres? Attrahir-me a uma emboscada? Salvar Veronica? No estado em que ella está, não vale mais a pena.

Conrado deteve-se, de repente, exclamando.

— Olhe! Parece que elle parou... ou cahiu...

— Pode ser uma armadilha — disse Vorski detendo-se. Entrevia-se na meia luz o vulto abaixado, immovel. Vorski tirou do bolso o revolver e disparou dous tiros.

Ouviu-se ao longe um grito abafado. Os dous miseraveis precipitaram-se, mas encontraram no logar apenas uma especie de tunica branca, pendurada a um páu fincado no chão. Quanto ao cão, havia desapparecido.

— Maldição! — exclamou Vorski — O canalha embrulhou-nos... Mas para que? Para que?

Lembrou-se de que talvez o intento do desconhecido fosse apenas afastal-o do calvario para atacar Otto e voltou correndo.

— Alto, alto! — bradou Otto, ao vel-o chegar em carreira louca.

— Espera, idiota : não atires. Sou eu...

— Que susto! Ouvi dous tiros.

— Fui eu quem os disparou : por aqui não houve nada? Essa desgraçada não se moveu? Não appareceu ninguem?

— Ninguem. A mulher começou a se mover, a gemer... Então eu atordoei-a com um soco...

Palacio do Hospital Homœopathico de Sidney (na Australia)

— Patife! Desastrado! Se a mataste, estrangulo-te. Curvou-se e, anciosamente, encostou um ouvido ao peito da victima.

A respiração era sensivel e quasi tranquilla, o coração batia muito fraco, mas regular. Dir-se-hia que estava adormecida.

— Ainda bem! Vamos a isso, camaradas. E' preciso que o Destino esteja consummado dentro de dez minutos.

XIII — ELI, ELI : LAMMA SABACTHANI!

Os preparativos foram rapidos e o proprio Vorski auxiliou-os com actividade febril. Apoiou a escada á arvore, passou a corda sobre um tronco forte e prendeu a laçada feita a uma de suas extremidades sob os braços da condemnada. Depois disse a seus cumplices.

— Prompto. Agora é só içal-a.

Mas Otto e Conrado, em baixo, pareciam conferenciar gravemente.

— Olá! — bradou Vorski — Vamos com isso. Não vêem que eu, aqui, estou me offerecendo como alvo a outra setta, que se lembrem de atirar?

E como os outros não lhe respondessem elle saltou para o chão, furioso.

Otto deteve-lhe as vociferações com gesto calmo mas resoluto.

— Com licença. Antes de irmos mais adiante eu e Conrado gostariamos de ter algumas explicações.

— Explicações! Então vocês se atrevem a me exigir explicações? Não lh'as devo. Quando os contratei para essa... digamos para essa empreza, declarei bem explicitamente que se tratava de uma obra terrivel, em que haveria sangue a derramar, muito sangue, mas que seria preciso executar sem hesitação, sem piedade, sem reflexões para receber ao fim uma generosa recompensa.

— Em linhas geraes o negocio, que nos propoz foi esse, mas ha detalhes...

— Os detalhes tambem ficaram bem especificados. Trata-se de um thesouro: ficou perfeitamente combinado que elle me pertenceria e que vocês receberiam duzentos mil francos cada um. Não foi isso?

A revolta dos cumplices

— Foi e não foi. Em primeiro logar estamos aqui, nesta vida infernal, ha varias semanas, mergulhando em sangue até o pescoço e ainda não vimos thesouro nem cousa que com isso se pareça.

— Imbecil! Tudo tem que se realisar de accordo com as disposições do Destino: emquanto não se consummarem todos os factos previstos não se poderá obter o resultado e ainda falta um facto, o principal: exactamente esse, que vocês estão retardando.

— Bem — disse Otto — evidentemente impressionado pela convicção de Vorski — admittamos que o thesouro apparecerá. Mas quem nos garante que nós teremos nossa parte?

— Canalhas! Vocês nem calculam o que vai ser minha fortuna e meu poder para imaginar que eu discutirei o pagamento de uma miseria como quatrocentos mil francos. Demais eu dou-lhes minha palavra...

— Oh! oh!... — exclamou Otto, voltando ao ar insolento com que iniciára esse dialogo — O

senhor tambem nos tinha dado sua palavra de que toda a quantia, que se encontrasse, independente do famoso thesouro, seria dividida em duas partes: uma para o senhor, outra para mim e para Conrado.

— E então?

— Então, deixe ver a parte, que nos cabe, do dinheiro que uma das irmãs Archignat tinha escondido no seio e que o senhor achou e guardou muito caladinho.

— Que historia é essa? — perguntou Vorski, perturbando-se.

— Não é historia: é a verdade. O senhor achou esse dinheiro e escondeu-o, aqui entre a camisa e a pelle. — E com o dedo estendido, Otto tocava o peito de Vorski.

O miseravel ficou um instante attonito, como um homem que não comprehende o que se está passando e procura em vão adivinhar de que modo o adversario obteve armas contra elle.

— Não é verdade? — insistiu Otto, com certa anciedade na voz.

— E' verdade — disse afinal Vorski — Eu guardei esse dinheiro para fazer depois contas com vocês.

— Façamol-as já. E' mais seguro...

E como Vorski tivesse um gesto de revolta diante da imposição elle preveniu:

— Senão... senão chamaremos o homem da flexa, um cavalheiro que, segundo diz Conrado, não é nenhum tolo.

Vorski sentiu que estava arriscado a perder a partida, no momento em que, segundo as predicções, estava prestes a attingir o alvo. Com gesto raivoso tirou do esconderijo um masso de notas e atirou-a a Otto, que o apanhou no ar. Depois ordenou.

— E agora, que estão pagos, obedeçam. Não tenho um minuto a perder.

A horrivel execução fez-se como havia sido proposta pelo vesanico. Elle subiu de novo a escada e os cumplices obedeceram docilmente. Em um minuto o corpo inerte foi içado e amarrado á improvisada cruz.

Voltando ao solo, Vorski quiz ainda fallar, pronunciar phrases de effeito, mas não o conseguiu. Otto e Conrado tambem estavam lividos. Tiraram das algibeiras largos frascos e beberam grandes sorvos de alcool. Depois, tendo velado a lanterna para não ficar muito visiveis, sentaram-se em silencio junto aa arvore. Então a aguardente começou a agir sobre o organismo de Vorski, restituindo-lhe as forças e elle recomeçou a perorar, mais delirante do que nunca:

— Para Vorski! Tudo isso ahi esteve, seculos e seculos, esperando o eleito e o eleito era Vorski. Só eu era capaz de realizar as predicções, todas as predicções, sem recuar nem diante do sangue nem diante dos horrores: eu, Vorski, indifferente á moral e ás leis porque sou superior a ellas, superior a tudo.

Erguera-se e passeiava de um lado para o outro em exaltação crescente.

— Este homem começa a me assustar — murmurou Otto — Está maluco de todo.

— E agora, agora que tudo se passou como o Destino ordenára, vai se realisar o prodigio. A terra vai tremer e uma columna de fogo surgirá.

A exaltação

Erguia os braços, allucinado... E justamente nesse instante, sentiu-se o solo tremer: um jacto de fogo ergueu-se do chão, num turbilhão de fumaça vermelha e num estampido surdo.

Vorski e os dous acolytos ficáram petrificados de espanto.

— E' o velho cedro partido — disse afinal Conrado — O cedro já ferido por um raio.

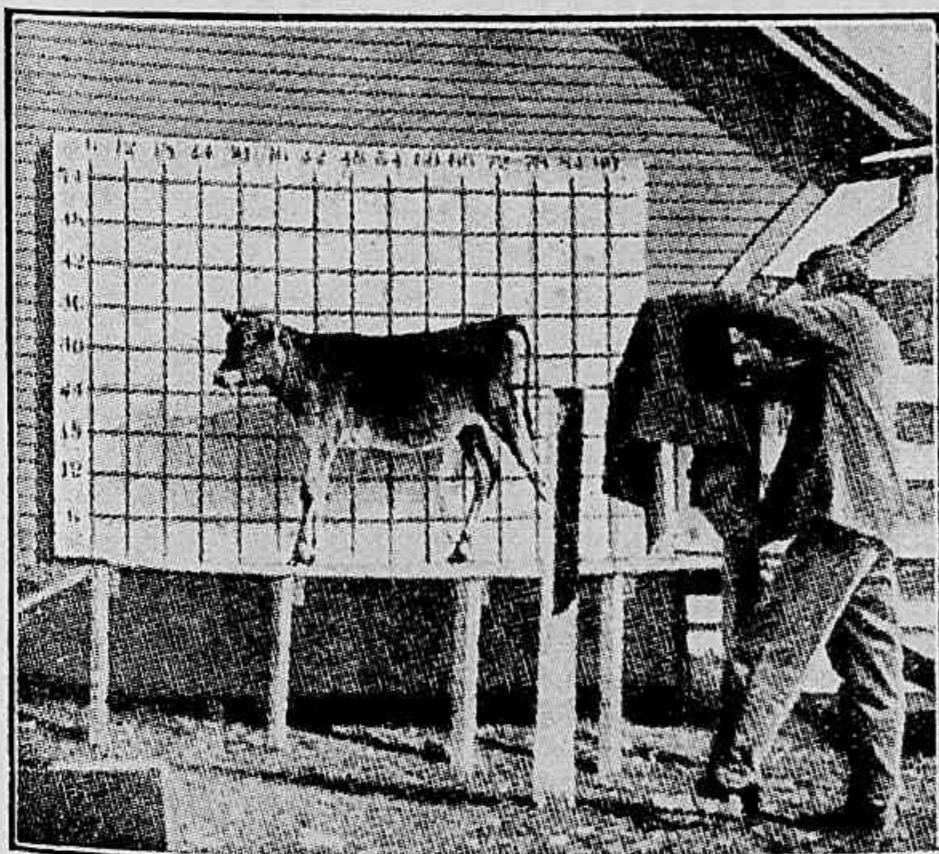
Entretanto no logar da explosão erguera-se um incendio. O fogo communicára-se ás hervas em derredor e illuminava agora toda a paizagem. Foi rapida porem essa illusão. Em pouco voltou tudo á escuridão; ficou apenas luzindo o velho tronco em braza, deixando ver no centro uma abertura espaçosa.

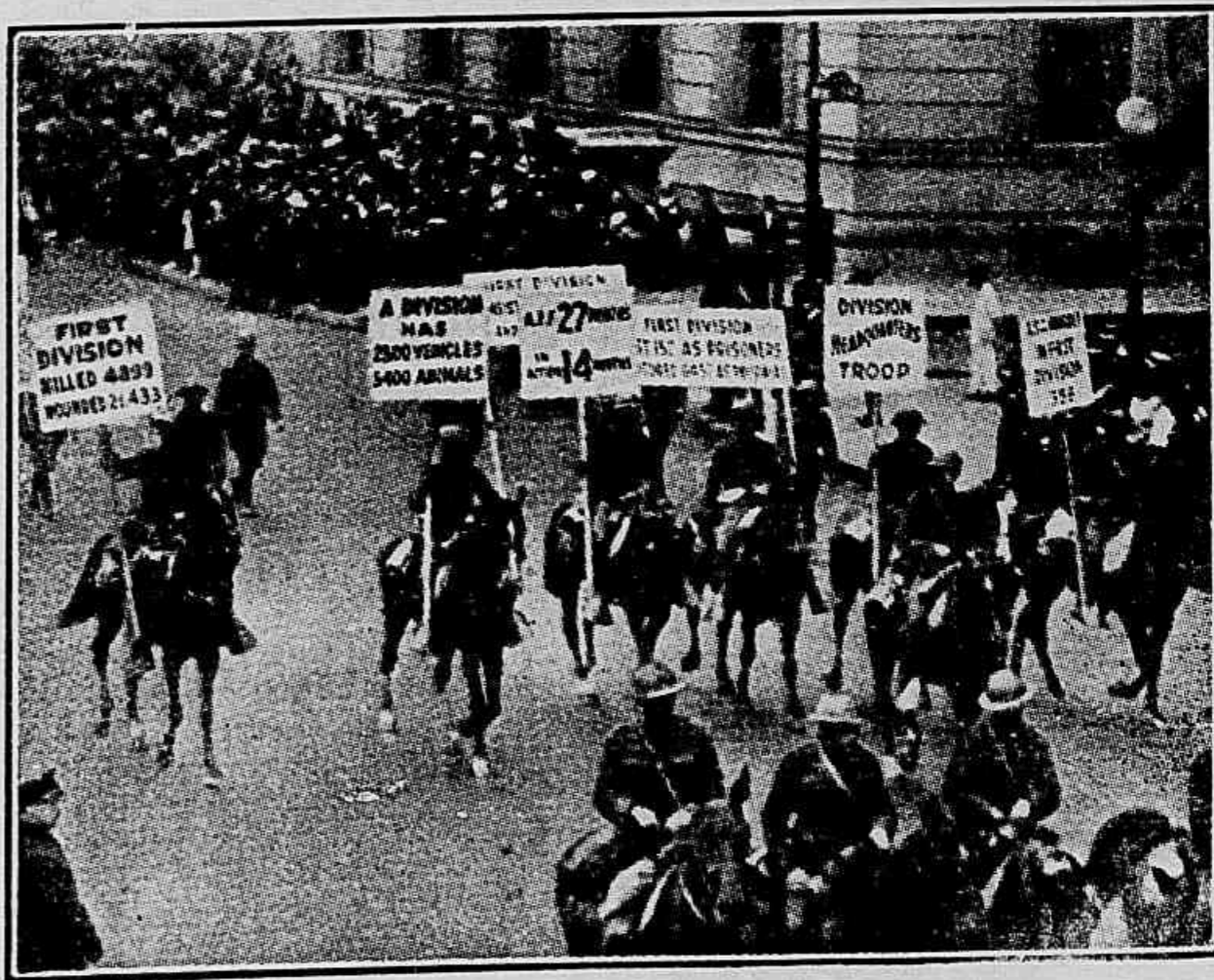
— E' alli a entrada, que conduz á pedra de Deus — disse Vorski, que recolrára os grandes ares dominadores. O destino fallou como eu annunciára. Fallou obrigado por mim, que fui seu servo e sou agora seu senhor.

Adiantou-se com a lanterna na mão. Havia no centro do enorme tronco uma escavação, que parecia a entrada de um novo tunnel.

— Traz a escada, Conrado. Vamos entrar pela porta que o Destino nos offerece.

— Entre o senhor, se o quizer — disse Conrado recuando — Nós não. Lembre-se de Maguennoc: tambem elle quiz tocar a pedra de Deus e teve de cortar a mão.

— Porque não era o escolhido — replicou gravemente Vorski.

A ARTE NA VIDA PRATICA

Processo photographico para avaliar o gráu de desenvolvimento e gordura de um animal.

O ESPIRITO NORTE-AMERICANO DO RECLAME

Desfilando pelas ruas de New-York ao regressar da guerra européa cada divisão do exercito norte-americano levava á frente grandes cartazes indicando seus feitos e sacrificios. Na que vemos na gravura acima, os cartazes annunciam: 1ª Divisão. Teve: 4899 mortos e 21.433 feridos, perdeu 152 soldados prisioneiros e aprisionou 6457 allemães.

Mas tambem não insistiu e concordou em esperar que rompesse o dia.

A noite passou sem incidente. Uma chuva meuda enxarcou-os; mas nenhum dos trez arredou pé d'alli. Pela madrugada resolveram afastar completamente os restos da arvore para examinar melhor a abertura. Puxaram com cordas o tronco, fizeram-o tombar, alargáram a excavação com pás e descobriram uma escada semelhante á da galeria já conhecida. Vorski decidiu-se. Desceu cautelosamente e os outros seguiram, a distancia prudente. Ao fim de trinta degráus chegaram a uma gruta espaçosa, circular, tendo em torno doze pequenos menhirs, cada um dos quaes abrigava uma caveira de cavallo.

Vorski tocou em uma d'ellas e ella cahiu em pó.

— Vejam — disse Vorski — Ha seguramente vinte seculos que ninguem entra aqui. Esse mysterio esperava-me.

E, vendo do outro lado da entrada um segundo corredor, dirigiu-se para elle com passo que procurava tornar magestoso. Passáram por trez cryptas eguaes á primeira. Essa disposição indicava o caminho para o tumulo de um rei ou de um grão sacerdote, precedida pelas dos chefes, que tinham sido seus guardas ou seus companheiros na guerra. Vorski precipitou-se e entrou na quarta sala, que era muito maior, com o tecto em aboboda, tendo ao centro um pedra quadrada sobre a qual estava bem visivel um bastão de metal.

Circumstancia extranha; o metal luzia como se jamais poeira alguma o tivesse tocado. Vorski adiandou a mão avida.

— Cuidado — exclamou Conrado — Foi talvez ahi que Maguennoc queimou a mão..

— Porque não era Vorski: Vorski nada teme — disse o miseravel com embriaguez verdadeiramente magnifica. E empunhou o sceptro.

Era um objecto de chumbo grosseiramente trabalhado, mas com certo esforço artistico. Manejando-o com admiração, Vorski notou que a parte superior movia-se, era apenas atarrachada á outra parte. Voltou a extremidade para um e outro lado, desprendeu-a. O interior era oco e continha uma pequena pedra avermelhada com veios amarellos.

— E' ella! é a pedra de Deus! — exclamou Vorski tremulo de emoção. E segurou-a em cheio, apertando-a contra a palma da mão.

Mas Otto deteve-o de novo;

— Espere... Não está ouvindo um rumor exquisito?

— Sim — confirmou Conrado — E parece vir d'aqui. E mostrava um canto á esquerda onde a luz não alcançava.

Vorski apurou o ouvido. De facto, vinha d'aquelle lado um sussuro tão extranho... Parecia um resonar. Vorski voltou para aquelle lado a luz e estremeceu. Estava alli um homem deitado, dormindo. Era um velho de longas barbas e cabellos brancos. A pelle de seu rosto e de suas mãos era coberta por innumeras rugas. Era evidente que um seculo pelo menos passára já sobre aquella cabeça. Uma tunica de linho muito esfiapada envolvia-o até os pés. Em torno de seu pescoço havia um collar d'essas bolas sagradas que os gaulezes chamavam serpente. Ao alcance de sua mão estava um machado de pedra.

— O milagre continúa — murmurou Vorski — E' um padre... um sacerdote do tempo dos Druidas.

— Não é possivel — disse Otto.

— Sim. Elle esperava-me — declarou Vorski em tom de absoluta convicção.

— Com essa tunica branca — resmungou Conrado — está me parecendo que é o pandego que perseguimos hontem á noite.

— Idiota! Com essa edade, como poderia correr d'aquelle modo?...

Curvou-se, tocou levemente o braço do velho dizendo.

— Sou eu. Aqui estou.

O homem não se moveu. Vorski tocou com mais força e então elle voltou-se para o outro lado, dizendo com máu humor:

— Não amole. Deixe-me dormir.

XIV — O VELHO DRUIDA

Os trez miseraveis fitaram-se estupefactos: mas Vorski, já enervado, sacudiu energicamente o velho, que se sentou afinal, attonito, perguntando, com voz ainda somnolenta:

— Que é? Que me querem?

Mas, vendo Vorski, tornou-se logo sorridente e exclamou com ar muito amavel:

— Olá... E's tu, meu velho Vorsky... Até que afinal...

O miseravel recuou num sobresalto. Que o velho druida o conhecesse, isso não o admirava, imbuido como estava de misticismo e convencido de sua missão sobrenatural. Mas a maneira de fallar d'aquelle homem, o tom chocarreiro que elle adoptara, parecia-lhe suspeito.

— Quem é o senhor? — perguntou, com um olhar de desconfiança.

— Ora essa! — replicou o velho. — Pois o meu aspecto não é bastante para mostrar que sou um Druida authentico? Sou o guarda da Pedra de Deus e estou aqui, ha não sei quantos seculos, a tua espera, para te entregar esse thesouro.

— E se eu te dissesse que a pedra já está em meu poder?

— Deixa ver — exclamou o druida com ar zombeteiro.

Vorsky abriu a mão e mostrou o que encontrára no sceptro de metal.

— Isto! — disse o velho — Sabes o que isto é?... Um botão de minha tunica. Fui eu quem o poz alli, para substituir o fragmento da Pedra de Deus, que Maguennoc me roubou e que o obrigou a cortar a mão.

(Continua no proximo numero).

—NO RESTAURANTE—

— O senhor ainda não se cansou de olhar para minha mulher?

— O senhor tambem está olhando para mim ha um tempo enorme e eu ainda não me queixei.

Incommodos de Senhoras

Exma. sra. D. Maria Anna L. Braga, curada com «A SAUDE DA MULHER»

Srs. Daudt & Oliveira

Depois de ter usado diversos medicamentos, sem obter resultado pratico algum, tomei, a conselho de pessoa amiga, tres vidros de *A Saude da Mulher* e hoje me encontro perfeitamente curada, em condições de poder affirmar-lhes que é realmente boa a sua descoberta.

Recife, Pernambuco.

Professora Maria Anna Lins Braga

A Saude da Mulher

Para

Doenças do Utero

Eu sei tudo

"RHODINE"

(ACIDO ACETYLSALICYLICO)

"USINES DU RHONE"

Os comprimidos são de 50 centigrs.

DISSOLVEM-SE RAPIDAMENTE

n'agua

a sua **EFFICACIA** é incontestavel contra: **NEVRALGIAS — GRIPPES ENXAQUECAS — RHEUMATISMOS**, sendo o allivio immediato.

O respeitavel Publico tem todo o interesse em preferil-os aos outros comprimidos **CUJA COMPOSIÇÃO** se ignora.

Em todas as Pharmacias e Drogarias

Agente exclusivel P. BISE
133 RUA DO ROSARIO

PASTILLES VALDA
MALADIES DES VOIES RESPIRATOIRES
ACTION MERVEILLEUSE
pour le TRAITEMENT Rationnel & Energique des Maux de Gorge, Laryngites Enrouements, Irritations, Rhumes Toux, Bronchites Grippes (Influenza) Catarrhes, Asthme etc..
PHARMACIE PRINCIPALE
H. CANONNE Pharmacien
49, Rue Réaumur, 49
PARIS

UMA

PASTILHA VALDA

NA BOCA

É A PRESERVAÇÃO GARANTIDA

das Dores de Garganta, Defluxos, Rouquidão, Constipações, Bronchites, etc.

É A SUPPRESSÃO INSTANTANEA

da Oppressão, dos Accessos de Asthma, etc.

É A CURA RAPIDA de todas as Doenças do Peito.

***VENDEM-SE** em todas as Pharmacias e Drogarias*

Agentes geraes: Srs. FERREIRA & VASCHY, Rua General Camara 113, Caixa N° 624, Rio de Janeiro.

Mysterio

A vida é toda ella um mysterio. Os mortaes, durante sua peregrinação pelo mundo, não podem perceber da origem da vida, nem de seu fim, assim tambem da incerteza que a acompanha em suas varias etapas de duração.

Do mesmo modo que a esphinge surprehendia e matava os homens que a cada passo encontrava e que não podiam decifrar os enigmas que lhes propunha, as enfermidades tambem nos colhem inadvertidos em nossa vida commum, nos inquietam e nos torturam, quando não destróem por completo nossa existencia.

Todo symptoma de enfermidade assemelha-se a uma esphinge, porquanto, ignoramos as funestas consequencias que traz sua apparição mysteriosa e que pódem occultar-se em um caso dado.

Preço do tubo com 20 comprimidos 2$500

5

Claridade

Ao contrario, os beneficos effeitos dos "Comprimidos Bayer de Aspirina" se parecem ao sorriso celestial e enebriante de uma formosa creatura que nos encanta com sua graça e bellas qualidades. Livres de falsidades e isentos de lugubres mysterios, brilha com elles a esplendorosa luz da intelligencia.

Quaesquer que sejam os symptomas deprimentes e fastidiosos que poem em perigo nosso bem estar, como dores, febre, catarrho, insomnia, etc., todos se dissipam com seu emprego, aconselhado pela Profissão medica do Mundo inteiro.

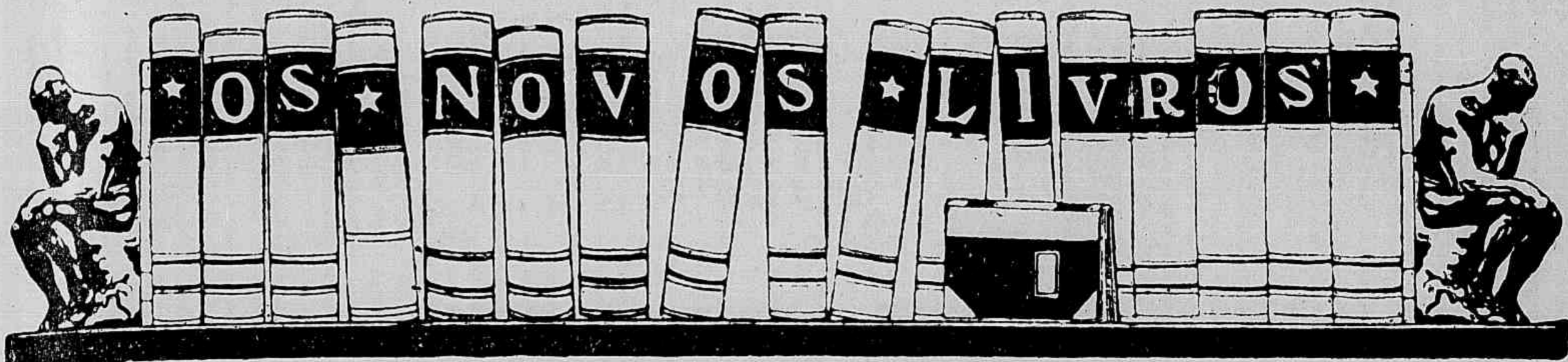
Todo ser humano, em sua larga viagem pela vida, deve achar-se sempre provido de tão valioso remedio, cujo symbolo é a claridade do saber e não a do lugubre mysterio.

Preço do tubo com 20 comprimidos 2$500

Unicas preparações que têm dado resultados notaveis e constantes no tratamento da **TUBERCULOSE PULMONAR**

Devido ao seu sabor agradavel, são sempre toleradas pelos doentes por mais difficeis que sejam.

Evitem-se as contrafações.

Peçam amostras e litteratura aos Snrs F. HOFFMANN-LA ROCHE & Cie 7 rue S. Claude PARIS —

Secção bibliographica da REVISTA DA SEMANA

Por uma combinação entre esta Empreza, a Livraria Francisco Alves e a sociedade editora, de Lisboa, Portugal-Brasil Lda., serão postos simultaneamente á venda em Portugal e no Brasil as obras de autores brasileiros e portuguezes editados por aquella empresa editorial.

OS MELHORES PRESENTES DO ANNO NOVO

PARA AS CREANÇAS

A Historia da Carochinha

por Eduardo Schwalbach

Um dos livros mais encantadores que na nossa lingua se tem escripto para as creanças. Livro de um academico e de um pae, que é tambem um humorista consagrado.

1 volume illustrado..... 2$000

Animaes Nossos Amigos

por Alfonso Lopes Vieira Edição de Luxo

1 volume luxuosamente encadernado e illustrado......... 5$000

O Livro de Bébé

O album dos paes e das creanças, soberbamente illustrado

1 grande volume encadernado... 8$000

OBRAS DE JULIO DANTAS

Espadas e Rosas

2.ª edição, revista e augmentada, da ultima obra do glorioso poeta e dramaturgo.

— 4$000 —

Mulheres

Uma das mais notaveis obras do grande escriptor, contendo uma série celebre de estudos sobre a mulher e o amor.

— 4$000 —

Carlota Joaquina

A ultima obra theatral do consagrado auctor da *Ceia dos Cardeaes.*

— 2$000 —

EM BREVE, DO MESMO AUCTOR: **Como ellas amam**

ULTIMAS NOVIDADES

A Esperança e a Morte

DE

C. MALHEIRO DIAS

«Das obras recemapparecidas, *Esperança e a Morte*, de Carlos Malheiro Dias, reflecte bem o quanto podem influir num cerebro de élite os themas nascidos da grande guerra. E' um prolongamento da *Verdade Nua*, mais incisivo, com maiores minucias, mas com o mesmo estylo brilhante e harmonioso que sagrou o seu auctor um verdadeiro esculptor da lingua vernacula, tamanha é a precisão do seu vocabulario e tão sobria e lucida é a sua concepção da belleza».

(Do A. B. C.)

1 volume........ 4$000

O Sexo Forte

ROMANCE DE

SAMUEL MAIA

Samuel Maia affirma-se nesta obra um romancista de pulso. Nella estuda a figura dum homem, especie de «genio sexual» (na expressão feliz do neuriátra italiano Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrahe, perturba e endoidece todas as mulheres.

1 volume....... 4$000

Cartas de Mulher

DE

IRACEMA

1 volume....... 4$000

O livro que está em mãos de todas as mulheres.

O Semeador

DE

CELSO VIEIRA

Considerado pela critica a mais notavel obra literaria dos ultimos tempos.

1 volume 4$000

Castello do Amor

DE

H. DE SOUSA PINTO

1 volume...... 4$000

França de Dor e de Gloria

DE

JUSTINO DE MONTALVÃO

1 volume...... 4$000

Sangue Portuguez

DE

LOPES DE MENDONÇA

Deste livro de novellas historicas, em que o grande escriptor se elevou á altura de Alexandre Herculano, escreveu recentemente Julio Dantas: «Lopes de Mendonça tem, na literatura portugueza contemporanea, um logar excepcional. E' um mestre. E' um dos patriarchas. Foi elle quem iniciou, com a apparição sensacional do *Duque de Vizeu*, o cyclo dos dramas romanticos á maneira de Hugo, de Vigny e Delavigne».

1 volume...... 4$000

Leticia

ROMANCE DE

PAULO DE GARDENIA

1 volume....... 3$500

Da Arte e do Patriotismo

DE

MATHEUS DE ALBUQUERQUE

Nesta obra do insigne escriptor brasileiro se encontra o magistral estudo sobre a personalidade eminente de Ruy Barbosa, em que o grande cidadão é retratado por um biographo da mais sagaz e penetrante intelligencia.

1 volume...... 4$000

Os pedidos devem ser endereçados a **COMPANHIA EDITORA AMERICANA**
Proprietaria da **Revista da Semana** e **Eu Sei Tudo** — Praça Olavo Bilac, 12 — Rio de Janeiro
aos seus agentes em todo o Brasil — ou á LIVRARIA FRANCISCO ALVES, rua do Ouvidor — Rio.

Offic. Graph. — Aureliano Machado & C. Composto em machinas monotypo